UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JOSÉ VALDIR ESTRELA FIGUEIREDO DANTAS

# Geografia e Literatura: Das Veredas de Matozinho às Delicadas Tramas do Labirinto da Cidade do Crato-CE.

(VERSÃO CORRIGIDA)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Interinstitucional em Geografia Humana, entre a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e a Universidade Regional do Cariri – URCA.

Área de Concentração: Geografia Humana
Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo

2019

JOSÉ VALDIR ESTRELA FIGUEIREDO DANTAS

Geografia e Literatura: Das Veredas de Matozinho às Delicadas Tramas do Labirinto da Cidade do Crato-CE.

(VERSÃO CORRIGIDA)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Interinstitucional em Geografia Humana, entre a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e a Universidade Regional do Cariri – URCA.

Área de Concentração: Geografia Humana
Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

Aprovado em: 03/ 04/ 2019____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.
Instituição: DG-FFLCH – Universidade de São Paulo
Assinatura: _____
Prof. Dr.
Instituição: DG-FFLCH – Universidade de São Paulo
Assinatura: _____
Profa. Dra.
Instituição: DG-FFLCH – Universidade de São Paulo
Assinatura: _____
Prof. Dr.
Instituição: DG-FFLCH – Universidade de São Paulo
Assinatura: _____

SÃO PAULO

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D192g

Dantas, José Valdir Estrela Figueiredo
Geografia e Literatura: Das Veredas de Matozinho às Delicadas Tramas do Labirinto da Cidade do Crato-CE. / José Valdir Estrela Figueiredo Dantas ; orientador Manoel Fernandes de Sousa Neto. - São Paulo, 2019.
250 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. GEOGRAFIA. 2. LITERATURA. 3. MODERNIZAÇÃO. 4. MODERNIDADE. 5. CIDADES . I. Sousa Neto, Manoel Fernandes de , orient. II. Título.

fflch UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

# ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

## Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

**Nome do (a) aluno (a): José Valdir Estrela Figueiredo Dantas**

**Data da defesa: 03 / 04 / 2019**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Manoel Fernandes de Sousa Neto**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, **03 / 06 / 2019**

*(Assinatura do (a) orientador (a)*

**Dedicatória**

À dona Valdete e a seu Paraíba, que me pariram Paraíba e me criaram Ceará, não durmo uma noite aqui, sem pensar num dia lá.

A Daniele Lucena (Dany e dona do meu coração), porque inclusive faz sete anos que nos encontramos lá, lá na praça, um lugar de (des)encontros, em uma noite de São João, sob bandeirolas tremulantes, música de qualidade duvidosa e promessas (também duvidosas) de políticos. Vencemos essa batalha, viu? O sogro e a sogra também entram aqui, nesse quarteto de afetos.

À minha irmã, Valdinete, que até o word estranha a candura do seu nome, porque se não fosse ela que me repassasse as respostas dos trabalhos de física, química e matemática (quase sempre os de biologia, também) eu não teria conseguido escrevinhar essas tortuosas linhas. Também porque quem ensina alguém a dar as primeiras pedaladas é uma das formas mais singelas de dizer: "EU TE AMO", mesmo que depois a afoiteza das primeiras pedaladas faça você largar o guidão e se estatelar num xerém de seixos rolados.

A Francisco, meu irmão, que está longe de mim há quase meia década, mas penso naquele magricelo orelhudo todos os dias, sinto o seu cheiro, lembro dos nossos banhos e travessuras no Rio do Peixe, e de uma vez que choramos a dor da perda abraçados, inocentemente ensanguentados pelas mãos trágicas do destino.

À Mauricélia (o word teima em recusar os estranhos no ninho), pois eu já fui a Freud e a Lacan. Ela sempre me faz lembrar do lugar de onde vim, onde as camas dos bixos são de seixos rolados e lajedos luzidios, seres que nascem no aconchego do ventre e morrem em cubículos escuros, pisoteando seus próprios excrementos e esturrando feito feras. Ali, de onde é impossível sair incólume, a hora é demarcada pelas réstias que aparecem nas frinchas de telhados encardidos.

À minha avó Elza Estrela, astro cintilante mais antigo do meu espaço-ancestral, pois ainda lembro quando ela me mandava apanhar cajarana para fazer cajaranada, amassando aqueles frutos esféricos e amarelinhos com os mesmos dedos que amolegavam as contas do rosário, implorando por chuva.

A vô João Estrela, meu Avôhai, que a última vez que o vi, dei-lhe um abraço à altura do peito, senti o frenesi do seu coração, aí ele me disse uma coisa, a última, mas eu sei guardar segredo. AVÔHAI! (*In memoriam*)

A todos aqueles que se sentavam na roda de debulha, no meio de um mundo silente e sob uma lua opalescente: os mais velhos, narradores habilidosos que contavam histórias de tempos longínquos; e os mais novos, ouvidos à espreita. (*In memoriam*)

A vô Francisco Mariano, que mesmo através de memórias esparsas sinto o peso de sua sinceridade. À vó Maria Rosalina do Amor Divino, nome tão bonito quanto à sua bravura, às vezes representada com o giro do cabo de vassoura indo de encontro ao pé do ouvido de pai, bastava um desaforo. (*In memoriam*)

Ao Velho Juá, porque do lado de lá daquela serra, ora cinzenta ora verdinha, moram seres que desconheço, do lado de cá, habitava Juarez Lucena. Nenhuma desfeita, sempre uma palavra conciliadora, um gesto, em vida, de paz, nesse desmundo.

A Tio Gervásio, com sua peixeira e a irrealizável promessa de um dia furar o bucho de algum cabra enxerido, mas que só a puxava da bainha de coruro, desenhada pelo meu avô, para cavoucar as unhas ou partir uma melancia; a Tio Osmídio *(in memorian*), porque foi com ele que entendi o que Petrúcio Amorim quis dizer com a letra de Tareco e Mariola, eternizada na voz de Flávio José: "Eu me criei/ ouvindo o toque do martelo na poeira"; a Domício, que me ensinou a lição de que um homem não precisa de muita coisa para viver, só fazer aquilo que gosta, seja trocar a água dos cacos das galinhas ou abastecer os potes com a água do cacimbão e, é claro, arrear uma burra baixeira e passar a noite em uma tertúlia, dançando com quem você gosta e não saber dizer isso a quem você gosta. Com esse povo, que nunca aprendeu a ler e a escrever, a prendi a ler e a escrever, escrever e ler o mundo.

**Agradecimentos**

Ao professor Manoel Fernandes, que de tanto me dar corda, acabei engolindo e comprando uma viola repentista com sete. Nossa amizade é verso/ de repente, supetão/ rimas em bandas de lata/ versos caindo no chão/ cachoeiras de poesia/ Geografia em profusão. No nosso primeiro encontro, numa encruzilhada, quase nos testavilhamos. Depois, desajeitados, apenas nos entreolhamos, abanamos a cabeça feito lagartixa e saímos. “Quem diabos era aquele doido!” – pensei. Ele deve ter pensado coisa bem pior de mim.

A todos os meus professores(as) (que jamais serão ex-) da época de graduação: Ivan Queiroz e Maria Soares, casados com a Geografia; Antônia Carlos, amiga e sinônimo de dedicação; João César, vulgo Professor Potência; Firmiana Fonseca, que se dispôs a ajudar no que fosse preciso; Roberta Piancó, entre outras coisas, porque ela me apresentou “Cabra Marcado Para Morrer”; Lireida Albuquerque, que desde a sua primeira aula de campo eu percebi que a geografia não era só aquela dos professores; Glauber Vieira, pelas discussões sobre Geografia e Arte; Rodrigo e Priscila, pelas suas passagens naquela URCA velha de guerra; Jorn Seemann, que depois de não sei quantos anos nasceu no Cariri, me despertando a vontade de embrenhar nas tramas e veredas desse planeta disfarçado de lugar. E aqueles(as) que tive durante a Educação Básica: tia Rosinete, que com carinho pegava em minha desorientada e ajudava-me a contornar as tarefinhas ainda rescendendo a álcool, recém rodadas no mimiografo; tia Rosa Medeiros, porque hoje eu sei o porquê de sua exigência; tia Lúcia, porque a curiosidade sobre o seu copinho sanfonado me fez transformar o seu birô na planície do pantanal; prof. Alencar, ainda lembro dele consultando o relógio e dizendo que aquelas horas, minutos segundos e milésimos nunca mais iriam voltar, priu!; prof. Ana Lúcia, pois foi a partir de seu dinamismo que fui apresentado a Paulo Mendes Campos, Gracilicano Ramos, Lima Barreto, Marcelo Rubens Paiva, etc.
A todos os amigos de graduação, em especial: Francisco Edigley, Ronilson Fernandes, Gonçalo Queiroz e Cássio Expedito, porque quando nos juntávamos podia chamar a volante; Patrícia Amorim, pois ela cuidava de mim como um irmão que nunca teve.

A Josemar de Medeiros Cruz = Cinema + Música + Literatura. À Sandra, Sophia e Davi, pois sem os quais a primeira equação não teria solução.

Àqueles amigos que topamos nos becos da vida e nos apaixonamos: Cláudio Smalley, entre palhetadas e livros; Liro, um menino satírico; Jonnys, carinha para lá de legal que mora logo ali, no bloco da História; Igor, se tem pneu queimando em algum lugar procurem o fósforo ou isqueiro no bolso dele; Thiago Olegário, que assim como eu à época de escola, ia para a faculdade com um prego atravessado no cabresto da chinela; José Anderson, com quem compartilhava a solidão de ficar longe de casa.

Aos amigos de turma, pois sem dinheiro no banco, sem parente importante e vindo do interior eu não teria resistido às tramas e labirintos de Sampa.

A todos os professores do mestrado. À coordenadora geral, professora Glória, e a Emerson Ribeiro, coordenador local, sem os quais esse MINTER seria inviável.

A Zé Flávio, pois quem é habitante peripatético e escrevinhador das mungangas e causos das brenhas e tramas de Matozinho, jamais poderia ser um simples e puro objeto neste humilde trabalho.

A Deus, porque não quero levar puxão de orelhas de alguns que aqui citei. Àqueles(as) que eu esqueci e que quando me toparem por aí quiserem me xingar, que o façam. Por favor, só não me chamem de Facista. Essa culpa eu nunca carregarei!

*“Pensa na escuridão e no grande frio Que reinam nesse vale [do Cariri], onde soam lamentos.”*
*(Brecht, Ópera dos três vinténs)*

*- Quem é que mais amas, homem enigmático, diz: teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?*
*- Não tenho nem pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.*
*- Teus amigos?*
*- Vós vos srvis de uma palavra cujo significado até hoje eu desconheço.*
*- Tua pátria?*
*- Ignoro em que latitude ela está situada.*
*- A beleza?*
*- Amá-la-ia com muito gosto, deusa e imortal.*
*- O ouro?*
*- Odeio-o como vós odiais Deus.*
*- O que amas então, extraordinário estrangeiro, hein?*
*- Amo as nuvens... as nuvens que passam lá... lá no alto... maravilhosas nuvens! (BAUDELAIRE, 2010, p. 21).*

**RESUMO**

Esta pesquisa verseja sobre a relação Ciência (Geografia) e Arte (Literatura), formas de reflexo da realidade e objetivação humana. Dito isto, nosso objetivo principal é analisar o processo de modernização urbana da cidade do Crato, Ceará, tendo como referência central os livros "Matozinho Vai à Guerra" (2007) e a "Delicada Trama do Labirinto" (2013), ambos de autoria do escritor José Flávio Vieira. A partir de um recorte espaço-temporal (Crato, 1950 aos dias atuais) analisamos as transformações sócio-espaciais fundamentadas em um ideário de modernidade que afetou não somente o arcabouço físico da urbe, a exemplo da demolição de prédios e casas históricas ou de interferências estruturais no solo urbano que até hoje são vistas como cicatrizes abertas (destruição criativa por meio da guerra de Matozinho), mas de mudanças quanto à forma de sociabilidade, na cultura (culinária, dança, moda, música, etc.), da perda do centro, dos referenciais históricos, de sujeitos alienados (perdidos nas Tramas do Labirinto). Para tal, tendo o materialismo histórico e dialético como método, escolhemos o que Harvey (2015) denominou de "materialismo histórico-geográfico", que consiste em uma possibilidade teórico-prática para entender a dinâmica urbana em um dado espaço-tempo. Além do diálogo principal com a Literatura, sobretudo a partir das contribuições de Marx e Engels (2014; 2011) e Lukcás (2009; 2010; 2016), não abdicamos daquilo que podemos chamar de o "acervo da cidade", que consiste em uma análise documental envolvendo o objeto de pesquisa. O entendimento da Arte e da Ciência como formas de reflexo da mesma realidade, ou seja, não as distanciando da vida cotidiana, eleva a autoconsciência do ser humano, nos possibilitando refletir, a exemplo do que foi feito nesta pesquisa, sobre a lógica da urbanização enquanto via de acumulação do capital, revelando a pobreza da experiência urbana por meio de uma forma de sociabilidade que reforça a dimensão individual dos sujeitos, cada dia mais segregacionados em uma cidade cada vez mais dividida, na qual muros coibi encontros e reuniões; onde o valor de troca sobrepõe-se ao valor de uso. Inicialmente esteados numa perspectiva interdisciplinar, que pretende unir forças entre campos para superar a fragmentação do saber, ao longo da pesquisa fomos radicalmente nos distanciando dessa perspectiva. A retomada de consciência refundou os rumos da pesquisa e nosso modo de olhar o mundo, como tentamos expor ao final (por meio de "registros ontológicos" feitos ao longo da pesquisa), nos elementos pós-textuais.

**Palavras-chave:** Geografia e Literatura; Zé Flávio; Modernização Urbana; Modernidade; Veredas e Tramas; Cidade do Crato-CE.

**ABSTRACT**

This research focuses on the relation Science (Geography) and Art (Literature), forms of reflection of reality and human objectification. That said, our main objective is to analyze the process of urban modernization of the city of Crato – Ceará, having as central reference the books " Matozinho goes to the War "(2007) and the" Delicate Trama of the Labyrinth "(2013), both authored by the writer José Flávio Vieira. From a space-time clash (Crato, 1950 to the present day), we analyze socio-spatial transformations based on an ideology of modernity that affected not only the physical structure of the city, such as the demolition of historic buildings and houses or structural urban soil that until today are seen as open scars (creative destruction through the war's Matozinho), but of changes in the form of sociability, culture (cooking, dance, fashion, music, etc.), loss of the center, historical references, alienated subjects Plots of the Labyrinth). For this, taking historical and dialectical materialism as a method, we chose what Harvey (2015) called "historical-geographical materialism", which consists of a theoretical-practical possibility to understand the urban dynamics in a given space-time. In addition to the main dialogue with literature, especially from the contributions of Marx and Engels (2014, 2011) and Lukcás (2009, 2010, 2016), we do not give up what we can call the "city collection", which consists of a documentary analysis involving the research object. The understanding of Art and Science as forms of reflection of the same reality, that is, not distancing them from everyday life, elevates the self-consciousness of the human being, enabling us to reflect, as in this research, on the logic of urbanization as a way of accumulating capital, revealing the poverty of urban experience through a form of sociability that reinforces the individual dimension of the subjects, increasingly segregated in an increasingly divided city, in which walls meet and meetings; where the exchange value exceeds the value in use. Initially esteemed in an interdisciplinary perspective, which seeks to join forces between fields to overcome the fragmentation of knowledge, throughout the research we have been radically distancing ourselves from this perspective. The resumption of consciousness has refounded the directions of research and our way of looking at the world, as we have tried to expose at the end (through "ontological records" made throughout the research) in the post-textual elements.

**Keywords:** Geography and Literature; Zé Flávio; Urban Modernization; Modernity; Footpaths and Conspiracy; City of Crato-CE.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Zé Flávio Vieira, sob a lente de Dihelson Mendonça..... 48

Foto 2 - Estação Ferroviária do Crato..... 87

Foto 3 - Fachada do Crato Tênis Clube..... 94

Foto 4 - Primeira Exposição Regional Agropecuária, ocorrida entre os dias 4 e 7 de dezembro do ano de 1944.....97

Foto 5 - Fachada externa do canteiro de obras do Parque de Exposições Pedro Felício..... 99

Foto 6 - Vista da rua Santos Dumont, Centro, uma das vias que compõe o complexo da feira do Crato..... 103

Foto 7 - Registro de um movimentado dia na antiga feira do Crato, na década de 60..... 104

Foto 8 - Registro de uma parte do Mercado Redondo, anos 60. Ao fundo, no alto, podemos perceber a fachada do Seminário São José.....105

Foto 9 - Visão panorâmica, provavelmente captada do alto do bairro Seminário, do Mercado Redondo..... 105

Foto 10 - Palácio Alexandre Arraes, sede do governo municipal.....106

Foto 11 - Enchente na Rua Bárbara de Alencar.....107

Foto 12 - Canal do Rio Grangeiro, em época de estiagem.....107

Foto 13 - Praça Siqueira Campos, Crato-CE, destaque para o prédio da Sorveteria Glória.....110

Foto 14 - Detritos da Sorveteria Glória.....111

Foto 15 - Fachada do prédio que abriga a centésima loja de móveis e eletrodomésticos Macavi.....112

Foto 16 - Registro feito ao interior da Sorveteria Glória, na ocasião em que membros da Aeronáutica foram ao Crato para inspecionar o local do aeroporto.....113

Foto 17 - Montagem com registros fotográficos do Colégio Santa Teresa de Jesus em tempos diferentes.....116

Foto 18 - Bar Ideal.....119

Foto 19 - Cine assino sul Americano.....119

Foto 20 - Cine assino sul Americano atualmente.....120

Foto 21 - Sede do antigo Banco Caixeiral.....121

Foto 22 - Veículo leve sobre trilhos (VLT) saindo da cidade do Crato em direção a Juazeiro do Norte.....125

Foto 23 - Prédio histórico recém reformado, situado na esquina das ruas Miguel Lima e João Araripe.....129

Foto 24 - Letreiro exposto no centro da Praça da Sé.....146

Foto 25 - Shopping Popular do Crato.....147

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Croqui de Matozinho.....57

Figura 2 - Capa do livro Matozinho Vai à Guerra.....60

Figura 3 - Capa do livro A Delicada Trama do Labirinto.....73

Figura 4 - Ranking das cidades cearenses com maiores e menores contribuições no PIB (2015).....126

Figura 5 - Mapa do Estado do Cariri.....127

Figura 6 - Mané Tareco dando banana à cidade.....143

Figura 7 - Fotocopia do endereço do escritor.....145

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição da população e residências no Crato, em 1950.....108

## LISTA DE SIGLAS

| | |
|---|---|
| CF | Constituição Federal |
| CRAJUBAR | Crato, Juazeiro e Barbalha |
| CRECI/CE | Conselho Regional de Corretores de Imóveis/Ceará |
| FUNCEME | Fundaçao Cearense de Metereologia e Recursos Hídricos |
| GHUM | Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICC | Insituto Cultural do Cariri |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| REFESA | Rede Ferrroviária Federaal S.A |
| RMF | Região Metropolitana de Fortaleza |
| SESC | Sérviço Social do Comérico |
| SIGEOLITERT | Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte |
| UFCA | Universidade Federal do Cariri |
| UFF | Universidade Federal Fluminense |
| UFPE | Universidade Federal do Pernambuco |
| UNESP | Universidade Estadual de São Paulo |
| URCA | Universidade Regional do Cariri |
| USP | Universidade de São Paulo |
| VLT | Veículo Leve sobre Trilhos |

**SUMÁRIO**

(Des)apresentação: Pequeno percurso ontológico do ser-pesquisador! ..... 17

*Os capítulos*..... 22

Capítulo 1 – Travessias perigosas, curvas e discussões e acentuadas à esquerda..... 27

1.1 Ainda rabiscando um Prolegômenos..... 41

Capítulo 2 - Um homem, uma cidade (a obra): um flanêur nos trópicos? ..... 47

1.2 A crônica: Um gênero geográfico? ..... 54

1.3 Uma peleja entre as veredas de Matozinho e as Tramas do Labirinto ..... 56

1.3.1 Matozinho Vai à Guerra e a Geografia Vai à Matozinho..... 56

1.3.2 A geografia (que serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra) da guerra de matozinho ..... 67

1.3.3 Das “Veredas de Matozinho” às “Delicadas Tramas” ..... 72

Capítulo 3. - O espaço urbano da cidade do Crato (1950 aos dias atuais): o cotidiano e suas contradições ..... 83

3.1 Ecos de vozes alheias recebidas sob aplausos: a higienização, o embelezamento e a programação do cotidiano. ..... 131

Capítulo 4. - Quanto vale ou é por quilo? – É por metro. – “Tá” vendido! ..... 140

4.1 Prelúdio de um périplo ..... 144

4. 2 - Flanâncias e peregrinações: entre as veredas e as tramas, morte e vida nos sertões.... 149

4.2 - O regresso do flâneur: um percurso épico-trágico ..... 153

Capítulo 5. – De onde viemos? Onde chegamos? Para onde queremos ir doravante?. 156

APÊNDICES ..... 174

**(Des)apresentação: Pequeno percurso ontológico do ser-pesquisador!**

Parece que a utilização de neologismos ou de um simples acréscimo de um pré-fixo de negação - a exemplo do “Des” - que compõe o título acima -, são meros detalhes gramaticais ou falta de criatividade do pesquisador. Não descarto nenhuma dessas possibilidades, apenas tentarei explicar que nesse caso, remete-se à tentativa de dizer sobre a metamorfose humana, que parece sempre caminhar sobre uma linha tênue onde a certeza pode ser a mais pura incerteza, sendo a pesquisa, talvez, a centelha para que isso aconteça ou até mesmo a sua prova vivaz.

Revelando que durante um processo investigativo, ao passo que vamos lendo, observando, escrevendo, parece que vamos nos des-grafando, o que não significa dizer que estamos negando a existência, mas tomando sentido dela através de palavras, novas sendas, possibilidades, gestando oportunidades de ver o mundo como nunca antes, revelando sempre que podemos ser diferente. Uma pesquisa, acredito, não é apenas o ato de descobrir ou afirmar coisas, mas, também, a feliz possibilidade de descobrir-se, construir e desconstruir coisas ao longo de um processo sempre em transe.

O sujeito que a começa - a pesquisa - não é o mesmo que a “termina”. Você acaba se envolvendo com posicionamentos que estão longe de estarem circunscritos a um mero plano teórico. Talvez o fato de perscrutamos uma dimensão empírica ligada à nossa experiência, temos a importância epistemológica da geografia na análise do objeto, ao mesmo tempo que temos o plano real/vivido, o que nos possibilita não “[...] ficarmos presos ao mundo das abstrações puras, independentemente da realidade, distante do plano da vida [...]” (CARLOS, 2011, p. 20). Assim, o cotidiano, também plano da insurgência, da rebeldia, é elemento basal na constituição desse mo(vi)mento objetivo-subjetivo, tornando possível, a partir da geografia e da literatura, pensar o mundo.

Por exemplo, o célebre historiador Raymond Williams, em seu clássico “O Campo e a Cidade (1989)”, expressa a sua experiência de vida imanente à mencionada obra, ficando evidente que a dimensão vivida não está desvinculada de sua abordagem científica, epistemológica, histórica, expressando, assim, questões que emergem do/e para o cotidiano: “[...] é este o lugar em que me encontro, e ao preparar-me para o trabalho verifico que terei de resolver passo a passo experiências e questões “[...] através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e ideias, [...]” (p.21).

Assim, entendemos que a construção de uma geografia capaz de se posicionar criticamente frente à realidade hodierna, não pode se prender ao puro objetivismo e/ou

em uma abordagem cuja dimensão histórico-geográfica esteja encarcerada nas páginas já escritas e canonizadas do campo científico, por vezes integrante de uma linhagem ou abordagem que se constitui muito mais como uma tradição geográfica de ideias e processos lineares. Esta investigação, também, parte do cotidiano, da experiência do autor que toma, a partir da Geografia e da Literatura, consciência de um mundo cujas contradições afloram na frivolidade do dia a dia.

Se o ponto de partida é a sua vivência na aldeia onde nasceu em 1921, entre a Inglaterra e o País de Gales, compartilhando uma representação pessoal de campo e do modo de vida rural, arraigada em sua experiência, Williams (1989), em um contexto celeremente alterado sob os auspícios da Revolução Industrial, já constatava que a "[...] terra estéril, de argila saibrosa, não muito longe daqui, [...] está sendo loteada para a construção de casas, ao preço de 12 mil libras o acre" (p. 13).

Ainda em pleno século XXI, me inquieta o fato de olhar pela janela do ônibus que me conduz até à universidade e observar que na saída da cidade onde moro, Brejo Santo-CE, também percebo coisas do tipo: o loteamento mais caro da cidade fica situado a poucos metros do bairro mais pobre, sendo que o que divide esse contraste é uma cena ainda mais contraditória, uma fileira de casas do projeto "Minha Casa Minha Vida", construídas sobre um terreno onde antes era depositado resíduo sólido a céu aberto, ou seja, onde havia um lixão.

Alguns quilômetros depois, ainda no itinerário de Brejo Santo-CE a Crato-CE[1], nunca deixo, indignadamente[2], de olhar para uma pequena e decadente construção à beira da rodovia, que improvisadamente "abriga" alguns moradores sem-teto. Contraditoriamente, enquanto alguns abastecem carros de luxo em um posto de gasolina nas adjacências, os desabrigados acordam seja pelo barulho dos automóveis e/ou pelo sol que refrata em seus rostos desprovidos da proteção de uma parede. A prova de que no sistema capitalista o sol nasce para todos, mas apenas uma parcela da sociedade tem a condição de transformá-lo em sombra através de um teto.

Essa cruel "geografia do cotidiano" integra meu "arquivo pessoal", tal como já vaticinou Wright Mills (2009), um arquivo onde mesclamos práticas vividas à nossa

---

[1] Itinerário que realizava cotidianamente desde a época de graduação, no início de 2010 até 2018, quando encerrou minha experiência com professor na Universidade Regional do Cariri. Brejo Santo e Crato são duas cidades situadas no Cariri cearense, extremo sul do Estado do Ceará.

[2] Essa indignação é, certamente, em grande parte aguçada pela pedagogia de Freire (2000).

atividade intelectual. Talvez a valorização dessas “menores experiências”, atreladas às “geografias do cotidiano”, seja pelo fato de que “[...] no curso de uma vida, o homem moderno tem tão pouca experiência pessoal, e não obstante a experiência é tão importante como fonte de trabalho intelectual original” (p.23). Acredito ser fundamental essa “menor experiência”, geralmente muito restrita, pessoal, às vezes até sentimental, mas inextricável à realidade.

Por que será que no parágrafo acima, mencionei a questão da minha curiosidade sobre as contradições que vejo em minha cidade? Apenas pelo fato disso me indignar? Ou pelo fato de saber que parcelas do solo urbano estão sendo vendidas a preços exorbitantes, inacessíveis à maioria da população, inclusive aquelas que moram próximas? Não são motivos desprezíveis, mas isso ainda está mais umbilicalmente relacionada à minha experiência, meu “arquivo pessoal”, minha geografia de vida[3].

Nunca tive casa própria, a minha família sempre morou de retirada. Certo dia, ainda quando morava com meus pais, chego em casa e minha mãe diz, com esperança no olhar, que “deu” o seu nome a uma mulher que estava passando nas casas, fazendo um cadastro das pessoas para serem comtempladas com o Programa do Governo Federal “Minha Casa Minha Vida”. Ela garantiu à minha mãe que iria ser comtemplada “gratuitamente” com uma moradia. Isso não aconteceu. Até hoje mãe lamenta o fato de não ter conseguido aquilo que está previsto na Constituição Federal (CF), onde diz que todo cidadão tem direito à moradia, mesmo que com isso, é bom enfatizar, ela não teria direito à cidade nem à cidadania, mas apenas a um direito essencial à vida humana[4].

São essas algumas questões que me deixam à vontade para relacionar minha “[...] experiência [...] “pensamentos marginais”: várias ideias que podem ser subprodutos da vida cotidiana, fragmentos de conversa entreouvidas na rua, ou mesmo sonhos” (MILLS,

---

[3] Em “A Arte de Escrever”, apesar do nosso referencial destoar bastante do autor citado, mas acho essa passagem significativa, o filósofo Arthur Schopenhauer faz uma comparação distinguindo àquelas “[...] pessoas que passam suas vidas lendo e tiram sua sabedoria dos livros são semelhantes àquelas que, a partir de muitas descrições de viagens, têm informações precisas a respeito de um país. Elas podem fornecer muitos detalhes sobre o lugar, mas no fundo não dispõem de nenhum conhecimento coerente [...]. Em compensação, os homens que dedicaram sua vida ao pensamento [...] sabem propriamente do que falam, conhecem as coisas de lá em seu contexto e sentem- se em casa naquele lugar”. (SCHOPENHAUER, 2013, p. 45). A partir dessa comparação, deduz-se que Schopenhauer considera importante o sentido da experiência do escritor-pesquisador ao lugar.

[4] “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (Constituição Federal, 1988).

2009, p. 23). Não à toa escolhemos a vida cotidiana como categoria/dimensão de análise da realidade, mesmo sabendo que iremos fazê-lo a partir da obra de um escritor, sendo que esta reflete as contradições sócio-espaciais de uma cidade, mas que podem ser associadas a outras dimensões escalares, visto que "Relacionar cotidiano e lugar é envolver as relações próximas, "[...] à mundialidade. A vida cotidiana, "[...] situa o lugar na sociedade global, [...] somos levados dos fatos particulares à sociedade global" (DAMIANI, 1997, p.03).

Dito isto, vale ressaltar alguns aspectos conflituosos que foram basais para a construção teórico-prática da presente pesquisa. Nos próximos parágrafos traçarei um sucinto itinerário sobre os percalços, as curvas de um percurso doloroso, mas enriquecedor, emancipador, aliás, como a visão de ciência e arte a qual nos esteamos.

No mundo acadêmico-científico sempre caminhamos esteados em posicionamentos, em perspectivas. A mais simples colocação pode estar fortemente carregada de conteúdo político, mesmo quando o sujeito se diz isento, "fora" de qualquer corrente ideológica. Aliás, essa é uma condição inerente ao Ser histórico-geográfico. Afinal, como já veementemente enfatizou Paulo Freire, para que se possa mover "[...] no tempo e no espaço [...] é preciso que se envolvam permanentemente no domínio político, refazendo sempre as estruturas sociais, econômicas [...]. Sem a luta política, [...], essas condições necessárias não se criam" (FREIRE, 2014, p.15).

Ao submeter meu projeto à seleção de mestrado, obviamente, tinha ciência de que ele estava alicerçado sobre uma perspectiva teórico-metodológica: a geografia cultural-humanista, corrente esta fundamentalmente embasada na Fenomenologia. Tal perspectiva, é claro, não emergiu do nada. Posso afirmar que esse projeto, ou pelo menos muito do seu conteúdo, começou a ser gestado ideologicamente desde o primeiro semestre da graduação.

Entretanto, como afirma Freire, continuei me movendo "no tempo e no espaço", me confrontando com outros seres histórico-geográficos: sendo o meu orientador, o professor Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto, o principal ponto de impacto nesse trajeto conflituoso. E não foi através da lavagem cerebral, tampouco escondendo uma falsa neutralidade política, que ele chegou até mim e disse: "longe de querer encabrestá-lo em uma linha teórica, iremos dialogar e lhe sugerirei algumas referências". A partir do contado com essas leituras, mais uma vez me reportei a Paulo Freire, percebendo que "[...] não há palavra verdadeira que não seja ao mesmo tempo práxis. Assim, dizer a

palavra verdadeira é transformar o mundo" (FREIRE, 2014, p. 15).

O trabalho de orientação, ou melhor, de desorientação, como costumo seriamente brincar, fez do projeto inicial mais do que um texto que havia sido submetido a uma seleção[5]. A partir dos novos referenciais, a palavra transcendeu o verbalismo, pois agora a dimensão política desta "deu nome ao mundo[6]" reivindicando a construção de um diálogo que produz o conhecimento indissolúvel à dimensão política e enraizado no fazer histórico-geográfico humano, no espaço-tempo da vida cotidiana.

Agora, por exemplo, é impossível andarilhar pelas ruas do Crato-CE e não me ater às contradições deixadas pelas ações modernizadoras a partir da década 1950 ou mesmo do início do século XX: passar em frente ao Crato Tênis Clube, um dos monumentos símbolos desse contexto; presenciar a monumentalidade de casas e prédios religiosos, planejados e erigidos sob uma arquitetura que exala luxuria; entender por que o rio Granjeiro – hoje reduzido a um desastroso canal – foi engolido pela especulação imobiliária e agora a população que mora às suas margens sofre com as consequências.

Também não é mais possível atravessar, incólume, os trilhos da antiga linha férrea, que hoje já não mais se estremece com as pesadas cargas, nem as ruas adjacentes são mais cortadas pelo apito da máquina que já não mais bafora fumaça[7]; sentar aos bancos da Praça da Sé e rememorar a política de "civilizar" os moradores (décadas de 1950; 1960; 1970), ou então observar a explícita tentativa de programatizar o cotidiano, expondo placas e informações que diziam o que podia e o que não poderia ser feito pelos moradores; além da destruição insana da memória, a exemplo da recente construção da loja de móveis e eletrodomésticos MACAVI, em solo que antes se encontrava a sorveteria Glória, até então um dos monumentos históricos mais antigos da cidade, etc., o Estado deixa ruir, a iniciativa privada varre e faz a festa sobre os farelos dos ossos.

A pesquisa, assim, é a possibilidade da autotransformação. Nesse sentido, os resultados dessa mudança afetaram diretamente na abordagem não apenas em um plano

---

[5] Não estou, em hipótese alguma, afirmando que a bibliografia que fundamentava o projeto inicial era (ou foi) inútil, pobre, falsa... Entretanto, após a conflituosa inflexão teórico-metodológica, confesso que consegui, mesmo ainda com inúmeras dificuldades que emergem no curso de uma pesquisa, "pisar em solo mais firme", reorientar meus objetivos e ter clareza metodológica.

[6] Para Freire, em "Política e Educação" (2014), falar a palavra verdadeira significa dar nome ao mundo.

[7] É inevitável não olhar as contradições sócio-espaciais, dentre elas o "novo" Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), o transporte que vai "integrar" o Cariri, em uma tentativa eivada de contradições dos planejadores do Estado e da iniciativa privada, ou seja, aqueles que detêm o monopólio do transporte "público" urbano.

meramente teórico, mas na própria experiência cotidiana, visível na mais banal observação de um fato corriqueiro, como, por exemplo, as contradições na produção do espaço, deixando à mostra que é preciso observar o movimento da vida, dando a entender que não é a simples "adjetivação geográfica" (visão essa puramente ligada à uma discussão epistemológica) que irá desvelar tais contradições, mas a análise do movimento da "[...] prática humana em relação a ele [o espaço]" (Harvey, 1980].

Essa discussão foi (e está sendo) fundamental não apenas para a operacionalização da pesquisa, mas essencial para a uma análise que transcende a aparência das coisas, o simples ver, pois "O ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição e passividade [...]. Com o olhar é diferente. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto [...]" (CARDOSO, 1995, p.349). Já que estamos diante de um processo objetivo, adiante sintetizaremos os principais pontos desse itinerário investigativo?

***Os capítulos***

É importante ressaltar que há uma estrutura interna e uma amarração (sem a qual a leitura ficaria inviável) entre os capítulos e sub-capítulos, inclusive entre o primeiro tópico, a "(des)apresentação" e os *apêndices*, mostrando um círculo de retomada, de retorno. O *primeiro capítulo* atem-se a detalhar o que sucintamente mencionamos acima. Ou seja, trata-se de aclarar a mudança de perspectiva. Pois foi a partir de uma retomada de consciência que todo o processo investigativo foi reorientado. Isso implicou decisivamente na resolução do nosso problema, na execução dos nossos objetivos e, inclusive, na forma como conduzimos o processo metodológico.

Inicialmente tida como uma abordagem interdisciplinar envolvendo dialogalmente Geografia e Literatura, essa pesquisa, sob as orientações de uma vertente denominada geografia cultural-humanista, subcampo que bebe sedentamente na Fenomenologia, buscava "pescar" elementos e/ou conceitos geográficos, nos textos de Zé Flávio, no afã de extrair algumas substancias que nos permitisse formar representações da paisagem do Cariri cearense. A leitura do capítulo explicitará como se deu essas mudanças.

A proposta interdisciplinar, que tem por objetivo superar a fragmentação do saber, desconsidera os fundamentos ontológicos constituidores da vida humana, sobretudo a categoria fundante, o trabalho. Ciência e Arte, não mais importantes (mas matrizados

nesse) surgem como formas tardias de objetivação e afirmação ontológica. Esse entendimento não seria possível caso fosse pautado numa visão fenomenológica, que desconsidera a constituição material da vida, inclusive da arte, que, como veremos, é uma produção que se constitui e se desenvolve excepcionalmente dentro de uma esfera social-humana, isto é, feita pelo e para o Homem.

No *segundo capítulo,* foi feita uma sucinta biografia do escritor bem como uma apresentação sobre os dois livros "Matozinho Vai à Guerra" (2007) e a "Delicada Trama do Labirinto" (2013). Essa parte da dissertação se propõe a uma tarefa duplamente espinhosa: 1) apresentar um escritor que mesmo ante o reconhecimento regional (com vários prêmios e publicações, incluindo contos, crônicas, textos adaptados para o teatro, cinema e até pesquisas sobre a história da medicina, como é o caso do seu mais recente trabalho) não tem seus escritos como objetos de vasta crítica literária ou mesmo de investigação no âmbito acadêmico[8]; 2) diante dessa escassez de referências nos vimos obrigados a realizar uma tarefa que, pelo crivo epistemológico, seria papel primário do crítico literário ou historiador.

A solução foi tecer uma abordagem interseccional envolvendo autor-obra. A epígrafe de Benjamin (2015) é o prenúncio dessa tarefa. Quanto aos livros em si, além dos aspectos mais técnicos, foi fundamental uma análise que conseguisse atar os elementos centrais que os regem. Mesmo ambos sendo compostos por textos aparentemente disparatados, procuramos os fios que perpassam cada um para, em seguida, atarmos as pontas do novelo, ou seja, o fio condutor da narrativa. As transformações sócio-espaciais pelas quais passa a cidade, especialmente a partir do processo de modernização urbana, aqui enfocado a partir de meados do século XX, foram pontos que se confluíram a partir da leitura dos livros e, dessa forma, constituem elementos fulcrais da nossa análise.

No *terceiro capítulo*, a partir de uma leitura que considerou os apontamentos feitos no segundo capítulo e sua devida intensificação, foi – mesmo os livros sendo considerados os aportes centrais - incluso elementos que podemos dizer que fazem parte

[8] Um professor veio me questionar, em certo tom debochado, o porquê dessa escolha. Poderia lhe responder porque que não decidi escolher Machado de Assis, Balzac, Marcel Proust, ou mesmo Graciliano Ramos, meu prosador predileto. Mas a resposta que lhe dei foi porque apesar do reconhecimento literário de todos os citados, algo que certamente Zé Flávio não tem, a diferença é que este escreve e pensa sobre o seu lugar, a sua cidade, que também é minha, é objeto que nos antecede mas que nos é acessível ao nosso espaço-tempo.

do “acervo da cidade”, como, por exemplo, teses de doutorado, dissertações de mestrado, livros em geral, fotografias, músicas, matérias jornalísticas, documentos epistolares, etc. O trabalho de cunho documental foi fundamental para essa etapa. Esses “pedaços” da cidade não poderiam ficar de fora pois fazem parte não apenas da sua constituição discursiva, mas revelam a produção material-imaterial da urbe.

As ações e contradições ocasionadas pelo processo de modernização urbana são refletidas nas transformações do espaço urbano ao longo do tempo. Para além de acontecimentos episódicos, percebe-se, de maneira sistemática, ações que tentavam coagir a cidade a aceitar uma nova condição. Há uma defesa intransigente dos principais membros do Instituto Cultural do Cariri (ICC), órgão criado em 1953, portanto o nosso recorte vai de 1950 aos dias atuais. A análise de discurso (aqui citamos Bakhtin, 2006) nos permitiu entender como a construção desse propalado ideário de cidade moderna é estratégia cirúrgica do capital que, como diria Lefebvre (2008), agora encontrou uma saída, um aento no espaço, na sua venda e compra, na sua comercialização.

É possível perceber a coação imposta aos habitantes seja através dos personagens, seja a partir da análise de textos que refletem o cotidiano da urbe em alguns momentos. Curioso é perceber como essas formas se repetem, são cíclicas, aqui emerge a ideia de tempo, (LEFEBVRE, 1991), fazem parte de contradições que afloram na vida cotidiana, que ressurgem. Por exemplo, ao longo dessa parte da pesquisa enfatizaremos a situação dos habitantes, como eles são impactados ao amargo sabor dessas transformações, como os feirantes, ambulantes. Esses indivíduos são vistos pelo Estado como entraves.

Recentemente, em janeiro de 2019, aconteceu um triste fato, que foi gravado, postado nas redes sociais e rapidamente disseminado na internet. Uma família que estava vendendo pequis na feira do Crato foi violentamente reprimida por membros da guarda municipal e, em seguida, por policiais militares. Certamente, estes nunca irão bater à porta e enxotar os grandes empresários, donos das grandes redes de supermercados e hipermercados ou os de shoppings centers, que são isentados pelo Estado e disputam o Cariri centímetro a centímetro[9]. Neste capítulo, veremos que essa situação não é episódica, que a repressão à classe trabalhadora se arrasta há muito tempo.

O *quarto capítulo* procura explicitar uma tentativa de aproximação prática que já

[9] Quem se interessar por um discussão instigante e profunda sobre o assunto ver: PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP.** Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

fora desenhada teoricamente no *primeiro capítulo.* Se no *terceiro capítulo* investimos em uma análise que primou pela leitura de elementos teóricos (sabemos, com base em Freire (2014), que nenhuma atividade humana se dá fora do eixo teoria-prática, mas nos referimos à análise de gabinete, mesmo com prática de campo, captura de imagens, anotações de campo, etc.), nessa parte, além disso, enfatizamos a dimensão do corpo, do exercício dos sentidos (do olhar, do tato, do andar...).

Como será explicitado, esse exercício extrapola a condição do pesquisador porque surge mesmo antes do processo investigativo oficialmente se iniciar, quando um jovem geógrafo, recém formado, sai à procura do paradeiro de um escritor. Esse périplo, em seguida, será retomado, só que agora na companhia do escritor. A intenção não é procurar ratificar, isto é, comprovar elementos fictícios e/ou reais baseados em histórias que compõe algum texto de "Matozinho" ou a "Trama", mas, se possível, confrontá-los, pois a ideia de peregrinação, consubstanciada na visão de Kosik (1976), é dialética, ou seja, a presença do sujeito no mundo, andando, conversando, muda não apenas o sujeito, mas o mundo[10]. Ao retornar ao ponto de partida, percebemos que essa experiência revelou a fragmentação, o isolamento do sujeito na cidade moderna, em meio a encontros e desencontros.

As indagações feitas no título do *quarto capítulo*, onde foi apresentado alguns elementos conclusórios, ao passo que retoma pontos discutidos ao transcorrer da pesquisa, estabelece conexões com dados e informações recentes. Mesmo não se configurando formalmente como um capítulo, os *apêndices* registram atividades que não estão disparatadas da pesquisa. Contêm não ferramentas que instrumentalizaram a pesquisa, mas elementos que refletem o desenvolver do processo investigativo por meio de registros, de inscrições, tatuagens ontológicas vividas, experienciadas pelo pesquisador (esse não apenas na condição estrita de investigador, mas de ser sócio-espacial, de sujeito). Isso foi possível a partir da retomada de consciência (ou seja, da mudança de perspectiva teórico-metodológica, como pode ser visto no primeiro capítulo), de uma guinada ao longo desta pesquisa.

Nesse "acerto de contas" é apresentado um produto-provisório[11]. Nos referimos à alguns textos (contos e/ou crônicas?) que não têm a pretensão de enfeixar um livro, mas

---

[10] Na visão de Celso Frederico (2013), essa imagem, baseada no rio de Heráclito, é muito cara aos dialetas.

[11] Aberto, inconcluso de nascença.

que d`alguma forma apresentam unidade. Ao longo da pesquisa (do dissertar) algumas situações foram nos conduzindo ao narrar[12]. Entendemos que a perspectiva da arte e ciência como formas de reflexo da mesma realidade, como sugere Lukács (2010; 2013; 2016), foi fundamental para tal feito, pois antes, a partir de uma visão pautada na interdisciplinaridade, partíamos de dois campos opostos, com objetos e objetivos díspares.

[12] Inicialmente, queríamos negar como um produto estranho, não aderente à pesquisa, mas fomos paulatinamente nos familiarizando e encontrando os fundamentos dessa proposta. Inclusive, no apêndice, pode ser visto outros registros que surgiram não apenas paralelamente, mas imbricados à pesquisa.

## Capítulo 1 – Travessias perigosas, curvas e discussões e acentuadas à esquerda

A questão cerne a qual esta pesquisa propõe refletir é sobre as transformações sócio-espaciais da cidade do Crato, Ceará - enfocando o processo de modernização pelo qual passa a cidade, mais sintomático a partir da década de 1950[13], - refletida nas crônicas do escritor cratense José Flávio Vieira. De maneira específica, analisaremos a "cidade-lugar" do escritor a partir do cotidiano vivido e sua experiência. Dois livros foram escolhidos para a análise: "Matozinho Vai à Guerra" (2007); e "A Delicada Trama do Labirinto" (2013), que são, na verdade, compilados essencialmente de crônicas e alguns contos[14], que dizem muito sobre aspectos da vida cotidiana do Cariri cearense, em especial da cidade do Crato-CE, principal cenário das narrativas.

A explicitação desse problema se faz necessário para a clareza do desenrolar do processo investigativo, mas é válido relevar que o mesmo será solucionado nos capítulos que se sucedem. Aqui, em especial, enfatizaremos os aspectos teóricos e metodológicos sem os quais sua resolução não seria possível. Não é nossa intenção construir quadros, organogramas ou traçar uma abordagem minuciosa sobre os caminhos e contados entre Ciência e Arte, em especial, "Geografia e Literatura" no Brasil. A lista de trabalhos (aqui poderia citar um esforço recente do grupo SIGEOLITERART[15], que pretende, entre outras coisas, realizar uma espécie de mapeamento teórico dos trabalhos que se debruçam sobre essa relação) que já se propuseram a tal empreitada é significativa. É visível, em algumas dessas abordagens, talvez na esmagadora maioria deles, uma proposta de contato entre duas áreas Ciência (Geografia) e Arte (Literatura) viabilizadas por meio da interdisciplinaridade, pluridisciplinaridade ou até mesmo transdisciplinaridade.

Expressiva parcela dessas abordagens são feitas com o objetivo de superar o problema da fragmentação do saber. Juntar, adicionar diferentes áreas do conhecimento

---

[13] Em outra etapa de desenvolvimento será aclarado o motivo da escolha desse recorte temporal.

[14] Em uma leigeria conversa com Zé Flávio, ele até chegou a confessar, sem que eu precisasse perguntar, que havia um erro na ficha catalográfica de "A Delicada Trama do Labitinto (2013)" classificando o livro na categoria conto. Apesar de sabermos que há uma tênue linha entre esses gêneros (algo que não é objeto central da nossa análise), consideramos fundamentalmente como crônicas, histórias, causos, narrativas que têm a cidade como referência imediata.

[15] Tal evento, que acontece anualmente, em 2015, entre os dias 23 e 25 de outubro, sediou o II Simpósio Internacional e III Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte, que tinha como tema: "Espaços sensíveis: geografias da percepção e da emoção contemporâneas".

para equacionar problemas epistemológicos que suscitaram em determinados períodos da história, é algo recorrente não apenas na Geografia. Na contramão dessa forma ainda predominante de pensar as possibilidades de exploração entre Geografia e Literatura, o presente trabalho, de antemão, reconhece os limites da ciência (parcelar-moderna) geográfica bem como a inserção da Literatura nesse contexto.

É dessa forma que em seu texto "*Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels"*, Lukács (2010) acredita que "[...] a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema" (p. 12). Posto isso, rechaçamos o viés engessado que propõe "unir forças" entre campos de conhecimentos diferentes no afã de equacionar problemas. A produção material-imaterial, no âmago do mundo moderno, é fragmentada em sua gênese. A ciência moderna, também uma produção da sociabilidade vigente, está imersa nesse contexto.

É empobrecedor imaginar que a constituição de determinados campos de conhecimento sejam meramente delimitações epistemológicas. A geografia e a literatura, como percebemos hoje, são apenas formas de racionalização da realidade com seus conceitos, categorias, objetivos. Seções que tratam de temas e objetos díspares, aparentemente insolúveis. Dentro dos limites e das possibilidades desse debate tais campos de conhecimento se propõe a pensar a dimensão espaço-tempo da condição humana, pois entendemos que o problema não se trata de uma questão meramente epistemológica, mas ontológica, sobretudo:

> Pense-se na arte, na religião, na ciência, na política, no Direito [na Geografia, na Literatura]. Nenhuma dessas dimensões é trabalho, mas todas têm a sua origem a partir do trabalho. Vale dizer, todas elas têm uma dependência ontológica em relação ao trabalho. O ser social, assim, é, na feliz expressão de Lukács, um complexo de complexos, mas matrizado pelo trabalho. Desse modo, fica claro que a categoria da totalidade, antes de ser uma categoria epistemológica é uma categoria ontológica, isto é, constitutiva da própria natureza essencial do ser social (TONET, 2013, p. 731).

Com isso, supõe-se dizer que os problemas que parecem aludir esse debate, tomando, especialmente, à realidade brasileira a partir da década de 1970, é de cunho essencialmente epistemológico. Uma das armadilhas mais evidentes é o fato de se ir à obra literária no intento de pescar conceitos geográficos explícitos, ou vice e versa. Nessa relação unilateral, a literatura é encarada como ferramenta, como instrumento importante para o debate geográfico.

Há um pretensioso apego à dimensão conceitual, sendo esse o ponto fulcral das relações que se pretende estabelecer entre as áreas. Em seu livro "*Marxismo e Literatura"*

*(1979),* Raymond Williams tece um panorama sobre o trato conceitual da literatura ao longo de diferentes períodos, afirmando que:

> Muitos dos valores ativos da "literatura" devem então ser vistos não como ligados ao conceito, que passou tanto a limitá-los como a resumi-los, mas como elementos de uma prática continuada e em transformação, que já ultrapassa, substancialmente e agora no nível da redefinição teórica, as suas velhas formas (WILLIAMS, 1979, p. 59).

Ao invés de perscrutar a prática sócio-espacial do sujeito, as tramas e contradições do vivido, há uma preocupação exacerbada com o "encarceramento" de conceitos. Desconsidera-se o aspecto ontológico, este inextricavelmente ligado à categoria trabalho, e privilegia-se a dimensão epistemológica. Nossa proposta não é procurar e nos apropriarmos de conceitos literários (implícitos ou explícitos) nos livros de Zé Flávio e juntá-los a conceitos geográficos. Essa lógica da "adjetivação da geografia" a partir dos "seus" conceitos principais (espaço, território, região, paisagem, lugar, etc.) é predominante no discurso geográfico. Há uma tendência à "geografização" das coisas, inclusive dos próprios conceitos.

Esquece-se que Geografia e Literatura (bem como outras áreas) são produções sociais, imanentes à vida dos seres humanos, e que antes de questionamentos meramente teóricos, é preciso que se olhe a referência principal: a condição humana, a prática sócio-espacial. Acerca dessa questão, David Harvey (2013), em um artigo denominado "*O espaço como palavra-chave*" (Space as a keyword), se autorreferencia mencionando "*Social justice and the city*[16], de 1973, quando ele já desenvolvia uma crítica em relação ao espectro de significados que constantemente se cria em relação a categoria espaço. Para o autor:

> O problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele. Em outros termos, não há respostas filosóficas a questões filosóficas que concernem à natureza do espaço – as respostas se situam na prática humana. A questão "o que é o espaço?" é por consequência substituída pela questão "como é que diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções de espaço?" (HARVEY, 2015, p. 128).

Para uma análise minimamente crível da realidade, não é admissível perder de vista o movimento da prática sócio-espacial. São os sujeitos, os grupos sociais que

[16] No Brasil, este trabalho foi traduzido e publicado oito anos depois, como "A justiça social e a cidade" (HARVEY, 1980).

produzem o espaço, seja os agentes hegemônicos, seja os grupos sociais marginalizados. Trazendo para a pesquisa aqui em questão, seja os grandes latifundiários que começavam a usufruir de créditos disponibilizados pelos bancos recém instalados na Crato em fins do século XIX para o século XX; seja pela população periférica e marginalizada que nesse mesmo contexto histórico agonizava com a falta de recursos básicos, a exemplo do abastecimento de água nos bairros mais periféricos da cidade, como em outra oportunidade iremos problematizar essa questão.

Ou seja, não podemos cair na armadilha ideológica e acharmos que a fragmentação do conhecimento se deu puramente a partir de um âmbito interno, por caminhos ou escolhas teóricas, estas até podem ter causado distorções, mas não sendo o princípio, meio e fim do problema fundamental. Assim:

> "[...] poderíamos dizer que a cientificidade (não simplesmente a ciência) do mundo moderno é a forma do fazer científico historicamente condicionada pelo mundo moderno. Trata-se, então, de compreender, a partir dessa unidade originária do ser social, como se deu, ao longo da história, seu processo de entificação, que levou tanto à complexificação e à especialização quanto à fragmentação e isso tanto na realidade material quanto no âmbito do conhecimento" (TONET, 2013, p. 731-732).

Esse deveria ser o caminho orgânico para se pensar as questões que envolvem os estudos entre Geografia e Literatura, bem como fizeram Marx e Engels ao negarem que seria "[...] possível compreender o desenvolvimento da ciência ou da arte com base exclusivamente, ou mesmo principalmente, em suas conexões imanentes" (LUKÁCS, 2010, p. 12).

A partir da análise doravante feita, veremos que as inúmeras referências em torno desse debate, em especial aqui no Brasil, a partir de 1970, foi introduzida no seio acadêmico ancorada na vertente da geografia cultural-humanista. No próximo tópico discorreremos suscintamente sobre essa e outras perspectivas bem como suas implicações ideológicas e por que não à sua adesão.

De antemão, mais importante do que explicitar nossa preferência por alguma matiz teórico-metodológica, algo que acreditamos já ter sido aclarado anteriormente, iniciaremos um breve traçado sobre algumas aproximações já estabelecidas entre Geografia e Literatura. No livro "*Literatura, música e espaço"* (2007), organizado por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, há duas partes disponíveis em português do livro "*Des romans-géographes"* (1996), de autoria do geógrafo Marc Brosseau. No

referido texto, o professor do Departamento de Geografia da Universidade de Ottawa - Canadá – faz um apanhado historiográfico sobre os "primeiros" interesses e trabalhos de geógrafos sobre Geografia e Literatura, bem como várias possibilidades de contato entre esses dois campos.

Embora haja um recorte epistemológico mais decisivo a partir de 1970, antes disso é possível afirmar haver um esparso mas curioso interesse por parte dos geógrafos em relação à Literatura. Dentre os exemplos mais expressivos podemos mencionar o de Paul Vidal de La Blache, quando este "pai" da geografia francesa vê possibilidades de interface com um dos textos fundadores da Literatura Ocidental, o clássico *Odisseia*. Não menos curioso foi o interesse de Alexander von Humboldt, em seu clássico *Cosmos*, não apenas em relação à arte literária, mas também à Pintura.

Antes de tecer críticas a qualquer perspectiva que seja, cabe salientar que essa "união" geografia-literatura sofreu muitos entraves, sendo, assim, fortemente rechaçada nos bancos acadêmicos. Isso se dava pela posição teórico-metodológica que predominava antes de 1970, isto é, a Geografia Tradicional com o método Positivista. A Literatura, uma área fora do rol das ditas disciplinas exatas, não era bem quista pelo fato de "comprometer" o rigor científico que a ciência tanto buscava (Brosseau, 2007). Fato esse, aliás, que ratifica o que até aqui defendemos: o problema da constituição da ciência, desde o seu berço, é pautado na divisão do trabalho, gerando a individualização, a fragmentação dos saberes. A Modernidade, de fato, conseguiu colocar em diferentes repartições, arte, ciência, cultura, razão, emoção, etc.

Pelo próprio vínculo à Geografia Tradicional, as abordagens geográficas consistiam em "trazer" a Literatura, os Romances, em especial, como um "[...] complemento das análises regionais" (BRESSEAU, 2007, p. 18). Para Corrêa (1998), "A denominada literatura regional é a expressão mais contundente da compreensão, por parte dos romancistas, da importância da organização do espaço para a sociedade" (p. 01).

Frente ao domínio hegemônico da Geografia Quantitativa, que pregava o mecanicismo, a exatidão dos fatos por meio de uma "geografia matematizada", abrolha duas correntes de pensamento: a geografia crítica – de fundamentação marxista – tendo o materialismo histórico e dialético como aporte teórico e metodológico; e a geografia humanista, que tinha a Fenomenologia como aporte teórico. A partir de agora, iremos estreitar um pouco mais o entendimento e os caminhos desse debate no Brasil.

Apesar das duas concepções ganharem terreno a partir da década de 1970,

podemos afirmar que foi a geografia cultural-humanista que teve como um dos grandes baluartes a interface literatura-geografia. Nesse cenário, a Literatura é vista pelos geógrafos como uma forte possibilidade de retratar as regiões, captar as emoções e sensações dos lugares. Para Paul Claval (1999), um dos principais expoentes da vertente Cultural, explica que o:

> [...] o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970 (p. 55).

O conceito geográfico de destaque nessa abordagem é o "espaço vivido", ou seja, o lugar habitado pelo Homem. Se na vertente Quantitativa o sujeito era excluído do processo social, na perspectiva humanista o Homem é trazido para o cerne do debate. Para um dos mais expressivos representantes e estudiosos da abordagem Humanista no Brasil, o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), Werther Holzer, a pretensão do geógrafo é "[...] relacionar de uma maneira holística o homem e seu ambiente ou, mais genericamente, o sujeito e o objeto, fazendo uma ciência fenomenológica que extraia das essências a sua matéria-prima" (HOLZER, 1997, p. 77). Sendo responsável por introduzir o termo Humanística no campo da Geografia, Yi-fu-Tuan afirma que:

> A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982, p. 143).

Sabendo da complexidade, da vasta produção bibliográfica já consolidada e ainda corrente dessa vertente[17], acreditamos que com base no exposto até o presente seja possível tecer algum comentário crítico sobre esse "subcampo" da Geografia, se assim podemos dizer. Percebe-se que o espaço cultivado por essa concepção é experimentado pelos sujeitos a partir de diferentes sensações. O lugar, o espaço vivido, é onde os sujeitos se percebem sujeitos, compartilhando experiências, submergidos em afetos e experiências

[17] Poderíamos citar as contribuições do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM). Fundado em 2008, o grupo é coordenado pelo Prof. Werther Holzer (UFF) e pela Profª. Lívia de Oliveira (UNESP – Rio Claro).

sensitivas com a natureza. Há uma simbiose e um apego das pessoas ao meio ambiente, tudo mediatizado por uma forte carga subjetiva.

No texto que introduziu o relatório de qualificação referente a esta pesquisa, foi revelado que desde a proposta inicial até àquele momento, o projeto de pesquisa, mesmo após aprovação na seleção de ingresso, havia sofrido várias modificações. De início, optávamos por um viés teórico-metodológico tal qual foi apresentado nesse capítulo até agora.

Mais importante do que contar os bastidores dessa guinada, talvez seja mais produtivo explicar por que razões não continuamos com a vertente da geografia cultural-humanista e, ao mesmo tempo, daremos a entender a nossa adesão a um projeto ainda em aberto e não tão consolidado, mas com claras demarcações sob uma ótica crítica, fundamentalmente ligada ao materialismo histórico e dialético. Sabemos que há um vasto referencial teórico que se posiciona criticamente frente à modernização urbana, assim como ao sistema capitalista em sua totalidade (Karl Marx, Frédéric Engels, Georg Lukcás; Walter Benjamim, Henri Lefebvre, Raymond Williams, David Harvey, Karel Kosik, etc). A partir da nossa reorientação teórica, passamos a realizar uma leitura crítica da visão expressa nos livros de Zé Flávio sobre as contradições do processo de modernização urbana da cidade Crato.

De forma especial, as contribuições assinaladas por Harvey (2015), sobretudo por meio do que ele denomina "materialismo histórico-geográfico" – defendendo que tal concepção pode proporcionar "[...] um meio poderoso para o entendimento da dinâmica da mudança urbana em um local e época específicos [ou seja, cidade do Crato de 1950 até os dias atuais] (HARVEY, 2015, p.37).

Demarcando isso, poderíamos dizer que nossa escolha inicial (explícita na primeira versão do projeto de pesquisa) foi impulsionada por dois motivos: 1) Pelo fato, como já demos a entender, desse debate ser essencialmente capitaneado pelo campo da geografia cultural-humanista, baseado no método fenomenológico; 2) Pelo teor do conteúdo literário elegido, ingenuamente a priori entendido como livros, textos "regionalistas", que retratavam um determinado recorte sócio-espacial (Cariri cearense). Vê-se que os dois pressupostos têm uma intrínseca relação epistemológica. Ou seja, a ideia de representação se consolida como algo central para os geógrafos dessa perspectiva.

Seguindo à risca os preceitos dessa abordagem, a primeira coisa a ser feita foi a

escolha de um conceito geográfico. Como já ressaltamos, a preocupação era trabalhar a partir de conceitos, de termos que obrigatória e explicitamente estejam ligados à geografia. Isto é, o geógrafo tem que ir à Literatura (especialmente romances, o que não foi o nosso caso) e se debruçar nas ações dos personagens e enredos que representem uma certo lugar, uma certa paisagem, um determinado território. Por exemplo, Paisagem era o conceito que regia a nossa proposta embrionária, conceito este caro à geografia cultural-humanista[18]. Gomes (1996) destaca a importância desses conceitos e sobretudo como eles são abordados de acordo com essa vertente:

> [...] a paisagem, a região e os lugares, a despeito de suas características físicas, apreendidas imediatamente, são, de fato, estruturados por uma rede simbólica complexa. Esta rede é composta de valores, de representações, de imagens espaciais vividas e, para ser percebida, demanda um trabalho de interpretação aprofundado. A chave fundamental desta interpretação é o comportamento e a linguagem que, juntos estruturam o código de expressão deste universo simbólico. A análise deste código não pode ter pretensões universais, válidas para todos os casos, pois cada unidade manifesta, de uma maneira diferente, estas forças simbólicas, que são a fonte primária da análise (GOMES, 1996, p. 322).

Um exemplo representativo dessa forma de contato foi expressa em um trabalho produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), O "*Atlas de representações literário das Regiões Brasileiras",* volume I, 2006, e volume II, 2009. Neste último, o Cariri Cearense foi retratado no quarto capítulo, intitulado "*Sertões Nordestinos: Literatura e retórica da paisagem"*, que tem Caio Augusto Amorim Maciel como responsável pelo texto de abertura, o qual afirma que:

> Como construção interpretativa, a paisagem é mediadora do entrecruzamento das experiências individual e coletiva de um espaço ao mesmo tempo material e simbólico, sedimentado pela sua historicidade. Decorre daí a importância dos aspectos argumentativos contidos nas descrições de paisagens como fios condutores para uma geografia imaginativa profundamente enraizada nas qualidades do meio físico e na biografia do autor que vivencia e/ou imagina o espaço, bem como do contexto histórico em que as obras foram escritas. É isto que podemos chamar de retórica da paisagem (MACIEL, 2009, p. 117).

Lendo, em especial as representações do Cariri Crarense, percebemos que além de uma breve introdução sobre o processo (nada consensual) de ocupação da região,

---

[18] Nosso intuito era analisar esse elemento geográfico na obra de Zé Flávio, e a partir disso demonstrar quais as principais representações da paisagem, da memória afetiva, seus significados e valor sensitivo para as pessoas da cidade.

alguns apontamentos sobre os ciclos econômicos, fotografias da Chapada do Araripe, e descrições sobre a fauna e a flora; nem uma análise mais sugestiva, muito menos é o ponto fulcral da discussão, propõe desvelar aspectos e contrastes históricos da produção desse espaço, a exemplo do que foi a dizimação dos povos indígenas que povoavam essa região; de uma história sufocada sob o açoite da chibata; do atual processo de especulação imobiliária; da violência urbana - um desagradável reflexo da profunda desigualdade social - ;dos crimes ambientais acometidos pelas empresas ceramistas. etc.

Em outras abordagens, o conceito de paisagem aparece como espelho da realidade, a paisagem é a representação de um recorte. O que sobressai é o espectro do ambiente. A leitura sugere, por exemplo, a presença de mendigos, pessoas famintas, corpos esqueléticos perambulando em meio a carcaças de reses. A fisicidade da paisagem é o elemento que impera. Por vezes, o aspecto da percepção é enfatizado, a exemplo do que propõe o "*Atlas das representações literárias de regiões Brasileiras"*, que tem por finalidade central cobrir o "[...] Território Nacional por um recorte regional que associa o conhecimento específico da Geografia à percepção espacial presente em tramas de grandes obras da Literatura brasileiras" (BRASIL, 2006, p 05).

Foi esse tipo de abordagem calcada na pura percepção que muitos geógrafos "visitaram" (e, alguns, continuam a visitar) as obras literárias dos "Romancistas de 1930", ou seja, o movimento que ficou conhecido como "Regionalismo de 30", composto por figuras como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida e José Lins do Rego. Além do tom de escancarada denúncia social, esse movimento ficou talvez mais conhecido pelo fato de ressaltar os aspectos naturais da região, aquilo que saltava aos olhos: a fome, a miséria, o flagelo. São paisagens compostas por cadáveres de animais e chão esturricado, sol fervente e árvores descapeladas, espaço de deleite e fartura apenas para os urubus.

A abordagem cultural-humanista destaca o aspecto imediato desse ambiente. O que se pode ver através da "expressão fiel da existência" não condiz com uma associação crítica às condições materiais da experiência humana inextricável à historicidade. O "desenvolvimento" dessa região, calcado na exploração de commodites, forte concentração de terras e exploração de mão de obra escrava são os fatores produtores da desigualdade e injustiça social. No entanto, a unilateralidade dessa abordagem cerceia os múltiplos vieses de análise e compreensão crítica do espaço. Ir à obra literária e "extrair" o que ela meramente representa é uma via de mão única para quem pretende entender a

complexidade e as contradições da lógica capitalista da produção do espaço.

Além da relação epistemológica expressa entre o Regionalismo e a Geografia cultural-humanista, poderíamos afirmar que Zé Flávio seria um escritor regionalista? Antes de chegarmos a um posicionamento sobre essa questão, é importante enfatizar que o termo regionalismo é objeto de amplo debate, e que aqui nos referimos especialmente ao movimento intitulado "regionalismo de 30". Esse recorte se dá pelo fato dos integrantes de movimento ser associado àqueles autores que se voltaram a retratar a região nordeste e os seus problemas sociais. Mas sabemos que a referida expressão tem outros desdobramentos na história da Literatura brasileira. Na leitura de Bosi (1989), para quem o regionalismo se apresenta sob o rótulo de sertanismo, esse termo tem vários desdobramentos, sendo eles:

> [...] (romântico, naturalista, acadêmico e, até, modernista) que tem sulcado nossas letras desde os meados do século passado, nasceram do contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxêrto resulta quase sempre uma prosa híbrida onde não alcançam o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador (BOSI, 1989, p. 155).

Apesar da crítica incisiva, o autor não reduz todo esse movimento a uma posição literária reducionista. Há de se ressaltar a importância desse movimento no sentido do resgate da cultura, dos costumes, dos hábitos, das formas de sociabilidades simples ainda presentes no mundo interiorano. Além disso, o regionalismo constitui-se como movimento repulsivo às tendências "europeizantes", que importam personagens e histórias que não refletem os problemas sociais em pauta no Brasil.

Em "*Literatura e Resistência"* (1996), Alfredo Bosi já não passa a enfatizar o regionalismo preso a visão cristalizada de constituição do território nacional, do pacto de um projeto de nação, região, ou mesmo da visão binária local-nacional. Diante de alguns autores desse período, como Graciliano Ramos, em especial seu livro "*Memórias do Cárcere*", que, em sua visão, é uma "[...] obra que não quis ser nem ficcional, nem documental, mas testemunhal, corresponde à literatura de resistência que tem em alguns poemas de Drummond o seu ponto alto. A rosa do povo é de 45" (BOSI, 1996, p. 15).

Revisitando alguns autores, é possível perceber uma mudança no foco de suas abordagens. O sujeito outrora excluído das análises agora ressurge não como ser estranho a um mundo de fantasia, mas imerso um mundo socialmente dividido, uma sociedade que

comporta um sistema no qual a classe minoritária detém a riqueza e se sustenta a partir da expropriação da força de trabalho, da mão de obra dos que verdadeiramente produzem toda a riqueza, a classe trabalhadora. Sob o estigma da visão "clássica" de regionalismo o que sobressai é a denúncia contra o pobre flagelado. Miseráveis que perambulam à procura de condições básicas à sobrevivência. Entretanto, essa leitura padece de um olhar mais acurado para se chegar aos reais motivos desse estado de degradação humana.

Por vezes, a leitura enfatiza excessivamente o aspecto natural, ou a naturalização do próprio ambiente. Esse enfoque aos aspectos naturais do ambiente são interpretados como elementos aderentes centrais à narrativa. O que, a nosso ver, acaba gerando interpretações escamoteadas do motivo crucial da história narrada. Vejamos um exemplo: *Vidas Secas*[19], clássico de Graciliano Ramos, que já pelo título pode aludir a uma carga de estereótipos. A leitura comumente feita dessa obra literária, que também foi adaptada para o cinema pelo diretor Nelson Pereira dos Santos, em 1963, com o título homônimo, é de uma família de retirantes enxotados pela seca, pela escassez e irregularidade de chuvas. No leito do rio, em vez de água corrente, areia e seixos, o solo raso e pedregoso, a vegetação seca, um ambiente inóspito.

Essa que é uma das obras mais representativas da segunda fase do Modernismo brasileiro, pós Semana de Arte Moderna, em 1922. As questões centrais tratadas pelo autor, logo no início do livro, a exemplo da exploração do homem pelo homem, são fundamentalmente preocupações humanas, sociais. Quando Fabiano negocia e consegue a estadia na casa até então abandonada, a partir dali o seu patrão impõe-lhe algumas exploratórias condições.

O velho Thomaz "passa a perna" em Fabiano, pagando-lhe uma quantia injusta pelo seu trabalho. O sonho de Sinhá Vitória em ter uma cama igualzinha à de seu Thomaz alude ao fetiche pela mercadoria, pelo consumo. Os policiais, sem motivo algum, surram Fabiano, caracterizando a força virulenta e o autoritarismo do Estado. Enfim, são muitas facetas que refletem uma condição social eivada de contradições sociais.

A discussão sobre esse assunto é vasta. Em "*Introdução à Literatura no Brasil"* (1995), Afrânio Coutinho faz uma caracterização sobre os aspectos que podem levar uma obra literária a ser identificada e considerada como regional. Nesse sentido, o autor traça dois panoramas: 1) consiste no fato de que toda obra é regional a partir do pressuposto no

[19] Primeiro romance escrito por Graciliano Ramos, publicado em 1938.

qual ela está ambientada em uma dada região, ou seja, tem um dado ambiente como pano de fundo; 2) além do fato de estar alocada em uma determinada região os elementos que compõe esse espaço não são apenas adornos, mas elementos ativos, que estão presentes na obra. Nesse caso, há uma lógica de consubstanciação entre a região e a obra. Nas palavras do autor:

> […] para ser regional uma obra de arte não somente tem de ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna, etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico (COUTINHO, 1995, p. 202).

Diante do exposto, perguntamos: seria Zé Flávio um autor regionalista[20]? Às vezes explicita, em outras nem tanto, a cidade do Crato-CE aparece nos textos que compõe *Matozinho* e a *Trama*. O Crato é a referência mais imediata, é a concreção espaço-tempo da(s) narrativa(s). Dessa forma, seria impossível negar a existência de um "pano de fundo" real. Entretanto, a lógica da pura verossimilhança, ou da mera representação, tolhe as subjetividades oriundas da própria experiência do sujeito. O Crato não é mera representação unilateral de Zé Flávio. Os problemas, os causos narrados, apesar de parecerem endêmicos, são mediatizados por relações multilaterais, de escalas diversas.

A maneira como o autor se refere a Matozinho, como uma "Cidadezinha perdida no interior do Brasil [...]" (VIEIRA, 2007, p. 163), ou mesmo adjetivando o povo da cidade: "[...] não havia povo mais gabão que aquele de Matozinho [...]" (VIEIRA, 2007, p. 111) talvez caracterizasse peculiaridades que sejam exclusivamente pertencentes a essa cidade, fazendo-lhe, como acima aponta Coutinho (1995), distinta de qualquer outra região.

Entretanto, essa mesma cidadezinha "perdida" no interior do Brasil já foi cooptada, fisgada pelo anzol do consumo, contaminada pelo germe da mercadoria, cidadezinha "[...] destas em que ainda se vende Coca-Cola em dose, Matozinho ligava-se agora ao mundo apenas pelo cordão umbilical da TV" (VIEIRA, 2007, p. 163). O retrato

---

[20] Sobre esse questionamento, há uma resposta do próprio autor que vai ao encontro do que diz Coutinho (1995) "[...] para ser regional uma obra de arte não somente tem de ser localizada numa região [...]" (p. 202). Se assim fosse, na visão de Zé Flávio, Machado de Assis, seu escritor predileto, seria o autor mais regionalista do Brasil, já que o principal cenário das narrativas do "Bruxo do Cosme Velho" é o Rio de Janeiro.

de tipos peculiares, seus modos e costumes, incluindo a maneira de falar e de se vestir não podem ser elementos definidores para se chegar à conclusão de que determinada obra pode ser taxada como regionalista, ao menos que a proposta seja exclusivamente essa. O realce de fatores naturais ou sociais de um lugar real está passível de ocorrer em qualquer texto.

Essa necessidade de retratar os elementos peculiares constitutivos de certos lugares, a exemplo da lida e ênfase em palavras e expressões tidas como representativas de determinados contextos, pode, inclusive, se constituir como um ato intencional e político, "Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Em algum momento anterior, destacamos uma série de palavras "regionalistas" presentes em *Matozinho*. Poderíamos perguntar: foi Zé Flávio que criou tais expressões? Ou tais expressões corriam ou até hoje correm à boca do povo? Como e por que as palavras surgem? Elas são resultado de processos neutros? São meras representações de objetos, coisas, situações, etc.? Tais questionamentos servem apenas para tencionar algumas questões acerca do que entendemos como regionalismo ou obra regionalista.

Recorrer a palavras e expressões que são típicas de determinadas regiões é, por vezes, um dispositivo para ressaltar o próprio aspecto político e a historicidade do lugar. É menos, a nosso ver, uma tentativa reacionária e conservadora que não permite relações de alteridade e diálogos com outras culturas. Tais palavras e expressões que uma vez caindo no "dicionário" do regionalismo e da vida peculiar de um povo podem parecer pobres e restritas à constituição da própria "[...] língua, [que] no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. (BAKHTIN, 2006, p. 97).

Em um caminho diametralmente oposto ao que Coutinho (1995) aponta como característica fundamental à uma obra regionalista ("regionalismo autêntico", em suas palavras), que seria basicamente um retrato de pessoas estabelecidas em uma dada região ressaltando suas peculiaridades que imediatamente as tornariam diferentes de qualquer outro grupo ou lugar, tanto *Matozinho Vai à Guerra* quanto a *Delicada Trama do Labirinto* são retratos crus e despidos da vida cotidiana. A cidade, obra humana e social que aparece nos dois livros, é reflexo conturbado da vida moderna. Dos seus moradores, o mais aperreado é o próprio autor, observador arguto, ouvidor de plantão e exímio

contador de histórias[21].

Zé Flávio burila e escarafuncha as coisas miúdas, os fatos fortuitos que são relegados pela maioria dos olhos, com isso não decai em exclusivismos, não precisa enclausurar espaços, coagir personagens, tampouco reivindica a criação de tipos, regiões ou lugares que não estejam abertos ao outro, que se aparte das águas turbulentas do rio da vida cotidiana. Vejamos o seguinte trecho:

> Assim, nas vilas, formam-se naturalmente jornalistas da oralidade, fofoqueiros de plantão, alcaguetes congênitos que fazem circular e amplificarem-se histórias e potocas de toda espécie. Perseguem os furos com perspicácia de repórter profissional, observam atentamente os sinais premonitórios das grandes novidades da vila e têm o supremo dom de temperar, untá-los com molho adequado para serem mais bem degustados e apreciadas pelo povo. Pois todo grande repórter precisa carregar consigo artes de ficcionista, já que a verdade dos fatos se esconde muito mais na névoa da ficção do que no espelho aparentemente diáfano da realidade (VIEIRA, 2007, p. 42).

Aliás, acreditamos que na seguinte passagem o autor faça referência a duas coisas fundamentais: 1) A essa sua "metodologia" do olhar, do ouvir (sendo toda a sua produção fortemente embebida de oralidade), de bisbilhotar, de realizar o que poderíamos denominar de "artesanato da vida cotidiana"; 2) Essa, a mais importante para retomarmos algo que já apontamos, demostra que a perspectiva da representação, da Literatura enquanto mero espelho da realidade, ou seja, enquanto representação do espaço geográfico, é insuficiente para a análise crítica da produção do espaço-tempo. Quais as implicações disso nessa abordagem e por que nos desvencilhamos dela?

Marinho (2010) fez leitura interessante dessa questão. A seu ver, a concepção da ideia de Representação, perspectiva essa maciçamente adotada nos estudos entre geografia e literatura, em especial na vertente da geografia cultural-humanista, é tributária e já está explícita nas primeiras linhas do projeto shopenhaureano intitulado "*O mundo como vontade e representação*". Vejamos o que diz o filosofo alemão:

> [...] tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe. Em uma palavra, é pura representação. Esta lei aplica-se naturalmente a todo o presente, a todo o passado e a todo o futuro, àquilo que está longe, tal como àquilo que está perto de nós, visto que ela é verdadeira

[21] Afirmo isso não apenas baseado nas leituras, mas no depoimento de um amigo seu, enquanto eu esperava Zé Flávio para a nossa primeira conversa, à sombra do fronde das árvores da Praça da Sé. "Parece até que o povo daquelas bandas (se referia à cidade de Várzea Alegre, cidade de suas origens) já nasce sabendo contar histórias. E eles contam de um jeito que ninguém sabe", acrescentou.

> para o próprio tempo e o próprio espaço, graças aos quais as representações particulares se distinguem umas das outras. Tudo o que o mundo encerra ou pode encerrar está nesta dependência necessária perante o sujeito, e apenas existe para o sujeito. O mundo é portanto representação". (SHOPENHAURER, 2001, p. 01).

Tudo, sob essa ótica, paira no plano da percepção. A lógica da "pura representação" exclui os múltiplos vieses ideológicos a partir dos quais as visões de mundo são efetuadas. É como se o sujeito não fosse um ser histórico-social, dotado de cultura, de pensamento e linguagem. É como, diga-se de passagem, se a própria produção da realidade fosse neutra, livre de contradições. Sendo assim, podemos inferir que "A representação não é vista como processo, com os sujeitos a produzindo continuamente, mas sim apresentada como aquilo fixados pelos sujeitos antes de qualquer relação, no caso, o mundo espacializado pela consciência em si (MARINHO, 2010, p. 15).

Esse terreno não é fértil para a germinação de possibilidades que não fragmentárias, pois, em sua raiz, ratifica esse caráter sob o qual a ciência moderna foi fundada na divisão social do trabalho. É entendível inteligível que o conceito de representação seja dominante nessas abordagens. É por isso que percebemos o "nivelamento" dos sujeitos. Ou seja, é como se estivessem em um mesmo nível social, como se reivindicassem e sofressem as mesmas questões, como se não houvesse a existência de classes minoritárias, de grupos sociais excluídos, de relações de opressão. A ideia na qual o mundo está para o sujeito como representação e, dessa forma, como mera percepção, fundamenta essa perspectiva.

## 1.1 Ainda rabiscando um Prolegômenos

Quais problemas foram detectados e, portanto, nos fizeram aderir a uma outra perspectiva teórico-metodológica: 1) Perda total da tomada de consciência sobre a categoria fundante do ser social: o trabalho, impossibilitando-nos de termos o entendimento da arte enquanto tributário deste. Em decorrência do primeiro, os demais seriam: 2) Priorização da dimensão epistemológica (há uma excessiva tendência na geografia de adjetivar os conceitos, de revesti-los à lá geografia, acarretando um próprio problema epistêmico) em detrimento da constituição e visão ontológica do ser social; 3) Confirmação da visão de ciência calcada numa abordagem fragmentária, que propõe (a

partir de projetos como interdisciplinaridade) superar a fragmentação do saber.

Essas questões foram contrapostas (e, por conseguinte, outras abrolhando) a partir da leitura, dentre outras, dos "*Manuscritos Econômico-Filosóficos"* (1883-1884), de Karl Marx. A arte, nessa perspectiva, não é entendida como mera representação, ou, como entendia Hegel, apenas como "[...] modo de conhecer o mundo exterior [...]" (FREDERICO, 2010, p. 15). A partir desse livro Marx faz muitos contrapontos a Hegel. A estética hegeliana não tem sua raiz na vida cotidiana, no mundo dos homens, não tendo elementos, portanto, para gestar "[...] uma práxis que permite ao homem afirmar-se ontologicamente" (FREDERICO, 2012, p.15). Em uma passagem dos Manuscritos, é perceptível que Marx trabalha o sentido artístico enquanto uma elaboração histórica:

> [...] os sentidos do homens social são diferentes do homem não-social. Só por meio da riqueza objetivamente desenvolvida do ser humano é que em parte se cultiva e em parte se cria a riqueza da sensibilidade subjetiva humana (o ouvido musical, o olho para a beleza das formas, em resumo, os sentidos capazes de satisfação humana e que se confirmam como capacidade humanas). Certamente, não são apenas os cinco sentidos, mas também os chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor, etc.), ou melhor a sensibilidade humana e o caráter humano dos sentidos, que vêm à existência do seu objeto, por meio da característica humanizada (MARX, 2011, p. 144).

Isso nos remete a uma passagem da "Estética" de Hegel, quando este ressalta o "Espírito" como sendo o grande mediador entre a arte e o homem, deduzindo que a atividade artística tem que, obrigatoriamente, antes de sua realização ser mediada por este. Fazendo uma diferença entre a obra de arte poética e a obra de arte prosaica, afirma que: "Até quando [a poesia] apela para a intuição e a percepção, mantém o seu caráter espiritual e só trabalha para a intuição interior cuja afinidade com o espiritual é maior do que a dos objetos exteriores na sua manifestação sensível e concreta" (HEGEL, 1980, p. 31).

Esteado em Marx, fundamentalmente a partir de sua obra de juventude (Manuscritos econômico-filosóficos, Ideologia alemã, Questão judaica)[22], Gyorg Lukács

---

[22] O próprio Lukács descreve a sua trajetória na direção da construção de uma estética marxista nos seguintes termos: "Permita-me, por último, o leitor, que aluda brevemente à gênese da minha estética. Comecei minha carreira como crítico literário e ensaísta, buscando apoio teorético na estética de Kant e logo na de Hegel. No inverno de 1911-1914, estando em Florença, elaborei o primeiro plano de uma estética sistemática e comecei a trabalhar nela nos anos de 1912- 1914 em Heidelberg. [...] Porém fracassei totalmente no intento. E quando nesta obra tomo apaixonadamente posição contra o idealismo filosófico, a crítica segue dirigindo-se sempre também contra minhas próprias tendências juvenis. Visto de fora, o começo da guerra interrompeu também este trabalho. Já a Teoria do romance, escrita durante o primeiro ano da guerra, se orienta mais para os problemas histórico-filosóficos: os estéticos deviam ser somente

também nos foi basilar, mostrando-nos caminhos diametralmente opostos aos que inicialmente havíamos elegido como possíveis, pois, para esse filósofo húngaro, a arte é uma produção essencialmente humana, feita pelo e para o homem.

Na formulação estética de Lukács, a história é um processo unitário, indissociável. É a partir das leituras sobre o aspecto orgânico e sistemático dos escritos estéticos de Marx e Engels, oriundas de suas concepções filosóficas, que o filósofo húngaro destaca:

> [...] o sistema marxista - em nítido contraste com a moderna filosofia burguesa - não se desliga jamais do processo unitário da história. Segundo Marx e Engels, só existe uma ciência unitária, a ciência da história, que concebe a evolução da natureza, da sociedade, do pensamento etc., como um processo histórico único, procurando descobrir as leis gerais e as leis particulares (isto é, aquelas que são específicas de determinados períodos) deste processo. Isso, contudo, não implica, de modo algum- e este é o segundo ponto de vista -, um relativismo histórico. A essência do método dialético, de fato, está exatamente em que para ele o absoluto e o relativo formam uma unidade indestrutível: a verdade absoluta possui seus próprios elementos relativos, ligados ao tempo, ao lugar e às circunstâncias. E, por outro lado, a verdade relativa, enquanto verdade real, enquanto reflexo aproximativamente fiel da realidade, reveste-se de uma validez absoluta (LUKÁCS, 2010, p. 11-12).

A "unidade indestrutível" (dimensão absoluta e relativa) pertencente ao método dialético é epistemologicamente incompatível com a concepção de ciência burguesa, que fragmenta a própria produção e entendimento da história feita por sujeitos submetidos ao trabalho alienado, visto que a própria visão epistemológica de Marx e Engels da produção (aberta) do processo unitário da história não desconsidera, portanto inclui, o aspecto ontológico do ser sócio-espacial a partir da sociabilidade capitalista.

As dificuldades epistemológicas as quais encontramos com os dois campos (Geografia e Literatura) bem como a tomada de consciência de outra concepção teórico-metodológica nos possibilitou a iniciação de exercícios práticos-sensíveis que de alguma forma extrapolasse as frestas de um grande sistema conceitual estabelecido. Cientes de que é do cotidiano que:

---

sintomas, sinais deles. Logo a ética, a história e a economia foram situando-se cada vez mais intensamente no foco do meu interesse. Fiz-me marxista, e o decênio de minha atividade política prática e ao mesmo tempo o período de discussão interna do marxismo, de assimilação real dele. Quando – em 1930 – voltei a ocupar-me intensamente de problemas artísticos, não pensava numa estética senão como uma perspectiva distante no meu horizonte. Finalmente, duas décadas mais tarde, no começo dos anos cinquenta, pude pensar em voltar, com uma concepção de mundo e um método completamente distinto, à realização de meu sonho juvenil e realizá-lo com conteúdos completamente distintos e com métodos completamente contrapostos" (SANTOS NETO *apud* LUKÁCS, 1966a, p. 30-31).

> [...] se depreendem, em formas superiores de recepção e reprodução da realidade, a ciência e a arte; diferenciam-se, constituem-se de acordo com suas finalidades específicas, alcançam sua forma pura nessa especificidade – que nasce das necessidades da vida social – para logo, em consequência de seus efeitos, de sua influência na vida dos homens, desembocar de novo na corrente da vida cotidiana (FREDERICO apud LUKÁCS, 2013, p. 133).

Ciência e Arte, formas peculiares e específicas de objetivação humana, criadas e influenciadoras da vida dos homens, reiterativamente volta à circular na vida cotidiana. Porém, esse movimento, como explica Lukács, não é gratuito, pois enriquece, eleva a autoconsciência humana. Além da refundação do projeto inicial, o próprio contato, ao longo da pesquisa, com os próprios escritos, com as representações artístico-literárias moldam a concepção daquele que inicialmente se pôs apenas como pesquisador, geógrafo.

O próprio contato sistemático com os textos que compõe os livros "Matozinho Vai a Guerra" e a "Delicada Trama do Labirinto" embeberam a visão talvez engessada do geógrafo que revestia-se em sua encouraça de cientista, de alguém comprometido com a realidade dos fatos, de alguém que tentava concretizar vestígios em provas cabais e atingir objetivos bem definidos. Esquece-se que a produção da realidade, como Marx e Engels se referem, não nasce enclausurada em áreas ou apenas podem ser analisadas sob o viés de um dado campo de saber.

Os contos expostos no *apêndices* desta pesquisa, intencionalmente intercalados entre uma história ambientada em um cenário que ora se aproxima de "Matozinho", ora converge com as "tramas labirínticas" de uma cidade, são registros ontológicos de uma experiência, uma travessia. Talvez, o nosso desejo seja o qual inicialmente está exposto através da passagem de Sousa Neto (2008), onde o "imaginar", o "pensar", o "andar", o "caminhar" sejam atividades e sentidos oriundos da ação humana, fazendo parte desse mesmo bojo de manifestações humanas o dissertar, o narrar, o contar, o rememorar.

Na própria "Aula de geografia e algumas crônicas" (SOUSA NETO, 2008) a tônica narrativa das histórias que compõe o livro não privilegia temas definidores, imagens são criadas e, por vezes, não têm o sentido do educar no modo estritamente cientifico, geograficamente canônico, como podemos perceber no seu "Erótico Mangue", onde habita "[...] silte brincante [...] Sons e sal. Doce e maré, cambiantes, balançantes" (p. 41).

Se somos levados a sentir aromas e gostos palatáveis dessa miscelânea de prazeres que sempre nos é apresentado como um ambiente pútrido, em outro momento, mesmo

quando o prefixo “Geo” está presente (refiro-me à crônica Geo morfo logia) nossa imaginação habita o cume de um “[...] pico, que parece ter argolas de nuvens em sua ponta e toca feito uma agulha a superfície azul do céu)”. Depois, “A gente sobe ladeira, desce ladeira, toma banho no rio, tem medo de afogamento no mar [...]” (p. 50-51).

Somos afetados por sons, arrebatados por cheiros, percepções, memórias afetivas e, ao mesmo tempo, aturdidos com as reflexões sobre as contradições sócio-espaciais de uma cidade, “[...] favelas pipocando aos quatro cantos [...] admirar o pôr-do-sol e ver o lixão do Roger [...] entender a origem dos “pegas” desiguais na Epitácio Pessoa entre os carros importados e carroças puxadas a burro” (p. 65). Aqui se locupletam um rico trabalho de linguagem poética, que pelo teor da abordagem e os próprios elementos de linguagem é inidentificável quanto a campo epistemológico exato, não reivindicando um autonomia.

Por que trazer à baila essa referência? A nosso ver, arte, literatura, geografia não aparecem como projetos definidores, como “domínios ideológicos”, para utilizar uma expressão de Lukács (2016) explicitada em um próximo parágrafo. O autor não incorre na ineficaz (anteriormente já discutidas) proposta de perspectivas de multi, inter, pluri ou transdisciplinaridade. Não se ensina e se pensa assim, buscando um contato frio com outros campos/possibilidades tão fragmentadas quanto, pois “A questão é outra, é de prática social” (SOUSA NETO, 2008, p. 29). O autor tem consciência ampla do seu projeto. Nos remete, mais uma vez, a Harvey (2013), que há muito vem questionando a multiplicidade de adjetivos acoplados à palavra espaço, em detrimento de uma análise da prática humana, sócio-espacial, que deveria ser a referência primária de qualquer análise.

Para Marx e Engels, sob a ótica de Lukács (2016) em *“Marx e Engels Como Historiadores da Literatura*”, “[...] não compete aos domínios ideológicos – e, portanto, à arte e à literatura – um desenvolvimento autônomo, pois eles são decorrência e formas fenomênicas do desenrolar das forças produtivas materiais e da luta de classes” (p. 63). Poderíamos dizer o mesmo com a ciência. Essa visão, aliás, vai ao encontro daquela posição metodológica de Marx e Engels de analisar e entender a história da humanidade (totalidade aberta) como única ciência possível.

A defesa de uma não autonomia dos domínios ideológicos se fundamenta no fato de que tais “domínios ideológicos” (arte, literatura, geografia) são determinados pelas “forças produtivas materiais”. Não há relação de superioridade, de inferioridade, de supremacia entre um ou outro campo epistemológico. O problema, nesse sentido, é que

segundo Lukács, havia uma “[...] superestimação idealista da arte, de sua separação das lutas cotidianas é difundida em amplos círculos, popularizada e vulgarizada pelo jornalismo do movimento “Jovem Alemanha” (LUKCÁS, 2016, p. 63-64).

É esse o grande equívoco conceitual: tratar a arte como algo superior a outros constructos sociais. Tentar suplantá-la a outras categorias, como algo divino, exposta em um pedestal inatingível. Essa concepção idealista distorce a realidade e empobrece o cotidiano. Esse ponto remonta ao desgastado debate da arte pela arte, o que acaba incorrendo no seu empobrecimento enquanto função social, de enriquecimento crítico da humanidade.

## Capítulo 2 - Um homem, uma cidade (a obra): um flanêur[23] nos trópicos?

> "Se quiséssemos distribuir por dois grupos todas as descrições de cidade, de acordo com o lugar de nascimento dos autores, chegaríamos certamente à conclusão de que são em menor número aquelas cujos autores nelas nasceram. [...] A descrição de uma cidade por um dos seus habitantes tem outras motivações, mais profundas. Motivações de quem viaja para o passado, e não para lugares distantes. O livro de uma cidade escrito por um dos seus naturais terá sempre afinidades com as memórias, porque não foi em vão que o autor passou a infância nesse lugar[24]" (BENJAMIN, 2015, p. 205).

Até que ponto conhecer a vida de um escritor ajuda na compreensão de seus escritos? Aqui nos encontramos em situação oposta àqueles/àquelas que se atreveram e/ou atrevem a pesquisar e escrever algo sobre figuras já tão escarafunchadas. Não me refiro apenas a questões biográficas – coisa que talvez possa ser solidamente feita a partir de entrevistas e conversas -, mas ao próprio entendimento e crítica de seus escritos. Uma das muitas dificuldades dessa pesquisa é justamente essa: se encontrar diante de terreno pouco explorado.

Zé Flávio, morador da cidade do Crato e testemunha ocular das suas metamorfoses, produz a sua arte a partir da vida cotidiana da urbe, não escondendo que lhe "[...] apetece esse encanto de garimpar nossa doce história cotidiana. Fatos aparentemente sem importância, gestos leves, movimentos fortuitos, personagens tidos como menores e que caíram rapidamente na lixeira da memória [...]" (VIEIRA, 2013, p.84). Assim, as narrativas de Zé Flávio estão recheadas de experiências. Ficando evidente que o nosso cronista bebe na vida cotidiana de sua cidade, ou seja, na vida do povo, para depois desembocar nela (LUKÁCS, 2009).

---

[23] Juntamente ao escritor/ser sócio-espacial será realizado, em parte posterior, um exercício prático-sensível pela cidade do Crato-CE. Sugerirei uma "peregrinação", uma odisseia pelas ruas da urbe. Como Zé Flávio realiza andanças pela cidade a pé, o deixarei à vontade para escolher o itinerário. A participação e observação oriundos dessa prática serão importantes para a pesquisa, pois "[...] a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental [...]" (LENCIONI, 2003, p. 150-151).

[24] Benjamim estabelece uma comparação entre o escritor Franz Hessel, a representação da figura do flâneur e seu solo de origem, Berlim. "E quando ele [Franz Hessel] agora se decide a andar pela cidade, não é movido pelo impressionismo excitado com que tantas vezes os que escrevem descrições se aproximam do seu objeto. Porque Hessel não descreve, narra" (BENJAMIN, 2015, p. 205).

Procuraremos evitar uma apresentação linear do autor. Não iremos, sem transição, arrolar uma lista enfadonha de informações pessoais sobre Zé Flávio, mas, ao longo da escritura dessa parte, nos preocuparemos em "inscrever" pontos, passagens sobre o espaço-tempo do sujeito em questão, revelados em sua própria escrita, tal como já expressou Batista de Lima[25] em "Matozinho e seu Cronista", texto de apresentação de Matozinho Vai à Guerra: "[...] a escrita de Zé Flávio é tão ele próprio" (p. 11). Como matéria prima para o desenvolvimento desse raciocínio, serão considerados alguns trechos de suas próprias narrativas, entrevistas, críticas à seu respeito, assim como elementos da sua própria vida cotidiana, constituirão matéria prima para engendramos essa fase de nossa empreitada.

Foto 1 – Zé Flávio Vieira[26] sob a lente de Dihelson Mendonça. Fonte: Blog Simbora pra Matozinho[27]

O cotidiano do lugar é muitas vezes solo fértil para o trabalho de muitos escritores/autores, pois é nesse bojo onde a vida é "enxergada" mais pormenorizadamente. A vida das pessoas; os gestos do dia a dia, repetitivos, podem, para

[25] Professor e membro da Academia Cearense de Letras.

[26] É o primeiro ocupante da cadeira Letras 26, do Instituto Cultural do Cariri (ICC), posto que tem como patrono o seu tio, o padre Antônio Batista Vieira (1919-2003), que além de exercer o sacerdócio foi profícuo escritor.

[27] Disponível em: https://blogdocrato2.wordpress.com/2007/12/20/o-aniversario-de-um-mecenas-dr-jose-flavio-vieira/. Acesso em ago. 2016.

muitos, apenas não passar de movimentos banais, em um sentido que exclui a atuação de forças imperiosas que o institui.

Mesmo aqueles que se debruçam ou se debruçaram sobre a categoria vida cotidiana como uma questão filosófico-conceitual - a exemplo do filósofo francês Henri Lefebvre – tem como solo de suas discussões o contexto mais imediato, vivido. No caso de Lefebvre, a França do século XX e toda sua efervescência política, econômica e cultural serviu de bojo referencial para suas inquietações[28].

Contudo, as práticas sociais de um determinado contexto espaço-temporal estão passíveis a olhares diversos. Romances; contos; filmes, novelas; crônicas, entre outros gêneros, são o reflexo de contextos vividos, experimentados. Assim, até o que é mais fortuito acaba ganhando destaque, os acontecimentos mais triviais, corriqueiros, talvez por serem tão repetitivos, exaustivamente executados, se despontam como ponte rica para entender as relações sociais. Preparando o terreno de tal forma, não fica difícil de imaginar que há uma relação inextricável entre vida e obra de Zé Flávio. Esse enraizamento tem na cidade o ponto de suas tramas e conflitos. Isso abre uma senda para falarmos sobre o seu berço.

Ainda relacionando essa questão da indissociabilidade entre vida e obra do autor, Harvey (2015) afirma que autores como Lefebvre "[...] não entendem que vivemos simplesmente em um mundo material, mas que nossa imaginação, nossos sonhos, concepções e representações medeiam essa materialidade de maneiras poderosas[29]; [...]" (p.35). Harvey também insere Benjamin nessa mesma tessitura, contudo, ressalva que o "[...] problema para o leitor de Benjamin [é] [...] entender os fragmentos em relação à totalidade de Paris [da cidade, do espaço]" (p.35).

Acreditamos que essa observação feita por Harvey faça parte da própria experiência do sujeito na Modernidade. O reflexo da cidade nas crônicas de Zé Flávio

---

[28] "A década de 1940 foi o marco do interesse de Henri Lefebvre ao tema do cotidiano. Nesse contexto, a França amargava o nazismo e Lefebvre. Essa triste tessitura social o fez estabelecer relações entre o cotidiano e a filosofia, proporcionando-lhe "[...] passar da pesquisa/estudo da 'filosofia pura' para o estudo das práticas sociais, ou da relação entre filosofia (abstração) e do pensamento com o concreto do cotidiano" (MACHADO, 2008, p. 86-87). Doravante Lefebvre passa a perscrutar à vida cotidiana através da filosofia abstrata e das ciências parcelares. Ele, criticamente, enxergou o cotidiano enquanto uma dimensão real que expressa a vida trivial, banal, sendo que é nesse bojo onde é perceptível as contradições entre a produção da riqueza (pela classe operária) e a expropriação dessa (pela burguesia).

[29] Talvez seja emblemática uma passagem do célebre cronista carioca João do Rio, ao afirmar que "[...] A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. [...] conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história" (RIO, 2007, p.16).

mostram não apenas uma cidade fragmentada, mas a própria condição do escritor enquanto habitante, vivente. Em um capítulo adiante iremos discutir mais cuidadosamente essa questão.

Nascido em 1952, na efervescente cidade do Crato-CE, à época o principal centro econômico do Cariri cearense, título hoje ostentado por Juazeiro do Norte, José Flávio Pinheiro Vieira, (ou simplesmente Zé Flávio) faz questão de escancarar que lhe "[...] apetece esse encanto de garimpar nossa doce história cotidiana. Fatos aparentemente sem importância [...] personagens tidos como menores e que cairiam rapidamente na lixeira da memória não fosse o olhar atento do cronista" (VIEIRA, 2013, p.84). Mesmo o tempo que estudou e, por conseguinte, morou na capital pernambucana, Recife, Zé Flávio nunca esqueceu de sua terra natal.

Tanto é que faz questão de rememorar as suas "geografias da infância" na cidade do Crato-CE, não incorrendo em uma mera descrição telúrica dos fatos do passado, mas dosando esses entre uma memória afetiva e uma mordaz crítica ao poder corrosivo do tempo moderno, da perda dos referenciais, da supressão de relações de sociabilidades simples, como, por exemplo, o faz em "O Sapoti do Padre Lauro", crônica contida em "A Delicada Trama do Labirinto", na qual o autor relata suas memórias de infância, se referindo ao famoso beco do Padre Lauro Pita, ponto de encontro da molecada em tempos de safra do fruto, "Hoje os meninos cresceram, o beco iluminado já não é mais o mesmo: perdeu seus mistérios e seus fantasmas. O casarão e o sapotizeiro foram mastigados pelos dentes inexoráveis dos minutos e das horas." (VIEIRA, 2013, 37).

A cidade, que é produzida cotidianamente pelos seus habitantes, é a sua matéria prima essencial. E não é simplesmente pela afirmação convencional da crônica ser um gênero tipicamente urbano. Não circunscrito apenas à sua experiência, mas entendendo os demais sujeitos basilares na constituição dessa, Zé Flávio desenvolve uma maneira crítica de olhar a cidade e a memória coletiva dessa. Dessa forma, "Montado nessas sabenças dos livros e nas experiências no contato com o povão com quem lida". (LIMA, Jornal Diário do Nordeste, 2013) o autor estabelece uma visão que destoa bruscamente de vários autores que pensaram a cidade do Crato-CE tal como a região do Cariri cearense.

É essa a cidade que procuramos perscrutar. A cidade que é lugar social de coexistência: indivíduos, grupos, classes sociais, profissões, diferentes espaços produtivos, a cidade que é elemento revelador das condições existenciais através do

cotidiano. Nesse caso, pensaremos a cidade como ponto específico de relações sociais, de existência; experiência. Não estamos preocupados em descrever suas ruas, números de domicílios, desenho de sua morfologia, mas, compreendê-la enquanto teia de relações sociais, trama delicada e conflituosa de relações sociais. Portanto, o diálogo com a arte, com a literatura, em especial, constitui possibilidade enriquecedora de "[...] apropriação – teórica, artística etc. – [entendendo que] a realidade é, portanto, concebida como um todo indivisível de entidades e significados, [...]" (KOSIK, 1995, p.30).

O ponto dessa inflexão, defendemos, é uma leitura crítica que o autor faz ao processo de modernização urbana que chega à todo vapor à cidade do Crato-CE. Com isso, a urbe passa por muitas transformações sócio-espaciais, metamorfoses que certamente influenciaram a sua vida na cidade, assim como a maneira de olhar a mesma. Mesmo sabendo que a literatura de Zé Flávio é construída a partir de uma relação quase que visceral com o seu lugar, cabe enfatizar que o seu constructo literário não se limita à cidade do Crato-CE. A dimensão geográfica de seus textos não se circunscreve a seu lugar de origem.

"O MÉDICO DAS PALAVRAS[30]" - título de uma descontraída e reveladora entrevista concedida ao blog "cariricult" (2012), capitaneada por Alexandre Júnior -, parece fazer um raio X da sociedade cratense desde tempos que precedem sua vinda ao mundo. Essa "radiografia geral" nos mostra uma geografia da cidade que não se limita à descrição de aspectos físicos, corográficos. Um diagnóstico que releva fortes sintomas de uma sociedade cotidianamente em conflito, desvelando a "dimensão do efêmero que se apodera da existência humana desde o nascedouro da criatura", como bem já disse Batista de Lima (Jornal Diário do Nordeste, 2013)[31].

Essa própria relação visceral de sempre estar garimpando a vida que o cerca, é fruto, também, das suas próprias referências literárias. Machado de Assis, tido por muitos como o maior escritor da literatura brasileira, é o escritor predileto de Zé Flávio. Além de escrever poema e romance, gênero que o consagrou, "o bruxo das palavras" também era uma exímio cronista, admitia que gostava de "[...] catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o

---

[30] LUCAS, Alexandre. **O médico das palavras**. Crato, 29 de fev. 2012. Disponível em: http://cariricult.blogspot.com.br/2012/02/jose-flavio-vieira-o-medico-das.html. Acesso em 05 fev. 2016.

[31] LIMA, Batista de. **O Crato de J. Flávio.** Diário do Nordeste. Fortaleza, 24.09.2013. Caderno 3. Disponível em: http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/coluna/batista-de-lima-1.128/mata-ria-1321004-1.442509. Acessado em: 11 jan. 2016.

encoberto”, disse, em crônica intitulada "A Semana", publicada na "Gazeta de Notícias" do Rio de Janeiro, em 1900. Comparação que estabelece uma tênue linha entre “A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam, como diz Machado, e o “olhar atento do cronista”, que procurou imprimir Zé Flávio, é resultado dos ensinamentos do seu grande mestre.

Outra lição que parece ter aprendido com o mestre fundador da ABL (Academia Brasileira de Letras) foi aquela onde Machado fala sobre uma certa “obrigatoriedade do escritor”, que este deveria exercer um trabalho prioritariamente voltado para o seu lugar, que este se torne homem do seu tempo e do seu país, mesmo que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (1994). Pelo visto, mais uma vez, o morador de Matozinho e das Delicadas Tramas compartilha essa visão com Machado de Assim. Em tom bem humorado, Zé Flávio afirma: “posso até falar da Rússia, mas vai sair com sotaque”. (Jornal Diário do Nordeste, 2007)[32].

No embalo de algumas passagens engraçadas, mas extremamente representativas para as suas posições, sua maneira de enxergar o mundo, Zé Flávio afirma que “às vezes precisamos olhar um pouco mais para o nosso próprio umbigo” (Jornal Diário do Nordeste, 2013). É assim que o médico das palavras já angariou alguns prêmios e um merecido reconhecimento literário. Pintando a sua própria aldeia, como alvitra o célebre conselho atribuído a Leon Tólstoi, o morador mais ilustre de Matozinho consegue, “olhando para o seu próprio umbigo”, estabelecer links com o mundo através de uma dimensão relacional.

Caso o leitor ainda não esteja satisfeito com o esforço feito até o momento, abaixo, será organizado algumas passagens que nos auxiliarão um pouco mais sobre o questionamento central dessa parte do nosso trabalho: quem é Zé Flávio? Até porque, como ele mesmo diz, acredito “[...] que o leitor já está se impacientando com o cerca-lourenço, com o leriado e, em tempos de agilidade, de internet, quer logo dar um paradeiro em tudo. Que[m] diabos, finalmente, [...]” (VIEIRA, 2007, p.196) é esse Zé Flávio?

“Sou um sujeito estranho, casado com a Medicina e amante da Literatura”; disse, em entrevista ao blog “CaririCult” (2012); “um escrevinhador oficioso das histórias do sertão”; é a frase que intitula o seu blog “Simbora pra Matozinho”; “Dr. José Flávio Vieira

---

[32] NORDESTE, Diário. **Escritor lança livro em Juazeiro do Norte.** Disponível em: http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/escritor-lanca-livro-em-juazeiro-do-norte-1.432237: Acessado em 10 nov. 2016.

possui a dimensão do efêmero que se apodera da existência humana desde o nascedouro da criatura" (2013), afirmou o professor e membro da Academia Cearense de Letras Batista de Lima.

Nascido em Crato/CE em 1952, como já informado. Sagitário. Médico pela UFPE em 1977. Desde 1980 re-radicado no Cariri: Cirurgião. Colaborador com textos na "Vanguarda" (Crato), "A Ação" (Crato), "Jornal do Cariri", Folha do Pequi"; "A Província", "Itaytera", "O Esculápio" (Recife) e na Rádio Educadora do Cariri", para onde escreve, aos sábados, desde 1997. Um dos vencedores do "I Concurso de Contos do SESC/Crato" em 2006. Membro do Instituto Cultural do Cariri. Autor de Poemas (alguns musicados) e dinossauro dos Festivais da Canção do Cariri nos anos 70. Dramaturgo com texto publicado da premiada peça: "A Terrível Peleja de Zé de Matos com o Bicho Babau nas Ruas do Crato". O conto "Zézinho e o Cinematógrafo Herege", do Livro Matozinho Vai à Guerra (2007) foi adaptado para o cinema pelo cineasta Jefferson Albuquerque Júnior (2011)[33]. Já foi agraciado com o "Troféu Mestre Elói" e com o "Prêmio SATED-CE 2013 – Dramaturgia[34]".

Certamente, o Zé Flávio que aqui procuramos não se resume à cristalização dos títulos que recebeu, sendo um justo reconhecimento pelo seu trabalho, mas perscrutaremos as geografias do cotidiano que residem no seu imaginário, que sempre são tão reais quanto a cidade construída pelos seus habitantes, que "[...] por menores que sejam, têm seus alicerces psicológicos calcados por seus Hércules, Ferrabrazes, Dionísios, Pedros Malasartes, Prometeus e Joões Grilos" (VIEIRA, 2013, p.71). Ou seja, é a essa cidade enquanto obra, construída pelas pessoas, pelos sentidos humanos, tal como já vaticinou Lefebvre (2013), que nos interessa.

Para mim, quando ouvi falar em Zé Flávio pela primeira vez, ele se restringia apenas a um escritor que acabara de ser indicado como leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Regional do Cariri (URCA)[35], sendo que junto a isso, é claro, uma grande expectativa já tomara conta de mim: "rapaz, um escritor daqui sendo indicado para o vestibular?!, pensava, em tom questionador e surpreso. Hoje, já depois de tomar

---

[33]Zezinho e o Cinematógrafo HEREGE. Direção e Produção de Jeferson Albuquerque. Fotografia: Leandro Gomes. 31 min. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QMs4s2NjCMg: Acessado em 17 nov. 2016.

[34] Essas e algumas outras informações sobre o autor foram retiradas dos seus próprios livros: Matozinho Vai à Guerra (2007); e A Delicada Trama do Labirinto (2011).

[35] O livro indicado para processo seletivo foi Matozinho Vai à Guerra (2007).

conhecimento de seus principais escritos, continuo a me surpreender e questionar sobre assuntos tratados, instigantemente, pela sua abordagem minuciosa, crítica e bem humorada.

Talvez, ao final dessa pesquisa, muitos Zé Flávio, dada a riqueza e multiplicidade de seus escritos, abrolharão. Isso não impede que as considerações acima arroladas sejam descartadas, mas pelo crivo do nosso trabalho, uma dissertação de mestrado, certamente percorreremos caminhos que até o momento ninguém ousou percorrer e, seguramente, a partir do diálogo como a geografia aqui manifestado, muitos outros surgirão das veredas e tramas da literatura de Zé Flávio.

## 1.2 A crônica: Um gênero geográfico?

A crônica aclimatou-se bem nos trânsitos dos trópicos a ponto de se transformar em um problema: seria uma expressão literária tipicamente brasileira? (MOISÉS, 2005). Certamente não nos interessa imprimir forças na tentativa de sanar esse problema. Entretanto, entendemos que o fato de no Brasil existir uma profícua produção desse gênero, e de que ela reflete sobre a realidade brasileira a partir de várias perspectivas, pretendemos explorar pontes dialogáveis em relação à produção geográfica nos trópicos, para além da "régua europeia".

Nesse sentido, não queremos afirmar que existe uma geografia do Brasil, mas uma produção geográfica que, assim como a crônica, "transitou" (e transita) nos trópicos, perquirindo sobre assuntos os mais variados, contribuindo para o entendimento da realidade atual, mesmo quando ainda a geografia era relegada enquanto conhecimento científico (SOUSA NETO, 2005).

O diálogo formal, a partir de definições esquemáticas tentando explicar essa hibridez torna-se dispendioso na medida em que já sabemos que ambos os campos epistemológicos se debruçam sobre uma mesma realidade. Geógrafos e literatos, a partir de suas experiências, analisam o mundo, questão essa que certamente o nosso cronista (Zé Flávio) faz declaradamente, talvez aproveitando o uso desse gênero literário "[...] duma ambiguidade tão irredutível [...]" (MOISÉS, 2005, p. 102), estando certo de que: "O cronista faz-se o artesão do imponderável. Esculpe o efêmero, debuxa o etéreo. [...] Ele se posta nesta terrível fronteira da memória [...] tem a sombria capacidade de interpretar os ínfimos signos do cotidiano [...]" (VIEIRA, 2013, p. 102).

Isso não nos dá prova cabal, tampouco nos sedimenta para fundar um novo gênero textual “geo-crônica”, nem iremos nutrir vãs esperanças em fazê-lo, não sendo assumidamente nosso objetivo, mas quando Eduardo Portela questiona “até onde crônica é literatura”, nos aguça ainda mais a curiosidade de saber sobre os estreitamentos epistemológicos dessa relações.

Ao se referir “[...] à cidade pelas mãos de Clarisse Lispector, à cidade de que certa vez falou Chico Buarque, aquela que [...] “não mora mais em mim”. Porque a velocidade da vida urbana, que já sepultara o lugar bucólico, paradisíaco [...]”, (PORTELLA, 2013, p.110) nos conduz à construção de um entendimento da cidade enquanto espaço-tempo histórico, conflituoso, obra construída pelos seus habitantes, sob as mais diversas situações. Hoje, a urbe moderna é fundamentalmente um negócio capitaneado pelo modo de produção capitalista, que impõe um cotidiano sufocado, uma cidade estranha ao indivíduo, sendo massa de modelagem dos grandes agentes imobiliários, que através de medidas drásticas alteram a dinâmica cotidiana de uma vida cada vez mais burocrática, programada, vigiada, sendo que “O que se fazia às escondidas começou a ter muitas testemunhas, a cidade terminou por engolir a vielazinha” (VIEIRA, 2013, p.79).

Clarisse [Lispector], “[...] nos revela a voracidade da urbis moderna, a face oculta do cotidiano [...] a aventura humana sem domicílio fixo, [...]. Tudo isto porque a cidade muda. E a crônica muda com a cidade que muda” (PORTELLA, 2013, p.110). Também nos trópicos, emblematicamente exposto ao contraste do sol do Sertão nordestino que reluz no verde da Chapada do Araripe, Zé Flávio parece esquentar e deixar ainda mais tênue essa simbólica linha que parece estabelecer fortuitas barreiras, ficando muito mais claro uma poderosa liquefação, sob o calor das baixas latitude, entre geografia, crônica, cidade, perceptível entre muitas passagens de seus textos, a exemplo de quando constata que “[...] O tempo escoou-no incessante tic-tac do relógio da praça Francisco Sá. O Crato mudou, os costumes metamorfosearam-se [...]” (VIEIRA, 2013, p.79).

Tal como “a aventura sem domicílio fixo”, que constata Portella na cidade de Clarisse Lispector, Zé Flávio, retratando as transformações sócio-espaciais da urbe cratense e a perda dos seus referenciais, talvez até a própria capacidade e sensibilidade humanas dos seus próprios habitantes de não mais reconhecer o que seria a sua própria produção, afirma que a sua “outra” cidade, Matozinho, “[...] não está em nenhum lugar no mapa [...], mesmo recorrendo ajuda à coordenação do curso de geografia da URCA” (VIEIRA, 2007, p. 09), nos passando uma impressão da qual já denunciou Lispector,

percorrendo uma “aventura sem domicílio”, se valendo da geografia, mesmo essa, às vezes, não conseguindo explicar tudo, mas sempre procurando construir pontes reflexivas e entender a realidade: eis a nossa tentativa aqui!

## 1.3 Uma peleja entre as veredas de Matozinho e as Tramas do Labirinto

De que são feitas e/ou em que consiste tais *guerras e tramas*? Apenas palavras aleatórias? Possivelmente, mas não nesse contexto. Aqui, não queremos colocá-las em gavetas separadas, tampouco dizer que são sinônimas, entretanto, guardadas as suas devidas proporções, faremos aproximações a partir do referencial teórico-metodológico aqui elegido. Talvez as veredas, para uns, sejam apenas caminhos estreitos, de onde brota o verde, um oásis, ou o caminho estreito por meio do qual as reses andam vagarosamente em fila; já as tramas uma dimensão metafórica que se refere à cidade que cresceu absurdamente, se transformando em um emaranhado de ruas, de casas e prédios. Vamos adiante!

### *1.3.1 Matozinho Vai à Guerra e a Geografia Vai à Matozinho*

A geografia vai à Matozinho não apenas para constatar que o livro é composto por 72 narrativas que versam sobre um pequeno vilarejo que começa a ser invadido por práticas que alteram profundamente as relações cotidianas, os costumes dos moradores e a própria morfologia da urbe, mas para analisar a cidade enquanto construção histórico-geográfica. Mesmo sabendo dos elementos fictícios, das “memórias inventadas” -, é notório um profundo enraizamento com o seu lugar de experiência. Isso fica evidente logo nos elementos introitos, quando Zé Flávio, “[...] escarafunchando os pertences de um tio[36] [...]”, encontra documentos que revelam os “Apontamentos para a História Mítico-Sentimental de Matozinho” (2007, p. 09).

[36] Esse tio pode ser o próprio Zé Flávio, como afirma Batista de Lima, contudo, existe a possibilidade de ser o seu tio-escritor, o padre Antônio Vieira - o “homem do jumento” – também membro antigo do Instituto Cultura do Cariri (ICC).

**Figura 1 – Croqui de Matozinho[37]**
**Fonte: (VIEIRA, 2007)**

Zé Flávio saca do seu embornal de couro - muito provavelmente desenhado pelas famosas mãos de Expedido Seleiro[38] - duas epigrafes certeiras: a primeira para justificar sua visão multifacetada; uma leitura de mundo para além do seu umbigo, sempre mantendo esse como referência: "- Pode partir quando quiser - disseram-me -, mas você chegará a uma outra Trude, igual ponto por ponto; o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no aeroporto." (CALVINO, 1990, p. 218).

A menção feita à clássica obra "Cidades Invisíveis", do escritor italiano Ítalo Calvino, não aparece aqui gratuitamente. Tida como um dos textos mais críticos à modernidade e a pós-modernidade, o propósito de sua adoção, dentre outros possíveis, é mostrar que a dentição venenosa do capital já penetrou na veia sanguínea de "Matozinho", o mesmo sangue "[...] que flui através do corpo político de todas as sociedade que

[37] Essas representações acompanham as histórias tanto de Matozinho Vai à Guerra (2007) quanto de A Delicada Trama do Labirinto. Mais do que ilustrar, creio que ressaltam aspectos para além da aderência ao texto.

[38] Famoso Artesão da região. Para efeito de curiosidade, no primeiro texto de Matozinho Vai à Guerra, intitulado "Véspera do Vesúvio", Zé Flávio cria o codinome Expedito de Pau Véio, provavelmente uma referência a Expedito Seleiro.

chamamos de capitalistas, espalhando-se às vezes como um filete e outras vezes como uma inundação, em cada canto e recanto do mundo habitado". (HARVEY, 2011).

Na segunda epígrafe, o autor justifica o assombro causado pela primeira: "com fragmentos tais foi que escorei minhas ruínas", através de uma passagem de T.S. Eliot, em A Terra Desolada, V. São com esses fragmentos textuais, que Zé Flávio mostra fragmentos; escombros reais de uma cidade que passa por transformações sócio-espaciais, e ele, o próprio autor, expressa o eu fragmentado, morador de uma cidade em plena transformação, alvo de uma verdadeira "destruição criativa"[39] (que atingiu e atinge não apenas a sua morfologia física, mas os costumes e culturas: religião, dança, música, etc.).

Essa era uma guerra que as veredas e as brenhas de Matozinho ainda desconheciam. Nesse sentido, a própria obra literária – tal como a cidade – é um produto erigido historicamente, sendo emblemático quando o narrador, em primeira pessoa, diz que os manuscritos "Aparentemente tinham sido escritos num longo período de tempo, não estavam datados e, pela diversidade de estilos, possivelmente grafados por pelo menos uns três autores. Alguns textos mostravam-se mais antigos [...] outros [...] atuais" (p. 10).

Esses "autores", possivelmente, são aqueles (sujeitos) que fazem a cidade no seu cotidiano. Uma cidade erigida em um "longo período de tempo", elaborada pelos mais diversos "estilos", ou seria por todos os tipos e classes sociais: do grande proprietário ao vaqueiro, do beberrão ao padre, etc. Esse diálogo com o passado, na literatura de Zé Flávio, revela que, de fato:

> Uma obra não pode viver nos séculos que estão por vir se ela não se alimenta dos séculos passados. Se ela tivesse tomado seu nascimento inteiramente no hoje (na sua contemporaneidade), se ela não prolongasse o passado e não estivesse consubstancialmente ligada a ele, ela não poderia viver no futuro. Tudo que pertence somente ao presente morre com ele (BAKHTIN, 1997, p. 365).

Mesmo antes da palavra escrita, o autor não consegue conceber Matozinho sem a oralidade, elemento marcante em seus escritos, inclusive nos achados iniciais sobre o vilarejo. Talvez já prenunciando as fofocas da Dona Riri; as estórias literalmente enroladas de Carretel; e o filosofar de Rui Pincel, o nosso narrador decidiu nos contar que

[39] Expressão mais adiante explicada com base em Harvey (2015).

“Os primeiros relatos sobre Matozinho chegaram-me através do Viajante F. Monteiro Lima, aí pelos anos 80. (p.09).

Apesar de saber que essa cidade é uma “construção literária” do “[...] autor que cria sua cidade e toma posse da mesma, encarnando todos os tipos que cria” (2011, p.11), como diz Batista de Lima, não devemos esquecer que o autor, aqui, inevitavelmente, deixa claro que “pega” uma ponta avessa nos remansos conflituoso da história.

O trabalho gráfico do Artista plástico juazeirense Reginaldo Farias[40] está em diálogo à escrita enxuta e clara de Zé Flávio. A capa de Matozinho Vai à Guerra revela um universo íntimo ao autor. Ele cria, como acima enfatiza Batista de Lima, mas também é criatura social, histórica desse mundo. A capa não é manto velador, mas a primeira centelha reflexiva formada por figuras que predizem as narrativas que já podem ser descortinadas de cara: a caricatura do próprio Zé Flávio com a língua em formato de uma lâmpada, e uma televisão em formato de um portal mágico, além de um baú e outras quinquilharias criam a atmosfera de um universo compatível com o miolo do texto.

O visual da capa pode ser revestido linguisticamente por um vocabulário que nomeia personagens, objetos, gestos. Um universo verbal singular:

> Labacé, quicé, botica, espinhela caída, capiongo, olhos de pitomba lambida, quixó, peitica, fubica, mucumbu, currulepe, varapau, pitingula, fubuia, cumbuca escandelo, ragapé, cangapé, requifife, querenqueque, minguiriba, caié, mangofa, estrovenga, batoré, meropéia, picuaio, bituca, e treloso, arrola Batista de Lima, em “Matozinho e seu cronista” (p.11).

São palavras à Matozinho, tão singulares que até o programa de digitalização desenvolvido no estrangeiro não as reconhece. Essa expressão à Matozinho está empregada em “Romantismo à Matozinho”. Esse texto expõe aquela história de um sujeito que saiu de um lugar mas o lugar não saiu dele. Anfrízio morava no Rio há dez anos, mas “Mantivera o sotaque doce da sua terra apesar de todo preconceito. Virava

---

[40] “Reginaldo Farias é estudante do curso de Design de Produto da UFCA, ilustrador e artista gráfico. Fez suas primeiras exposições individuais em 2007 (Computadores fazem Arte) e participou de algumas coletivas, ilustrou alguns livros e CDs e teve participação em algumas intervenções visuais de rua”. O BERRO. **Cariri Criativo Convida com Reginaldo Farias - estampa exclusiva.** Crato, 06 dez. 2016. Disponível em: http://oberronet.blogspot.com.br/2016/12/cariri-crativo-convida-com-reginaldo.html. Acesso em 09 mar. 2016.

“Paraíba” para todos os conhecidos [...]”, na Feira de São Cristóvão, [...] reaguçava a memória gustativa de Matozinho na Panelada [..]” (VIEIRA, 2007, p. 61).

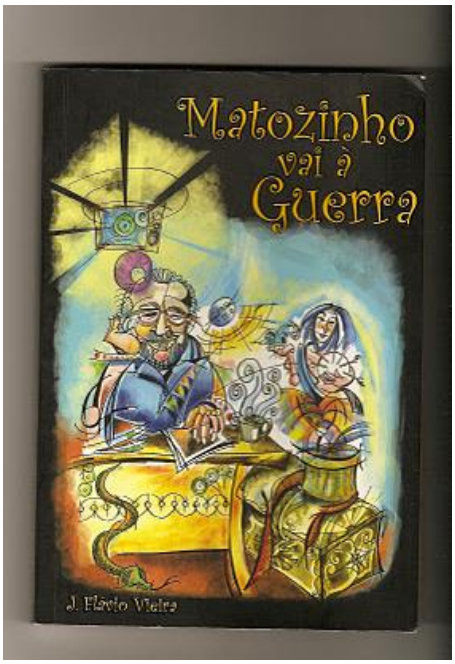


**Figura 2 – Capa do livro Matozinho Vai à Guerra. Fonte: Blog Simbora pra Matozinho[41].**

Entretanto, acreditamos que Zé Flávio simplesmente não gesta a “sua” própria cidade (Matozinho). A sua (também do outro) cidade não precisa de codinomes, ela já existia, a sua tentativa de se apoiar em elementos tão singulares, tão próximos, tão “seus”, é uma apropriação que lhe permitiu, de maneira mais uníssona, gritar aos quatro cantos, inclusive para outros lugares “[...] talvez porque, reparando bem, o Brasil deve ser recoberto por uma Matozinho só, sem começo nem fim” (VIEIRA, 2007, p.10).

A cidade, na verdade, já existia, inclusive enfatizano a sua condição enquanto obra, que para Lefebvre (2013) deve:

> [...] ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas. As condições, que simultaneamente permitem e limitam as possibilidades, não são suficientes para explicar aquilo que nasce delas, nelas, através delas (Lefebvre, 2013, p. 52).

[41] Disponível em: http://simborapramatozinho.blogspot.com.br/?spref=fb . Acesso em ago. 2016.

Com isso, chamamos atenção para o fato de, às vezes, equivocadamente, renunciarmos a dimensão histórico-geográfica reforçando ingenuamente a ideia de uma brusca ruptura com o passado (HARVEY, 2015).

Nos é caro o fato de que mesmo sabendo que Zé Flávio, veladamente, se refere à cidade do Crato-CE, o mesmo não se compromete a inicialmente fazer uma análise corográfica ou simplesmente se fechar a partir desse vínculo verossímil. Indiscutivelmente, é a partir da cidade onde o autor irá se expressar, dizer o que está sentindo. A cidade é a veia e viés reflexivo para expelir suas angústias, afetos e desafetos. Não seria exagero o leitor perguntar: Mas que cidade? O autor toma a cidade não como elemento específico, delimitado, pronta e friamente localizada no mapa. Vejamos um fragmento do primeiro texto "Apontamentos para a história mítico-sentimental de extraído de Matozinho":

> Além de tudo, para aumentar o mistério, não encontrei nenhuma indicação que me possibilitasse, geograficamente, localizar a cidade. E vejam que junto aos papéis, anexaram um detalhado mapa manual da vila, incrustada entre a Serra dos Carneiros e da Jurumenha e cortada pelo Rio Paranaporã. Mesmo com tantos detalhes e com a preciosa ajuda da Coordenação de Geografia da URCA, não conseguimos situar Matozinho no território nacional. [...] fomos pouco a pouco perdendo a curiosidade inicial quanto à localização exata da cidade, talvez porque, reparando bem, o Brasil deve ser recoberto por uma Matozinho só, sem começo nem fim (VIEIRA, 2007, p. 9-10).

Mais adiante iremos comentar sobretudo as últimas linhas dessa citação, contudo, de antemão, podemos concluir que as reflexões do autor não ficam circunscritas à cidade do Crato-CE ou até mesmo ao Cariri cearense. Esse primeiro contato não é apenas uma aproximação com a visão de uma cidade (em específico), mas com o pensar a cidade, pensar esse constructo material-imaterial, essa dimensão espaço-tempo da realidade. Essa consideração poder ser consubstanciada em uma visão fundamental à metaografia: pensar a dimensão espacial da realidade[42] não desenraizado do lugar.

Julgamos esse ponto importante pelo fato de que, assim como a perspectiva de Zé Flávio nos aponta, não estamos preocupados em desvelar um espaço geográfico, em descrever um lugar específico, em narrar fatos seriados, em localizar os objetos dispostos

---

[42] Tal concepção "[...] esclarece primeiramente com sua vertente de raciocínio a localização e a distribuição das atividades e dos homens na superfície da terra, e, em seguida, possibilita a aproximação em direção ao pensamento que considera o espaço em seus conteúdos sociais como uma das produções humanas que permitem a concretização da vida. Nesse sentido, a prática sócio-espacial é espacializada e a ação cumpre-se num plano da vida cotidiana". (CARLOS, 2011, p. 18-19).

no território, em fotografar a paisagem ou mesmo medir a carga, o nível de afeto dos indivíduos.

Em Matozinho Vai à Guerra e na Delicada Trama do Labirinto, o autor, também ser sócio-espacial, apropria-se de um espaço-tempo especifico, evidente em viagens, seja a pé ou pela memória, que não definem apenas um roteiro, que não deixa apenas os rastos de um homem que vaga por um espaço enquanto palco, inerte, mas que mostra, em um espaço-tempo especifico (lugar de existência), elementos da vida cotidiana, experiência, a história e geografia enquanto condição espacial de uma dada sociedade. Suas linhas expressam um itinerário geográfico processual e conflituoso: mobilidade no espaço urbano, a cidade como um espaço de fluxos e transitoriedades; mercantilização da informação e domínio dos veículos midiáticos, etc.

Seja nas páginas de Matozinho ou nas tortuosas linhas do labirinto urbano, percebe-se o erigir da cidade enquanto lugar de consumo, da acumulação em detrimento da cidade enquanto lugar do encontro, das relações coletivas e democráticas. A esse respeito, parece-nos inteligível mencionarmos Henri Lefebvre (2013, p.43) quando este retrata o papel da cidade enquanto "[...] rede de articulação e consumo, centro de informações e decisões", restringindo-a, nesse contexto analítico, a um mero lócus de acordos comerciais, onde se processava situações operacionais, decisões burocráticas.

Assim, percebemos uma luta a partir da cidade, com a cidade e pela cidade, considerando-a como viés crítico-reflexivo, elemento denunciador de procedimentos empobrecedores da experiência. O autor descobre a cidade como artefato social, lugar atravessado por influencias diversas, construídas e saboreadas no cotidiano, no vivido. Dentro tantos personagens que vivem em Matozinho e expressam esse sentimento, Rui Pincel, o filósofo da cidade, sempre está envolvido em passagens que permitem-nos refletir um pouco sobre essa condição.

Parece redundante, até pode sê-lo, o fato de em vários momentos desse texto sentirmos a irremediável necessidade de colocar a cidade como uma construção histórica, "obra de pessoas e grupos", como disse Lefebvre (2013). É que parece que alguns ainda não "entenderam" isso. Podemos perceber atrocidades cometidas pelo Estado, ou por grupos privados que, capitaneando grandes projetos capitalistas, destroem paredes e tetos que abrigam a memória de pessoas e grupos. Essa tentativa de eliminar, de sobrepor "o novo ao velho", na tentativa de "ruptura radical" com os referenciais históricos, emerge sintomaticamente em 1848, quando o Barão de Hausmaan, à época prefeito de Paris "[...]

coagiu a cidade a assumir a modernidade" (HARVEY, 2015, p. 11).

Esse fato histórico, dentre muitos outros, ratifica que hoje "[...] o espaço, ele próprio, é o elemento central da reprodução do capital" (CARLOS, 2011, p. 100). Mesmo antes das ações antidemocráticas de Hausmaan, e sobretudo nos dias atuais emerge - como necessidade da lógica do consumo, do lucro - novas atividades que alteram o espaço, as relações sociais, a dinâmica do cotidiano em diferentes lugares, assediando e destroçando lugares pela lógica do mundo mercadológico, conduzido sob a égide da globalização. Morador antigo da acanhada Matozinho, seu Nezinho Pacífico montou uma das primeiras funilarias da cidade, sendo que esse comércio era, há uns vinte anos, o sustento da família, porém:

> Os novos tempos, no entanto, não apareceram benfazejos para Nezinho. Credialistas pulularam por toda Matozinho vendendo um sem número de quinquilharias, a baixo custo, trazidas da China, com prazo quase que infinito. A Vila, de repente, montada no corcel da globalização, viu-se, pouco a pouco, embebida na cultura do descartável (VIEIRA, 2007, p.194-195).

O drama de Nezinho é causado pelo sistema sob o qual ele tem que se curvar. A sociabilidade capitalista coloca em xeque a reprodução da vida, as relações sociais, afetivas, o bem-estar social. Nitidamente há uma incompatibilidade entre o que o sistema propõe, suas regras, e a forma como a vida poderia acontecer em seu pleno desenvolvimento e emancipação humana.

Apesar das especificidades de cada processo, poderíamos, aqui no Brasil, mencionar as atrozes nuances ocasionadas pelas reverberações do protótipo europeu[43]. As transformações não atingiram estritamente as formas urbanas, mas os costumes, as relações cotidianas já estavam sendo vertiginosamente envenenadas. O processo de modernização entroniza uma lógica que desenraiza aquilo que é original, a um ponto de ridicularizar a essência do lugar, da cidade, sintomaticamente representado nessa longa, mas representativa passagem:

---

[43]O urbano da racionalidade do capital requeria a destruição das formas urbanas pretéritas não somente porque estas ocupavam o lugar destinado à modernização da circulação, mas em função das relações sociais cristalizadas na organização do espaço urbano, pois estas expressam modos de apropriação e uso inaceitáveis para as exigências impostas por novos modos de poder em afirmação na cidade. É neste sentido que a reforma urbanística do início do século consagra o padrão geométrico do planejamento urbano sem precedentes nesta "parte do mundo" (BARBOSA, 2012, p. 4).

> Os vestidos de chita e o chapéu de palha estariam com os dias contados. A doce linguagem cabocla se veria imersa em várias gírias de inúmeras tribos. A música dos sanfoneiros de pé-de-serra paulatinamente se iria considerando brega. A tapioca, o alúa, o pé-de-moleque, a broa, pouco a pouco, sob a influência de um mundo longínquo mas que se dizia civilizado, seriam substituídos por iguarias estranhas e esquisitas: pizza, iogurte, chilito, nissim miojo, Coca-Cola. A vila, dia após dia, passaria a não só absorver os novos costumes mas, também, a ter vergonha das suas memórias musical, gustativa, comportamental. O mundo estava prestes a virar de cabeça para baixo e aquele dia, cumplice do Vesúvio, mostrava-se para ser engolido pela lava da modernidade, como uma nova Pompéia (VIEIRA, 2007, p. 32).

Esse fragmento textual, extraído do texto "Véspera do Vesúvio", anuncia o objeto que seria o divisor de águas na história do povo matozense: a chegada da TV, um dos símbolos mais emblemáticos dos "novos tempos"! A televisão seria o meio de comunicação mais poderoso que a ingenuidade desse povo já conhecera. Eles nem poderiam conceber que a chegada de um "simples" aparelho poderia mudar significativamente a dinâmica de suas vidas. A "lava da modernidade" tinha atingido a temperatura máxima!

Esse exemplo nos remete a expansão do processo de modernização pelo mundo, sobretudo entendendo-o como algo não aleatório, mas metodicamente racionalizado. Pessoas, grupos, empresas, as autoridades governamentais, ou seja, o Estado são responsáveis por capitanear esse processo. Matozinho, por exemplo, não fugiu à regra. A articulação política do prefeito Sinderval Bandeira não deixou dúvidas sobre isso. Se na Grécia antiga os cidadãos se reuniam na ágora ateniense - praça pública - para discutir política, filosofia e] os rumos da vida comunitária, na praça de Matozinho, despoticamente, discursa, soberano, a autoridade máxima da cidade, o prefeito:

> Queridos matozenses, hoje esta cidade entra na era da tal de globalização. O mundo virá até nós, como se caísse em visgo de jaca. Aquela tela ali é um olho arregalado para todo mundo. Vai aparecer um desmazelo de gente e, do mesmo jeito, do outro lado eles vão poder ver o que nós estamos fazendo aqui na cidade e foi por isso mesmo que eu pedi pra todo mundo vir pronto, para eles, nas estranjas, não ficarem mangando de nóis. Matozinho tá na tal de mídia, minha gente! (VIEIRA, 2007, p. 32).

Essa é a mola propulsora para que "[...] tudo tende a desenraizar-se mercadorias, moeda e capital" (IANNI, 1993, p. 92). O velho Janjão Cataplasma que o diga: farmacêutico que se negava a aderir à indústria farmacêutica moderna, preferira utilizar seus conhecimentos rudimentares para cuidar do povo matozense. Acabou sofrendo as consequências:

> Quando começaram a aparecer os primeiros comprimidos comercializados pela indústria farmacêutica, Janjão fez severas críticas [...] O povo, por sua vez, já começou a ouvir anúncios de "Emulsão Scotch" no rádio e a ler no Almanaque Capivarol sobre as proezas do "Sal de Frutas Eno" (VIEIRA, 2007, p. 63).

O moderno se estabelece como globalidade, o estado moderno espraia-se sob uma ótica maciamente hegemônica, dominando o mercado mundial, capitaneado pela lógica da globalização, impondo-se e penetrando, mesmo à contragosto de populações, em diferentes espaços, aniquilando tradições e acentuando contradições e noções de dominação-subordinação (LEFEBVRE, 1991).

Os meios de comunicação foram (e até hoje os são) fundamentais para ratificar e propalar a política de expansão capitalista. A "mídia" em si é mercadoria, assim como é utilizada ideologicamente como ferramenta para elevar a mercadoria e, por conseguinte, o consumo ao patamar máximo. Não à toa que a classe dominante, a burguesia, tem o domínio das ondas do rádio, das linhas de transmissão de TV, e da impressa: jornais e revistas, ou seja, da "grande mídia", como se convencionou chamar os veículos de massa.

A incipiência desse processo, em Matozinho, hegemonicamente conduzido pela classe política, portanto dominante, já fora "pedra cantada"[44] por Marx e Engels (2014): "[...] com as comunicações infinitamente facilitadas, a burguesia arrasta para a civilização até as nações mais bárbaras. [...] Em uma palavra ela [a burguesia] cria um mundo segundo sua imagem e semelhança" (p. 37).

Em um capítulo a seguir, analisaremos como os meios de comunicação, sobretudo os principais jornais e revistas que eram impressos e circulavam na cidade do Crato-CE, foram responsáveis por impor uma narrativa persuasiva e impositiva de construção de um imaginário de cidade "moderna". Propagandas e manchetes, capciosamente, impunham uma "nova vida urbana". O urbano, aliás, era vocábulo freneticamente mencionado nas páginas desses periódicos. O mundo urbano era monumentalizado, praticamente sinônimo de paraíso. O cotidiano da cidade, ainda maciçamente marcado por laços de uma dinâmica de vida prosaica, era vertiginosamente alterado, subtraído de suas singularidades e traços mais ingênuos.

Em vez de mencionar jornais ou revistas, Zé Flávio, ironicamente, como já

---

[44] Quando a notícia da chegada da TV começou a se espalhar pela vila, todo mundo a recebeu com entusiasmo, porém, "Rui Pincel, o filósofo da vila, talvez tenha sido o único que cantou a pedra: - Meu povo, é maravilha demais para não ter preço nenhum! Vamos esperar um pouco que a esmola é muito grande para a cuia do cego!" (VIEIRA, 2007, p. 32).

observamos, aponta a chegada da TV como o principal veículo símbolo desse contexto, bem como principal porta-voz das mudanças na cidade. Não sabemos até que ponto o autor quis fazer uma crítica a todos os veículos de comunicação (sobretudo os jornais e revistas impressos) que foram fartamente utilizados para disseminar a ideologia do progresso, do desenvolvimento, das imposições em relação a adoção de novos modelos de comportamento social, etc. Isso nos remete a uma crítica mordaz tecida por Raymond Williams acerca da informação mercantilizada, monopolizada, ligadas a grupos com interesses econômicos. Leiamos:

> Vai ser bem difícil, mas não acredito que somos tão pouco inventivos que tenhamos apenas duas alternativas ruins: ou a continuação dessa mamata de mascates, nas quais as notícias e as opiniões estão inextricavelmente ligadas às barganhas do mercado, que trazem consigo a nova escravidão e prostituição da venda de personalidades; ou então um sistema mesquinho, monolítico e controlado no qual as notícias e opiniões são um presente do partido no poder. Deveríamos estar pensando agora em maneiras de arcar com nossos serviços e, ao mesmo tempo, os protegesse, e a nós também, da dominação de uma minoria se nós realmente acreditamos em democracia (WILLIAMS, 2015, p. 26-27).

Esses jornais e revistas eram escritos e financiados por membros de uma classe social-política que tutelava os meios de comunicação, intelectuais e/ou membros da política. Um dos jornais, ainda no século XIX, que emblematicamente representa essa situação é *O Araripe* (1855 – 1864), "[...] jornal liberal de grande notoriedade, redigido e publicado pelo político e jornalista João Brígido dos Santos"[45]. Na visão de Irineu Pinheiro, médico e membro-fundador do ICC, "Os jornais, segundo Brígido, ofereciam solo fértil para o processo de conquista e colonização do território e formação da sociedade cearense, parceiros alternativos para as lutas eleitorias (ALVES *apud* PINHEIRO, 2010, p. 17).

A condição do povo diante da ideologização midiática, da veiculação de notícias filtradas e veiculadas no intento de colar um ideário de cidade civilizada a uma cidade que atravessava por vários problemas sociais, pode ser ilustrada por meio de uma passagem ainda extraída do episódio que retrata a inauguração da tevê, na praça de Matozinho: "[...] religiosamente [o povo], demostrou aquele que seria o último ato da

---

[45] ALVES, Maria Daniele. DESEJOS DE CIVILIZAÇÃO: REPRESENTAÇÕES LIBERAIS NO JORNAL O ARARIPE (1855-1864). / Maria Daniele Alves. – Fortaleza (CE), 2010. Dissertação (Mestrado), - Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Acadêmico em História e Culturas – MAHIS, Fortaleza CE, 2010. Orientação: Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa.

inocência que, a partir daquele momento, começaria a esfumar-se. Ante o aviso do aparecimento da imagem, eles, piedosamente, se ajoelharam" (VIEIRA, 2007, p.33). Essa "guerra" só estava começando! Vamos adentrar às suas trincheiras, ou melhor, às suas veredas.

### *1.3.2 A geografia (que serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra[46]) da guerra de matozinho*

Matozinho Vai à Guerra é o título de uma conto e, dessa forma, dá nome ao livro. Esse texto, em específico, não poderia ser mais emblemático para expressar a crítica que Zé Flávio faz à Modernidade. A essa passagem atribuiremos uma leitura que permita conservar a singularidade do texto em si, mas ao mesmo tempo entendendo-o como partícipe do valor integral da obra. Não quero analisar essa história como o "mais importante" de todos pelo fato de intitular o livro, mas não à toa lhe foi atribuído essa condição. Pode parecer uma visão pretensiosa e até empobrecedora dizer que o texto Matozinho Vai à Guerra é uma espécie de "miniatura do livro", como se o lendo o leitor fosse entender a essência de todas as outras histórias que compõe a obra, como se todas as outras histórias orbitassem e/ou fossem "submissas" a esta.

Os escritos que preambulam Matozinho, realizado por Batista de Lima, expressam que "Ele [Zé Flávio] vai contando as histórias da cidade, mantendo um fio condutor entre cada uma [...]" (VIEIRA, 2007, p. 11). Para além da estruturação literária, vamos a alguns pontos essenciais desse texto que, literalmente, quase divide o livro ao meio, se encontrando na página 111 das 218 que compõem o texto integral. Mera coincidência, ou queria Zé Flávio dizer algo?

Em primeiro lugar, a palavra guerra não está estampada à toa no título da história central do livro. Essa guerra, entendemos, é a guerra do mundo moderno refletida no cotidiano. Uma guerra que tem a cidade como condição essencial, a guerra que refrata estilhaços cruéis de um modo de produção que diariamente ceifa vidas, uma guerra que

---

[46] Menção ao famoso livro "A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra" (1988), do geógrafo francês Yves Lacoste. LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** São Paulo: Editora Papirus, tradução de Maria Cecília França, 1988.

os soldados de frente são essencialmente formados pela classe trabalhadora, a guerra que sempre coloca o trabalhador contra o trabalhador, a guerra que sempre protege quem expropria e condena quem produz a riqueza, a guerra que não mata apenas com bala, mas com armas invisíveis: os veículos de massa propalando o culto à mercadoria, ao consumo, que diariamente assaltam nossas casas por meio de propagandas. A esse respeito, será fundamental as contribuições de Lefebvre (1999), Harvey (2011, 2015) e Kurz (2015). Este último, em "*Poder mundial e dinheiro mundial: Cronicas do capitalismo em declínio" (2015),* nos mostra como:

> A situação atual do mundo está fortemente determinada por dois fenômenos: de um lado, pelas guerras de ordenamento mundial e ações policiais globais do Ocidente sob a liderança dos Estados Unidos, de outro, por numerosos movimentos migratórios em escala mundial sem precedentes. [...] A guerra, como se dizia na antiguidade, é o "pai" de todas as coisas. No entanto, a guerra não é uma constante antropológica, mas depende das estruturas sociais e de suas contradições. As atuais guerras de ordenamento mundial não podem ser explicadas por um principio trans-histórico, como, por exemplo, através de uma "essência humana" supostamente guerreira, mas por meio de uma análise concreta do desenvolvimento social global que produziu esse novo e específico tipo de guerra (KURZ, 2015, p. 53).

O momento ápice da história, o clímax, se dá quando Zé Capivara, o sujeito mais linguarudo de Matozinho, chega à praça matriz da cidadezinha, anunciando, atarantado, o que acabara de ver na única TV da cidade, instalada na casa do Coronel Serapião Garrido[47]:

> Vi com esses dois olhos que a terra há de comer! Uns turcos, lá nos Estados Unidos, pegaram uns aviões e arrebentaram os bicho em cima de uns prédios enormes. Parecia até rolinha encandeada, batendo em parede de oitão. Os teco-tecos entraram nos edifícios molinho, molinho, como faca quando entra em bolo de milho. Aí foi labareda, numa coivara de não acabar mais! Uma broca de não ter mais fim, polícia tomando de conta dos aceiros e gente morta, frita, pra tudo quanto é lado. Estão dizendo que os culpados são uns turcos dum tal de Afeganistão e só falam numa tal de Hosana Abilolada que parece que foi quem empreitou a emboscada. Eita mulherzinha mais destemperada! (VIEIRA, 2007, p. 111).

Esse fragmento é o mote para uma série de questões nevrálgicas à nossa perscrutação. Vamos a algumas delas! Como já foi enfatizado, o cotidiano da cidade já está visivelmente concatenado ao mundo, pelo cordão umbilical da TV, no entanto, agora, o olhar meticuloso do narrador observador faz questão de enfatizar que "[...] o assunto

[47] Detalhe, se fosse em outra TV a coisa até poderia ser mentira, mas é a TV do Coronel Serapião Garrido.

[referente ao atentado], num átimo, virou manchete de primeira página [...]" (Vieira, 2007, p.111)[48].

Essa ligação com o "mundo", mediatizada pelos veículos de comunicação, gera desinformação, alienação, preconceito e medo em demasia. Zé Flávio, mais uma vez, está nos alertando que os signos da modernidade são entronizados sob às ordens da força política, ressalta que a Câmara, em um episódio hilário, votou e aprovou uma "Declaração de Guerra de Matozinho", direcionada ao Afeganistão. Essa visão rastaquera e maniqueísta, certamente engravidada pela mídia, ceifa as demais possibilidades de intepretação sobre um fato histórico tão complexo e controverso.

Refletindo sobre a constituição da cidade ocidental moderna, Henri Lefebvre, mais do que simplesmente se referir a conflitos estritos no interior da urbe, causados por fatos isolados, afirma que os conflitos que se estabelecem no mundo ocidental moderno são causados por fatores de ordem histórica, sendo o Estado o principal mandatário nesse processo. Afirma o filósofo francês que as "[...] sociedades ocidentais, que já têm por condição inicial a não estabilidade, o nomadismo e a migração, são por isto destinadas à agressividade. A guerra é a grande tarefa coletiva, o grande trabalho comuns exigidos [pelo Estado]" (LEFEBVRE, 1999, p.92). Kurz (2015), também estabelece uma relação entre as novas guerras de ordenação territorial e o contexto migracional. A passagem abaixo, o que tem de extensão tem de importância:

> As novas guerras de ordenamento mundial pertencem elas próprias ao contexto de migrações em massa. Não se trata de uma guerra imperial clássica entre os poderes capitalistas hegemônicos como na primeira metade do século XX, e nem das guerras regionais-mundiais feitas por procuração pelos Estados dependentes das duas superpotências na segunda metade do século XX. [...] Em primeiro lugar, o capital transnacional total depende do "oásis" de rentabilidade dispersos pelo globo e relativamente adensados na União Europeia e nos Estados Unidos. [...] Em segundo lugar, toda a produção do "oásis" depende, ao mesmo tempo, direta e indiretamente do superpoder político e econômico dos Estados Unidos. [...] essa construção é muito é economicamente muito instável, porque a mera superioridade militar não pode compensar o défic externo por muito tempo, do qual, porém, o restante do mundo depende. Em segundo lugar, provoca crises e colapsos crescentes no mundo do capital globalizado e que geram irracionais potenciais de ódio e barbárie que colocam em questão a capacidade de controle da máquina militar estanudidense, até o ponto de ocorrerem ataques retorristas em seu próprio território (11 de setembro de 2001) (KURZ, 2015, p. 63-64).

[48] Além do papel da televisão, já mencionado anteriormente, essa passagem nos possibilita perceber uma sutil alusão sobre a atuação dos periódicos (sobretudo jornais e revistas impressos) que eram produzidos e circulavam na cidade do Crato-CE.

Retomando Lefebvre, percebemos que a cidade não é mero amontoado de casas, mas base fundamental à organização da vida civil e militar. O autor tece um panorama cujo objetivo estratégico parece ser estabelecer uma "cultura de guerra":

> A natureza se prolonga no interior dessa sociedade, numa luta permanente pela vida. A sociedade se organiza primeiro militarmente, e não administrativamente, como no Oriente. As guerras terão uma ação seletiva. Elas têm lugar entre as cidades. [...] A base dessa organização militar é a cidade. No quadro urbano, os vínculos tribais se perpetuam, transformando-se. A propriedade privada se separa da propriedade comunal, quando a comuna urbana se erige em Estado (LEFEBVRE, p. 93).

Quando Zé Flávio se refere ao atentado de 11 setembro, é um fato histórico que não diz respeito a um acidente de percurso (como podemos demostrar com base em uma exposição de Kurz (2015), mas um acontecimento que vem sendo engravidado historicamente. As cidade são sempre as bases (intelectuais e físicas) desse estado permanente de guerra, de tensão. Podemos perceber a gestação desse processo desde a formação dos Exércitos modernos, braço armado do Estado absolutista. Harvey, em "*O Enigma do Capital (2011)*", afirma: "As guerras entre os Estados na geografia histórica do capitalismo têm sido episódios retumbantes de "destruição criativa"[49]. A reconstrução após as guerras absorve o excedente de capital e mão de obra [...]" (2011, p. 164).

Mas, afinal, essa guerra será apenas a guerra entre o bem e o mal? Uma guerra entre a tradição e a modernidade? Matozinho foi à guerra, ou terá sido que a guerra veio até Matozinho? Esse ir-e-vir conflituoso nos causa a impressão do inverso do título dessa história: "Matozinho Vai à Guerra", nos deixando com a "[...] certeza de que a guerra já havia chegado em Matozinho" (VIEIRA, 2007, p. 111). É reducionista a visão que pretende fixar o dualismo: moderno x arcaico. Essa questão, na maioria das vezes, soa como uma queda de braço onde a modernidade representa o progresso, o avanço; e a tradição é tida como sinônimo de tudo aquilo que é velho, obsoleto, que já se puiu ante a implacabilidade.

Na visão de Oliveira (2013), em sua obra "*Crítica à Razão Dualista/ O*

[49] Expressão que David Harvey utiliza com frequência, para designar a ação do capital sobre as várias áreas da Terra, sempre justificando diferentes formas de movimentar dinheiro. A guerra, por exemplo, é uma forma de destruir as cidades "criativamente", pois é justamente no soerguimento das ruinas da urbe que o excedente de capital e mão de obra são consumidos.

*Ornitorrinco*[50]*”*, na qual desenvolve uma discussão crítica sobre “[...] o conceito de subdesenvolvimento como uma formação histórico econômico singular, consituido polarmente [atrasado x moderno; fruto da relação centro-periferia], o autor defende que:

> [...] esse tipo de dualidade é encontrável não apenas em quase todos os sistemas, como em quase todos os períodos. Por outro lado, a oposição na maioria dos casos é tão-somente formal: de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’, se se quer manter a terminologia (OLIVEIRA, 2003, p. 32).

Essas contradições só podem ser entendidas considerando as contradições imanentes ao desenvolvimento (marcadamente desigual) do modo de produção capitalista. Entretanto, a história, nos acordes do discurso moderno e pós-moderno, é reduzida a mero pano de fundo, quiçá nem a isso. O tempo é meramente evolutivo, uma corrente que se desenrola sem progressões e regressões, uma perspectiva onde o passado é deslegitimado. Sabemos que a vida histórico-geográfica se estabelece a partir de uma incessante retroalimentação entre passado e presente, que os acontecimentos presentes estão prenhes de momentos já deflagrados no curso da História, que continuam a estilhaçar fragmentos cheios de vida, de contradições, de reviravoltas interpretativas. Nesse sentido, a visão crítica de Harvey, fundamentada em Marx e Saint-Simon, na contramão do discurso da modernidade, sustenta que “[...] nenhuma ordem social pode conseguir mudanças, que já não estejam latentes dentro de sua condição existente” (HARVEY, 2015, p.11).

Dessa forma, a arrogância do discurso implantado pela modernidade, tenta, presunçosamente, sobrepor-se a tudo aquilo que não se alinha à sua ideologia. Entretanto, o poder do seu discurso é tamanho que o tal “rolo compressor” é legitimado. É como se na prática não houvesse resistência, nenhum eco reverberasse à contrapelo, como se punhos contestatórios não mais se erguessem ao revés do seu discurso vertical. O discurso ideológico da modernidade, tenta, sapientemente, se impor como única possibilidade e condição para existência humana, dessa forma, “[...] a modernidade sempre diz respeito à “destruição criativa”, quer do tipo pacífico e democrático, quer do tipo revolucionário, traumático e autoritário” (HARVEY, 2015, p. 11).

---

[50] Reeditado pela Boitempo trinta anos depois, somam-se a este texto o famoso ensaio "O ornitorrinco", também de autoria de Francisco de Oliveira.

Até aqui já foram levantados alguns pontos sobre as transformações sócio-espaciais que ocorreram/ocorrem na cidade do Crato-CE, mas isso ficou circunscrito às representações do texto "Matozinho Vai à Guerra" e algumas outras esparsas passagens. Entretanto, essa crítica permeia todo o fio narrativo do livro, inclusive já nos elementos Pré-textuais. Mais cautelosamente, nas páginas vindouras, pretendemos analisar como se estabeleceu essa "destruição criativa", ou seja, como a "geografia do capital", cirurgicamente, afeta o cotidiano da urbe cratense dentro do nosso recorte espaço-temporal?

### *1.3.3 Das "Veredas de Matozinho" às "Delicadas Tramas"*

"O primeiro, trançado com os diáfanos fios da poesia; o intermediário, bordado com a emaranhada e irregular seda da ficção; o último, por fim, tecido com a sinuosa e delicada linha da reflexão" (VIEIRA, 2013, p.11). É assim que o próprio autor define a composição de "A Delicada Trama do Labirinto". Mais precisamente, o livro está assim compartimentado: "A Delicada" (41 crônicas); "Trama" (50 crônicas); e "Do Labirinto" (38 crônicas), enfeixando um total de 129 textos/crônicas, distribuídos ao longo de suas 340 páginas.

Curioso é perceber que "A Delicada Trama do Labirinto" não significa propriamente um nome de uma cidade, mas uma metáfora criada para expressar a dimensão espaço-tempo da cidade engendrada pela sociedade moderna. As histórias, narradas em 3º pessoa mostram que "Dos cenários que vão se construindo ao longo do livro, o Crato é o mais constante", como afirma Batista de Lima, em seu caderno no Diário do Nordeste, 24.09.2013.

A cidade está presente no início, meio e fim do livro, podendo ser percebida não necessariamente nessa ordem! Antes que o leitor pergunte se a "divisão" do livro em três grandes blocos de textos-crônicas compromete a leitura e/ou a sua estrutura narrativa, o autor, logo nos elementos introitos, trata de explicar isso:

> Cada um desses monogramas divide-se num sem número de outros desenhos, que se interceptam aqui e ali e formam, isolados ou no conjunto, outras múltiplas figuras e ornatos. Como num caleidoscópio, serão lidos diferentemente pelos olhos de lince de quem com eles se deparar. Armadilha pronta, esticada, postamo-nos à espera de que o leitor avisado ou desavisado caia nas suas malhas, enleie-se no seu visgo. Enredado, poderá, quem sabe, usar os fios para urdir seus próprios e infinitos dédalos ou puxar a pontinha da

> linha para desafazer todo o arabesco, antecipando-se, assim, à inexorabilidade do tempo, no seu obstinado trabalho de desconstrução (VIEIRA, 2011, p.11).

A imagem central trabalhada em A Delicada Trama do Labirinto é, sem dúvida, a da cidade labiríntica. A cidade labiríntica, imagem recorrente na obra do filósofo alemão Walter Benjamim, representa a perda dos referenciais urbanos, do centro, da identidade do sujeito, da memória. O ditado de que não se deve ler uma livro pela capa não se aplica aqui. Escancaradamente, "A capa é uma iluminura que já apresenta na estrutura de superfície do livro, os contornos de seu interior", ressalta Batista de Lima, 2013).

A imagem, uma produção do virtuoso artista plástico Reginaldo Farias, que também desenvolveu a capa, o projeto gráfico e as ilustrações de Matozinho Vai à Guerra, na verdade, consiste em um labirinto constituído por um emaranhado de pontinhos que causa uma sensação de tontura caso o leitor fixe o olhar no cento da imagem! Vejamos, abaixo!

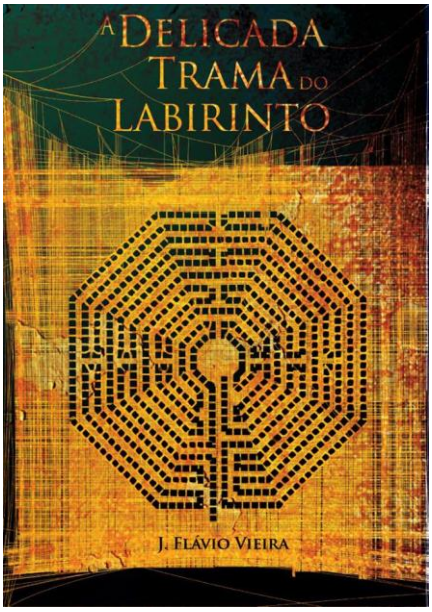


**Figura 3 – Capa do livro A Delicada Trama do Labirinto (2013). Fonte: Blog Simbora pra Matozinho[51].**

Prossigamos sobre essa discussão. O tema do Labirinto existe desde a antiguidade greco-romana. Essa concepção, é pertinente enfatizar, já estava associada a lugares, à cidade, enfim, a dimensão espaço-tempo, como percebemos em uma alusão feita "[...] ao palácio do lendário rei Minos, como um edifício de planta complexa onde vivia o

[51] Disponível em: http://simborapramatozinho.blogspot.com.br/?spref=fb . Acesso em ago. 2016.

Minotauro. Passou [...] à posteridade [...] para designar um emaranhado de caminhos, de compartimentos, ou uma situação complexa". (FERREIRA, 1996, p. 309).

Apesar de Benjamin associar fundamentalmente a imagem do labirinto à cidade moderna, ele não olvida de enfatiza que essa concepção, tem sua raiz nas sociedades antigas, afirmando: "A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto". (1989, p.162). Como é sabido, a cidade surge antes da efetivação do modo de produção capitalista, entretanto, cabe ressaltar que sob a égide dessa nova forma de des/organização econômico-social, a urbe é radicalmente afetada.

Ou seja, a produção do espaço e, portanto, da cidade, carrega a marca da mercadoria, do valor de troca imperando sobre o valor de uso. A própria cidade passa a ser um objeto mercantil. Isso a leva a um nível de complexificação de sua própria estrutura material/física, mas sem esquecer que a mesma ainda é obra, é produção essencialmente humana, como já expressamos em alguma passagem anterior.

Com isso, na modernidade, o sentido da alegoria "cidade labiríntica" ganha uma dimensão ainda mais complexa. A própria composição do livro aqui em tese, como o autor explica em seus elementos pré-textuais, reflete a estrutura de uma cidade que perde a referência do centro, mostra uma Crato-CE já atravessada de ruas, praças, esquinas, quarteirões. Como percebemos em passagem emblemática: "[...] de repente, a ruazinha se tornou central. O que se fazia às escondidas começou a ter muitas testemunhas, a cidade terminou por engolir a vielazinha." (VIEIRA, 2013, p. 79).

A fragilidade da vida no mundo moderno, o volátil, o passageiro, a incerteza, a imprecisão, o estado de "errância" no qual se (des)encontra o Homem moderno são aspectos cirurgicamente tratados pelo autor. O labirinto, contraditoriamente, parece apresentar duas facetas: a primeira; uma estrutura robusta, uma armadilha, um constructo aparentemente invencível pelo homem; entretanto, por um outro lado, pode ser desvelado, desmontado, vir à baixo em um átimo, tal como um trabalho de crochê em construção.

Metáfora essa utilizada já na primeira parte do livro – alcunhada "A Delicada" - na crônica de abertura (Lã). Nesse texto, Zé Flávio explicita a sua compreensão acerca da produção das bases materiais e imateriais do mundo moderno a partir de uma "estorinha" aparentemente ingênua: um demorado trabalho de crochê feito pela vovó é, de repente, desfeito em questões de segundos pelo seu netinho. Logo na primeira crônica é estabelecido uma quebra, uma tensão: quem esperar pela construção material de uma cidade (Crato-CE) a partir de seu alicerce, digamos assim, "quebrará a cara" antes mesmo

do leitor-viajante se deparar com a tradicional saudação: “Seja bem-vindo”.

O processo de modernização, sorrateiramente, como o engatinhar do netinho, propõe que o velho seja desfeito e substituído pelo novo. Porém, Zé Flávio faz questão de ressaltar que: “O novo é sempre tecido pelas mãos do velho. [...] A obra do homem [a cidade], por mais linda e promissora que seja tecida com inspiração e transpiração, árdua demoradamente, se desmonta num fugaz instante (VIEIRA, 2013, p. 17).

A ideologia da modernização prega uma “nova” cidade, novos traços de uma arquitetura começam a sobrepor as antigas construções, que agora deram lugar a “novas” estruturas, ao desejo de um planejamento urbano que coagiu a cidade a aceitar uma nova estética à imagem e semelhança do capital, emergindo, assim, uma “nova” dimensão e dinâmica urbana.

Esteado em histórias do povo, da vida cotidiana, o autor mostra o impacto, o desespero do Homem que vive na era moderna, que a contragosto do seu desejo de realização plena, de emancipação humana, vê-se um peixe fora d`água, desenraizado de seu lugar, costumes, hábitos que fundamentavam a sua experiência. Essa longa e representativa citação ilustra bem o desespero, o sentimento de vazio, de “errância”. Seu Felinto:

> Lembrou-se do Crato, procurou-o Vila a fora e simplesmente não mais o encontrou. Onde estava encantada a cidade mágica que conhecera algumas década atrás? As casas coladinhas umas nas outras, aconchegadamente, sem muros, quem imaginaria se transformariam nos presídios de segurança máxima da atualidade? Os vizinhos eram quase familiares que moravam num outro quarto da casa. Estavam sempre próximos e haviam uma contínua troca de pequenos favores de lado a lado. A televisão e o rádio de algum morador mais abastado eram objetos de uso comunitário. Claro que as fofocas pululavam na vilazinha de muro baixo, mas nada se compara à frieza e à indiferença dos dias atuais. As calçadas era uma extensão da casa, uma espécie de Centro de convenções da família, ainda não tinham sido açambarcadas pelas ruas, pelos postes, pelas placas de propaganda. As ruas, então muitas ainda sem calçamento, faziam-se o playground das crianças, o parque de diversão da molecada: o palco do pião, da bila, da bandeira, do chicote queimado, do pega, da bola. Não haviam ainda sido invadidas pelo carro e pela moto. Os cinemas, cujo escurinho fora cúmplice de namoricos e apalpadelas, haviam fechados as portas. Os clubes sociais sobreviviam às custas de bandas de forró com sua apologia única e repetitiva à cachaça e à raparigagem. Naquele dia chegara à conclusão aterrorizante e definitiva: já não moro mais no Crato! (VIEIRA, 2013, p. 47-48).

Percebe-se que as transformações pelas quais passaram a cidade ao longo do tempo afeta a vida dos seus habitantes. A cidade parece não mais ser experimentada, o habitante é destituído dessa capacidade, ou seja, o sujeito não pode mais acessar

integralmente a sua própria criação. Isso, no pensamento de Benjamim (1989) pode ser entendido como a supressão da experiência (Erfahrung) pela entronização da vivência (Erlebnis). A incapacidade de reconhecer o próprio lugar, o outro e a si mesmo é uma nítida condição que permeia o Homem moderno: a impossibilidade da experiência, traduzido em citação acima: "se compara a frieza e à indiferença dos dias atuais".

A cidade, lugar de origem de muitos habitantes que até hoje nela reside, torna-se objeto irreconhecível, repulsivo, gerando, aliás, a perda da memória, tal como aconteceu como seu Felinto - não é dispendioso retomar o início de uma passagem supracitada: "Lembrou-se do Crato, procurou-o Vila a fora e simplesmente não mais o encontrou. Onde estava encantada a cidade mágica que conhecera algumas década atrás?". Felinto revela não apenas um estado de isolamento individual, pois sua condição está ligada "A prática sócio-espacial [individual-coletiva] na cidade [que] vai realizar/revelar as fragmentações da vida [dos indivíduos] e da cidade" (CARLOS, 2011, p.25).

Em várias outras passagens de "A Delicada Trama do Labirinto" estórias e sujeitos são apresentados nessa condição, tal como o sentimento de estranhamento, de repulsa com o qual "Marreco condenava a vida modernosa com um mal disfarçado ar de tenra saudade. Ainda menino, no início dos "dourados" anos 50, açoitado pela seca, chegado do interior, encontrou na pequena viela seu mundo. (VIEIRA, 2013, p.78).

Perdidos nas delicadas tramas do labirinto urbano, "Felinto" e "Merreco", a exemplo de tantos outros casos refletidos ao longo dos escritos de Zé Flávio, representam sujeitos que vivem na penumbra da experiência urbana moderna. Ele o faz, como já constatou Batista de Lima: "Montado nessas sabenças dos livros e nas experiências no contato com o povão com quem lida [...]" (2013).

Zé Flávio sempre recorre àqueles que procuraram se posicionar criticamente à modernidade. Tanto em a "Delicada Trama do Labirinto" quanto em "Matozinho Vai à Guerra" são feitas menções a nomes como de Ítalo Calvino; Charles Baudelaire; T.S Eliot; Hilda Hilst; Cecília Meireles; Marcus Accioly, Eduardo Galeano, entre outros indiretamente. Por exemplo, "O Estrangeiro"[52], de Charles Baudelaire, está "perdido" nos labirintos do mundo moderno:

> - Quem é que mais amas, homem enigmático, diz: teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

[52] Poema extraído do livro "O Esplim de Paris: pequenos poemas em prosa" (2010).

> - Não tenho nem pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.
>
> - Teus amigos?
>
> - Vós vos servis de uma palavra cujo significado até hoje eu desconheço.
>
> - Tua pátria?
>
> - Ignoro em que latitude ela está situada.
>
> - A beleza?
>
> - Amá-la-ia com muito gosto, deusa e imortal.
>
> - O ouro?
>
> - Odeio-o como vós odiais Deus.
>
> - O que amas então, extraordinário estrangeiro, hein?
>
> - Amo as nuvens... as nuvens que passam lá... lá no alto... maravilhosas nuvens! (BAUDELAIRE, 2010, p. 21).

Percebemos um total estado de insatisfação do personagem com a realidade vigente em seu tempo. Entretanto, ele não demostra estar revestido de pessimismo ou acomodação. As indagações feitas ao "estrangeiro" são sempre contrapostas de maneira a vislumbrar uma nova realidade: "- Amo as nuvens... as nuvens que passam lá... lá no alto... maravilhosas nuvens".

Esse desfecho não é meramente contemplativo ou fantasioso, mas pressupõe a realidade enquanto devir, mesmo ela estando aparentemente distante enquanto "nuvens", mas nunca considerando-a inalcançável, pois se a realidade é feita pelos homens cabe aos homens transformá-la. Essa "identificação" com as nuvens sob o prisma aparente do "belo natural", como defende Feuerbach, nada tem a ver com o que quer expressar o poema (MARX, 2004)[53].

O olhar do homem, nesse sentido, está literalmente contaminado por uma visão construída socialmente, irreversivelmente contrastando com as acepções naturais: a lua, as estrelas, as árvores. Nesse sentido, cai como uma luva o que já afirmou Celso Frederico (2013): "A arte não é observação desinteressada das estrelas vagando pelo firmamento e nem contemplando deslumbrada da essência humana em toda parte vista e reconhecida

---

[53] "O olho se converteu em olho humano, do mesmo modo que seu objeto se converteu em um objeto social, humano, que provém do homem para o homem. Os sentidos se fizeram, portanto, teóricos em uma práxis imediata [...]. É evidente que o olho humano tem outra forma de desfrutar que o olho bruto, inumano; o mesmo vale para o ouvido etc. Um homem que está morrendo de fome não vê na comida a forma humana, mas só abstratamente um alimento [...]. Um homem necessitado, como preocupações, permanece insensível ante o espetáculo mais belo; o comerciante de minerais percebe somente o valor mercantil, mas não a beleza e natureza peculiar do mineral, carece de sensibilidade mineralógica". (MARX, 2004. p. 110).

pelo olhar amoroso de um homem eternamente apaixonado.” (p.53).

Ainda nessa tessitura, outro poema de Baudelaire é pertinentemente questionador e perturbador. Nas entranhas da urbe labiríntica moderna, o personagem questiona a sua própria alma sobre em qual cidade ela gostaria de habitar, vejamos:

> [...] o que pensas habitarmos Lisboa? [...] Aquela cidade fica à beira do mar; dizem que é construída de mármore, e que o povo de lá tem tanto ódio pelo vegetal, que arranca todas as árvores. Eis uma paisagem feita com a luz e a pedra, e o líquido para refleti-las!” [...] “Já que gostas tanto de repousar, contemplando o movimento, queres ir morar na Holanda, aquela terra de beatitude”. [...]. “Batávia sorrir-te-ía, talvez, mais?” [...] “O negócio está feio, pobre alma! Faremos as malas para Torneó”. [...] Enfim, minha alma se manifesta explosiva e sábia, gritando: “Não importa onde! Não importa onde! Tomara que seja fora deste mundo”! (BAUDELAIRE, 2010, p. 123)

“Tomara que seja fora deste mundo”, das amarras labirínticas deste mundo. “Fora”, aqui, não é no sentido de uma fuga da realidade, do subterfúgio, do distanciamento dos problemas, do acovardamento (características dos que são afeitos à pós-modernidade). Por mais que a cidade labiríntica moderna seja tecida sob a égide das forças do capital, também é construída cotidianamente pelos seus habitantes, portanto, esse labirinto pode ser de vida e de morte.

As duas epígrafes[54] que encetam “A Delicada Trama do Labirinto” substanciam emblematicamente essas ideias, assim como todas as histórias que compõe o livro:

> Traça a reta e a curva,
>
> a quebrada e a sinuosa
>
> Tudo é preciso. De tudo viverás.
>
> Cuida com exatidão da perpendicular
>
> E das paralelas perfeitas.
>
> Com apurado rigor.
>
> Sem esquadro, sem nível, sem fio de prumo,
>
> traçarás perspectivas, projetarás estruturas.
>
> Número, ritmo, distância, dimensão.
>
> Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória.
>
> Construirás os labirintos impermanentes

[54] Zé Flávio utilizou apenas fragmentos dos poemas, entretanto, no sentido de formular um entendimento “integral” dos textos, optamos por trazê-los integralmente.

> Que sucessivamente habitarás.
>
> Todos os dias estarás refazendo o teu desenho.
>
> Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida.
>
> E nem para o teu sepulcro terás a medida certa.
>
> Somos sempre um pouco menos do que pensávamos.
>
> Raramente, um pouco mais (MEIRELES, 2001).

A autora não entende a realidade enquanto algo fadado, e a parte citada por Zé Flávio representa a essência dessa ideia: "Construirás os labirintos impermanentes que sucessivamente habitarás." Os sentidos humanos que produzem e dão significados à cidade: "Tens os teus olhos, o teu pulso, a tua memória", revelam a dimensão real/concreta da cidade enquanto obra humana, pois é no habitar onde se engendram as várias possibilidades de formas de vida, questionando padrões sociais impostos pela mercadoria, pelo valor de troca. Dessa forma, é nessa condição que a obra transcende a produção e desvela-se enquanto memória, referências, tempo de uso (CARLOS, 2012).

Essa dimensão também fica evidente quanto Zé Flávio expõe o poema intitulado "Poemeto do Tecelão ou A Canção Tecida[55]", do poeta pernambucano Marcus Aciolly[56]. É extenso, mas sintomático à discussão:

> Tece tece, tece, tece,
>
> Bem tecida essa canção,
>
> Um a um, fio por fio,

---

[55] "[...] Em primeiro lugar, recordemos a Canção dos tecelões, esse audacioso brado de luta em que nem mesmo se menciona o lar, a fábrica ou a região, mas no qual o proletariado declara, desde o princípio, com surpreendente clareza, sem cerimônias, incisiva e vigorosamente, que se opõe à sociedade da propriedade privada. Acontece que com a rebelião da Silésia se inicia onde os levantes operários franceses e ingleses terminam, isto é, com o fato de que se toma consciência da essência do proletariado". (MARX, 2010, p. 68.). Essa passagem faz parte de um artigo intitulado, "Glosas críticas marginais" ao artigo "O rei da Prússia e a reforma social". De um prussiano. Na Silésia, uma província alemã, em junho de 1844, emerge uma notória reinvindicação dos trabalhadores do campo da tecelagem contra as péssimas condições de trabalho e os baixos salários. A repercussão desse ocorrido extrapolou os muros germânicos, repercutindo também no exterior como o primeiro grande ato político do proletariado alemão. Entretanto, o referido "prussiano", que tinha como nome verdadeiro Arnold Ruge, afirmava que esse fato não passava de um mero motim local, pois em sua visão os trabalhadores alemães eram despolitizados, não tendo capacidade de entender a situação. Marx, como vimos na citação acima, desconstrói a sua visão, e ainda acrescenta, "[...] se o "Prussiano" adotasse um ponto de vista correto, veria que nenhuma das instituições operárias francesas e inglesas teve um caráter tão teórico e consciente como o que assumiu a insurreição dos tecelões da Silésia. (MARX, 2010, p. 68.).

[56] Faleceu em 2017, deixando quinze livros publicados através dos quais angariou vários prêmios e um notório reconhecimento.

Como faz o tecelão
Que fabrica o seu tecido
De cambraia-de-algodão.
Prende os fios coloridos
No labor da tua mãos,
Tece, tece, tece, tece,
Bem tecida essa canção,
Com carinho, com cuidado,
Com silêncio e solidão.
Tece, tece, que tecendo
Cresce, cresce a fiação,
Urde as formas das estampas,
Firma as cores do padrão,
Roda a roda, tece, tece,
Bem tecida essa canção.
Noite e noite, sempre e sempre,
Nunca inútil, nunca em vão,
Dia a dia te aproximas
Mais e mais da perfeição.
Não te falte uma esperança
Nem te falte uma razão
Que tecida por ti mesmo
Faz nascer essa canção.
Tece, tece, muito e muito,
Por dever e obrigação,
(Pois tecer é teu ofício
De poeta e tecelão).
Tece como se tecesses
Tua morte ou redenção,
Com amor e sacrifício,
Rapidez e lentidão,
Muito embora ninguém saiba
Que teceste esta canção
Com os fios do teu pranto
No tear do coração (ACCYOLI, 1967, p. 7-9).

A cidade, como já abundantemente ressaltamos, é constructo humano-social. Esse labirinto moderno é tecido pelas mãos do povo, dos trabalhadores, dos seus próprios habitantes, dos operários (no poema acima representado pela figura do tecelão) que labutam nas fábricas. Esses, na realidade, são aqueles que produzem a riqueza, mas são expropriados pela burguesia. No sistema capitalista, o trabalhador é obrigado a vender a sua força de trabalho, só assim ele conseguirá meios materiais para viver.

Nesse sentido, ao passo em que o homem produz a realidade a partir do trabalho ele também produz-se, autotransforma-se: "Tece como se tecesses, Tua morte ou redenção". Ou seja, o trabalho não é uma mera ação sobre um plano natural. Essa ideia de morte e de redenção (aqui "traduzimos" para libertação) consiste na possibilidade da realidade enquanto perspectiva, porque ao produzir a cidade, tal como tudo aquilo que envolve a transformação da natureza, o homem adquire consciência de humanidade que a própria vida coletiva na cidade revela.

Em "A Delicada Trama do Labirinto" Zé Flávio não se restringe a mencionar passivamente as transformações sócio-espaciais na cidade do Crato-CE, mas criticar veementemente a sobreposição das reformas urbanas, e sobretudo como isso afetou as relações cotidianas sociais dos habitantes da cidade, não apenas vitimando-os.

A "experiência modernidade", a qual denominou Berman, "[...] atravessam todas as fronteiras de geografia e de etnias, de classe e nacionalidade, [...] Mas é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade [...]." (BERMAN, 1986, p. 14), condição social talvez bem traduzida no sentimento de seu Felinto, que "Suportou até a ação do apagador do tempo sobre sua história, mas pareceu-lhe insuportável quando a isso se associou o extermínio puro e simples da geografia" (VIEIRA, 2013, p. 48), de sua dimensão-espaço tempo, pois "[...] é ser parte de um universo em que, como disse Marx, tudo o que é sólido se volatiliza" (BERMAN, 1986, p. 327).

Seja nas páginas de "Matozinho" ou nas "Delicadas Tramas", percebe-se o erigir da cidade enquanto lugar de consumo, da acumulação em detrimento da cidade enquanto lugar do encontro, das relações coletivas e democráticas. A esse respeito, parece-nos inteligível mencionarmos Henri Lefebvre (2013, p.43) quando este retrata o papel da cidade enquanto elemento burocrático, "[...] rede de articulação e consumo, centro de informações e decisões [...]", restringindo-a, nesse contexto analítico, a um mero lócus de acordos comerciais, onde se processava situações operacionais, decisões burocráticas.

Paradoxalmente, emaranhar-se nas delicadas tramas dos labirintos dessas histórias é desvelar um mundo de possibilidades; é pensar os gestos fortuitos do cotidiano da urbe moderna a partir de um prisma sob o qual o valor de troca pode vislumbrar, mesmo que utopicamente, frestas, interstícios nas relações sociais; é tencionar questionamentos sobre as certezas que impõe as cláusulas pétreas do “projeto de modernidade”.

## Capítulo 3. - O espaço urbano da cidade do Crato (1950 aos dias atuais): o cotidiano e suas contradições

> "A modernidade, se você olhar com cuidado, é apenas o velho, o tradicional em que se deu uma nova demão de cal" (VIEIRA, 2007, p.64).

Em "Espaço e Política", Henri Lefebvre afirma que "A sociedade urbana não se encontra acabada. Ela se faz. É uma tendência que já se manifesta, mas que ainda está destinada a se desenvolver" (LEFEBVRE, 2008, p. 81). Acreditando que o urbano e a cidade (sobretudo considerando a sua dimensão enquanto obra) não estão fadados ao esgotamento, como defende a colocação do supracitado filósofo francês, empreenderemos uma reflexão sobre a re/produção do espaço urbano da cidade do Crato (de 1950 aos dias atuais) enfatizando as ações e contradições do processo de modernização urbana da referida cidade, à luz dos livros "Matozinho Vai à Guerra (2007)" e "A Delicada Trama do Labirinto (2013)".

Mesmo elegendo esses dois livros como referência central, não descartaremos fontes que podem enriquecer o entendimento histórico-geográfico desse processo. O acervo existente sobre a cidade do Crato: fotografias, teses de doutorado, dissertações de mestrado, jornais, revistas, etc., e, sobretudo, a produção intelectual do Instituto Cultural do Cariri a partir de discursos de jornais, revistas (o que nos possibilita dialogar com autores como BAKHTIN, 2006), será de grande valia. Pois como afirma Harvey, ao perquirir o rico acervo sobre Paris, "Um trabalho desse tipo [...] depende muito do trabalho de arquivo [...]. Entretanto, deve-se [...] insistir na materialidade dos processos sociais ainda que reconheça o poder e a importância dos discursos e das percepções" (HARVEY, 2015, p.33).

O objetivo é entender como a ideologia supressora e traumática da modernização escamoteou o próprio passado da cidade apoiado em um discurso que prometia o resgate desse[57]. Essa questão, investigaremos, está diretamente ligada à urbanização enquanto via de acumulação do capital, de absorção do próprio excedente, ou seja, a urbanização enquanto recurso para corrigir os problemas, as crises inevitáveis do modo de produção

[57] Essa, a nosso ver, é uma característica peculiar do processo de modernização da cidade do Crato. Esse discurso foi vastamente propalado pelos "pais" da modernização da cidade do Crato, especialmente por alguns membros do Instituto Cultural do Cariri (ICC).

capitalista, algo que, a nosso ver, não se restringe à cidade do Crato, mas faz parte de um processo histórico já estabelecido mundialmente. Talvez o primeiro grande exemplo tenha sido as drásticas transformações que ocorreram em Paris, local que "[...] absorveu enormes quantidades de trabalho e de capital para os padrões da época e, junto com uma supressão autoritária das aspirações da força de trabalho parisiense, foi um veículo fundamental de estabilização social" (HARVEY, 2009, p. 10).

Dito isso, iremos imprimir forças para contemplar essa relação "na escala do lugar, [que] ilumina a existência de uma vida cotidiana na qual se manifesta a vida, em que cada ação realiza-se num espaço-tempo determinado" (CARLOS, 2012, p.14), sem, contudo, perder o vínculo com a totalidade. Nessa perspectiva, enxergamos possibilidade dialogal com Santos (1988), quando este entende que a expansão do modo de produção capitalista, tendo como elemento viabilizador o processo de modernização, afirma que "[...] cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dado pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal" (p. 34-35).

Assim, no campo da geografia, entendendo que essa ciência procura analisar a dimensão espaço-tempo da realidade, sendo a produção do espaço o elemento central, o processo de modernização é fundamental nessa compreensão, visto que o mesmo não se realizada fora do eixo espaço-tempo, sempre acontecendo em algum lugar, sendo perceptível nos contrastes sociais na cidade, na mobilidade urbana, na circulação de mercadorias, ou seja, onde há vida[58].

Esse processo já foi demonstrado por Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista* (2014), ao explicitar que:

> No lugar das velhas necessidades satisfeitas pela produção local, entram novas, que reclamam a sua satisfação com os produtos dos mais distantes países e dos

[58] Projeto da modernidade, a modernização é uma concepção calcada em uma ideologia racional, desenvolvimentista, que prega o "progresso", o "avanço", o "bem estar-social". Na verdade, essa concepção diz respeito às ideias sempre subjugadoras à serviço da expansão do modo de produção capitalista. Apresentadas com "ares sempre benfazejos", são, na verdade, altamente destrutivas, não respeitando a dinâmica da vida e práticas culturais das sociedades. Humoradamente retratada por Zé Flávio, em Matozinho, ao relatar a indignação de Mané Tareco, ao constatar, indignado, que "O Bar de Zé Louro virou um tal de Blond`s Saloon. O Café da D. Ririri, de repente virou um tal de Mac`s Ririri Snack Bar" (VIERA, 2007, p.165). Kurz (1992) analisa a modernização como um processo contraditório, o qual engendrará colapsos pelo mundo. Para esse pensador alemão, as "mal sucedidas" experiências socialistas consistiram, na verdade, os impasses do sistema global moderno. Assim, o autor afirma que o mundo não poderá conter, por exemplo, a fome, a miséria, entre outros problemas sociais. Harvey (2015) diz que já nas embrionárias transformações da Paris de 1848, a modernização do centro da cidade contrastava com a miséria e a fome que assolada a muitos.

> climas mais variados. No lugar da simplicidade e do isolamento local e nacional antigos, entra um intercambio multilareral e uma dependência multilateral das nações entre si. [...] Com a rápida inovação de todos os instrumentos de produção, com as comunicações infinitamente facilitadas, a burguesia arrasta para a vicilização até as nações mais bárbaras. [...] Em uma palavra, ela cria um mundo segundo sua imagem e semelhança (MARX E ENGELS, 2014, p. 36-37).

Então, como e por que esse processo aconteceu na cidade do Crato-CE? Quais as suas nuances? Como a população, sobretudo as classes menos abastadas, "sentiram" esse processo? O que ele impactou na dinâmica urbana da urbe até hoje?

Como podemos analisar essa questão a partir da experiência cratense? Seja em "Matozinho" ou em "A Trama", esse processo se reflete tanto em mudanças na arquitetura da cidade (na forma, na aparência da urbe, isto é, na materialidade mais imediata) como nos costumes, na cultura (na essência, no cotidiano vivido). "A Vila, dia após dia, passaria a não só absorver os novos costumes mas, também, a ter vergonha das suas memórias musicais, gustativa, comportamental" (VIEIRA, 2007, p. 31-32).

Sobretudo a partir da criação do Instituto Cultural do Cariri, em 1953[59], os discursos e as ações modernizadoras se intensificaram vertiginosamente[60]. É por isso que temos a década de 1950 como foco, mas é sensato afirmar que o projeto capitalista e a destruição criativa da cidade já vigorava[61]. Dessa forma, a partir de agora iremos fazer um exercício esteado tanto nos dois livros aqui elegidos como no banco de arquivos, sobretudo iconográfico-imagéticos, disponíveis sobre a cidade do Crato, que nos proporcione uma compreensão mais abrangente sobre as contradições do processo de

---

[59] Objetivamente, pode-se dizer que o principal escopo do ICC era realizar o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri". Ata da Sessão de Fundação e Instalação do Instituto Cultural do Cariri e de Eleição de Sua Primeira Diretoria". In: Revista Itaytera, n I, 1955, p. 179. Não podemos negar as muitas contribuições (embora reconheçamos que estes foram importantes interlocutores responsáveis por forjar narrativas e impor à cidade a aceitar processos impositivos que se traduziam na mudanças de costumes, de uma estética obsoleta, que portava um certo arcaísmo...) deixadas pelos estudiosos dessa instituição e os trabalhos que ainda são realizados. Para que tenhamos uma ideia, as obras produzidas por estes "[...] forneceram os discursos sobre a história regional e local, textos, muitas vezes, usados como material didático nas escolas da cidade do Crato" (VIANA, 2011, p. 35-36).

[60] Mesmo Zé Flávio sendo um integrante do ICC não faremos uma análise sistemática sobre o papel desse órgão, embora saibamos que as ideias proferidas pelos seus integrantes tiveram fundamental importância na promoção da modernização urbana e na formação cultural do povo caririense, especialmente nos cratenses.

[61] Essa não é uma mera observação. Já justificamos o porquê do recorte temporal feito para essa pesquisa, mas é fundamental (e seria até um equívoco e injustiça histórica caso não o fizéssemos) ressaltarmos que a cidade do Crato antes de 1950 já passava por mudanças que seriam intensificadas décadas depois.

modernização urbana da cidade.

Muitos fatos e cenas são sintomáticos no que tange às ações modernizadoras em relação à cidade do Crato, sobretudo quando observamos a tentativa de transformar um Crato "atrasado/velho" em um Crato do "progresso/novo". Houve uma defesa no sentido de que "[...] Crato, o Cariri será harmoniosa transição entre o Velho e o Novo, [...]"[62]. Essa ideológica e persuasiva dicotomia entre o velho e novo, que sepulta a possibilidade de compreender as contradições da realidade a partir de uma perspectiva dialética, resumindo tudo a uma posição dualista das coisas (OLIVEIRA, 2003), é muito emblemática entre aqueles que propõem e defendem a modernização capitalista.

A introjeção de palavras e conceitos muito mais do que nomearem fenômenos sociais, legitimam ações ideológicas coletivas e individuais. Por exemplo, o dualismo Velho x Novo, faz parte de um discurso que propõe legitimar a modernização capitalista. É dessa forma que "[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de poder políticos, etc." (BAKHTIN, 2006, p.40).

Expressões como essas são responsáveis por naturalizar o processo de modernização e todas as ações projetadas e executadas sob os referenciais do projeto capitalista. As transformações materiais no espaço urbano: a destruição de casas, de prédios históricos, a intensificação e alterações dos fluxos, a mercantilização do solo urbano, etc., são endeusados pela mídia, pelos gestores e autoridades governamentais, etc.) Essas ações – que basicamente tem por escopo acumular capital – são tributárias da expansão capitalista, com forte influência do capital internacional e apoiado pelo Estado nacional, gerando mudanças drásticas no espaço a partir de um:

> [...] planejamento feito em função de capitais, da oferta de facilidades de acumulação às empresas, deu pouca importância à variável espaço e, em consequência, estamos assistindo à formação de desníveis intrarregionais tão grandes quanto os inter-regionais, em nível nacional. [...] ao se produzir um espaço geográfico, que é essencialmente social, sem se consultarem os interesses da população, se está produzindo uma modernização anômala, que empobrece o homem e o país, ao mesmo tempo em que se enriquecem os grandes grupos econômicos (ANDRADE, 1981, p. 97).

O apito do trem, sem pedir permissão, irrompe a cidade. Na estação da RFFSA pessoas bem trajadas esperam a "Maria Fumaça" chegar. Uma verdadeira elegia a essa

---

[62] GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará.** 3. ed. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966, p. 182.

importante conquista, um verdadeiro culto ao símbolo do progresso. Essa imagem diz muito sobre as metamorfoses no cotidiano da cidade, sobre o comportamento social, sobre a maneira como as pessoas se apropriavam do espaço da urbe.

Em "Maria Fumaça", crônica do livro "A Trama", é contada a história de um senhor que ao se consultar com um médico (certamente o próprio Zé Flávio), sabendo que esse escreve para a imprensa local, lhe faz o seguinte pedido: "escreva sobre a Maria Fumaça![63]". O desejo do já idoso paciente, além de revelar uma nostálgica tentativa de "retornar" ao passado, também expressa as condições materiais, vividas de um período. O trem como meio de transporte símbolo da era moderna, trazia novos ares à cidade. Era o incremento "perfeito" à paisagem de uma urbe que estava caminhando a passos largos para o "progresso".

Em uma tentativa de unir traços naturais-paisagísticos às transformações em curso na cidade do Crato e no Cariri, (PINHEIRO E FILHO, 1958) afirmam o seguinte: "Todo e qualquer viajante que penetrar, por vias férrea, na zona caririense, fora do período das chuvas, notará logo a sensível diferença entre os sertões ressequidos do percurso e a exuberância e verdura da vegetação destes rincões privilegiados" (p.63).

Foto 2 – Estação Ferroviária do Crato (registro não datado)
Fonte: Acervo do Instituto Cultural do Cariri.

[63] Expressão comumente empregada às locomotivas a vapor.

Possivelmente tido apenas como um elemento que iria alterar as relações econômicas em uma cidade, a chegada do trem extrapola esse viés e atinge as relações cotidianas mais banais. Como visto na imagem acima, era hábito as pessoas esperarem a "Maria Fumaça" com as suas melhores vestes. Esse fato significava mais do que um simples gesto de reverência, mas um expressivo sintoma de mudanças drásticas no cotidiano do povo cratense: o trem trazia e levava esperanças, levava e trazia mercadorias, a própria mão de obra humana, a força de trabalho. Era a "prova" de uma cidade melhor, mais desenvolvida.

> O trem que partiu um dia retornará, inevitavelmente, trazendo no seu matulão novas esperanças e bons augúrios. E lépido e fogoso um rapazinho saltará na mesma plataforma em que um dia o velhinho alquebrado embarcou, apenas com passagem de ida, com destino ignorado sem imaginar que todas as estradas terminam sempre na mesma estação (VIEIRA, 2013, p. 101).

Zé Flávio enfatiza o fato de que o advento do trem, da ferrovia, é uma marca que implicitamente traz contradições. "O rapazinho e o velhinho", ou seja, o velho e no novo, são contradições impostas por essa ideologia que impõe a sobreposição de tempos e, sobretudo, a destruição de referenciais passados e a tentativa de inscrição de "novos" elementos sobre uma "plataforma vazia".

Vejamos que o desfecho do texto "Maria Fumaça", do livro "A Trama", que diz: "todas as estradas terminam sempre na mesma estação", tem um sentido contextual que dialoga com a seguinte passagem: "[...] o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no aeroporto" (CALVINO, 1990, p. 77), que é uma das epígrafes de "Matozinho". Ambas as referências aludem ao processo de expansão do capitalismo por meio da modernização urbana. A homogeneização desse processo, a sua busca incessante pelo lucro, pela acumulação, é um dos fatores que causam, como afirmou (ANDRADE, 1981), uma modernização "anômala".

Esse encontro de textos é um recurso que permite a integração de "o discurso de outrem", que reflete a situação de um dado contexto social. Em "Marxismo e Filosofia da Linguagem" (BAKHTIN, 2006), alguns autores são trazidos à baila, dentre eles Dostoievski e Zola, e trechos de suas obras são citadas e relacionadas com o contexto histórico-social da época. Infere-se que a leitura feita por Zé Flávio a partir da obra de Calvino[64], "As Cidades Invisíveis", assuma uma posição política crítica em relação à vida

[64] Essa crítica não se circunscreve à "As cidades Invisíveis" (1990), em outros títulos desse célebre autor italiano, a exemplo de "Especulação Imobiliária" (2011), a cidade também aparece como um centro

moderna, a experiência humana no mundo atual, sendo a produção da cidade um dos principais reflexos do destino da humanidade.

A velocidade, o ronco do motor a combustão, a celeridade dos fluxos. Tudo isso redimensionou o cotidiano da cidade: passos apressados, horários de saída e de chegada. "[...] da emergência da vida cotidiana e da vida privada, o novo modo de ser dominado pela temporalidade da reprodução ampliada do capital, o novo decoro regulado pela necessidade social da aparência" (MARTINS, 2004, p. 09). Talvez seja por isso que o paciente, mesmo depois da desativação da linha férrea[65], inaugurada em 1926 e desativada para o transporte de pessoas em 1988[66], ainda esteja com essas marcas indeléveis na memória.

> A ferrovia anunciava e realizava o novo, ao mesmo tempo em que nele inseria o velho e tradicional. Era como se descosturasse a trama das velhas relações sem destruí-las inteiramente, recosturando-as no sistema de significados e funções do primado do capital e de sua reprodução ampliada. Não atuava apenas no âmbito da Economia, mas também no do reajustamento e refuncionalização das relações sociais, dos valores, das concepções. Juntava e separava as classes sociais, os passageiros da primeira classe e os passageiros da segunda classe (MARTINS, 2004, p. 12).

"Necessidade social da aparência" expressa na própria forma da cidade, pois se iniciamos nossa leitura pela "imagem dialética[67]" da chegada (ou seria da ida, da partida?), já que "o mundo é recoberto por uma única Trude, que não tem começo nem fim, só muda o nome do aeroporto [ou melhor, da estação], essa "imagem dialética" proporciona tencionar uma multiplicidade de processos em curso à época, mesmo sabendo que tentar:

> Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da

---

burocrático, de negócios, aliás, a própria cidade é um negócio, produzida a partir das adequações dos centros de poder financeiro.

[65] Sua implantação foi fator determinante para a expansão da cidade do Crato em sentido leste: "[...] desenvolveram-se a rua Nova (atual Ratisbona), a rua da Boa Vista (atual Nelson Alencar) e a rua da Cruz (atual Teodorico Teles)" (FARIAS FILHO, 2007, p. 169).

[66] CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias Descarrilhadas: O Trem na Cidade do Crato**. Fortaleza, 2008. UFC. Dissertação de mestrado, p. 24.

[67] Conceito trabalhado pelo filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940).

> tradição como os que a recebem. Para ambos o perigo é o mesmo; entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela (BENJAMIN, 1985, p. 224)[68].

O trem, por exemplo, não apenas fazia circular a mercadoria, mas propriamente o era a todo vapor. A escolha dessa imagem foi para tencionar duas questões: 1) As ações modernizadoras já antecediam a década de 1950; 2) Entender esse processo como um movimento que não se circunscreve sócio-espacialmente à urbe cratense. O "perigo", o "lampejo" fissura a visão linear que predomina na intepretação da História. Dessa forma, "[...] imagem dialética é um lampejo momentâneo. Assim, como uma imagem que lampeja no agora que a torna reconhecível, deve ser fixada a imagem do passado [...]" (BENJAMIN, 2015, p. 180)[69].

Entremeado a isso não podemos esquecer as mudanças que se deram no âmbito da estrutura física, nas bases materiais da infraestrutura da cidade, daquilo que aparentemente é estático, mas que sob a égide do capital se torna massa de modelagem rentável, se torna mercadoria. Já se elaborava no pensamento dos gestores, dos membros da imprensa e dos intelectuais do ICC um desejo de reformular a cidade aos moldes do capital. Podemos traduzir esse desejo através da seguinte passagem: "[...] desalojar do Crato um arcaísmo que já estava na época de ser eliminado do cenário citadino" (FIGUEIREDO FILHO, 1962, p.13).

Percebe-se uma contradição entre os ideias do ICC, pois acima mencionamos uma passagem referente às mudanças, a uma possível transição harmoniosa entre o "velho e o novo", na qual Martins Filho e Raimundo Girão, ambos membros do ICC, afirmam categoricamente: "Haverá uma superposição, mas nunca um aniquilamento". Em contrapartida, Figueiredo Filho, um dos membros mais importantes dessa mesma instituição, defende, como exposto no parágrafo acima, a eliminação de uma estética arcaica ainda alojado à cidade do Crato.

Esses pontos dão margem para uma discussão acerca da análise de discurso, pois defendemos que todas as relações sociais estão impregnadas de palavras que exprimem vieses ideológicos e contradições (mesmo quando são proferidas dentro de grupos, a exemplo do ICC), sendo "[...] sempre o indicador mais sensível de todas as

---

[68] Sétima tese sobre o conceito de história (Benjamin, 1985).

[69] Atenção! Essa nota contém um spoiler. Mais adiante, passado e presente se estremecem a partir de uma outra imagem que gera um choque de temporalidades. É para ler com um pé atrás e outros na frente.

transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma [...]" (BAKHTIN, 2006, p. 40) em um determinado contexto histórico, pois é justamente analisando a ação da burguesia na "venda" de uma nova forma de sociedade e padrões que Marx e Engels (2014) dizem que isso se dava "[...] tanto na produção material como também na produção intelectual. As criações intelectuais de cada nação tornam-se um bem comum (p. 36-37).

A modernização urbana, aqui não entendida apenas como as transformações que ocorrem no plano material da cidade, se estabelece enquanto ideologia reestruturando a dinâmica da vida na urbe. Engendra-se novas temporalidades, outras formas de ser, viver, e experimentar a cidade. Como será, tanto em "Matozinho Vai à Guerra" quanto em "A Delicada Trama do Labirinto", que Zé Flávio trata a cidade frente ao processo de modernização urbana?

É através do já experiente Janjão Cataplasma, famoso boticário que realizava serviços médico-odontológicos na cidade de Matozinho, um sujeito que desempenhava tarefas desde manipular remédio até desentalar espinha de peixe de garganta de bêbado, que Zé Flávio expõe, elucidativamente, o que pensa sobre a ação modernizadora na cidade do Crato:

> [Janjão] "Cataplasma" manteve intactos seus conhecimentos. Acrescentou um pouco da sua experiência de tantos anos tratando o povo, mas negou-se, veementemente, a aderir à modernização da arte de curar. Talvez, no fundo, imaginasse que não se deveria mexer em time que vencia campeonato. Quando começaram a aparecer os primeiros comprimentos comercializados pela indústria farmacêutica, janjão fez severas críticas, em frente ao retrato de Getúlio, exposto ao lado de Santa Genoveva, na parede central da botica: [...] (p.63).

É nessa mesma tessitura, com clareza, que Zé Flávio também reflete sobre a Modernidade. As suas considerações sobre os dualismos (velho X novo; antigo X moderno) que por vezes encobrem e justificam a expansão do modo de produção capitalista, também sai por intermédio do velho (ou novo?) Janjão Cataplasma:

> - Amigo sempre que o novo aparece vem com força de vendaval e, aparentemente, varre tudo o que encontra pela frente. Se a gente reparar bem, no entanto, verá que só carrega no seu redemoinho aquelas antigas verdades que não têm lastro, que são superficiais e leves. O que tem sedimento sempre fica, independentemente da idade. A gente não percebe isso, talvez, porque em meio à poeira do vendaval nossa vida se ofusca e as coisas perdem um pouco de visibilidade e a clareza. A modernidade, se você olhar com cuidado, é apenas o velho, o tradicional em que se deu uma nova demão de cal (VIEIRA, 2007, p.64).

Na “Delicada Trama do Labirinto” Zé Flávio também já enfatiza que “O novo é sempre tecido pelas mãos do velho”. Vejamos que o autor chama a atenção para o caráter ideológico-político impresso à ideia de modernidade. Ele, contrário àquela intenção de sepultar uma cidade “antiga”, uma cidade “velha”, uma urbe “obsoleta”, faz objeções àquela concepção gestada desde a construção da Paris como a capital da modernidade, no século XIX: “Em todos esses aspectos – e em outros mais -, 1848 parecia ser um momento decisivo em que grande parte disso era o novo consolidado sem o velho” (HARVEY, 2015, p.13). Podemos dizer que até hoje essas implicações reverberam em trabalhos realizados sobre a cidade do Crato e o seu processo de modernização urbana.

Um dos mais expressivos exemplos da tentativa de absorção dessa “modernidade” - tendo como exemplo outras localidades que “progrediram”, “frutificaram” -, foi a discussão em torno da proposta de um plano urbanístico para a cidade do Crato. “Quando as principais urbes brasileiras já se conscientizaram do valor de um empreendimento desse porte, [...] Vivemos aqui divorciados das modernas técnicas de orientação e planejamento do crescimento urbano”[70]. Quais principais urbes brasileiras eram essas? Rio de Janeiro, com a reforma traumática do prefeito Pereira Passos, que retirou as classes menos abastadas do centro e as jogou para as margens da cidade dando início a um processo de habitação desordenada em massa?

Nesse contexto emergem políticas públicas no afã de injetar capital em áreas ociosas, de expandir o culto à mercadoria e, por conseguinte, ao consumo, de industrializar, de urbanizar, enfim, de levar e expandir o “progresso”. É curioso perceber que um incipiente processo de industrialização já vinha sendo implementado. Apesar de não discutirmos especificamente sobre industrialização, cabe ressaltar que há uma relação histórica intrínseca entre esse fator e a urbanização. Na década de 1950, começa Crato a se destacar pelo seu embrionário processo de industrialização, fruto de orgulho dentre aqueles que defendiam com fervor uma cidade exemplo de “desenvolvimento”.

> Começa Crato a dar seus primeiros passos no terreno da indústria diversa. [...] Possui duas fundições bem aparelhadas, duas boas fábricas de sabão, duas serrarias mecânicas, uma cerâmica moderna, três fábricas de beneficiar algodão e outra já em vias de instalação, 4 moinhos de café, além de fábrica de

[70] Jornal *Folha do Cariri*, 27/01/1966, p. 01. Esse periódico, que pretendia “[...] dar ao Crato um jornal à altura do progresso da terra” (Jornal *Folha do Cariri*, ano I, nº 51. 23/12/1966. P. 01), foi um dos principais veículos para a propagação de discursos que pretendiam colar ao Crato a visão de uma cidade vanguardista, progressista, moderna.

> doce e outra de manteiga, tôdas bem montadas.” (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.57).

O processo de industrialização não apenas catapulta o processo de urbanização. A população que outrora residia no campo, agora vê a cidade como polo de possibilidades, de empregos e, consequentemente, melhoria de vida. Para Lefebvre (2011), a cidade passa a concentrar os serviços, os capitais. É o lócus da produção em massa e tem a gerencia das estruturas de poder e comando. Spósito (2000), a partir de uma análise da cidade no contexto pós-industrial, afirma que:

> As cidades, como formas espaciais produzidas socialmente, mudam efetivamente, recebendo reflexos e dando sustentação a essas transformações estruturais que estavam o correndo a nível do modo de produção capitalista. A indústria provoca um impacto sobre o urbano. Poderíamospensar, à primeira vista, que o desenvolvimento industrial a partir da Revolução Industrial constituiu-se apenas no reforço do papel produtivo assumido pela cidade com o capitalismo comercial, que permitiu as produções artesanal e manufatureira. Em parte o processo é este, mas ao mesmo tempo ele é contraditório, porque ao acentuar o papel produtivo das cidades, transforma a própria cidade (SPÓSITO, 2000, p. 58-59).

Junto a isso, o crescimento urbano é tão exaltado quanto. Em passagens como: “[...] o Crato Tênis Clube, cercado de belos e confortáveis bungalows. A Avenida Coronel Teodorico Teles abre-se agora, bem ampla e atraente, em trecho onde há bem pouco dominava apenas o mato”: (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.59). A partir de vários trechos desse teor, percebe-se a impressão de uma visão que tentar a todo custo sobrepor o elemento urbano-moderno ao atraso, ao “mato”, se referindo a uma substituição benfazeja do urbano em relação ao rural, colocando-o como condição essencial à vida, ao bem-estar social.

Esse processo já foi bem analisado pelo historiador Raymond Williams em seu clássico “O Campo e Cidade”: “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida [...]. À cidade associou-se à idéia de centro de realizações – de [...] comunicações, luz. [...] o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p.11).

Dentre as várias caracterizações e descrições desse estudo corográfico sobre a cidade do Crato, mas fundamental ao entendimento do projeto modernizador, Irineu Pinheiro e Figueiredo Filho, também descrevem o espraiamento da malha urbana, como se um manto do progresso urbano fosse se entendendo e engolindo o verde, o bucólico, levando luz à sombra do atraso de um mundo campestre, afirmando que “Cresce a cidade

e remodela-se, avançando pelos sítios[71] vizinhos, subindo altos e espraiando-se em vales. Aqui e ali um prédio mais imponente" (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.59).

Foto 3 – Fachada do Crato Tênis Clube.
Fonte: Valdir Estrela (2017).

O Crato Tênis Clube é uma das construções mais emblemáticas desse período porque este serviu como uma espécie de modelo para muitos outros constructos arquitetônicos, inclusive de algumas casas situadas no próprio Bairro Pimenta. Na realidade, "Os terrenos em sua proximidade se valorizaram, surgiram novos loteamentos e novas casas [as mansões da época] foram sendo construídas [...] a prefeitura construiu o acesso à rua Cel. Antônio Luís, pavimentando-o" (FARIAS FILHO, 2007, p. 193).

Na época, quem observasse, no papel ou no próprio erigir da obra, os detalhes luxuosos da estrutura, rapidamente sentiriam o reflexo de uma estética que já denunciava a exclusão social. Observando com acuidade os traços sinuosos da planta, percebia-se que a efetivação desse projeto não estaria ao alcance de todas as classes sociais. Não era todo mundo que poderia acessar o seu luxo, ir às suas festas e bailes, comer, beber e desfrutar dos seus serviços de lazer e entretenimento. Eis agora o novo point da burguesia cratense.

As transformações mais céleres e bruscas ocorreram notadamente em meados do século XX (1940 e 1950). A partir de um rigoroso trabalho documental-bibliográfico,

[71] Sítio, nesse caso, diz respeito à uma área de natureza rural, que por vezes corresponde a uma chácara, uma fazenda. Fundamentalmente associada ao campo, mesmo sendo muito próxima da cidade.

Waldemar Arraes de Farias Filho traça um perfil da evolução urbana e arquitetônica (1750-1960) da cidade do Crato. Em passagem referente a meados do século passado ele enfatiza as construções mais impactantes desse período:

> As construções da época que merecem destaque são: o Edifício Caixeiral na praça Três de Maio; o Palácio Episcopal (palácio do Bispo), projeto de Agostinho Baumes construído em 1940; o prédio dos Correios e Telégrafos (um dos primeiros em "estilo Déco" construído em 1932); a igreja de São Vicente Ferrer em 1942; o Crato Hotel (construído em 1936 por Pedro Jaguaribe o mesmo construtor do canal da rua da Vala); o edifício Lucetti 66 de 1947, o primeiro edifício de apartamentos da cidade; o Grande Hotel, em 1947 [...]; Hospital São Francisco de Assis e a maternidade de 1951 e 1952; o Patronato de Pe. Ibiapina de 1951, o Banco Caixeiral de 1931; a Coletoria Estadual, construída no terreno da praça da Sé onde existia a casa de Bárbara de Alencar; o Edifício Palácio do Comércio, todos seguindo a linha da arquitetura Art Déco (FARIAS FILHO, 2007, p. 189-190).

Essas obras significam muito mais do que meros constructos de concreto acrescidos à paisagem da urbe cratense. São construções responsáveis por incrementar serviços financeiros, jurídicos, de comunicações, de saúde, ou seja, atividades que integram o centro administrativo e burocrático de uma cidade. Ações que materializam de forma expressiva as ações modernizadoras, revelando uma lógica financeirizada da produção do espaço.

Investir naquilo que aparentemente é "público" constitui-se como uma poderosa estratégia que, contraditoriamente, beneficia os grandes agentes detentores do lucro e aplicadores da espoliação, ou seja, a minoria. Esses são fatos que denunciam mudanças imersas em uma dimensão político-ideológica maior: "[...] o fenômeno urbano [...] como realidade global implicando o conjunto da prática social" (LEFEBVRE, 2008, 51).

Em meio a esse plano de formação e organização do centro tecnocrático, emerge, na cidade do Crato, novos loteamentos privados, a construção de casarões e a pavimentação de ruas. Isso mostra que os agentes produtores do espaço urbano dialogam entre si. Reflexo de uma relação que pode ser estabelecida entre os agentes imobiliários e um:

> [...] aparelho de Estado cuja missão fundamental foi criar condições favoráveis à acumulação lucrativa do capital pelos capitalistas domésticos e estrangeiros [...]. As liberdades que encarna refletem os interesses dos detentores de propriedade privada, dos negócios, das corporações multinacionais e do capital financeiro (HARVEY, 2008, p. 80).

A lógica financeirizada sob a qual a cidade é produzida, e coagida, pode ser refletida através de momentos e marcas históricas. Quando essas relações caem na teia do capital financeiro, tendo como centros de comando grandes agentes empreendedores unidos ao poderio estatal, a produção da cidade, do urbano, passa a ser propriedade privada, transformando o solo urbano, que se valorizara a partir das ações privadas e estatais, em títulos de propriedade rentáveis, tornando-os comercializáveis, moeda de troca, mercadoria. Curioso é que a partir do momento em que o imóvel entra no círculo do capital, ele só poderá "sair" mediante a ratificação do próprio sistema, ou seja, a compra, a utilização do sistema de crédito (HARVEY, 2008).

Essas forças impõe um ritmo de mudanças à cidade, ao rumo do urbano, que se revelam tanto em sua dimensão física como na cultura do povo. A devastação da cidade, a implosão das suas referências históricas, a celeridade de sua destruição criativa a partir de forças hegemônicas, dos agentes que atuam incessantemente em prol do grande capital, é bem-humoradamente narrada na seguinte passagem:

> Rui Pincel invadiu o sagrado espaço da Siqueira Campos, hoje pela manhã, todo fiota, mais contente que pinto em monturo de restaurante. Abancou-se, chamou plateia e lascou: Nosso Crato velho está, definitivamente, se tornando uma cidade grande e civilizada, não se compara com a rafameia das vilinhas que existem aqui por perto, não! vocês viram o furação de ontem? Pois é, este bicho soprador não se mete a aparecer em cidade pequena, não, senhor. Ante o pasmo geral, Rui começou a fazer um inventário causado pelo furação cratense: O bicho destelhou pra mais de quinhentas casas, derrubou todos os outdoors da cidade. [...] - Nosso Crato, hoje, é cidade importante, meus amigos, só tá faltando um vulcãozinho e um tsunami pra gente entrar definitivamente no primeiro mundo (VIEIRA, 2013, p. 229).

Chega-se, definitivamente, a um período no qual o planejamento urbano e todas as ações em torno da cidade são capitaneadas por uma lógica tecnocrática, seja por parte da gestão governamental ou das classes mais abastadas (ambas facetas de uma mesma moeda). Isso acarreta a produção de um espaço alheio à vida social na urbe. A modernização urbana é caracteristicamente o meio pelo qual esse processo é viabilizado, uma vez que essa é pautada na divisão social do trabalho.

Portanto, as "benfeitorias", isto é, "as obras públicas", feitas em prol do "coletivo", fazem parte de um processo que escamoteia a realidade, são subterfúgios que o capitalismo "[...] encontrou um novo alento na conquista do espaço, em termos triviais, na especulação imobiliária, nas grandes obras (dentro e fora das cidades), na compra e na venda do espaço" (LEFEBVRE, 2008, p.140).

Ainda se tratando de construções de referência, em meados do Século XX, na cidade do Crato, não podemos deixar de mencionar o até hoje existente Parque de Exposições Agropecuárias Pedro Felício. Apesar da primeira edição, em 1944, já ter como patrono Pedro Felício, idealizador do evento e cunhado do prefeito em exercício Wilson Gonçalves, só a partir da quinta edição é que o evento foi removido para o atual local onde até hoje é sediada a famosa ExpoCrato. Cogitações em torno de uma possível transferência do local de ocorrência desde a quinta edição para o Palmeiral, no Bairro Vilalta, foi alvo de muitas discussões polêmicas[72]. Com base nesse debate podemos perceber heranças históricas e contradições evidentes em discursos que giram em torno do processo de modernização da cidade.

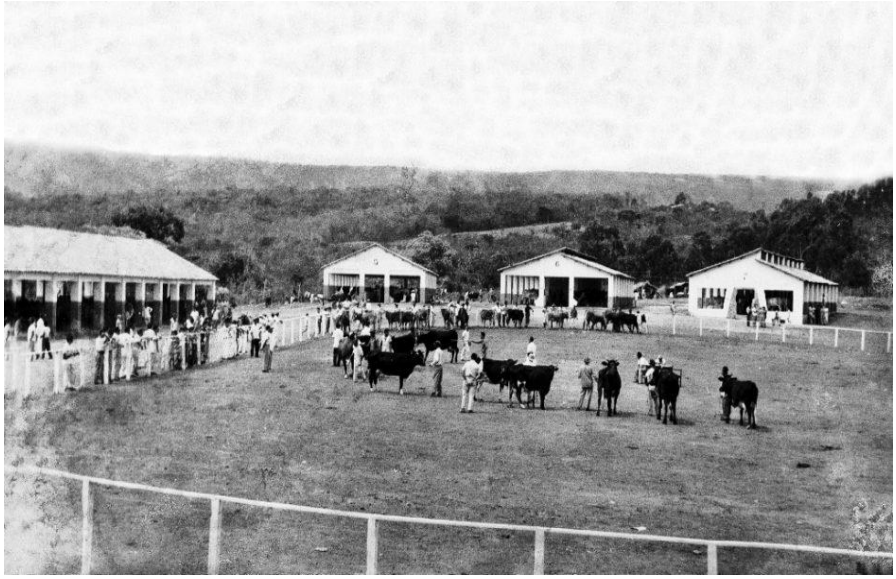

Foto 4 – Primeira Exposição Regional Agropecuária, ocorrida entre os dias 4 e 7 de dezembro do ano de 1944.
Fonte: Revista Cariri (2017)[73].

Aqueles que defenderam e defendem a transferência do evento possivelmente pensam em criar uma lógica de valorização a partir de múltiplas possibilidades de

[72] Apesar das instalações permanecerem no mesmo local (Rua Rui Barbosa, 259-293 - Centro, Crato – CE) muito se foi debatido sobre uma possível remoção. O teor e as consequentes implicações ideológicas dessas falas e discursos revelam contradições históricas no que tange às transformações, as coações, pelas quais passaram a cidade.

[73] Revista Cariri. **(Ex)pocrato: a festa que ficou na memória.** Juazeiro do Norte, 04/07/2006. Disponível em: http://blogdocrato.blogspot.com/2017/02/crato-antigo.html http://cariririevista.com.br/expocrato-a-festa-que-ficou-na-memoria/ >. Acessado em 14 de dezembro de 2017.

consumo (equipamentos, infraestrutura, vasta aquisição de mão de obra, etc.), a própria lógica do consumo do espaço. Em contrapartida, os que defendem que as instalações atuais continuem funcionando no mesmo local, ao mesmo tempo defendem um projeto de modernização da atual estrutura, a partir de uma ideia de revalorização, ressignificação do espaço a custo de uma memória afetiva, de uma passado aniquilado pela lógica mercantilizada.

A partir de um fragmento de texto extraído do blog do Crato (2010)[74], no qual uma opinião favorável ao processo de modernização defende que: "Modernizar o parque, é reconstruir todo um sentimento que nos faz lembrar a importância da família na formação dos sonhos". "Reconstrução de sentimento(s)" orçado em 35 milhões de reais, transformando o Parque Pedro Felício, conforme promete o governo do estado do Ceará, no maior da região Nordeste:

> Com a reforma, o Parque de Exposições terá duas grandes zonas; a zona do recinto da feira, onde se concentram os edifícios e constitui o principal programa permanente, e a zona de parque/eventos temporários, constituídas maioritariamente por zonas livre e áreas verdes, destinadas a acomodar grandes eventos complementares às boxes dedicadas às exposições e feiras[75].

Os contrastes evidentes nas opiniões revelam o quão a modernização urbana é um processo controverso e traumático. Embora haja um forte programa de marketing enfatizando os pontos positivos, as benfeitorias que as novas instalações irão causar, o conforto etc., opiniões espontâneas, a exemplo de depoimentos (em tom de desabafo) que se difundiram nas redes sociais, realizado por pessoas que frequentavam assiduamente o evento, mas que hoje justificam não mais participarem sobretudo pela descaracterização sobre a qual passou a festa, que a cada edição tem mais espaço para a propaganda e a promoção de empresas privadas em detrimento de um espaço mais coletivo, socializável:

> Que saudades da vibe da Expocrato de antes. Um lugar amplo, cheio de barraquinhas, barzinho alternativo, tenda eletrônica. Agora se tornou um festival capitalista cheio de divisões VIPs, front stage e afins. Tudo

---

[74] Blog do Crato. **EXPOCRATO: MODERNIZAR PARA NÃO MUDAR. - Por Wilson Bernardo** < http://blogdocrato.blogspot.com/2010/07/expocratomodernizar-para-nao-mudar-por_13.html>. Acessado em 14 de dezembro de 2017.

[75] Jornal *Diário do Nordeste*. **Parque de Exposição do Crato será o maior do Nordeste após reforma.** Antonio Rodrigues. Fortazela. 16. 04.2018. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/2018/04/15/parque-de-exposicao-do-crato-sera-o-maior-do-nordeste-apos-reforma/>. Acessado em 20 de abril de 2018.

> absurdamente caro! Uma pena que a maioria das coisas perde sua essência. (Depoimento de Glauber Oliveira, 18/07/2018).

O teor dos comentários tecidos sobre a postagem acima é ainda mais contumaz. Quem frequentava a Expocrato antigamente não a reconhece mais. “Senti a mesma coisa... parece desfile de moda e closes! Eu vendo as fotos daqui não reconheci a expo que um dia frequentei”, disse Quelva Patrícia Moreira. Há até os comentários mais radicais, de casos de pessoas que “fogem” da cidade no mesmo período do evento. “ultima vez q fui foi em 2003... e faço questão de viajar durante esse período agora p manter na memória um tempo bom... foi-se, afirmou Michel Macedo Marques[76]. Além dos ingressos caros, dentro do próprio território há subdivisões, as famosas áreas Vips, como ressaltou o depoimento de Glauber, há um aspecto seletivo de público.

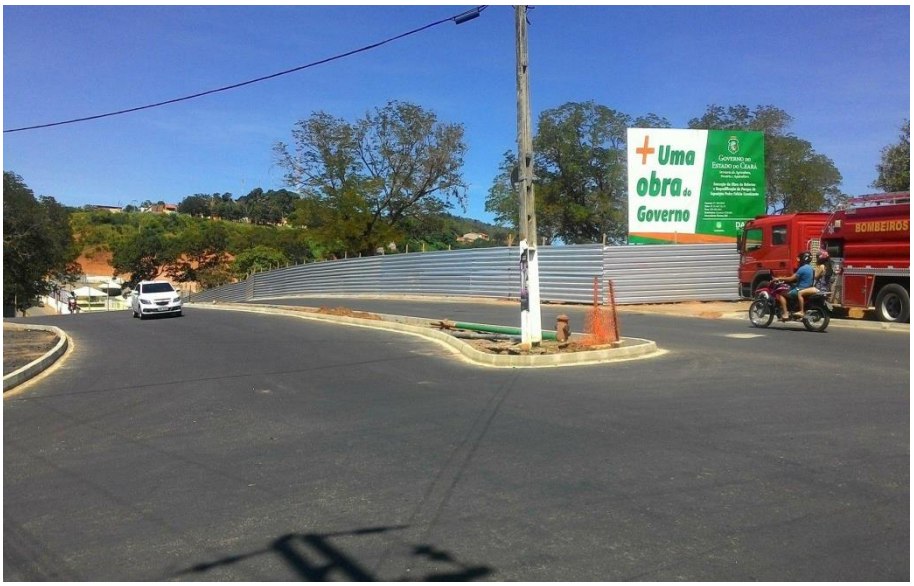


Foto 5 – Fachada externa do canteiro de obras do Parque de Exposições Pedro Felício.
Fonte: Valdir Estrela (2018).

Em “Deodato Globalizado, texto de “A Trama”, Quinca de Filó, um narrador habilidoso, ante o pasmo dos ouvintes na Praça Siqueira Campos, conta uma estória estapafúrdia de um bêbado cujo nome é Cutia, numa terça-feira, logo depois de uma edição da Expocrato.

[76] Todos esses depoimentos foram extraídos da rede social Facebook. Os citados foram devidamente contatados e autorizaram a publicação de suas posições.

> - Vocês sabiam que, no último dia da exposição, um bêbado morreu e mesmo assim, depois de esticar as canelas, ainda dançou a noite toda, bebeu cachaça na barraca de Luiz Jacu, rodou na roda gigante e, não bastante isso, pegou carona num caminhão e foi bater em Campina Grande? (VIEIRA, 2013, p. 121).

A sátira consiste em demostrar a descaracterização pela qual a festa passa ao longo dos anos. A entronização de aspectos mercadológicos suprime os traços que revelam uma essência coletiva. Uma festa que era tipicamente regional, palco de músicos e apresentações regionais[77], que refletia essencialmente a alma do povo caririense, hoje expõe e vende prioritariamente produtos e marcas globais, restringindo cada vez mais o espaço que representava a cultura do Cariri. A estética do capital consumiu a essência da Expocrato. O sucesso do evento hoje é balizado pela rentabilidade, pelo lucro angariado. Será que a Expocrato ainda pertence ao Crato?[78] Onde será que foi parar o beberrão da história?

> - O que soubemos, amigos, é que o caminhão ia transportando pelas de couro do Mestre Expedito de Nova Olinda para serem exportadas para França. A última notícia da polícia paraibana é que Cutia embarcou com a carga para França e não mais se soube o paradeiro do homem. O Itamaraty, porém, informou que um cachaceiro francês, preso semana passada por arruaça, garante que viu um sujeito cambaleante, todo encourado, descendo numa das barbaças do Rio Sena, aboiando feito um doido (VIEIRA, 2013, p. 121).

A sintonia entre o Estado capitalista e os apoiadores de suas ações, como exposto em passagens supracitadas, revela, historicamente, uma mesma perspectiva de modernização que defendia os membros do ICC no "período áureo" de desenvolvimento da cidade, onde, contraditoriamente, modernizar era reconstruir o passado ou se espelhar nesse. Essa sutil comparação demonstra que "As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os

---

[77] Eis alguns depoimentos que refletem um pouco a atmosfera de uma Expocrato distante: "Eu me lembro de uma apresentação maravilhosa de Maracatu de Pernambuco. Aquele foi também o último ano em que a festa foi gratuita", disse Josernany Oliveira; "Pelo picadeiro passaram artistas como Genival Lacerda e Jackson do Pandeiro, mas também existiam as barracas que tinham suas próprias atrações", reavivou Iapunira Teixeira. CARIRI, Revista. **(Ex)pocrato: a festa que ficou na memória.** Juazeiro do Norte, 04/07/2006. Disponível em: < http://cariririevista.com.br/expocrato-a-festa-que-ficou-na-memoria/ >. Acessado em 14 de dezembro de 2017.

[78] Esse questionamento não sugere qualquer excitação xenofóbica. É possível a inter-relação de costumes, de raças, de culturas. O problema é que esse fenômeno no mundo atual se dá pela descaracterização da essência histórica dos processos, haja vista que tudo é balizado pela lógica mercantil, feito com interesses lucrativos. Por exemplo, demonstramos que a partir da entronização de novas tendências em "Matozinho", os costumes locais passaram a ser ridicularizados diante da invasão de uma estética estranha.

domínios" (BAKHTIN, 2006, p.40) e, inclusive, em temporalidades diferentes, ou seja, elas não morrem simplesmente ao serem proferidas por indivíduos, uma vez que pertencem a uma coletividade "sócio-ideológico", assim:

> O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico. Esta é a razão porque o conteúdo do psiquismo 'individual' é, por natureza, tão social quanto a ideologia e, por sua vez, a própria etapa em que o indivíduo se conscientiza de sua individualidade e dos direitos que lhe pertencem é ideológica, histórica, e internamente condicionada por fatores sociológicos. Todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior (BAKHTIN, 2006, p.58).

Ledo engano também seria se a população achasse que o simples fato de opinar, ou seja, ser à favor ou contra a transferência ou modernização do parque, estaria efetivamente participando das decisões da política e da "vida pública" e social na cidade. A lógica do urbanismo moderno não permite que os sujeitos, isto é, os próprios habitantes da cidade, tenham direito efetivo, ou seja, o direito à cidade, aquele direito que:

> [...] se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito de propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBVRE, 2013, p.134).

A política urbanística vigente até hoje não permite a realização de um trabalho que preze pelo coletivo. A ideologia urbanística é pautada em normas e critérios técnicos, científicos, exatos. O saber e o senso comum, ou seja, as referências geográficas, históricas, culturais, econômicas dos povos que habitam um determinado local prestes a passar por transformações serão, no máximo, falsamente considerados. "[...] os tecnocratas utilizam de sua posição para dissimular o fato de que é um mínimo de tecnicidade que é aplicada por toda parte. O público acredita que se elabora soluções técnicas e que há razões profundas para aceitá-las, para impô-las, [...]" (LEFEBVRE, 1970, p. 208).

A burocracia imposta pelo Estado constrange o próprio habitante da cidade, o sujeito que nasceu e cresceu na urbe, ou que nela se estabeleceu e mantém laços de afetividade com o lugar. Aqui abro um parênteses para relatar um fato ocorrido ao longo deste processo investigativo. Durante uma das atividades de campo as quais realizei (essa,

em especial, para fazer registros fotográficos de alguns prédios históricos da cidade) fui confundido com um funcionário da prefeitura do Crato:

- Que diabo esses fiscais tão tirando foto aqui de novo! – se aborreceu uma senhora que vendia títulos de capitalização, sentada em um banquinho, à esquina de um dos cruzamentos mais movimentados da cidade, em um dia de sábado.

- Eu quero é que aquele (citou o nome do prefeito) venha com invenção de tirar nós daqui. Eu lembro é dele quando era menino, correndo descalço por essas ruas aqui! – acrescentou, endossando o tom de protesto, uma senhora que vendia caldo-de-cana[79].

Entreouvindo e olhando desconfiado por detrás dos óculos escuros, me senti na obrigação, sobretudo na condição de pesquisador, de me apresentar e esclarecer que o meu objetivo não era fazer o que elas estavam pensando. Escutei agruras de pessoas que há décadas disputam espaço nas ruas da cidade, sem nenhum tipo de seguridade financeira e todas as incertezas que o mercado informal oferece[80].

As mesmas pessoas que mesmo depois da entrega dos 176 boxes do Shopping Popular do Crato, antigo camelódromo, madrugam esperança e colhem incerteza nas ruas e calçadas da cidade, tratados como entrave à mobilidade urbana, não passando de um acréscimo desnecessário à uma caótica paisagem, onde se vende roupas, frutas, verduras, produtos de artesanato, utensílios domésticos, alumínio e esperanças de plástico.

---

[79] Esses registros não servem apenas para indicar a importância da atividade de campo para a pesquisa, porquanto são registros ontológicos que refletem, dramaticamente, o peso sobre os ombros da classe trabalhadora, imersa em um cotidiano opressor e deprimente.

[80] Poucos dias antes do depósito dessa dissertação, aconteceu um triste episódio na cidade do Crato. Na feira "livre" (não preciso explicar o motivo das aspas) da cidade, uma família se viu impedida de vender seus pequis, fruto tradicional do Cariri. Em uma ação truculenta, a mando da administração municipal, inicialmente guardas e depois a polícia militar agrediram a família. As lamentáveis cenas rapidamente viralizaram nas redes sociais, bem com a indignação das pessoas, inclusive da população presente, que prontamente se manifestou solidariedade aos feirantes.

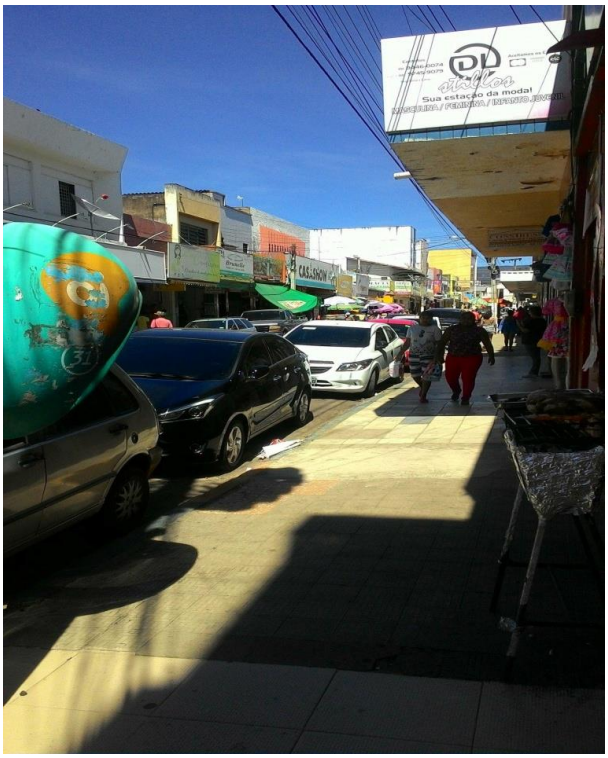


Foto 6 – Vista da rua Santos Dumont, Centro, uma das vias que compõe o complexo da feira do Crato.
Fonte: Valdir Estrela (2017).

Há muito a classe trabalhadora padece diante das interferências desastrosas[81] ou do descaso e negligência por parte do Estado. Vejamos um trecho de uma matéria sobre as condições sanitárias dos trabalhadores que vendiam gêneros alimentícios e utensílios domésticos, escrita pelo Dr. Jeser, no jornal Écos da Semana: Órgão da União dos Estudantes do Crato (SC), em 21-03-1948, reivindicando a:

> [...] necessidade da creação de um Posto de Higiene Municipal, para a fiscalização de gêneros alimenticios do local onde se vendem os referidos, do vasilhame em que é conduzido e das condições higiênicas pessoais de quem os vende. Sim, porque não é admissível que se vendam generos deteriorados, em local imundo, em vasilhame sujo, e por mãos de sifiliticos, mofinicos, convalescente de doenças agudas contagiosas, tuberculosos e até... morféticos[82].

Por mais que o tom de protesto às autoridades tenha ficado explícito na matéria, o ponto nevrálgico da questão denunciada à época não era simplesmente a criação de um órgão de inspeção. A visão da matéria é mais para enfatizar uma questão higienista, que tinha o intuito de criar uma visão sobre o Crato de uma cidade civilizada, airosa, excluindo

[81] A exemplo do desastroso projeto de canalização do Rio Granjeiro, afluente que nasce na chapada do Araripe e corta a cidade do Crato.

[82] Jornal *Écos da Semana*: Órgão da União dos Estudantes do Crato (SC), 21/03/1948, Ed. 00004, pág 03.

a real condição vivida pela classe trabalhadora, pelos feirantes, ambulantes, tratados depreciativamente como “sifiliticos”, “mofinicos, “tuberculosos” e “morféticos”.

Foto 7 – Registro de um movimentado dia na antiga feira do Crato, na década de 60[83].
Fonte: Acervo do Instituto Cultural do Cariri (2017).

Algumas tentativas foram feitas com o objetivo de centralizar a comercialização dos produtos em um local adequado. Isso foi feito na década de 1960, com a construção do Mercado Redondo. A peculiar estrutura desse constructo sugeria uma lógica favorável ao consumo dirigido. O formato circular tendia a direcionar as pessoas a realizarem ações objetivas e rápidas, em uma espécie de espaço panóptico[84] direcionado ao consumo. Tal estrutura supõe ordem e disciplina, diferentemente da rua, do espaço ao ar livre, onde as pessoas têm mais liberdade e possibilidades de locomoção. Mesmo não sendo uma obra de grande proporção e inovação arquitetônica, esteticamente, o Mercado Redondo representava a formalidade.

[83] A feira do Crato não tem a mesma força de cinco décadas atrás. A mudança no hábito de consumo, regida pelos ditames do capitalismo, fez com que hoje em dia imperasse a lógica dos produtos industrializados. Por vezes, tais produtos são etiquetados com a estampa de vistosas marcas, sendo que são produzidos artesanalmente, satisfazendo apenas o desejo dos que têm o poder de compra.

[84] O Panóptico “[...] tem seu princípio não tanto numa pessoa como numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos, produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos” (FOUCAULT, 2014. p. 195).

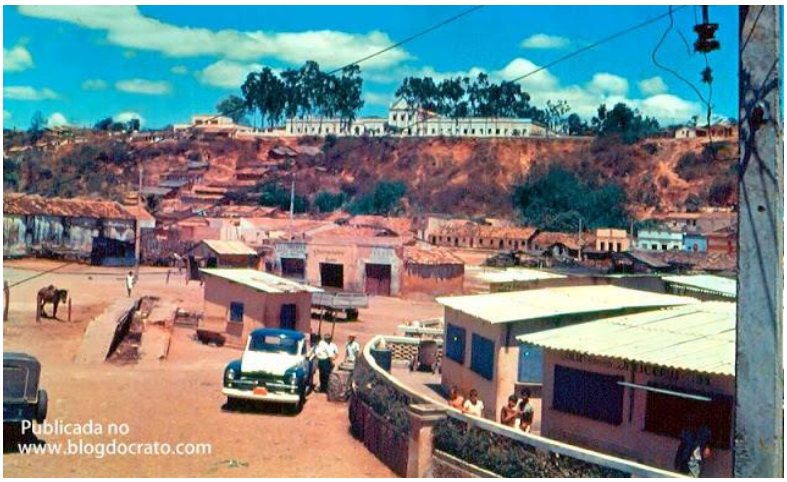


Foto 8 – Registro de uma parte do Mercado Redondo, anos 60. Ao fundo, no alto, podemos perceber a fachada do Seminário São José.
Fonte: Blog do Crato (2017).

Foto 9 – Visão panorâmica, provavelmente captada do alto do bairro Seminário, do Mercado Redondo.
Fonte: Acervo de José Kleber Calou Filho (2017).

Na primeira fotografia podemos perceber um contraste ao ver enquadrados na mesma cena um veículo (enaltecido como símbolo do progresso) e um animal (geralmente associado ao atraso) arreado, provavelmente de alguém que viera de uma área mais longínqua da cidade para fazer compras. Cena que pode ser remetida à emblemática imagem de Mané Tareco (personagem de "Matozinho") observando estranhamente uma paisagem tomada por nomes estrangeiros, ao lado de seu burro arreado com dois caçuás cheios de bugigangas. Poucos anos depois a estrutura foi abandonada. O espaço ficou literalmente entregue às moscas, ratos, baratas e outros vetores de doenças oriundos do Canal do Rio Granjeiro. O prédio foi demolido e

construído no local a sede do governo municipal, o Palácio Alexandre Arraes (Foto 12), localizado na rua Largo Júlio Saraiva, no centro da cidade.

Foto 10 – Palácio Alexandre Arraes, sede do governo municipal[85].
Fonte: Valdir Estrela (2017).

Eis a imagem atual do local onde antes ficava o Mercado Redondo[86]. Feito um palimpsesto no qual mal se pode perceber os borrões de inscrições passadas, a cidade se transforma veloz e radicalmente.

Ainda se referindo a interferências desastrosas, a canalização do Rio Granjeiro coleciona uma série de problemas, que a cada ano e período chuvoso só aumentam. Índices pluviométricos acima da média, como registrados em 2011[87], é sinônimo de enchente e, subsecutivamente, ruas, casas e pontos comerciais alagados, móveis

[85] Em uma atividade de campo proposta e realizada na cidade do Crato durante a disciplina da professora Glória da Anunciação Alves, ao passarmos de fronte a sede do governo municipal, que não há muito havia passado por uma reforma, um de nossos colegas fez um comentário elogioso a nova estrutura, afirmando que o prédio tinha "mudado o visual". A cidade muda de visual todos os dias.

[86] Creio que o leitor já tenha percebido que não é preocupação nossa inserir as imagens em ordem cronológica. Não é proposta nossa realizar uma reconstituição linear do tempo-espaço que reflita as transformações pelas quais passaram/passam a cidade. As fotografias, aqui, têm uma dimensão problematizadora, desestabilizadora. São, se apoiando na ideia de Benjamin, imagens dialéticas, subvertendo uma ordem estrutural, sequencial, linear.

[87] As chuvas do primeiro semestre de 2011 atingiram 120,2 mm no dia 3 de janeiro e 162 mm no dia 28 do mesmo mês (FUNCEME *apud* CASTRO, 2016).

submersos, carros boiando na água barrenta e poluída, famílias desabrigadas (CASTRO e MENEZES 2016).

Foto 11 – Enchente na Rua Bárbara de Alencar, no dia 28/01/2011.
Fonte: Castro (2011)

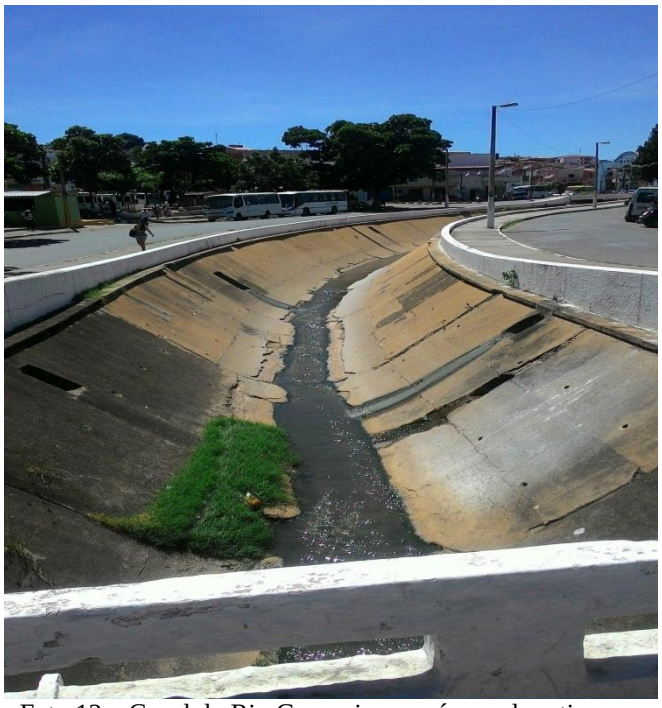

Foto 12 – Canal do Rio Grangeiro, em época de estiagem.
Fonte: Valdir Estrela (2017)

O jornal A Classe: órgão da associação dos empregados no comércio do Crato, criou uma seção denominada “Aspectos Urbanos” especificamente para debater alguns problemas relativos à cidade. No dia 26 de setembro de 1950, o periódico denunciou

alguns problemas sofridos pela população, ainda tecendo críticas à administração municipal: "O serviço do esgôto que sanará êste problema urbano, tem sido feito preguiçosamente; [...] as famílias que ali residem vêm suportando, [...] as consequências maléficas da imundice que jorra, continuamente, da fossa do Grande Hotel[88]". Aqui cabe pontuar um dado relevante: "[...] em 1950, o recenseamento acusou uma população de apenas 16.030 habitantes, distribuídos pelas áreas urbana e suburbana; eis a população total" (PETRONE, 1955, p. 41).

| **CRATO (distrito)** | **POPULAÇÃO (1950)** | **DOMICÍLIOS** |
|---|---|---|
| **Urbana** | **5.222** | **873** |
| **Suburbana** | **10.808** | **2.367** |
| **Rural** | **10.048** | **2.092** |

Quadro 1 – Distribuição da população e residências no Crato, em 1950.
Fonte: Adaptado de PETRONE (1955).

Essa questão nos permite voltar a um ponto outrora já anunciado: a intensa discussão que se deu em torno do plano urbanístico para a cidade do Crato, que ganhou as páginas dos jornais impressos da época. A passagem é extensa, mas vale apena analisar o seu teor:

> Ressente-se a cidade de um planejamento urbanístico, capaz de orientar e enquadrar harmoniosamente, o seu crescimento. Sucessivos apelos têm sido feitos, através dos anos, para que os administradores locais contratem um escritório técnico especializado no levantamento da planta urbanística do Crato. Tais apelos, todavia não têm encontrado ressonância. Os prefeitos que têm subido, através dos mandatos sucessivos, as velhas escadarias do Paço Municipal, ainda não tiveram a necessária visão e o descortínio largo de enxergar as múltiplas vantagens do plano urbanístico. Quando as principais urbes brasileiras já se conscientizaram do valor de um empreendimento desse porte, o Crato ainda permanece na estaca zero, assistindo a um desenvolvimento estrangulado e infeliz, pelo acúmulo de erros já cometidos e

[88] Jornal *A Classe: órgão da associação dos empregados no comércio do Crato*, 1950, nº 29.

> que continuam a ser cometidos, contra os mais elementares princípios da técnica urbanística. [...] Vivemos aqui divorciados das modernas técnicas de orientação e planejamento do crescimento urbano. O Crato cresce vegetativamente[89].

A justificativa para tamanho descaso é feita a partir da constatação de que "vivemos divorciados das modernas técnicas urbanísticas". Ou seja, a aplicação dessas técnicas resolveria os problemas e corregeria "erros já cometidos e que continuam a ser cometidos, contra os mais elementares princípios das técnica urbanística".

Guardada as devidas proporções, talvez a implementação desses tão sonhados princípios de técnicas urbanísticas modernas fossem aplicadas, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro, na reforma capitaneada pelo prefeito Pereira Passos, responsável por segregar uma parcela significativa da população da cidade, ou então as bruscas mudanças que Hausmmam promoveu na Paris do século XIX, gerando uma "[...] estripação de Paris de acordo com uma estratégia, expulsão do proletariado para a periferia, invenção simultânea do subúrbio e do habitat, aburguesamento, como despovoamento e apodrecimento dos centros" (LEFEBVRE, 2008, p. 102). No fundo, no fundo essas comparações têm uma fundamentação, pois:

> O fato de ser possível estabelecer uma articulação entre práticas e representações do urbano entre épocas e locais variados, nos mostra que problemas semelhantes ou mesmo idênticos se colocaram nesses tempos e espaços distintos. [...] Há uma temporalidade das práticas sociais e de suas representações, mas as idéias viajam no tempo e no espaço e são recicladas em outro contexto, que as historiciza. Ocorrem, nesse processo, simplificações e acréscimos, aceitações e rejeições, seleções e versões, implicando a atribuição de outros sentidos distantes daqueles do original (PESAVENTO, 1999, p. 22-23).

Os impactos da modernização capitalista ao longo da história são visivelmente marcados por processos de supressão às classes menos abastadas. Não é possível afirmar que o processo de modernização urbana do Crato foi menos, mais ou traumático em igual proporção a outros lugares, mas certamente sua realização apresentou situações peculiares sobretudo no que diz respeito a própria dinâmica natural e social da cidade, como, por exemplo, a habitação.

Enquanto a população periférica sofria com a falta de subsídios basilares: "[...] os chafarizes situados nos subúrbios, mediante a falta de água, não estão atendendo e nem

---

[89] Jornal *Folha do Cariri*, 27/01/1966, p. 01.

poderiam atender às necessidades dos suburbanos[90]", "construções-modelo", ou seja, aquelas obras que serviram de exemplo de monumentalidade para o resto do Cariri, estavam sendo erigidas na cidade do Crato. Cidade símbolo do progresso, prosperando em vários setores, a exemplo do lazer e entretenimento, como foi demostrado com a construção do Crato Tênis Clube. Também não podemos deixar de mencionar outra emblemática construção. Ponto de encontro da boemia cratense, a Sorveteria Glória era símbolo de luxo e opulência. Não há registro fotográfico, mas fontes orais dizem que nomes como Luiz Gonzaga (1912 – 1989), o famoso rei do baião, que tinha uma relação afetiva com o Crato, manifesta, inclusive, em suas canções[91] e Nelson Gonçalves (1919 – 1998), uma das vozes mais apoteóticas da música brasileira, já se apresentaram na Sorveteria Glória.

Foto 13 - Praça Siqueira Campos, Crato-CE, destaque para o prédio da Sorveteria Glória
Fonte: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker.

[90] Jornal *A Classe*, 1950, nº 29. Ano I

[91] "Eu vou pro Crato/ Vou matar minha saudade/ Ver minha morena/ Reviver nossa amizade". Primeira estrofe da música "Eu vou pro Crato". Composição de José Jataí e Luiz Gonzaga. Disco Pisa no pilão (Festa do milho), de 1963.

Foto 14 – Detritos da Sorveteria Glória.
Fonte: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker.

A Foto – 14 mostra o que sobrou de um passado "glorioso". Mas num solo de glórias de outrora, agora jaz a centésima loja de móveis e eletrodomésticos Macavi, ocupando um espaço que vai de um quarteirão a outro. O que será que restou de lembranças? Em "*Memória e Sociedade: lembranças dos velhos (1994)",* no tópico "*As pedras da cidade*", Ecléa Bosi afirma que:

> As lembranças que ouvimos de pessoas idosas têm assento nas pedras da cidade presentes em nossos afetos, de uma maneira bem mais entranhada do que podemos imaginar. [Marcel] Proust, sentindo a irregularidade do calçamento sob seus passos, recupera o tempo perdido. "Apenas um momento passado? Muito mais, talvez alguma coisa que, comum ao passado e ao presente, é mais essencial do que ambos.". Sacode-o um frêmito de felicidade ao experimentar sob os pés a pavimentação irregular comum ao pátio dos Guermantes e ao batistério de São Marcos. Compara este sentir com a observação do presente, com a investigação do passado ressecado pela inteligência, com a expectativa de um futuro que a vontade constrói do presente e do passado, dos quais extrai ainda mais a realidade, só conservando o necessário aos fins utilitários que lhes fixa" (BOSI, 1994, p. 443).

Foto 15 – Fachada do prédio que abriga a centésima loja de móveis e eletrodomésticos Macavi
Fonte: Valdir Estrela (2018)

Também na década de 1950, projetava-se outra construção de relevância: o Aeroporto Nossa Senhora de Fátima, com base na Chapada do Araripe. Inaugurado em 1953, mesmo ano de inauguração do Instituto Cultural do Cariri (ICC), as suas atividades cessaram "[...] em 1970, com o motivo de que a área apresentava frequentes cerrações, principalmente na época invernosa, e falta de equipamentos para pousos diurnos e noturnos[92]".

[92] Jornal *Diário do Nordeste.* **Locais não oferecem condições de pouso e decolagem.** 2005. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/locais-nao-oferecem-condicoes-de-pouso-e-decolagem-1.396498>. Acessado em 22 de dezembro de 2017.

Foto 16 – Registro feito ao interior da Sorveteria Glória, na ocasião em que membros da Aeronáutica foram ao Crato para inspecionar o local do aeroporto.
Fonte: Blog Só no Crato (2017)[93].

O aeroporto era o sonho de consumo de muitos entusiastas do progresso da cidade. Muitos se referiam a esse feito como a única benfeitoria que faltava para que a cidade deslanchasse de uma vez por todas como centro político e econômico. A citação abaixo expressa um sentimento de entusiasmo em relação aos novos meios de transporte:

> Além dos veículos modernos e dos aviões que pousam presentemente na vizinha cidade de Juazeiro, enquanto não se constrói nosso campo já em preparo, ainda não eliminamos o transporte em lombo de burros e jericos. Os carros a atração animal é que estão em vias de desaparecimento" (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.53).

Passagens como essa nos revelam questões que suscitam reflexões em torno do desenvolvimento desigual da cidade, bem como já representada em uma citação supracitada: "aqui e ali um prédio mais imponente". A descrição morfológica nos diz, até certo ponto, que a cidade é produzida pelos seus habitantes em diferentes escalas socioeconômicas. Permitindo-nos, enquanto sujeitos desse espaço-tempo, refletir sobre outras escalas espaço-temporais que dizem muito sobre a condição atual. Carlos (2001) afirma que: "[...] a morfologia urbana não revela a gênese do espaço, mas aparece como caminho para a análise do modo como o passado e presente se fundem em determinado momento, revelando as possibilidades e os limites de uso do espaço pelo habitante"

[93] Blog **Só no Crato**. Disponível em: < http://sonocrato.blogspot.com/>. Acesso em: 24 fev. 2017.

(p.56)[94].

Depoimentos da época mostram que as pessoas que moravam às margens (não apenas em uma situação física, de localização, mas no que diz respeito às suas condições de subsistência) da cidade, ou seja, na periferia, se sentiam inferiores em relação àqueles que moravam no centro. O jornal "Ecos da Semana", em um dos raros momentos em que a mídia da época "deu voz" aos suburbanos, procurou ficar a par da situação dos moradores dos bairros da cidade. Assim, resolveram "[...] promover uma "enquete" entre os habitantes dos quatro bairros desta cidade, para conhecermos com exatidão, aquilo de que os mesmos estão a necessitar, e a exigir [...]"[95]." Mas é curioso analisar a forma como o diário, que havia designado o jornalista Jurandyr de Oliveira Nunes para fazer a série de reportagens intitulada "Quais os problemas do seu Bairro?", iniciou a sua primeira abordagem:

> Dando uma voltinha pelo subúrbio do Alto da Independência, sem favor, um dos mais saudáveis e interessantes da cidade, procuramos lançar nossas interrogações a pessôas que comerciam, que trabalham no campo e que, diariamente, em demanda do centro urbano, descem o montículo[96].

É evidente o contraste entre a forma pomposa de retratar o bairro como "saudável e interessante" o jornalista expresso na introdução/apresentação da matéria e a fala dos moradores, aqueles que, de fato, sentem na pele o peso da indiferença, da escassez das condições materiais (que lhes foram expropriados) que dão sustentação à vida. Eis algumas falas, como o jornal sugestionou, oriundas de um "[...] bate papo com pessoas de várias situações sociais, residentes nos diversos bairros da "Princesa do Cariri" (Ecos

---

[94] Essa observação, diga-se de passagem, revela uma discussão acerca da natureza do espaço, já feita por David Harvey originalmente em sua obra "Justiça espacial da cidade" e retomada em seu artigo "O espaço como palavra-chave", onde considera, baseado em Lefebvre, o espaço enquanto uma tríade: absoluto, relativo e relacional, afirmando que: "O problema da concepção correta do espaço é resolvido pela prática humana em relação a ele. Em outros termos, não há respostas filosóficas a questões filosóficas que concernem à natureza do espaço – as respostas se situam na prática humana. A questão "o que é o espaço?" é por consequência substituída pela questão "como é que diferentes práticas humanas criam e usam diferentes concepções de espaço?" Nesse tocante, observar essas representações da vida cotidiana de uma cidade ao longo da história, sem desconsiderar o momento atual, é basal para compreender as contradições impressas em seus vários planos, econômico, político, cultural, etc. para fazê-lo, acreditamos, impreterivelmente temos que considerar a cidade enquanto uma construção humana.

[95] Jornal *Ecos da semana*, 06/03/1949, 4º pág.

[96] Ibid., p. 04.

da Semana, 1963). O primeiro sujeito abordado foi um comerciante, residente na rua Monsenhor Esmeraldo:

> "Dois são os maiores problemas com que vimos, com paciência tenham solução imediata para o bem estar desse povo que o senhor vê, aqui morando. Tais problemas, dependem unicamente do sr Prefeito Municipal. São eles, a água para atender as necessidade especiais, com a ampliação da rede de fornecedores, como acontece no centro da cidade e a instalação de uma ou duas escolas, para a alfabetização de muitas crianças aqui residentes[97]".

As reivindicações do morador, pela reportagem intitulado de "comerciante", parecem legítimas e representativas aos demais. Porém, curioso é perceber que quando o mesmo diz: "com paciência tenham solução imediata para o bem estar desse povo que o senhor vê". É como se ele, talvez pelo fato de ser comerciante e ocupar, dentro do bairro, uma condição socioeconômica mais confortável, parece se eximir da mesma situação de precariedade que afetava os demais moradores. Apesar do polimento na fala, o entrevistado foi taxativo quando se referiu aos dois principais problemas: 1) abastecimento de água; 2) falta de escolas; acrescentando que são benfeitorias instaladas no centro da cidade, beneficiando apenas essa parcela da população.

Sem desmerecer o primeiro problema, enfatizaremos o segundo sobretudo por uma questão: o Crato, principalmente a partir da década de 1920, se destacava no Cariri cearense, dentre outros setores, como o polo de referência educacional da região, quesito fundamental para a fundamentação e construção do status de cidade civilizada e moderna que ocupava. Em uma missiva redigida pelo primeiro bispo da cidade do Crato, Dom Quintino, datada de 23/01/1923, e endereçada a Ana Álvares Couto, vulgo "Naninha Couto", que viria a ser co-fundadora da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, fica evidente o entusiasmo da liderança religiosa em criar um colégio (cuja fundação data de 04/03/1923), que inicialmente atendia apenas a jovens do sexo feminino:

> "[...] resolvi fundar um colégio que terá diretoras externas e colaboradoras para o ensino das alunas, mas cuja administração interna ficará a cargo das futuras religiosas, que não é necessário que sejam instruídas para o desempenho de sua missão, bastando apenas que tenham espírito[98]".

---

[97] Ibid., p. 04.

[98] Blog do Crato. **Como surgiu a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus na cidade de Crato.** <http://blogdocrato.blogspot.com/2017/02/crato-antigo.html>. Crato, 09 fevereiro 2017**.** Acessado em 16 de março de 2018.

De caráter fundamentalmente religioso e elitista, só a partir de 1977 que o Colégio Santa Teresa de Jesus passa a receber jovens do sexo masculino.

Foto 17 – Montagem com registros fotográficos do Colégio Santa Teresa de Jesus em tempos diferentes.
Fonte: Site do Colégio Santa Teresa de Jesus (2017)[99].

É válido salientar que muitas outras instituições de relevância, no âmbito educacional, foram criadas na primeira metade do século XX, a exemplo do "Gymnásio do Crato" (fundado em 01 de Março de 1927), e que a partir de 1948, com a implementação do Curso Científico (2º grau), passou a ser denominado de "Colégio Diocesano do Crato", em vigor até os dias atuais. Um extenso levantamento de todas as instituições educacionais do Crato é feito por Vasconcelos e Queiroz (2009), mas ressaltaremos apenas as instaladas, a exemplo das duas já supracitadas, até 1949[100], sendo: "[...] E.E.F.M. Teodorico Teles de Quental, criada em 1940; E.E.I.E.F Circulo Operário

[99] Apesar de ter registros fotográficos do local, achamos mais simbólico a propaganda feita na página oficial da instituição de Educação expressando a tradição. Colégio Santa Teresa de Jesus. **História da Fundação do Colégio Santa Teresa de Jesus.** <http://colegiosantateresadejesus.com.br/index.php/nossa-escola/sobre-a-escola>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

[100] Período que antecede as reivindicações feitas pelos entrevistados ao jornal Ecos da Semana (1963), só ratificando a penumbra histórica que vivia a população periférica.

Professora Edilma Fernandes Galvão Rodrigues, criada em 1939; Escola de Ensino Fundamental Dom Quintino, criada em 1922; Externato 05 de julho (1918) [...]" (2009, p. 05).

De fato, não era pela inexistência de instituições educacionais que as crianças do bairro Alto da Independência ficavam sem acessar a escola, como protestou o morador. Um outro residente, pelo jornal caracterizado de "[...] um pobre homem do povo [...][101]", além de reiterar as críticas feitas pelo primeiro entrevistado, afirmando que "Nem temos água para beber nem escola para os nossos filhos", ainda expressa um sentimento de profunda indignação: "Moço! Aqui vive-se como se não pertencemos ao Crato", desfechando seu depoimento com uma crítica que revela as diferenças sociais de uso e ocupação do solo na cidade, e as contradições inerentes ao processo de modernização que privilegiava os mais abastados: "Tudo existe lá em baixo [Centro da cidade], onde só mora gente rica e graúda". No bairro Alto da Cruz, a "porta de entrada do Crato", um morador afirmou que "[...] somente gente rica tem o direito de morar no Crato".

Percebe-se que a expropriação dos recursos materiais para a sustentação, ainda que em condições elementares, para não dizer subumanas, da vida afeta não apenas a própria subsistência material do sujeito. O sentimento de não pertencimento ao lugar, à a cidade, também são condições afetadas, sofríveis no cotidiano. O Estado, pela lógica capitalista responsável por "dá um retorno", assistir (direito à moradia, à educação, ao lazer, etc) o cidadão, sequer consegue camuflar a sua função de agente expropriador, historicamente revelando-se aliado e constituído puramente pelas elites. Um "Carreteiro"[102] do Bairro Pimenta, disse: "Nós, pobres, seu moço, não vivemos em Crato. Apenas não lutamos muito para não morrer de fome [...] ela [referência à prefeitura] não olha para os bairros pobres, como este, onde mora muita gente boa, porém, por ser pobre fica no esquecimento".

A quem o projeto de modernização servia? Enquanto as praças e os jardins do centro exalavam beleza, a população residente nos bairros periféricos agonizavam atolados nos rejeitos, sofriam com a escassez de água e iluminação, ao acesso à saúde, à educação e outros serviços essenciais. A valorização de determinadas áreas da cidade não ocorrem por acidente ou coincidências históricas. Esse processo, fundamentalmente, é

---

[101] Ibid., p. 04.

[102] Pessoa que utilizava a carroça movida a tração animal para realizar frete. Hoje em dia esse tipo de profissão informal é denominada de carroceiro.

reflexo da desigualdade social. Por que, como explicitado nos depoimentos acima, é concedida uma nítida atenção (privilégios) por parte do governo municipal aos habitantes do centro da cidade?

Esse ponto diz respeito ao uso e ocupação do solo na cidade moderna. Essa atenção, priorização desigual é resultado de um desenvolvimento desigual. Ou seja, a escassez da oferta de infraestrutura e serviços urbanos para a classe periférica revela que outra(s) parte(s) da cidade estão sendo devidamente assistidas e supervalorizadas pelo Estado "[...] de modo que mesmo serviços fornecidos gratuitamente pelo Estado aos moradores – como ruas asfaltadas, galerias pluviais, iluminação pública, coleta de lixo, etc. – acabam sendo usufruídos apenas por aqueles que podem pagar o seu 'preço' [...]" (SINGER, 1982, p.36).

O uso e ocupação do solo é determinado pela condição socioeconômica a qual o sujeito pertence. O Crato Tênis Clube; a Sorveteria Glória; o Mercado Redondo e outras benfeitorias que já foram reduzidas a pó, ou que hoje constituem-se apenas como marcas residuais, são reflexos de ações que revelam a produção desigual do espaço urbano. Uma cidade fragmentada, erigida sob a égide do capital, de investimentos em serviços que atendiam os anseios de uma elite que desfrutava de boa educação e lazer. Inaugurado em maio de 1925, o Bar Ideal era um dos points de encontro da elite cratense, como bem destaca Martins Filho (1991)[103]:

> O Bar Ideal era o ponto por excelência para o encontro das pessoas da boa sociedade. Nos salão de entrada estavam postos os bilhares, devidamente aparelhados, para o lazer das pessoas aficionadas a esse esporte de elite. Numa ampla sala contígua estavam dispostas as bancas em que seletas freguesias se servia de refrigerantes e, principalmente, de uma sopa de galinha, muito saborosa, que era vendia em duas porções, a que prosaicamente chamávamos de "uma sopa" ou "meia sopa" [...]" (MARTINS FILHO, 1991, p.148).

[103] "Depois do Bar Ideal surgiram os clubes sociais: Crato Clube (1932), Crato Tenis Clube (1950), Associação Atlética banco do Brasil – AABB (1955), Serrano Atlético Cratense (1961), Itaytera Clube (1965), Clube Recreativo Grangeiro (1966) e Sport Club do Crato (1989)" (Depoimento de Humberto Cabral, jornalista e memorialista, na ocasião da inauguração do evento "Deoda Folia", no Crato Tênis Clube, 2017).

Foto 18 – Bar Ideal
Fonte: Acervo do Instituto Cultural do Cariri.

Ainda antes (1918) outro famoso ponto de encontro era lócus de reunião da elite cratense: o Cine Cassino, situado na Praça Siqueira Campos. Uma edição do jornal Folha do Piqui de maio/junho de 1989, publicou uma foto histórica Cassino, seguida da nota:

Foto 19 – Cine assino sul Americano
Fonte: Acervo do Instituto Cultural do Cariri

> "A foto histórica que se vê reproduzida na capa foi feita provavelmente no final dos anos 20, por Pedro Maia. Trata-se do Cassino Sul Americano e que foi inaugurado em 1918, com a projeção do filme 'Tom Mix'. Funcionava como bar no pavimento inferior, como cassino no pavimento superior e cinema nos fundos. Na época, os proprietários eram o Dr. Raimundo de Norões Milfont e Dr. Belém e eram arrendatários Cícero Araripe (Cassino e Bar) e Dr. Rolim (cinema). As dependências do CSA eram cedidas para encontros culturais, artísticos e literários, entrega de diplomas e conferências. Ficaram famosas na região conferências de Leonardo Mota e de Severino Sombra, este em busca de adeptos para o integralismo. No CSA Luiz Gonzaga fez também o seu primeiro show no Cariri, após fazer sucesso no sul. o CSA não foi, porém, o primeiro cinema do Crato. Tivemos antes dele o Cine Paraíso, que funcionava onde hoje é a Biblioteca Municipal (próximo da Praça da Sé). Na época, o cinema era mudo e o acompanhamento feito por uma orquestra (a ela se seguiram um piano, uma radiola e finalmente o cinema falado). Havia uma sirene (que pode ser vista na foto) e que tocava por três vezes antes do início das sessões, sendo ouvida praticamente em todo o Crato. A preservação deste monumento arquitetônico é a preservação da nossa própria história[104]".

Foto 20 – Cine Cassino sul Americano atualmente
Fonte: Valdir Estrela (2017)

Percebe-se que o "desenvolvimento" em curso na cidade, catapultado a partir da iniciativa público-privada, concentrava em uma área circunscrita do solo urbano. Tal

[104] Essa nota foi publicada pelo jornal literário Folha de Piqui, em maio/junho de 1989, mas aqui extraída de um comentário feito por Carlos Rafael Dias, em 17 de julho de 2008, ao blog Cabelos de Sansão. Disponível em: <http://cabelosdesansao.blogspot.com/2008/07/cine-cassino-o-cinema-e-letra.html>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

restrição não é entendida aqui apenas como um mero aspecto "escalar", por exemplo, de distância entre o centro e a periferia, ou de localização, mas retomando o que disse Singer (1982), qualquer benfeitoria realizada sob a lógica da modernização urbana irá beneficiar aqueles que "podem pagar o seu preço". É justamente por isso que a articulação com o setor financeiro se torna indispensável. Relação essa que nos permitirá entender o que tenha possibilitado essa base de infraestrutura, lazer e introjeção de costumes e hábitos.

Como exemplo emblemático podemos mencionar o Banco Caixeiral, inaugurado em 24 de junho de 1931[105]. Esse empreendimento, como explicita a passagem abaixo, constituiu-se como peça fundamental para o financiamento de negócios particulares, sobretudo ao empresariado local, de setores da indústria, do comércio e do setor primário, tendo a agricultura como principal atividade econômica local e regional, destacando-se produtos como algodão e cana-de-açúcar:

> Até 1974, funcionou com status de banco. Em obediência às novas regras do próprio Banco Central do Brasil, foi transformado em Cooperativa de Crédito Caixeiral do Crato. A instituição operava nas linhas de empréstimos pessoais e financiou setores da agricultura, indústria e comércio. Gerou emprego e renda para segmentos da economia regional, a exemplo dos empresários cratenses Antonio Alves de Morais Junior (algodão), José Sampaio de Macedo (cana-de-açúcar), e Vicente Celestino (comércio)[106].

Foto 21 – Sede do antigo Banco Caixeiral
Fonte: Acervo do Instituto Cultural do Cariri

[105] Em 2015, o Banco Central do Brasil cancelou a carta de autorização de funcionamento do Banco Caixeiral do Crato. A instituição foi sucumbida em meio à concorrência desleal das grandes corporações financeiras que estendem seus tentáculos por todas as partes do globo.

[106] In: Jornal do Cariri *apud* Gazeta do Cariri. **Banco Central fecha instituição financeira no Crato.** <http://www.gazetadocariri.com/2015/07/banco-central-fecha-instituicao.html>. Acesso em 25 de março de 2018.

Empreendimentos financeiros desse cunho foram responsáveis por criar uma rede de articulações financeiras com outras localidades do país, especialmente no tocante à economia agroexportadora, tendo o algodão e a cana de açúcar como os dois principais gêneros primários de maior destaque na economia do Cariri cearense. Aqui faremos uma breve consideração. Analisar esse contexto é decisivo não apenas para entender a atuação dos bancos na articulação econômica (e seus impactos na promoção de um processo de modernização urbana excludente) da cidade com a rede urbana da região e de outras localidades, mas também para perceber a posição de centralidade a qual ocupava Crato na economia da região.

Pensando o espaço como um processo histórico, e considerando os aspectos regionais da formação histórica, geográfica e econômica da cidade do Crato, podemos afirmar que esse período de financiamento da classe dominate é fundamental para compreendermos os reflexos específicos (mesmo atualmente, em uma economia cada vez mais globalizada) das entranhas dos circuitos (superior e inferior) da economia urbana (SANTOS, 1978) não apenas do Crato.

Caracteristicamente, as atividades do circuito superior têm presença maciça de capital, a atuação (gerenciamento) de órgãos reguladores e burocráticos, e acesso a crédito bancário em larga escala. O circuito inferior, embora atualmente já apresentando maior nível de financeirização, é composto pelas atividades mais informais, inclusive até resguardando características regionais. Para pegarmos um exemplo neste texto já mencionado, podemos citar o tradicional comércio varejista desenvolvido na cidade do Crato, a condição dos feirantes que há décadas vivem na informalidade, o trabalho dos artesãos da região, entre outras atividades (SANTOS, 1978). Ou seja:

> O circuito superior emana diretamente da modernização tecnológica, mais bem representado atualmente, nos monopólios, não está ligado ao local ou regional, mas sim dentro da estrutura de um país ou de países. O circuito inferior é formado de atividades de pequena escala, servindo, principalmente, à população pobre; ao contrário do que ocorre no circuito superior, essas atividades são profundamente implantadas dentro da cidade, usufruindo de um relacionamento privilegiado com sua região (SANTOS, 1978, p. 34-35).

O pontapé inicial nesse tocante foi dado com a inauguração do Banco do Cariri, em 08/09/1921, se configurando como a primeira instituição fornecedora de crédito não apenas do Cariri, mas do sul do Ceará. Em 1936 as instalações do Banco do Cariri deram lugar a primeira agência do Banco do Brasil no Crato. A oferta de serviços desse cunho

propiciavam a concentração de capitais e maior dinamicidade dos fluxos com outras praças do país. Em 1925 o Crato já contava com uma população de 35.000 habitantes, cerca de 5.000 casas, e comércio bastante diversificado (SOUSA, 2016).

> O ritmo das construções atingiu cifras consideráveis, principalmente no magnífico Bairro do Pimenta onde foi enorme a venda de terrenos e onde surgiu um bairro elegantíssimo. Grandes vendas de terrenos se registraram em outros bairros da cidade. O aspecto das nossas ruas também melhorou consideravelmente, principalmente no centro da cidade, onde a construção do banco Caixeiral veio dar nova visão a um dos nossos principais logradouros [...] Várias ruas receberam pavimentação. Foi construído e inaugurado um novo sistema de posteamento, ao mesmo tempo em que vários serviços de urbanização foram executados[107].

A passagem acima ressalta que "a construção do Banco Caixeiral veio dar nova visão a um dos nossos principais logradouros". Percebe-se que além da articulação financeira, da mobilidade de fluxos de capitais e financiamentos, a estrutura arquitetônica é ressaltada como algo maior, pondo em relevo até a construção do Banco Caixeral, tratando-o como algo que veio a abrilhantar o logradouro. Aliás, a mesma passagem salienta o quão o setor imobiliário cresceu, apresentando "cifras consideráveis", dando a entender que já estava em curso um incipiente processo de especulação imobiliária na cidade, com a valorização do solo urbano, mesmo diante de tantos contrastes sociais.

Por fim, podemos afirmar que na esteira das transformações econômicas e sócio-espaciais, capitaneadas sobretudo por uma elite agrária, que passa efetivamente a usufruir de créditos institucionais, têm-se uma série de mudanças na dinâmica da cidade, seja no aspecto do lazer, da infraestrutura, nos índices de urbanização e na modernização de alguns setores e serviços. A nossa abordagem, problematizada a partir de imagens (dialéticas) e outros fragmentos, sempre esteve consubstanciada em uma perspectiva de tempo não linear.

Consideramos o ir-e-vir, o vai-e-vem incessante, abrolhando a ideia do "Eterno Retorno", como já vaticinou Lefebvre (1991). Tal abordagem não permite o entendimento do espaço como mera acumulação, somatória de fatos e acontecimentos, mas constructo humano, histórico e social a partir de mortes e ressurreições, em, parafraseando o autor supracitado, um "Eterno Conflito".

---

[107] In: Revista Itaytera, n.1, 1955 *apud* Filho, 2007, p. 193-194.

Nessa perspectiva, o que podemos dizer sobre a produção da cidade, do urbano ao longo desse período analisado? É possível olhar para o hoje e se identificar com o passado, e vice-versa? O que permaneceu? Tudo foi reduzido a pó? As marcas residuais (se é que elas existem) refletem lampejos de uma cidade que só existe enquanto memória afetiva ou mera nostalgia? Ao retomarmos à concepção de imagem dialética proposta por Benjamin, ideia essa mencionada já no início desse capítulo, percebemos que o mesmo tinha razão ao dizer que "Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN, 1985, p. 224).

Não conseguimos "pegar" o passado, capturá-lo e colocá-lo dentro de uma caixinha. Entretanto, "apropriar-se de uma reminiscência" constitui-se como uma possibilidade para problematizar e entender as contradições do cotidiano em um dado contexto. A primeira imagem explorada nesse capítulo foi a dos passageiros esperando a chegada do trem, a famosa "Maria Fumaça", à estação do Crato. Essa imagem não foi elegida aleatoriamente. Tal escolha está intrinsecamente ligada à nossa leitura, objeto de nossa análise, dos livros "Matozinho Vai à Guerra" e a "A Delicada Trama do Labirinto". Essa "imagem-reminiscência" nos possibilita olhar para esses dias que correm cada vez mais velozes permitindo-nos constatar que:

> Em sua trivialidade, o cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivéns), horas, dias, semanas, meses, anos; repetições lineares e repetições cíclicas, tempo da natureza e tempo da racionalidade etc. O estudo da atividade criadora (da produção no sentido mais amplo) conduz à análise da re-produção, isto é, das condições em que as atividades produtoras de objetos ou de obras se re-produzem elas mesmas, re-começam, re-tomam seus elos constitutivos, ou, ao contrário, se transformam por modificações graduais ou por saltos. (LEFEBVRE, 1991, p. 24).

Sem nenhuma pretensão de fazer uma reconstituição do passado, ou seja, do período histórico aqui abordado, a análise feita a partir das imagens dialéticas (consubstanciada nas histórias narradas por Zé Flávio Vieira) simplesmente não nos mostra o passado constituído de fatos isolados, momentos estáticos, retratos emoldurados do passado. A comprovação da concepção do "Eterno Retorno", verificável a partir da análise da reprodução, dos (re)começos, da incessante retroalimentação do mundo dos Homens, não para de gerar imagens que refletem contradições, como, por exemplo, a

exposta abaixo (Foto - 22), possibilitando "[...] o passado a colocar o presente numa situação crítica" (BENJAMIN, 2009, p. 513, fragmento [N 7a, 5]).

Foto 22 – Veículo leve sobre trilhos (VLT) saindo da cidade do Crato em direção a Juazeiro do Norte
Fonte: Cesar Coelho

Essa parece ser uma viagem sem fim. Sob os trilhos da antiga linha férrea, inaugurada em 1926 e desativada para o transporte de pessoas em 1988[108], hoje desfila de Juazeiro do Norte a Crato (e vice-versa) o Veículo Leve sobre Trilhos (VLT). A implementação desse meio de transporte faz parte de um conjunto de medidas institucionais que culminou com a instauração da Região Metropolitana do Cariri (RMC).

> Por força da Lei complementar Estadual, aprovada pela Assembleia Estadual do Ceará e sancionada em ato público na cidade de Crato, em 29 de junho de 2009, pelo Governador do Estado do Ceará, foi criada a Região Metropolitana do Cariri, compreendida pelos três municípios polos do Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) e mais seis municípios limítrofes dessa aglomeração urbana, a saber, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri (QUEIROZ, 2015, p. 99).

Existe um debate histórico (capitaneado pelo Estado, mas de grande interesse da iniciativa privada[109], prova disso é que hoje há uma vasta gama de empresas multinacionais instaladas no Cariri) em torno de um planejamento estratégico com

---

[108] CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias Descarrilhadas: O Trem na Cidade do Crato**. Fortaleza, 2008. UFC. Dissertação de mestrado, p. 24.

[109] Exemplo disso é o próprio monopólio do transporte urbano que circula entre Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, a conurbação CRAJUBAR.

ambições de inserir o Cariri em um patamar de destaque no estado. A justificativa dos gestores públicos consiste em ressaltar que há uma acentuada disparidade entre o interior (especialmente o Cariri) e a capital (especialmente a região Metropolitana de Fortaleza).

As ações do Estado se configurariam como uma tentativa de descentralizar, de equilibrar os investimentos e os fluxos (de capitais, de bens, de serviços, de pessoas, etc.) polarizados em Fortaleza e sua região metropolitana. Na visão de Joaquim Cartaxo, à época secretário das cidades, "[...] essa desigualdade se manifestam na concentração de população e atividades na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF); de outro lado, na concentração da pobreza e no crescimento incipiente das cidades do interior[110]".

| MAIORES | |
|---|---|
| Fortaleza | 57.246.034 |
| Maracanaú | 7.893.296 |
| Caucaia | 5.673.367 |
| Sobral | 4.080.275 |
| Juazeiro do Norte | 3.921.628 |
| Eusébio | 2.720.598 |
| São Gonçalo do Amarante | 1.851.347 |
| Aquiraz | 1.826.728 |
| Crato | 1.419.536 |
| Iguatu | 1.359.056 |

| MENORES | |
|---|---|
| Granjeiro | 30.247.000 |
| Baixio | 39.861.000 |
| Pacujá | 40.007.000 |
| Senador Sá | 40.620.000 |
| Umari | 42.832.000 |
| Potiretama | 43.373.000 |
| Altaneira | 43.678.000 |
| Pires Ferreira | 44.269.000 |
| General Sampaio | 45.620.000 |
| Ererê | 45.809.000 |

Figura 4 – Ranking das cidades cearenses com maiores e menores contribuições no PIB (2015)
Fonte: IBGE (2015).

> O resultado do Produto Interno Bruto (PIB) cearense, distribuído entre os 184 municípios, mostra que, em 2015, houve uma nítida concentração espacial da produção dentro do estado com o município de Fortaleza participando com 43,2% desse total. Resssalta-se que a soma dos seis maiores municípios (Fortaleza, Maracanaú, Caucaia, Sobral, Juazeiro do Norte e Eusébio) registrou uma participação de 60,9% no PIB total do estado no referido ano[111].

---

[110] Passagem extraída do artigo intitulado "A Região Metropolitana do Cariri". <http://www.cidades.ce.gov.br/cidades/categoria4/cidades-do-ceara>. Acesso em 12 de abril de 2018.

[111] "PIB dos Municípios Cearenses – 2015". <www.ipece.ce.gov.br/informe/ipece_informe_121_15_Dezembro_2017.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2018.

Os dados apenas ratificam a desigual produção (e distribuição) da riqueza material assentada sobre uma forte desigualdade socioespacial. Essa discussão parece recente, mas, na realidade, ela já tem registro nos anais oficiais da história há mais de um século. A tentativa de promover o Cariri, tendo o Crato como a sua capital, seu centro político-administrativo, se arrasta desde o século XIX, quando em 1828 os representantes do legislativo do Crato "[...] dirigiram ao Governo uma representação, advogando a criação da Província do Cariri Novo, cuja capital seria o Crato" (FILHO e PINHEIRO, 2010, p. 28). No senado do império, em 16 de agosto de 1939, José Martiniano de Alencar já havia solicitado a criação do "Estado do Cariri".

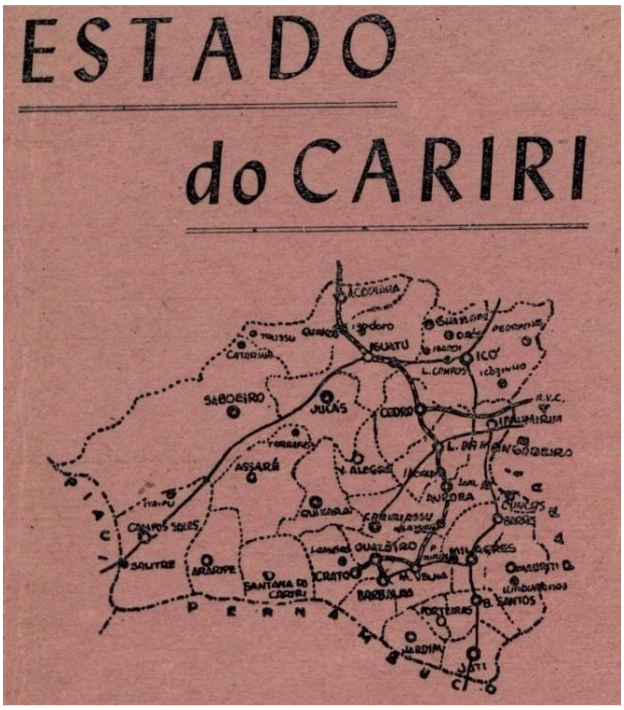


Figura 5 - Mapa do Estado do Cariri
Fonte: Acervo do Instituto Cultural do Cariri

Aspirações expressas em projetos desenvolvimentistas, "emancipatórios", encabeçados por representantes dos poderes imperiais, por uma elite que desejava ratificar seu poder hegemônico através da anexação de territórios, da arrecadação de impostos etc., e que para isso justificavam que "[...] a primeira conveniência deste projecto é ser um meio de se levar a civilisação a estes lugares já bastante populosos" (ANAIS DO IMPÉRIO, 1839, p. 205). Como expomos em passagem supracitada, essa luta para "cratequizar" o Cariri se apoiava no passado de uma cidade soerguida a partir

de histórias gloriosas de seus personagens e fatos épicos[112].

Um tempo onde, contraditória e paralelamente existia a exploração do homem pelo homem, já imperava o subjugo, a hegemonia dos mais abastados. Luxo e opulência ocupavam os prédios de arquitetura moderna, praças, jardins verdes, ruas iluminadas. Ao contrário, agonizava na periferia aqueles que pereciam de subsídios sem os quais a vida não poderia se sustentar, como o abastecimento de água. Não basta se basear no beletrismo dos intelectuais e na visão "progressista" de políticos, bem como "[...] ainda de uma infinidade de Coronéis da Guarda Nacional, títulos por vezes comprados e outros tantos distribuídos entre senhores feudais aqui do Nordeste" (VIEIRA, 2013, p. 289).

Crato, o que essa cidade hoje representa? A "Princesa do Cariri"; o epicentro cultural, a alma vanguardista da região, hoje apenas figura em gráficos e tabelas com pouca expressividade no PIB do Ceará e outros indicadores socioeconômicos se comparando a outras cidades há um século, como, por exemplo, Juazeiro do Norte. Provavelmente esse não era o futuro que as gerações de décadas passadas (na famosa "era de ouro", meados do século XX) imaginavam. As construções em Art Decor que no apogeu de uma classe dominante defensora do "progresso" custe o que custar era o símbolo de modernidade de uma cidade que sepultava traços de arcaísmo para o surgimento do novo, hoje parece muito menos rugas que resguardam um tempo glorioso e mais espaços de apropriação pelo capital a partir de uma tentativa opaca de ressignificação do espaço. É comum a apropriação de construções arquitetônicas antigas que hoje abrigam comércios, sobretudo bares e restaurantes.

[112] Há uma interessante discussão acerca desse assunto na dissertação de José Ítalo Bezerra Viana. VIANA, José Ítalo Bezerra. O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: Memória, escrita da história e representações da cidade. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, 2011.

Foto 23 – Prédio histórico recém reformado, situado na esquina das ruas Miguel Lima e João Araripe.
Fonte: Valdir Estrela (2017).

Esse exemplo é uma saída, ou melhor, um alento na conquista do espaço pelo capital, como disse Lefebvre (2008). Um alento desolador refletido nos rostos dos muitos personagens marginais de Zé Flávio, mesmo nas histórias mais fantásticas, tendo como "[...] testemunha ocular do fato: "Gargalo", um pinguço inveterado, que leva o dia peruando no Gamão do Senador Pompeu, e à noite, faz sua via-sacra, ou melhor, sua via-profana nos botequins da Rua da Saudade [...]" (VIEIRA, 2013, p. 339). Foi da visão ébria de Gargalo, talvez porque não seja uma boa ideia cortejar a história sóbrio, que testemunhou um velho de barbas derreadas sobre o peito sair do antigo "Clube Cariri". O ancião dizia ser o "Espirito do Casarão[113]".

O prédio já estava sendo reduzido a pó, e ele, portanto, estava sendo expulso de seu lugar onde morava desde o início do século. Das muitas histórias que ouviu, Gargalo, emocionado, conta que o enigmático velho desfechou a sua dor da seguinte forma:

> - Não se destrói só fisicamente um prédio, pulveriza-se, também, o espirito da cidade. O Crato deixa de ter história e passa a ser apenas uma vila oca, de construções frias, estáticas, gélidas e sem alma. No lugar, pergunta ele, o que se coloca? Um estacionamento! Nada mais apropriado, numa cidade que estacionou há muito e muito tempo (VIEIRA, 2013, p. 340).

Observando as contradições no processo de construção da "atividade criadora" dos sujeitos ao longo do espaço-tempo, na cidade do Crato, percebemos que o pensar a

[113] Título do texto.

cidade e o urbano sob a ótica do modo de produção hegemônico vigente, que visa a acumulação fundamentada na expropriação, no rentismo insano, é uma iniciativa que tragicamente resulta na produção de um espaço anômalo, estranho ao Homem.

Se a produção do espaço sob a égide do modo de produção capitalista acontece de forma hegemônica, supressora, expropriando o sujeito, tolhendo-o às possibilidades de construção da emancipação humana, não podemos dar como fadado esse processo. Retomando a posição de Lefebvre (2008), que ressaltamos no início desse capítulo, a sociedade atual, que é essencialmente urbana, não se encontra estanque. É incomensurável os vieses que podem abrolhar do conflituoso e inexaurível novelo social. A exemplo do que disse Santos (2007), este se referindo à "Pertinência da Utopia", "[...] o futuro são muitos [...]" (p. 78). Vejamos qual alento Lefebvre (apud CARVALHO; NETTO, 1994, p. 17-18), aponta:

> O que é que escapa ao estado? O insignificante, as minúsculas decisões nas quais se encontra a experiência, a liberdade [...]. Se é verdadeiro que o estado deixa fora apenas o insignificante é igualmente verdadeiro que o edifício político-burocrático sempre tem fissuras, vãos, intervalos. De um lado, a atividade administrativa se dedica a tapar esses buracos, deixando cada vez menos esperança e possibilidades ao que podemos chamar de liberdade intersticial. De outro lado, o indivíduo procurar alargar essas fissuras e passar pelos vãos.

O estranhamento e o inconformismo, de Felinto; a crítica à "vida modernosa com um mal disfarçado ar de tenra saudade", de Marreco; a desconfiança crítica e o trato sarcástico ante as transformações e promessas de uma nova vida, uma nova cidade, de Rui Pincel, o filósofo da Vila; o testemunho desolador e as memórias inebriadas de Gargalo sobre essa, ou melhor, sobre aquela cidade que se esvaiu, se pulverizou ante suas retinas embaçadas. Eis atitudes de sujeitos "insignificantes", à margem da gerência do Estado. É no cotidiano, nos interstícios de uma vida avassaladoramente tomada pela dimensão político-burocrática, que pode surgir experiências libertadoras. Tais personagens mostram que o primeiro passo é tomar consciência desse estágio.

Em nome daquilo que é novo, que é moderno, ou que poderá se modernizar, somos e:

> [...] fomos feitos e refeitos, através da história, por um processo urbano impulsionado para frente por poderosas forças sociais. O ritmo e a escala assustadores do processo de urbanização nos últimos cem anos significam, por exemplo, que fomos refeitos muitas vezes sem saber por quê, como ou para quê. Isso tem contribuído para o bem-estar humano? Tem isso nos feito pessoas melhores ou nos deixado pender em um mundo de anomia e alienação, ódio e frustração? Transformamo-nos em meras mônadas arremessadas de lá para cá

> num mar urbano? E o que podemos agora fazer com as imensas concentrações de riqueza e privilégios em nossas cidades naquilo que até as Nações Unidas retratam como um "planeta de favelas" em explosão (HARVEY, 2009, p.09).

O Crato de Zé Flávio (aqui não o consideramos apenas como o articulador ou até mesmo construtor de uma cidade fictícia, mas ser sócio-espacial partícipe, que de uma forma ou outra habita e respira o cotidiano da cidade) não é uma cidade inventada, uma maquete construída para seus personagens (feito marionetes) friamente habitarem. Os personagens (o autor é um deles, ele não pode escapar incólume) transitam pela cidade respirando as impurezas da sua história, do seu espaço tendo uma única certeza: a cidade de hoje não permanecerá com seus mesmos costumes, não poderá ser grafada com a mesma tinta.

## 3.1 Ecos de vozes alheias recebidas sob aplausos: a higienização, o embelezamento e a programação do cotidiano.

A higienização, o embelezamento e a racionalização (esse último termo aqui substituído pela palavra programação[114]) sempre fizeram parte dos grandes projetos de modernização urbana da história. Esse "tripé modernizador" sempre foi pensado e posto em prática pelos gestores, pelos planejadores, os sujeitos que estão à frente das decisões técnico-burocráticas. O objetivo inicial dessas ações consiste em mudar a "fotografia" da cidade, ou seja, alterar o cenário da urbe no que diz respeito ao desalojamento da sua estrutura arcaica, antiquada. Entretanto - como já ressaltamos no tópico anterior -sabemos que o real teor da política capitalista é encontrar possibilidades, tendo como base a urbanização, para assegurar a manutenção do modo de produção capitalista a qualquer custo. Essas três dimensões não serão analisadas isoladamente, mas de modo a se fundirem.

Por exemplo, pode-se dizer que a programação do cotidiano é resultado do processo de racionalização da sociedade, imposta pelo projeto de Modernidade, estrategicamente forjada pelas ações político-ideológicas do Estado. Já salientamos que a "Guerra de Matozinho", que leva à destruição criativa da cidade, é política, é ideológica.

---

[114] Essa opção é estritamente política. Esse fato se deu sobretudo pelo trato filosófico atribuído por Henri Lefebvre. Isso não é puro perfeccionismo. Como afirma Freire (2014), as palavras são carregadas de significados, as palavras são políticas, são ideológicas, remetem a um contexto real, à vida cotidiana, as palavras servem para dar nome ao mundo.

E, uma das questões centrais para que chegássemos a essa constatação, foi a discussão em torno do poder que a mídia exerce, ainda hoje, sendo essencialmente uma ferramenta de escravização diária, que incentiva o culto ao consumo, instaurando o simulacro a partir do esvaziamento do presente, pelo poder da imagem (LEFEBVRE, 1992, p.66).

O poder das imagens ganhou a sociedade moderna, modificou os costumes e hábitos das pessoas. Por exemplo, a dinâmica da vida em Matozinho se transformou completamente depois que o prefeito Sinderval Bandeira avisou: "- Atenção, atenção, meu povo! Se aprepare que agora mesmo vai aparecer a imagem" (VIEIRA, 2007, p.32). "Apenas a publicidade (ainda ingênua), as banalidades, as pequenas informações marginais lhe dão ideia do que emergiu no centro da vida cotidiana durante essas horas" (LEFEBVRE, 1991, p. 6). Podemos dizer que até hoje não mudou muito. Não significa dizer que pelo fato de a "grande mídia" atualmente cobrir uma grande manifestação ou uma série delas pelo país que de fato haja um interesse de mudança, de transformação política radical.

Dessa forma, a veiculação de fatos relativos às reais condições da classe trabalhadora, ao ver do autor, "[...] as pessoas sem importância [...]" (LEFEBVRE, 1991, p. 6), jamais serão criticamente debatidos, porque os próprios veículos de comunicação formam grandes empresas, grandes monopólios exploradores e manipuladores da realidade. Mesmo hoje em dia, com a presença de meios alternativos, a exemplo da internet, a veiculação maciça de fatos e notícias são gerados e distribuídos pelos grandes grupos de comunicação, a título de exemplo podemos mencionar a Rede Globo.

Talvez não seja uma proposta sensata, mas caso fraccionássemos a influência real dos sujeitos, dos grupos de indivíduos em posições sociais opostas, perceberíamos que aqueles que detêm os meios de produção, isto é, aqueles que comandam as grandes empresas, os conglomerados capitalistas, certamente sobressairiam. Esses têm o controle e influência maciça nas decisões materiais que permitem a continuidade da vida. Pois, assim, "É o espaço formal que impera. O cotidiano e o vivido lhe escapam. Ou melhor, programa-se o cotidiano. Lugares neutralizados, higiênicos e funcionais, como as avenidas, voltadas para a circulação do automóvel" (DAMIANI, 2001, p.52).

Essa passagem reflete a modernidade enquanto uma ideologia dissimulada de racionalidade, de afirmação do real, do concreto. As teias ideológicas desse modo de vida enlaçam, indivíduos instaurando a cotidianidade. Lefebvre traz à baila a relação entre modernidade e cotidianidade. A seu ver, moderno corresponde ao "[...] conjunto de signos

pelos quais essa sociedade se significa, se justifica, e que faz parte da sua ideologia [...]" (LEFEBVRE, 1991, p. 30).

O espectro da vida moderna reflete e passa a viver de acordo com a falsa experiência assimilada. Há, basicamente, duas vertentes para essa perspectiva: o cotidiano, que irá representar "o insignificante (aparentemente)", enquanto a modernidade se encarrega do "audacioso (aparentemente)", do novo. A relação de ambos se dá à medida que um "legitima e compensa o outro. […] São as duas faces de uma realidade tão espantosa quanto a ficção: a sociedade em que vivemos." (LEFEBVRE, 1991, p. 31). Essas duas faces se significam reciprocamente.

O "novo/audacioso" surge enquanto uma condição coercitiva ao que a lógica institucional classifica como "velho/insignificante", ou seja, aquilo que escapa à lógica formal, institucional. Dessa forma, percebe-se uma tentativa de imposição, por parte do Estado, de normatizar, de enquadrar, de ditar regras sociais, que a partir de tal interferência coíbem a vida social, coletiva. Em vários períodos históricos e lugares presenciou-se ações desse teor.

Na cidade do Crato, não foi diferente. Vários fatos explicitam a ação modernizadora, racionalista e positivista. O consumo, o modo de vida das pessoas passaram a ser questionados. Houve uma tentativa de moralização da população cratense. A imprensa conclamava uma participação mais enérgica por parte da força policial para corrigir a forma "[...] com que certa rapaziada local se senta nos seus bancos, ou seja, no encosto dos bancos. Já foi dito e repetido que a Praça Siqueira Campos está a reclamar um policiamento rigoroso [...]" (FOLHA DO CARIRI, 1996, p. 07).

O reflexo disso, no cotidiano da urbe, era percebido através de ações dirigidas, programadas, determinadas pela classe dominante, os jornais se incumbiam de fazer a propaganda "moralizadora". A maneira de se portar nos lugares, de se vestir, de andar eram ditadas. Percebia-se uma necessidade de incorporar o modo de vida típico dos grandes centros urbanos, a exemplo de Paris. Vejamos a maneira como a Sorveteria Glória foi descrita por meio de um jornal:

> Localizada num ponto mais central da cidade e que para ele converge, nas horas vagas, o que no Crato existe de melhor, a Sorveteria Glória [...] conta com recursos indispensáveis para torná-la a preferida da família cratense. Entre os quais avulta esplendidamente essa norma constante, ininterrupta, imutável que é a do absoluto respeito reinante dentro de suas dependências. Aliás isso consegue [...] sem nenhum esforço [...] pois, frequentada como é, pela elite cratense e tendo funcionários zelosos de suas responsabilidades nada mais

> natural que esse respeito não sofra intermitências. Outro ponto que não pode deixar de ser citado refere-se à higiene que preside diariamente os serviços necessitados da Sorveteria Glória [...] seria uma incoerência gritante se esses princípios de higiene fossem esquecidos pelo proprietário. Felizmente isso não acontece. Os preceitos higiênicos são observados religiosamente naquela casa [...] Há também na Sorveteria Glória um completo serviço de bar. Finas bebidas são vendidas a enorme freguesia do Glória. Whiskys, Macieiras, congnac franceses [sic], vinhos portugueses e os melhores de fabricação nacional [...] Situada numa esquina, defronte de uma praça, a Sorveteria Glória é bem ventilada. Não necessita de ventiladores [...]. Seja como for, a Sorveteria Glória é um estabelecimento de grande envergadura. É um dos fatores do progresso cratense (FOLHA DA SEMANA, 1953, p. 03).

Como já comentado anteriormente, as construções de obras de impacto arquitetônico eram realizadas com o objetivo de mostrar que a cidade estava mudando, estava progredindo. A monumentalidade dessas construções impunha até um certo respeito e medo ante os habitantes da cidade. Sem contar que esse processo é fundamental no que diz respeito à acumulação, ao consumo. Como afirma Harvey (2011), não é apenas a construção em si de prédios, casas, etc., mas uma necessidade de consumo embutida no processo. Uma casa, um prédio comercial não são apenas compostos de materiais utilizados para erigir suas paredes, mas é preciso mobiliá-los com "[...] equipamentos de lazer (a TV) e uma série de sistemas de manutenção para dar continuidade à vida. [...]. A criação perpétua de novas necessidades é uma condição essencial para a continuidade da expansão infinita da acumulação" (p.91-92).

Uma tentativa de justificar a "modernidade", ou melhor, de anunciar que a cidade do Crato já estava passando por um conjunto de transformações acarretadas pelo processo de modernização urbana vigente. Ressaltamos como essas mudanças iriam afetar os sujeitos sociais. Mais uma vez, constata-se, com base na passagem abaixo, uma criminalização do sujeito, do cidadão, do transeunte. A extensão da passagem abaixo não exclui a capacidade de ilustração que a mesma contém.

> Como difere a nossa mentalidade da dos europeus, onde os parques são tratados com todo apreço e carinho. Reputo um crime o que se faz com o nosso mais importante logradouro. [...] A imundice campeia por toda parte, as plantas são pisadas e a grama reduzida a pó. Julgo que tudo isso deveria ser levado em consideração. Se tais engenhos não são exigidos, com o fim precípuo de carrear alguns recursos para a paróquia, que sejam, por conseguinte, instalados em local mais apropriado. Afinal de contas, o Crato é hoje uma cidade moderna que se projeta no cenário estadual e nacional, por suas tradições culturais [...]. É de certo modo também um centro turístico, visitada constantemente por gente da capital, de outros estados e de outros países. Não permitamos, pois, que esses visitantes levem da "urbs" a impressão deprimente de uma simples vila provinciana. [JORNAL FOLHA DO CARIRI, 1966. P. 07].

A matéria impõe uma visão preconceituosa e excludente entre um velho dualismo Norte x Sul. Há, explicitamente, uma tentativa de inferiorização do habitante cratense em relação ao morador europeu. A postura eurocêntrica da opinião encobre muitas questões políticas, a exemplo do fato de se tratar de nações colonizadas e colonizadoras. O fato é que atrelado à programação da vida podemos perceber que há uma forte tendência à higienização e ao embelezamento do espaço urbano.

A ideologia do processo de modernização urbana enxerga a cidade como um objeto de consumo pelos próprios habitantes e turistas. Esse processo é traumático porque as ações que levam a realização dessa condição destroem as referências históricas não apenas físicas, mas também soterram junto aos escombros estórias, memórias. Recapitulemos a última frase extraída do jornal Folha do Cariri, citada acima: "Não permitamos, pois, que esses visitantes levem da "urbs" a impressão deprimente de uma simples vila provinciana".

Todas as vertentes ideológicas do modo de produção capitalista, considerando a modernização como uma delas, pregam e impõe aos sujeitos o consumo. E, hoje o espaço é um dos produtos mais consumidos, mais rentáveis, sendo uma mercadoria de alto valor e disputa comercial, ratificando o que dissemos no início desse capítulo.

Isso nos faz questionar sobre os grupos sociais que habitam a cidade. Como essas mudanças afetaram a classe trabalhadora? Geralmente essas transformações priorizam o centro da cidade. Mas, e a zona periférica, marginalizada? Qual a situação dos grupos sociais menos abastados diante das ideias e ações modernizadoras (programação, higienização e embelezamento do espaço) já apregoadas pelo barão de Haussmann "velha" Paris?

As transformações revitalizadoras do centro, de forma indireta, expulsam os moradores ou aqueles que almejavam morar nessa localidade da cidade. A especulação imobiliária cresceu vertiginosamente. Essa é uma estratégia cirúrgica dos donos do capital:

> Para os planejadores de cidades, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares não especificados, mas presumidamente mais sanitarizados e certamente menos perigosos Esta também era a política das estradas de ferro, que fazia suas linhas passarem através destes bairros, onde os custos eram menores e os protestos negligenciáveis (HOBSBAWN, 1997, p. 224).

O centro da cidade, local onde se concentra as principais ações: prédios administrativos; comerciais; educacionais; o templo religioso, as áreas de lazer, etc., é a parte economicamente mais cara de ser consumida. Hoje em dia sabemos que existem condomínios fechados distantes do centro da urbe, áreas privadas e autossegregacionistas. Entretanto, se falarmos na zona periférica excluindo esses "espaços privilegiados", onde os investimentos privados predominam, evidenciaremos problemas históricos. O abastecimento de água, por exemplo, é um fator que afetou diretamente a qualidade de vida nas periferias, ou como a matéria coloca, "subúrbio": "[...] os chafarizes situados nos subúrbios, mediante a falta de água, não estão atendendo e nem poderiam atender às necessidades dos suburbanos[115]"

Contraditoriamente, nesse mesmo ano (1950), também veiculado pelo jornal "A Classe" publica-se uma matéria intitulada "Jardins", assinada por Cícero Martins, na qual o autor ressalta a beleza dos jardins da cidade:

> Hoje pela manhã estive apreciando os jardins da cidade. Como é lindo um jardim pelas primeiras horas da manhã! A grama dos canteiros, rociada, tem um verde alegre e as flores recém-desabrochadas são bem vivas e muito mimosas. [...] Os jardins públicos, aos cuidados de jardineiros zelosos, são constantemente remodelados; de modo que o seu aspecto de agora é um, e o de algum tempo por diante será outro bem diferente. Estão muito lindos agora os jardins da cidade[116].

Conforme ressaltamos em outros momentos, as transformações oriundas com o advento da modernidade, com toda a sua simbologia: a industrialização se instaurando, a urbanização ganhando espaço, um novo modelo e ideário estético-social se configurava como forma de vida, de ser e estar na cidade. Observador arguto do seu tempo, Benjamin procurou entender os impactos do capitalismo nos vários segmentos da sociedade. As transformações na cultura, nos costumes. Ele desvelou aspectos "[...] da vida burguesa que estabeleceu na França... Tudo passava em desfile... Dias de festa e dias de luto, trabalho e lazer, costumes matrimoniais e hábitos celibatários, famílias, casa, filhos, escola, sociedade, teatro, tipos, profissões" (BENJAMIN, 1989, p. 34).

A análise de Benjamin sobre a Paris do século XIX nos remete a acontecimentos ocorridos no Crato de meados do século XX. Vejamos essa pomposa descrição de uma cerimônia matrimonial, ocorrida na Igreja da Sé:

---

[115] A Classe, 1950, nº 29. Ano I

[116] A Classe, 30-07-1950, p. 03

> Glaucia [a noiva] se apresentou com um lindíssimo e original vestido de cetim de seda pura, com ampla calda linha Channel, sapatos do mesmo tecido do vestido. O véu [...] era confeccionado com tule francês, aplicado de renda chantilly, pintado em tons e sobretons de amarelo, formando ramagens bordadas com strass, pérolas, canutilhos e paetês. O diadema (belíssimo) era formado de strass e pérolas, lembrando jóia antiga.
>
> Foram cem talheres, à luz de velas, cerimônia nunca dantes ocorrida em Crato, durante a qual foi servido finíssimo e espumante champanhe. O cardápio à mesa indicava a sucessão dos pratos: Hors d"oeuvre de presunto, Consommé à maitre d"hotel, Camarão a la tartare, salada russa, arroz de forno, peru à Califórnia, Farofa de peru à brasileira, gelatina. Cheme de frutas[117].

"Arroz de forno", "peru à Califórnia", "gelatina", etc., alguns requintados pratos que a matéria destaca, fazem frente à "[...] tapioca, o alúa, o pé-de-moleque, a broa, pratos que sob a influência de um mundo longínquo mas que se dizia civilizado, seriam substituídos por iguarias estranhas e esquisitas [...]" (VIEIRA, 2007, p. 32).

O alastramento desse controverso processo de modernização, fez com que as áreas mais recônditas do globo passassem por tais metamorfoses, impactando a vida de populações que foram pegas de surpresa com processos impositivos vindos de cima para baixo, com um discurso de que o atraso deveria dar lugar ao progresso, sendo que maciçamente essas ideias eram de cunho elitista, projetos renovação urbana, capitaneados pelas classes mais abastadas.

Para Berman (1990, p.147), "Por volta de 1880, os padrões de Haussmann foram universalmente aclamados como verdadeiro modelo do urbanismo moderno. [...] logo passou a ser reproduzido em cidades de crescimento emergente, [...] de Santiago a Saigon. A cidade do Crato, interior do estado do Ceará, em meados da década de 1950, já era enaltecida pelos intelectuais do Instituto Cultural do Cariri (ICC) como um exemplo a ser seguido, "[...] há progresso na terra. A gente depara-se logo, quando o trem começa a parar, com a alinhada rua transversal Monsenhor Esmeraldo e as moderníssimas linhas do edifício Lucetti." (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.64).

A áurea da modernização é exaltada sem modéstia, parecendo mais uma descrição da pomposa Paris do século XIX, sendo cada detalhe e ponto da cidade descritos com glamour e romantismo profundo, "Cafés, bares e sorveterias dão principalmente à noitinha, ótima impressão ao visitante da urbs cratense. Muitas dessas casas de diversão

---

[117] "Todas as citações sobre esse evento foram extraídas do Jornal Folha do Cariri, 16/12/1966, p. 04". VIANA, José Ítalo Bezerra. **O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: Memória, escrita da história e representações da cidade.** 183 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Fortaleza, 2011. p. 163-164.

estão magnificamente instaladas e primam pelo asseio e bom gosto" (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.71).

Costumes e hábitos já davam sinais de degradação, de sufocamento. Sucumbiam-se práticas cotidianas de uma "vida lenta" ante o passo apressado. Já não era mais seguro meninos brincarem nas ruas, que agora eram passarelas de automóveis. O ronco do motor espantava as "velhas" brincadeiras. O som onomatopeico dos cascos dos animais, que levavam e traziam pessoas e produtos pela cidade, já não está mais em harmonia com esses "novos tempos", visto como coisa velha, sendo "inteligentemente" substituído pelo ronco feroz do motor à combustão, não apenas dos carros que traçavam a cidade, mas dos aviões que cortavam o céu, enigmaticamente agourando que a essa altura o "progresso" tinha subido literalmente à cabeça do homem.

Apesar de não discutirmos especificamente sobre industrialização, cabe ressaltar que há uma relação intrínseca entre esse ponto e a modernização urbana. Na década de 1950, começa o Crato a se destacar pelo seu incipiente processo de industrialização, fruto de orgulho para aqueles que defendiam com fervor uma cidade exemplo de "desenvolvimento", talvez essa visão fique mais claro com a visão exposta abaixo:

> Começa Crato a dar seus primeiros passos no terreno da indústria diversa. [...] Possui duas fundições bem aparelhadas, duas boas fábricas de sabão, duas serrarias mecânicas, uma cerâmica moderna, três fábricas de beneficiar algodão e outra já em vias de instalação, 4 moinhos de café, além de fábrica de doce e outra de manteiga, tôdas bem montadas." (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.57).

Junto a isso, o crescimento urbano é tão exaltado quanto. Como percebemos: "[...] o Crato Tênis Clube, cercado de belos e confortáveis bungalows. A Avenida Coronel Teodirico Teles abre-se agora, bem ampla e atraente, em trecho onde há bem pouco dominava apenas o mato": (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.59). A partir de vários trechos desse teor, percebe-se a tentativa de imposição de uma visão que sobrepõe o elemento urbano, "moderno", ao atraso, ao "mato", se referindo a uma substituição benfazeja do urbano em relação ao rural, colocando-o como processo essencial à vida, ao bem-estar social.

Dentre as várias caracterizações e descrições desse estudo corográfico sobre a cidade do Crato, Irineu Pinheiro e Figueiredo Filho, também descrevem o espraiamento da malha urbana, como se um manto do progresso urbano fosse se entendendo e engolindo o verde, o bucólico, levando luz à sombra do atraso de um mundo campestre, afirmando

que: “Cresce a cidade e remodela-se, avançando sítios vizinhos [...]” (PINHEIRO E FILHO, 1955, p.59).

O que puramente era tratado como sinônimo de progresso e bem-estar, perversa e traumaticamente ruía relações sociais. O crescimento urbano, a industrialização, ou seja, toda aquela “aura” gestada entorno de uma cidade que aspirava o posto de “metrópole” do Cariri, qualidade de vida, já apresentava contradições em seu cotidiano, que pode ser pesadas pela reação de “Marreco [que] condenava a vida modernosa com um mal disfarçado ar de tenra saudade. Ainda menino, no início dos “dourados” anos 50, açoitado pela seca, chegado do interior, encontrou na pequena viela seu mundo (VIEIRA, 2013, p.78).

Alguns prédios públicos históricos e algumas casas antigas apenas pigmentam, conferem um leve ar de cidade interiorana, que preserva as suas representações histórico-culturais. São rabiscos, rugas, memórias sufocadas em meio ao avanço dos edifícios residenciais e condomínios fechados. Essas teimosas inscrições materiais ainda remetem a lembranças, o que sobra, o resto, no entanto, só soçobra.

## Capítulo 4. - Quanto vale ou é por quilo? – É por metro. – "Tá" vendido!

Em "Aula de geografia e algumas crônicas" (Sousa Neto, 2008) é sutilmente estabelecido um paralelo entre o fazer(se) do geógrafo e do poeta, a ponto de o autor dizer, em uma das crônicas, que: "E entre nós geógrafos-educadores, que andamos muito, fico a imaginar o que se pode pensar, quando com outras pessoas [outros sujeitos sociais, poetas, escritores, etc.] a gente quer caminhar" (p.37). No trecho extraído da crônica "Para caminhar pensando", (Sousa Neto 2008) inicia-a citando Paulo Leminski: "Andar e pensar um pouco, que só sei pensar andando. Três passos, e minhas pernas já estão pensando".

Essas passagens tencionam uma situação na qual o sujeito está no mundo, em contato com o mundo exterior. Nelas, o ser sócio-espacial revela-se em contato com o outro, apropriando-se da realidade humana na vida cotidiana. "Caminhar", "andar", "pensar" e todos os sentidos humanos são aprendidos quando:

> O homem apropria-se do seu ser universal de uma maneira universal, portanto, como homem total. Todas as suas relações humanas com o mundo, isto é, ver, ouvir, cheirar, ter paladar, tato, pensar, olhar, sentir, querer, agir, amar, em suma, todos os órgãos da sua individualidade, que são imediatos na sua forma enquanto órgãos comuns, são, na sua relação objetiva, ou seu comportamento diante do objeto, a apropriação desse objeto. A apropriação da realidade humana, a maneira como esses órgãos se comportam diante do objeto, constitui a manifestação da realidade humana (MARX, 1979, p. 23).

Nesse sentido, especialmente para fins metodológicos, realizaremos uma atividade à qual possibilitará um contato prático-sensível entre o geógrafo-pesquisador, esse que ora escreve, e o cronista, autor dos dois livros analisados. A finalidade dessa atividade não consiste em ratificar o que o cronista em análise já refletiu em seus textos ("Matozinho" e a "Trama"), mas demostrar como o exercício do andar, do conversar, do ouvir, do ver, ou seja, todas as formas humanas de apropriação da realidade, de intervenção no mundo, refletem a crítica do autor sobre o processo de modernização urbana da cidade do Crato-CE.

Em vez de uma entrevista com perguntas pré-estabelecidas, decidimos a opção mais livre por uma conversa, um diálogo a céu aberto. Essa escolha, a nosso ver, poderia possibilitar o surgimento de questões que não ficassem circunscritas ao universo de

referências do pesquisador, sobretudo com base naquilo que ele extraiu dos textos do entrevistado.

Essas atividades, defendemos, são apropriações humanas antes de pertencerem a profissões ou atividades institucionais, a exemplo da realização dessa pesquisa, mesmo sabendo que são dimensões que estão fundamentalmente ligadas. Se imaginarmos, por exemplo, o que era andar a pé na cidade do Crato antes do advento do carro, do trânsito caótico que coloca em xeque a segurança do pedestre, ou da programação do cotidiano que controla o nosso ir e vir, que tolhe a capacidade de contemplação ditando regras[118]: "[...] Ande (farol verde), Pare (Vermelho), Diminua o passo (amarelo), Proibido estacionar, Proibido virar à esquerda, etc..." (CARLOS, 2007, p. 50). Ou se ainda imaginarmos a quase total extinção das brincadeiras que ocupavam as ruas e calçadas, revelando uma apropriação lúdica da cidade desde a infância. Nessa abordagem, a experiência é tida como algo fulcral.

A partir dessa atividade será fundamental termos a visão "atual" do autor sobre o processo de modernização urbana da cidade do Crato, visto que não analisamos os escritos enquanto um elemento separado da vida do autor.

Essa peregrinação está consubstanciada na interpretação que Karel Kosik faz, a partir da obra de Marx e Engels, com base na imagem da "odisseia". Essa imagem concebe o sujeito que se constrói dialeticamente na práxis transcorrida na vida cotidiana, pois o:

> O sujeito (o indivíduo, a consciência individual, o espírito, a coletividade) deve andar em peregrinação pelo mundo e conhecer o mundo para conhecer a si mesmo. O conhecimento do sujeito só é possível na base da atividade do próprio sujeito sobre o mundo; o sujeito só conhece a si mesmo mediante uma ativa transformação do mundo. [...] Todavia, o sujeito que retorna a si mesmo depois de ter andado em peregrinação pelo mundo é diferente do sujeito que empreendera a peregrinação. O mundo percorrido pelo sujeito é diferente, é um mundo mudado, pois a simples peregrinação do sujeito pelo mundo modificado o próprio mundo, nele deixou as suas marcas (KOSIK, 1976, p. 183).

Para Karel Kosik, autores como Marx e Hegel se apropriaram da "imagem da Odisseia" como, em suas palavras, um "motivo simbólico comum". No caso de Marx, em especial, é feita uma analogia entre a mercadoria e o herói Odisseu/Ulisses. Pois ambos, tanto a mercadoria quanto o herói épico, ao peregrinarem pelo mundo, transformam-no

---

[118] No apêndice, a partir de uma crônica que fiz sobre a minha experiência na cidade do Crato, expresso uma curta reflexão a cerca desse processo. Também é uma espécie de "registro ontológico" com base na experiência aberta na cidade. Também será exposto a representação feita por Zé Flávio.

e, ao mesmo tempo, se metamorfoseiam, ou seja, nas palavras de Kosik "[...] O mundo percorrido pelo sujeito [em nossa prática consideramos a cidade como referência imediata] é diferente, é um mundo mudado, pois a simples peregrinação do sujeito pelo mundo modifica o próprio mundo, nele deixou as suas marcas". (KOSIK, 1976, p. 183).

A cidade, no âmago do projeto de modernidade, é uma das principais fontes de consumo e reprodução do capital. Ou seja, a cidade também é uma mercadoria, um produto. O processo de modernização urbana há muito reverbera nas pequenas, médias e grandes cidades. E não é apenas na mercantilização do solo urbano, mas nas transformações estéticas, que literalmente descaracterizam a experiência verdadeira do sujeito na urbe. Dessa forma:

> É assim que se pode falar de uma colonização do espaço urbano, que se efetua na rua pela imagem, pela publicidade, pelo espetáculo dos objetos: pelo "sistema dos objetos" tornados símbolos e espetáculo. A uniformização do cenário, visível na modernização das ruas antigas, reserva aos objetos (mercadorias), os efeitos de cores e formas que os tornam atraentes (LEFEBVRE, 2008, p. 29).

A modernização urbana revela as facetas desse processo. A cidade e a vida urbana no mundo moderno transformaram-se em mercadoria. A descaracterização das referências históricas, a partir da modernização do espaço, como diz Lefebvre (2008), procura construir (através de imagens e símbolos) um espectro atraente, comercializável, consumível. Nesse caso, a cidade é travestida de uma nova aparência na condição de mercadoria, a exemplo de Matozinho:

> Colocaram uma faixa na entrada da velha feira de Matozinho: Brushwood ´s Shopping Center! Vendiam Aguardente como "Brandy"; Filhós como "Shortcake"; Quebra-Queixo como "Break-jaw"; "Passa Raiva" era oferecido como "Take Ou-Rage". Até os pobres currulepes estavam numas prateleiras onde estavam escrito "Shoes"! Em terra que chinela currulepe tem esse status eu não moro [disse Mané Tareco]! (VIEIRA, 2007, p.166).

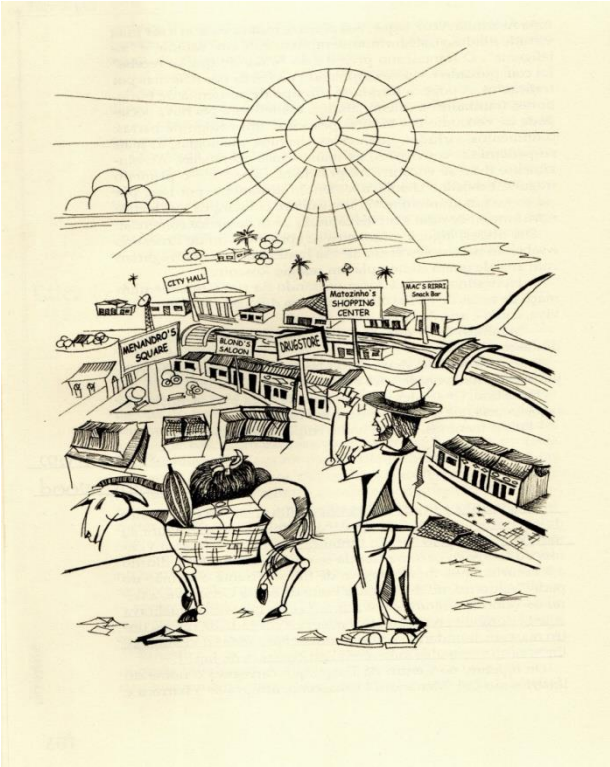


**Figura 6 - Mané Tareco dando banana à cidade**
**Fonte (VIEIRA, 2007).**

O gesto obsceno (lê-se rebelde) de "Tareco" não é direcionado às paredes da cidade, mas a entronização e, consequentemente, à hegemonização econômica da sua produção a ponto da cidade ser um gigantesco outdoor que não apresenta outra coisa senão letreiros propagandísticos que os seus próprios habitantes não mais a reconhece. Os citadinos não mais se reconhecem na cidade, nas suas paredes, nas ruas, becos e vielas. Reflexo da ação humana, a cidade, ante a hegemônica lógica do mercado, torna-se elemento estranho. Essa situação demostra o estranhamento do sujeito, o sentimento de uma experiência urbana pobre e empobrecedora.

Não há mais espaço para os produtos típicos de Tareco, talvez até a possibilidade de relações pautadas no valor de uso. Não que essa prática esteja absolutamente suprimida, mas antigamente era bastante comum as pessoas praticarem "trocas simples", ou seja, sem o interesse comercial-mercadológico, sem a primazia do lucro. Nessa relação, o lucro não é o fator principal. O que está em voga é o uso dos produtos, não há a mediatização via dinheiro, papel-moeda.

Com a instalação de fábricas, com a era dos produtos industrializados, mesmo as atividades comerciais baseadas em sistemas produtivos que já eram fundamentalmente ligadas à lógica do lucro, mas que ainda tinha uma produção baseada em uma escala local-

regional, foram suprimidas: “O comércio minguou, os engenhos passaram a não mais safrejar e o povo foi pouco a pouco jogando fora suas tradições e destruindo seus sítios históricos (VIEIRA, 2013, p. 215).

## 4.1 Prelúdio de um périplo

Um jovem geógrafo saiu às ruas da cidade do Crato à procura do paradeiro de um escritor. A expectativa do primeiro encontro, da primeira conversa causava-lhe um frêmito que se intensificava à medida que idealizava a sua figura. A sua peregrinação iniciou-se na Universidade Regional do Cariri. Andando, perguntando e pensando – talvez não necessariamente nessa ordem – foi impulsionado através do boca a boca, levado pelas falas do povo em um ritmo que até condiz com a letra da música “Vou no Vento”, do álbum “Bárbara” (2008), de autoria do compositor cratense Abidoral Jamacaru, que diz: “Ó maninha eu vou no vento/Pra Chapada do Araripe” (JAMACARU, 2008). Era para lá que, de fato, o pesquisador estava caminhando, bem ao sopé do planalto, lugar onde reside Zé Flávio.

Em vez de utilizar mapas, bússolas ou GPs, o geógrafo se amparava apenas em um pedaço de papel que continha as informações básicas da residência do escritor, fornecida, via uma rede social, por ele mesmo. O início desse périplo, dessa primeira peregrinação, antes mesmo do começo oficial da pesquisa, já estava retratado nas histórias narradas pelo escritor. Por exemplo, caso a cidade do Crato fosse uma vilazinha chamada “Matozinho”, contendo apenas duas ruas paralelas, e se alguém chegasse lá perguntando (seja no bar do Giba ou se tivesse a sorte de topar com dona Riri) onde ficava a casa do Dr. Zé Flávio - provavelmente o único médico da cidade - certamente alguém iria lhe informar de primeira o seu paradeiro. Abaixo, uma anotação em letras trêmulas, num papel amarrotado e tinta já desbotada sugere o endereço do escrevinhador das coisas de uma gente que ri de sua própria desgraça.

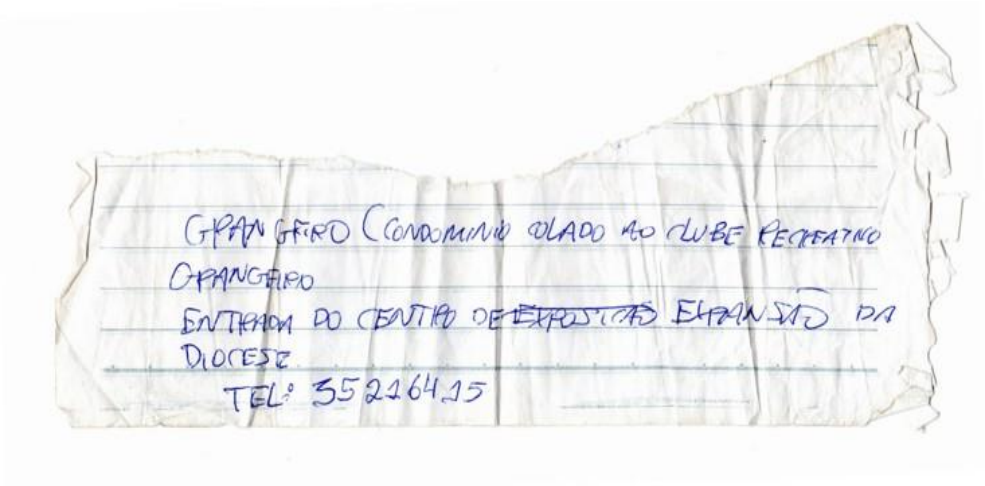


Figura 7 - Fotocopia do endereço do escritor[119]

Embora "Matozinho" ainda resista, mal sabia o geógrafo que ele já estava submerso nas "Delicadas Tramas" da urbe. Após um considerável tempo de caminhada, percebeu, com base nas informações em mãos e nas que coletou na rua, que seria inviável chegar ao seu destino a pé. Acabou recorrendo a um moto-taxi, aquele que, mediante a compra da sua força de trabalho, conduz a mercadoria até o seu destino final. As distâncias mudaram, agora só o motor a combustão resolve. A odisseia na cidade moderna é uma aventura que com muita frequência acaba em duas ou quatro rodas, ou até mesmo na instabilidade do céu, já que "Tudo o que era sólido e permanente se desmancha no ar [...]" (MARX E ENGELS, 2014, p.36).

Ao contrário de uma aula de campo, essa atividade não contém procedimentos pré-estabelecidos (realização de um "pré-campo": exposição de imagens ou de algum tipo de artefato que se reporte ao lugar a ser percorrido, localização prévia da área a ser percorrida, planejamento, roteiro, etc.). Ou seja, a concepção que norteou a nossa prática se assemelha à mesma que fundamenta a peregrinação do personagem central do conto "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro[120]", do escritor Rubem Fonseca, que aclara o seguinte: "Excluamos de nosso passeio toda a idéia de ordem ou sistema: regular os nossos passos, impor-nos uma direção e um caminho seria um erro lamentável [...]"

[119] Como diria Wright Mills (2009), isso faz parte do meu (do nosso) artesanato intelectual, ou na visão de Moreira Campos, grande contista cearense, são "pedaços de mim".

[120] O personagem principal (Epifânio) depois de ganhar na loteria tem a sua vida radicalmente modificada: passa a se chamar Augusto, pede demissão da comissão de água e esgoto e decidi se dedicar a escrever um livro que tem como título "A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro", cujo objetivo central da obra seria encontrar "uma arte e uma filosofia peripatéticas que o ajudem a estabelecer uma melhor comunhão com a cidade"

(FONSECA, 1992, p. 21-22).

O encontro se deu na Praça da Sé, símbolo e marco histórico-turístico da cidade, que recentemente recebeu mais um atrativo: um letreiro contendo um coração, que sugere o slogam: “EU AMO CRATO”. Essa iniciativa política não é exclusiva e nem original da gestão governamental da cidade do Crato, nem de outros municípios caririenses, a exemplo de Barbalha-CE, Brejo Santo-CE e Juazeiro do norte-CE. A tentativa de criar e/ou reforçar um vínculo de afetividade e pertencimento ao lugar é comum em cidades estrangeiras, como Amsterdam, Holanda, e Nova York. Quem nunca leu o slogam: “I Love New York?!”

Foto 24 – Letreiro exposto no centro da Praça da Sé
Fonte: Valdir Estrela (2017)

Se “Colocaram uma faixa na entrada da velha feira de Matozinho: Brushwood ´s Shopping Center!” (VIEIRA, 2007, p.166), “coincidentemente”, quando a poucos metros dali passamos em frente ao antigo Camelódromo da cidade, que recentemente passou por um processo de modernização, o mesmo foi reinaugurado como o novo “Shopping Popular do Crato”.

Foto 25 – Shopping Popular do Crato
Fonte: Valdir Estrela (2017)

Se as veredas de Matozinho já estavam atravessadas de faixas propagandísticas, agora, em suas Delicadas Tramas percebe-se a intensificação da "colonização da vida cotidiana" por meio da "Sociedade burocrática de consumo dirigido" (LEFEBVRE, 1991). Não à toa houve a introjeção da palavra "shopping", espaço ideal para o consumo programatizado, dirigido. Essa discussão está para além das melhorias de condições do ambiente: higienização; melhor deslocamento das pessoas; melhores condições de vida para os comerciantes; regularização de direitos trabalhistas, etc.

Ações desse teor são exemplos da mudança paradigmática que envolve os diferentes modelos de produção. Por exemplo, na transição do Fordismo para a acumulação flexível (Taylorismo), a vida cotidiana foi afetada por meio de novas formas de uso e significados do tempo-espaço. Tudo é milimetricamente planejado para que possamos consumir cada vez mais. O consumo invadiu todas esferas da vida. Para Harvey (1989),

> Dentre os muitos desenvolvimentos da arena do consumo, dois têm particular importância. A mobilização da moda em mercados de massa (em oposição a mercados de elite) forneceu um meio de acelerar o ritmo do consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação (hábitos de lazer e de esporte, estilos de música pop, videocassetes e jogos infantis etc). Uma segunda tendência foi a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços - não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversões, de espetáculos, eventos e distrações. O 'tempo de vida' desses serviços (uma visita a um museu, ir a um concerto de rock ou ao cinema, assistir a palestras ou frequentar clubes), embora difícil de estimar, é

> bem menor do que o de um automóvel ou de uma máquina de lavar (HARVEY, 1989, p. 258).

A versatilidade e a flexibilização da produção gerou novos comportamentos que rapidamente foram introjetados à vida cotidiana e assimilados pelas pessoas. Novos hábitos e estilos de vida surgiram e se consolidaram mundialmente. O consumo de serviços os quais Harvey (1989) mencionou (visita a um museu, ir a um concerto, ao cinema, etc), são possibilidades mais instantâneas, "voláteis". Ir à feira, sobretudo para pessoas que vêm de outras cidades ou até países (seja turistas ou simplesmente visitantes), que gostam de desfrutar, de explorar as peculiaridades de um dado local, pode se configurar como o consumo não apenas dos serviços, mas também do lugar, do espaço.

As ações modernizadoras (geralmente alcunhadas como revitalização do espaço) tentam gerar uma nova dinâmica de apropriação e consumo. Seja pela mudança da palavra, da imagem (por exemplo, a troca da palavra Camelódromo, que sugere uma estrutura arcaica, desorganizada, informal; para Shopping, que junto com o estrangeirismo tenta imprimir uma ideia de novo, de sofisticação, de embelezamento) seja pela forma, viabilizando novas formas de uso, sempre calcado na imagem da urbanidade, do lazer e bem-estar. Os espaços de consumo se resignificaram sob às ordens e ditames das novas tendências e modelos de produção. O consumo não se restringe apenas aos serviços ofertados em dados locais, mas o próprio espaço, a própria cidade são objetos de consumo.

> Já é bem conhecido o duplo caráter da centralidade capitalista: lugar de consumo e consumo do lugar. [...] Nesses lugares o consumidor também vem consumir o espaço... Torna-se razão e pretexto para a reunião das pessoas: elas vêem, olham, falam, falam-se. E é o lugar de encontro, a partir do aglomerado de coisas (LEFEBVRE, 2001, p. 131).

Se na atividade descrita no tópico anterior partimos de um ponto real da cidade para realizarmos um périplo, também partiremos de um ponto real, porém de um tempo mais remoto, com foco no reflexo social do espaço urbano da cidade do Crato a partir dos dois livros que são objetos de nossa análise e de outros referenciais de cunho científico e jornalístico.

## 4. 2 - Flanâncias e peregrinações: entre as veredas e as tramas, morte e vida nos sertões

Em meio ao burburinho generalizado, ao aperto das calçadas (ratificando a teoria de que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço), os esbarrões em sacolas e no atento e esguio olhar ao atravessar a rua, urdia-se uma conversa incessante, que, aqui acolá, era interceptada por algum transeunte que abordava o médio-escritor-flâneur: - "Há quanto tempo, Dotô! O senhor ainda tá atendendo no mesmo lugar? – foi o que inquiriu uma senhora ao abordá-lo, quando ainda papeávamos sentados a um banco da Praça da Sé, nosso ponto de partida.

A rua é do Carro, da moto, do motor. O que resta ao transeunte são as margens, se espremer nas calçadas estreitas. Mas é nesse frenesi que o contato com o outro ocorre. Ainda parece que é ali o melhor lugar para atender ao outro, para conversar, bater um papo. A rua e a praça expressam a dimensão do encontro, do coletivo, que "[...] reconhece e inventa tanto quanto o indivíduo trancafiado em seu quarto. E a rua é a morada do coletivo" (BENJAMIN, 1994, p.194). Na rua parece não haver filtros e barreiras do privado.

Foi assim que anunciei o que iriamos fazer: apenas conversar. Não é entrevista, não teremos microfones, holofotes. Pode falar destacando o dedo, contorcendo o corpo, acenar com a cabeça, pode falar andando, não atrapalha o pensar. Parafraseando o poeta Paulo Leminski, antes dos três passos nossas pernas já estavam pensando e sentindo a irregularidade do relevo, os remansos e texturas do solo impermeabilizado da urbe.

Contemplávamos as mesmas coisas? Enxergávamos por meio do mesmo ângulo? Enveredamos pelo Calçadão[121], que parece, agora, com a imponência de uma das paredes laterais da loja Macavi[122], mais sufocado, claustrofóbico. Não tive como não lembrar da agonia de seu Felinto[123], que vivia aturdido com as barreiras, as paredes engolindo as pessoas, a cidade enquanto reflexo de uma vida cindida. É perceptível um ar de nostalgia

---

[121] Lugar de fluxos e transitoriedades. Bares, restaurantes, a banquinha de revistas na esquina. É normal vê-se um senhor, proprietário de uma barbearia, apurar a vista em num jornal à espera de um cliente.

[122] Ver (foto 15).

[123] Eu, apenas os detritos; ele, talvez algumas lembranças mais robustas e afetivas.

ao comentar sobre a extinta Sorveteria Glória[124], lugar de reunião entre os boêmios, dos bailes, das festas de outrora[125], reduto de artistas consagrados.

Mais à frente já poderíamos avistar o Canal do Rio Granjeiro. Mas antes de vermos ratazanas balofas e os esgotos escoando em seu leito, disse-lhe que morei por "aqui", à época de graduação. Aqui quero dizer na rua José Carvalho. Pois é, aqui, bem aqui, onde nossos pés estão, no início do século XX, era banhado pelas águas límpidas do Rio Granjeiro. A rua invadiu o rio, que hoje corre espremido num canal pútrido. Mas o rio desvirtuado é teimoso, por isso ainda invade, ou melhor, ocupa a rua, faz visitas indesejadas às casas, reivindicando ao Homem o que é seu por natureza, e que foi-lhe roubado por ganância, quando o solo urbano dessa cidade já era cirurgicamente fatiado e mercantilizado, disputado metro a metro.

Adentramos no Shopping Popular do Crato, mas antes disso esbarramos em vários ambulantes, disputando as calçadas, à sorte nas esquinas. A diversidade e a originalidade da feira livre do Crato já foi maior, tece comentários desse teor. Percebe-se que se um dia a feira foi livre, há muito deixou de ser. A adequação à burocracia imposta pelo Estado é um mecanismo sorrateiro e eficiente de desestabilização contra aqueles que todas as madrugadas saltam no escuro da informalidade. Mas essa gente não desiste, alimenta-se de esperança.

Enquanto as grandes redes de supermercado e conglomerados econômicos monopolizam o espaço de anúncio dos rádios e televisões, os ambulantes levam as mãos em concha à boca e gritam no vazio. Enquanto as grandes corporações ganham isenções fiscais para se instalarem no território do grande capital, os ambulantes são acossados, coagidos pelo Estado, que cada vez mais impõem-lhes condições adversas de permanência[126]. Inevitavelmente, lembrei de Mané Tareco[127].

---

[124] Ver (foto – 13) e (foto – 14)

[125] Antes do encontro com Zé Flávio, coincidentemente se encontravam na Praça da Sé alguns de seus amigos. Dentre várias histórias narradas, uma me chamou atenção. Em uma antiga casa de show, onde aconteciam os famosos bailes (peço desculpas por não lembrar a data e a localização do ocorrido, pois nada foi gravado), o segurança do local foi morto por não permitir a entrada de um homem simplesmente pelo fato dele não estar devidamente trajado.

[126] Para maior aprofundamento no assunto, urge a leitura da rigorosa pesquisa de: PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP.** Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

[127] Ver (figura – 6)

A colonização moderna do espaço se dá pela imposição e poder de articulação das grandes corporações. A parede desbotada de uma bodega ou o balcão encardido de um botequim são enfeitados com cartazes que estampam logomarcas de grandes empresas. Confessei que isso me deixava um pouco aturdido. Disse-me que aquelas ruas eram muito diferentes de hoje. Além dos nomes que mudaram, a dinâmica cotidiana era outra. Ainda permanecia resquícios de uma sociabilidade simples: a conversa na calçada, os encontros de renovação. Hoje, à boquinha da noite, só resta espaço para um vazio silente e soturno[128]. Além de algumas poucas casas de morada, apartamentos alugados por estudantes apagam suas luzes quando a lua opalescente se destaca no cume do céu.

Não faz mal trazer à baila Lefebvre (2008), que nos disse que essas placas, outdoors, cartazes, anúncios em letreiros, panfletos forrando as calçadas fazem parte do conjunto de signos e símbolos que dão a tônica a esse cenário colonizado pela imagem e publicidades. Muitas casas históricas do centro foram modernizadas. Só assim passaram a integrar a nova estética da cidade, outras foram demolidas e, sob os seus escombros, erigidos prédios comerciais, apartamentos para alugar, alternativas para "reinserir" essas "velhas" estruturas no círculo vicioso do capital, pois Harvey (2008) também entrou na nossa conversa.

Depois de passar na calçada de tantas casas escondidas atrás de portões elétricos e muros altos, aureolados com rolos de arame farpado e cercas elétricas, chegamos ao Bar do Neném[129]. Aqui podemos entrar sem pedir permissão, sem bater à porta. Não esbarramos em qualquer ferrolho ou tramela, o passe é livre. Se nunca fecha, é melhor ficar aberto pra sempre, 24 horas por dia e 365 dias por ano, brinca. À maneira como Zé Flávio é recebido e perceptivelmente se sente, notamos que não é a primeira vez que ele pisa naquele espaço sagrado da profanice cratense, seja em uma mesa ou dividindo o pé do balcão com outros que depois de umas e outras se despem de qualquer pompa.

À essa altura, percebemos que a nossa proposta inicial de "esquecermos" os textos de "Matozinho" e a "Trama" já havia sido carregada pela água barrenta do Canal do Granjeiro". Não que Zé Flávio ficasse apontando o que havia escrito e comparando com objetos materiais da cidade (a Praça da Sé, o Calçadão, a RFFSA, etc.) Ao contrário, suas

---

[128] Aqui me deixei levar por algumas memórias afetivas à época de residente, quando tinha que atravessar aquela parte da cidade com prédios fechados, o cheiro de mijo exalado das ruas escuras e cães disputando pedaços de ossos descartados pelos donos de frigoríficos.

[129] "Um Nénem de 40 anos" é o título de uma das crônicas de "A Delicada Trama do Labirinto".

colocações acerca da dinâmica da cidade, das transformações pelas quais a urbe passou me fazia a todo momento rememorar suas crônicas, algumas das quais ele já havia esquecido (isso produziu uma atmosfera bem humorada em algum ponto da conversa). Em contrapartida, muitas outras histórias inéditas abrolharam.

Por exemplo, quando ainda papeávamos na Praça da Sé, saiu desde histórias de uma prostituta (por aqui comumente chamada de rapariga ou quenga) famosa. Que mesmo depois de décadas da sua morte, seu túmulo, no dia de finados, é um dos mais visitados do cemitério. Há uma comoção geral. Nem gente tida como importante, a exemplo de ex-prefeitos, teve sua alma imortalizada, brinca. Esse causo me foi contado a partir de uma indagação acerca de seu olhar sobre tipos populares que passam desapercebidos no cotidiano da cidade e, mesmo quando morrem, ainda povoam o imaginário coletivo. Esses tipos marginalizados não têm os seus nomes grafados em placas, seus rostos fotografados e emoldurados; o que está longe de fazer parte da preocupação de Zé Flávio.

Bem que se aproximando da RFFSA, onde quase fui arrebatado por um sentimento letárgico, as buzinas frenéticas da Praça Francisco Sá[130] sobrepuseram o apito preguiçoso da Maria Fumaça que chegava em ressonância, irrompendo gradualmente o cotidiano daquela cidade em ebulição, no início do século XX. Hoje, ali também é lugar de (des)encontros, de saídas e de chegadas. O tempo é outro, o ritmo mudou. Já não precisa mais erguer a cabeça e consultar o relógio da praça. Talvez suas badaladas soem remotas e desnecessárias como o apito da velha Maria Fumaça.

É mais transitório, intenso. Ao atravessar a rua, percebemos. O passageiro de hoje não precisa usar suas melhores vestes para esperar o transporte que outrora passava (levando e/ou trazendo) em lacunas de tempo mais esparsas. Hoje, não se cria mais expectativas. Porém, ir e vir não é tão fácil como se possa imaginar, mesmo os horários sendo mais flexíveis e as distâncias tendo se encurtado, sempre há de se buscar algo mais longínquo, talvez nós mesmos, seres sempre errantes no labirinto da urbe.

Retornando ao ponto no qual empreendemos o périplo: Praça da Sé, sabemos que não somos os mesmos e nem a cidade é a mesma, concepção essa consubstanciada na ideia de peregrinação, de Kosik (1976). Ali, no mesmo lugar de encontro, depois da troca de agradecimentos, seguimos caminhos opostos. Mas a peregrinação ainda não havia

[130] Mais conhecida como a praça “Cristo Rei”, o local já foi retratado em uma de suas crônicas.

acabado. Agora, "[...] com as pernas da memória de quem pensou e sentiu [...]" (SOUSA NETO, 2008, p.39) retornamos a um tópico anterior, intitulado "*Prelúdio de um Périplo*", onde foi registrado as primeiras pegadas ontológicas dessa caminhada investigativa, quando ainda antes de oficialmente começar a pesquisa, saímos à procura do escritor, sem saber que o mesmo residia entre os muros de um condomínio fechado.

## 4.2 - O regresso do flâneur: um percurso épico-trágico

Podemos dizer que essa é uma imagem forjada nas entrelinhas dos seus textos e nos entremuros da sua experiência. A agonia de alguns personagens (reais ou fictícios) são reflexos da sua condição sócio-espacial na urbe moderna. O que podemos desvelar dessa condição do escritor, em especial da figura do flanêur, na urbe moderna?

Benjamim (1994) diz que a cidade é o autêntico chão sagrado da flânerie" (p. 191), ao passo que também afirma que o "fenômeno da banalização do espaço constitui-se em experiência fundamental para o flâneur" (BENJAMIN, 1994, p. 188). Essas duas passagens corroboram com o estado de degradação, de encarceramento da vida do sujeito na urbe moderna. A lógica do condomínio fechado é um desdobramento desse processo, da "banalização do espaço", nas palavras do filósofo alemão.

O que deveria ser um refúgio mental, momento idílico de reclusão, acaba decaindo no aprofundamento da pobreza de experiência. A lógica do condomínio fechado é a representação do autoconfinamento, da autossegregação. Essas são as possibilidades que a vida (pós)moderna dispõe, presentes na própria dinâmica cotidiana: seja na "segurança" proporcionada pelo carro, que funciona como um "pedaço da casa", no encapsulamento dos espaços de consumo, a exemplo dos shoppings centers, ou mesmo em casa, onde ficamos apreendidos significativa parte dos nosso dia à tela da tevê.

Na arte da flânerie, ou seja, no perambular descomprometido, sem objetivos ou metodologia traçados, o olhar do flâneur contempla o desenho fugaz da cidade, feito e refeito incessantemente. É importante dizer que um dos seus artifícios para realizar tal feito é se arvorar na memória (memória não como ferramenta capaz de reconstituir o passado), que aparece quando Benjamin (2000) mergulha na psicologia do flâneur e diz que: "As cenas inapagáveis que todos nós podemos rever fechando os olhos não são aquelas que contemplamos com um guia nas mãos mas sim aquelas a que não prestamos atenção, que atravessamos pensando noutra coisa [...]" (BENJAMIN, 2000, p.213).

É essa a peculiaridade pertencente à atividade da flânerie exercida por Zé Flávio. Embora a cidade seja o solo autêntico do flâneur, o "artesanato da memória" permite-lhe acessar lugares arcaicos, ambientes provincianos, resquícios de relações de sociabilidade simples que já esvaíram-se por completo, outras que ainda murmuram em becos estreitos e casinhas simples. Em suas histórias observa-se um narrador dos fatos miúdos, que quase imperceptivelmente se aparta do alvoroço de gente e carro e vai para as renovações, baila nas tertúlias, dar um lance no leilão, comunga na capelinha e narra histórias na debulha de feijão. É por isso que em sua visão:

> Se toda arte se resume, por fim, numa luta desigual contra a inevitabilidade da morte, o cronista trabalha nas margens do abismo da memória. Homeopaticamente, trata o volátil com doses calculadas da volatilidade de sua arte. Não nutre vãs esperanças de perenidade, não se envaidece e nem vislumbra a posteridade. Como na vida – matéria prima do seu trabalho – tem a clara ciência de que toda beleza, força e frescor se resumem a um simples, inefável e indescritível momento: este mesmo que evapora à nossa frente tal uma ágil corça, enquanto o olvido nos espreita àvido, tecendo suas teias nos obscuros jardins da memória... (VIEIRA, 2013, p. 102-103).

Se reportando a Edgar Allan Poe, em especial ao conto "O homem na multidão", Benjamin aponta que menos importa a substancia narrativa que envolve o fato principal: o crime. Esse seria mero pretexto para o autor focar em outros elementos, a exemplo da multidão, da perseguição, da busca pela solução do caso. Ou seja, alguém desconhecido com ares detetivescos se infiltra na multidão. Assim, chega à conclusão Benjamin (2015) que: "Esse desconhecido é o flâneur. [...] Em poe, o flâneur é sobretudo alguém que não se sente integrado na sua própria sociedade. Por isso ele procura a multidão; e não andará muito longe disso a razão pela qual ele esconde no meio dela (p. 115).

O isolamento do indivíduo entre os muros altivos da cidade moderna evidencia a degradação da experiência autêntica (Erfahrung), isto é, a capacidade que deveria ter a concepção de sociedade no seu sentido largo. A cidade como o lugar do encontro, da prevalência da coletividade, da comunicação entre corpos e vozes, mas pergunta-se: "Onde estava encantada a cidade mágica que conhecera algumas décadas atrás? As casas coladinhas umas nas outras, [...] sem muros, quem imaginaria se transformaria nos presídios de segurança máxima da atualidade?" (VIEIRA, 2013, p. 47).

Na modernidade, o que prevalece é o isolamento do indivíduo, e a consequente experiência inautêntica (Erlebnis), desvelando um sujeito fechado, reprimindo-se em seus aposentos ou até mesmo em público, na rua, nos shoppings, ou nos armazéns, pois "Se a

passagem é a forma clássica do interior, que para o flâneur é representado pela rua, a sua forma decadente é o grande armazém. O armazém é o lugar do último passeio do flâneur [...] ele vagueava pelo labirinto das mercadorias" (BENJAMIN, 2015, p. 57).

É válido ressaltar que a concepção de cidade enquanto obra, na visão de Lefebvre (2013), "[...] contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos" (LEFEBVRE, 2013, p.12). Isso ratifica a produção do espaço urbano, da cidade como centralidade, enquanto obra cindida na sua realização cotidiana, na perda da experiência autêntica, no empobrecimento, no encapsulamento, na mesquinhez existencial dos indivíduos.

Bem como observou Benjamim, dizendo que a caminhada do flâneur se encerraria no armazém, seria o condomínio fechado o local de desembocadura do sujeito atualmente?

## Capítulo 5. – De onde viemos? Onde chegamos? Para onde queremos ir doravante?

> O ritmo e a escala assustadores do processo de urbanização nos últimos cem anos significam, por exemplo, que fomos refeitos muitas vezes sem saber por quê, como ou para quê. Isso tem contribuído para o bem-estar humano? Tem isso nos feito pessoas melhores ou nos deixado pender em um mundo de anomia e alienação, ódio e frustração? Transformamo-nos em meras mônadas arremessadas de lá para cá num mar urbano? E o que podemos agora fazer com as imensas concentrações de riqueza e privilégios em nossas cidades naquilo que até as Nações Unidasretratam como um "planeta de favelas" em explosão. A grande questão, certamente, é para onde ir a partir daqui (HARVEY, 2009, p. 9).

Analisar o processo de modernização urbana, em especial de uma cidade (Crato-CE), é possibilitar o entendimento da sua dinâmica histórica de desenvolvimento. Mais do que eventos isolados, a cidade é cotidianamente produzida por forças sociais, políticas, econômicas e culturais que conflituosa e desigualmente disputam seu espaço. Curioso é perceber que, historicamente, os agentes econômicos dominaram e, consequentemente, aprofundaram essa produção eivada de contradições sócio-espaciais.

O reflexo positivo expresso nos indicadores sociais a partir de aspectos infraestruturais: ruas calçadas e asfaltadas; abastecimento de água; saneamento básico; iluminação pública, etc., ainda está muito longe do ideal de uma cidade que gere mais do que o mínimo de comodidade. Além de padecer de muitas dessas melhorias (só a título de exemplo, 55% do esgoto, no Brasil, não passa por qualquer tipo de tratamento[131]), as cidades brasileiras enfrentam inúmeros problemas sociais que estão para além desse trágico reflexo que, por vezes, são dissimulados em gráficos e tabelas.

Pensando bem, tais indicadores apresentam e representam apenas uma lógica epidérmica da condição, da essência humana. O aprimoramento das técnicas e o avanço tecnológico, de fato, nos proporcionou maior longevidade (lapso temporal). Entretanto, começamos a questionar a qualidade e as contradições, os meios pelos quais a vida humana e social se estabelece e se desenvolve na cidade, já que essa, na visão de Harvey

---

[131] BRASIL, Instituto Trata. **RANKING DO SANEAMENTO INSTITUTO TRATA BRASIL 2018.** Disponível em: < www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/ranking-2018/realatorio-completo.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

(2003), é uma espécie de objeto central da vida moderna, certamente comungando com o pensamento de Lefebvre (2013), para quem a cidade é a materialização da vida, a projeção da sociedade, o reflexo da prática humana sobre um dado local, um determinado espaço-tempo.

Em "*A liberdade da cidade"* (2009), David Harvey cita, logo no início do texto, uma passagem que aqui pedimos licença para reproduzir. O fragmento pertence ao sociólogo urbano Robert Park, o qual afirma que:

> [...] a tentativa mais consistente do homem e a mais bem sucedida como um todo para refazer o mundo em que vive o mais próximo de seu desejo íntimo. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, é o mundo no qual ele está doravante condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer clareza da natureza de sua tarefa, fazendo a cidade o homem refez a si mesmo[132].

Para essa provocação não há resposta imediata. Certamente, não é observando o estado superficial das coisas que iremos, em um prazo determinado, chegar a uma conclusão. Essa questão nos remete imediatamente aos fundamentos ontológicos do ser social. Se a cidade, ao longo da história, é a produção material-imaterial da vida social, é o reflexo da prática humana, dessa forma, a construção de um caminho alternativo só é possível mediante o entendimento da construção ontológica do ser, dessa forma, "[...] devemos primeiramente refletir sobre como fomos feitos e refeitos, através da história [...]" (HARVEY, 2009, p. 9).

Essa, certamente, não é tarefa fácil ante o estágio de anomia e alienação que pode ser percebida na vida cotidiana. Recorrendo a Mezáros, em especial à sua obra fundamental: "*Para além do Capital", S*érgio Lessa ressalta a incapacidade com a qual lida a burguesia diante do entendimento da História. Segundo ele, para esta classe dominante "[...] o passado é apenas a explicitação de uma essência não-mutável dos homens, eternamente egoístas porque sempre proprietários privados. O futuro é aquilo que não devemos considerar (como que para que não desesperemos)" (LESSA, 2005, p. 73).

Percebamos que essa constatação caminha dialmetramente ao oposto do que devemos fazer para nos conhecermos, já que fomos feitos e refeitos e, portanto, nos encontramos em tal condição social, como afirma Harvey (2009). Essa perda de conexão

---

[132] Park, R. On Social Control and Collective Behavior. Chicago, Chicago University Press, p. 3.

com a História, tanto individual como coletivamente, nos faz seres menos sensíveis, mais suscetíveis a experiências dolorosas, que nos priva de uma vida, no mínimo, mais igualitária. O estágio avançado de alienação coloca "[...] em risco a própria sobrevivência da espécie humana. A "produção destrutiva" de mercadorias é, necessariamente, a "reprodução destrutiva" de nossa humanidade" (LESSA, 2005, p. 73-74). Essa lógica cruel explica o porquê de "O ritmo e a escala assustadores do processo de urbanização nos últimos cem anos significam, por exemplo, que fomos refeitos muitas vezes sem saber por quê, como ou para quê" (HARVEY, 2009, p. 9).

O próprio fato da concepção de cidade enquanto obra, proposta por Lefebvre (2013), contrastar com a lógica da sua produção mercadologizada, nos diz bastante sobre a cidade a qual produzimos e na qual vivemos. Tal lógica não permite o direito à cidade em sua plenitude. Não é apenas a mobilidade urbana (que não precisamos dizer ser uma das coisas mais calamitosas das grandes cidades, além de ser motivo preocupação nas pequenas e médias), ou o habitar (não nos referimos meramente a construção e distribuição de casas, como ocorre em programas como "Minha Casa Minha Vida[133]", que é uma das muitas facetas da urbanização capitalista). Ainda temos que conviver com reinvidicações (a exemplo do que mostramos no *terceiro capítulo* desta pesquisa) básicas, a exemplo de abastecimento de água, energia elétrica, moradia, etc.

Nesse sentindo, quando reinvidicamos tais "direitos" (que não ultrapassam a condição de acesso) estamos ratificando, alimentando a lógica do valor de troca em detrimento do valor de uso. Não podemos confundir o acesso a elementos, produtos, objetos, com a essência do direito à cidade, que: "[...] não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada (LEFEBVRE, p. 2013. 117-118).

As "melhorias" as quais nos referimos no segundo parágrafo dessa parte conclusória mostram uma vida urbana e uma cidade eivada de contradições sociais que não cessa de apresentar problemas. Dentre alguns pontos que poderíamos retomar e que

[133] Essas são estratégias do setor imobiliário financeirzado, que a partir de programas habitacionais desse ter, "[...] capitaliza a pobreza como novo negócio mundializado e situa um novo patamar para a produção e reprodução do espaço nas periferias metropolitanas, estabelecendo o imperativo de se analisar as novas particularidades do processo de valorização do espaço nas periferias. O debate em torno da valorização do espaço diante da nova produção habitacional em curso nas periferias urbanas repõe a necessidade de se avançar na compreensão crítica da renda da terra urbana, no sentido de que ela não seria suficiente para a análise da produção do urbano ele mesmo como um negócio" (CARLOS; VOLOCHKO E ALVAREZ, 2015).

evidenciariam tais contradições podemos mencionar a luta cotidiana da classe trabalhadora pelo simples acesso a ínfimos pedaços da cidade. A análise da podução do espaço e da cidade para além do seu mero arranjo espacial, número de casas, ruas, quantidade de pontes e viadutos, postes, etc., nos faz entender os fundamentos do espaço não apenas enquanto mero palco ornado com objetos frios.

A cidade é um espaço de luta, de contradições, de desejos, de sonhos e frustrações. A nível de formação sócio-espacial do Brasil, tais contradições históricas se evidenciam, como podemos perceber numa formatação histórica recente da cidade do Crato, interior do Ceará, Nordeste brasileiro. O que talvez dificulte o entendimento dessa contraditória e conflituosa produção sócio-espacial seja uma certa visão romântica que ainda se tenha dessa região, isentando-a, na sua fundação, de relações sociais autoritárias, exploratórias. Sabemos que o Nordeste, como qualquer região brasileira, fora por e a partir de relações de poder e exploração (ANDRADE, 1981) forjada, plasmada desde o seu nascedouro como território do capital, pautada na propriedade privada.

A luta cotidiana dos habitantes da cidade é uma peleja que já nascera desigual. Mesmo diferente da cidade colonial, onde as relações eram assumidamente escravistas, ranços dessa perversa produção ainda hoje afloram como ressonância não menos perversa. Observando a prática humana ao longo do nosso recorte espaço-temporal, percebemos que a cidade não é apenas tablado, mas produto social dessas relações. Por exemplo, quando analisamos a situação daqueles que vendiam na feira do Crato em meados do século passado, notamos que a crítica não se referia ou reinvindicava apenas uma política higienista para a cidade (quando, na ocasião, uma matéria jornalística retratou os feirantes como seres “morféticos”, “turbeculosos”, etc.), mas que ao mesmo tempo criminalizava os trabalhadores.

Nesse sentido, quando fomos investigar como fomos feitos e refeitos, como propôs Harvey (2009), descobrimos que de acordo com as regras do urbanismo moderno, “Num período em que os ideólogos discorrem abundantemente sobre as estruturas, a desestruturação da cidade manifesta a profundidade dos fenômenos de desintegração (social, cultura) (LEFEBVRE, 2013, p. 115). Ou seja, os sujeitos, os habitantes que a produz por meio de relações cotidianas são diretamente afetados. Por exemplo, em meio à discussão sobre um plano urbanístico para a cidade do Crato, algo que colocaria de uma vez por todas a urbe num patamar de cidade moderna, se mostrava uma proposta absolutamente desconectada da vida, da dinâmica da cidade, pois consistia na importação

de práticas urbanísticas aplicadas em outros espaços[134]. Em seguida, veremos uma longa e necessária crítica elaborada por Lefebvre (2013) sobre os riscos de uma visão urbanística tecnocrática:

> O urbanismo dos administradores ligados ao setor público [aqui também poderíamos inserir os da iniciativa privada, irmãos siameses]. Este urbanismo se pretende científico. Baseia-se ora numa ciência, ora em pesquisas que se pretendem sintéticas (pluri ou multidisciplinares). Este cientificismo, que acompanha as formas deliberadas do racionalismo operatório, tende a negligenciar o "fator humano", como se diz. Divide a si mesmo em tendências. Ora, através de uma determinada ciência, uma técnica toma a dianteira e torna-se o ponto de partida; é geralmente uma técnica de circulação, de comunicação. Extrapola-se a partir de uma ciência, de uma análise fragmentária da realidade considerada. Otimiza-se num modelo as informações e as comunicações. Esse urbanismo num ternocrático e sistematizado, com seus mitos e sua ideologia (a saber, o primado da técnica) não hesitaria em arrasar o que resta da Cidade para dar lugar aos carros, às comunicações, às informações ascendentes e descendentes. Os modelos elaborados só podem entrar para a prática apagando da existência social as próprias ruínas daquilo que foi a Cidade (LEFEBVRE, 2013, p. 31).

A lógica evidente do desenvolvimento desigual do espaço se deixa perceber às claras. A análise da produção espacial evidencia isso. As desigualdades, as contradições sócio-espaciais são refletidas com nitidez no cotidiano da urbe. Se outrora não se tinha locais apropriados para dispor os produtos, hoje, chegou-se ao ponto de não se ter (mediante os dispositovs "legais", autoritários) sequer acesso a dois metros quadrados de uma rua para que se possa armar uma banquinha de bombom ou estacionar o seu carrinho de poipoca. Contraditoriamente, o mesmo não ocorre com os grandes conglomerados econômicos, as marcas globais, as empresas privadas que, ao contrário, são incentivadas via isenção fiscal e outros mecanismos para se instalarem nesse território que foi fundado e continua sob o julgo do capital.

Em contrapartida, há uma lógica e uma ordem econômica crivada de contrastes. Procuramos analisar isso a partir de algumas considerações oriundas de Santos (1978). Ou seja, ao lado do trabalho informal, da insegurança jurídica, da miséria, da fome, da violência cotidiana que padecem aqueles que produzem e são expropriados, do estágio de alienação que impera, do sorrateamaneto de alguns dispositivos básicos sem os quais a

---

[134] A exemplificação desse processo pode ser melhor compreendida a partir da discussão que fizemos sobre a Expocrato (ver *terceiro capítulo*), quando nitidamente a cidade já se revela massa de modelar rentável nas mãos do Estado e da iniciativa privada, quando a "[...] ideologia pretende dar um caráter absoluto à "cientificidade", incidindo a ciência sobre o real, decupando-o, recompondo-o e com isso afastando o possível e barrando o caminho" (LEFEBVRE, 2013, p. 115).

vida não passaria da condição de mera sobrevivência, etc., a humanidade nunca operou em níveis tão intensos de financeirização, de integração econômica, nunca se teve uma rede tão articulada de meios de transportes e telecomunicações, a ciência nunca fora tão revolucionária em descobertas, etc.

Quando decidimos analisar os fundamentos do espaço social tendo a cidade como lócus específico, como reflexo mais imediato dessas contradições, percebemos que ela mesma, a cidade, já havia sido cooptada pelo comércio, como centro financeiro, burocrático, onde o valor de troca sobrepunha o valor de uso.

Ou seja, a própria cidade passa a ser objeto inserido na correnteza do capital, e, como diria Harvey, uma vez entrando, só poderá sair mediante a compra ou a venda, ou seja, é um beco sem saída. Foi aí onde o sistema encontrou um alento, na visão de Lefebvre, para a sua reprodução constante. Quando, nesta pesquisa, arrolamos uma lista de construções de prédios públicos (bancos, correios, hospitais, hotéis, áreas de lazer, centros religiosos, sugimento dos primeiros lotemantos, etc) justificamos tanto a preocupação com o apararo técnico-burocrático do poder estatal em conluio com o privado, como a lógica imobiliária, a utilização do sistema de crédito.

O capital estrangeiro não mais tem "preconceito" com espaços que não são altamente tecnologizados, metropolitanos, centrais. O diálogo entre o capital doméstico e o capital estrangeiro, como diz Harvey (2008), viabiliza essa dinâmica de acumulação. Isso significa dizer que: "Os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica [...]" (SANTOS, 1996, p. 197), revelando que os "donos" da cidade conhecem estrategicamente o espaço. Perguntar se está à venda, como fazemos no título do *quarto capítulo* deste trabalho, é apenas uma maneira irônica de demostrar a cidade como negócio rentável.

Essa lógica funda uma realidade sócio-espacial frangmentada "[...] ainda maior do espaço e instituem novos mecanismos tanto de espoliação quanto de integração precária dos pobres ao urbano" (CARLOS; VOLOCHKO E ALVAREZ, 2015). A palavra "pobres" nos remete não apenas à pobreza material traduzida em renda econômica, mas uma pobreza da experiência, traduzida na fragmentação sócio-espacial. Algumas formas sociais, que hoje aparecem como resíduos, espaços que guardam uma certa simbologia afetiva e de resistência, como a própria feira, lugar de trocas mas também do encontro a céu aberto, como detacamos em passagens anteriores desta

pesquisa, quando foi ressaltado a histórica feira do Crato, estão cada vez mais sufocados em uma cidade que é gerida por um Estado autoritário e grupos econômicos que cada vez mais dão as cartas.

Já que não podemos parar o tempo, essa lógica que agora impera continua a fazer e a refazer os sujeitos sociais. Além das sucessivas crises históricas, a exemplo de 1848, uma das primeiras de capital excedente, a qual foi contida via urbanização (HARVEY, 2009), há uma crise crônica que compromete cada vez mais a vida social na cidade. A segregação sócio-espacial leva os sujeitos a se afundarem cada vez mais em espaços de autossegregação, a exemplo dos condomínios residenciais fechados, espaços que ratificam "[...] a negação da ideia de cidade, entendida aqui como o lugar do encontro, da diversidade, do viver o público, já que se criam espaços de encontro entre os mesmos. É o que chamamos de espaços onde a autossegregação está presente" (ALVES, 2011, p. 36)[135].

A adesão a essa lógica de vida, de apropriação da cidade é balizada pelo termômetro do consumo. Da mesma forma que quem pode se deslocar de helicóptero todos os dias e, assim, evitar o trânsito cáotico ou mesmo quem tem condições de embarcar em um voo de primeira classe em vez de outro menos confortável. Ou seja, o "direito" à segurança, serviços ágeis e que primam pela qualidade são medidos pelo poder aquisitivo portado por cada indivíduo. Embora a violência urbana seja um fenômeno generalizado, sabemos que em dadas localidades, como exemplo emblemático podemos citar o Rio de Janeiro, que em um dado período de sua história expulsou a população do centro para áreas periféricas, resultando no que conhecemos como favelas, a violência é ainda mais grave devido a desigualdade social.

Entretanto, a busca por segurança e conforto mediante a compra e construção de espaços autossegregacionistas, aprofunda a pobreza da experiência urbana e reforça a dimensão individual do ser humano. A introjeção dessa ideologia como algo normal é uma das faces da alienação. Nos leva inconscientemente a pensar uma cidade cada vez mais cindida, dividida entre muros, coibindo encontros, reuniões, passagens. A pesar dos resquícios, dos espaços que ainda resistem ante essa lógica supressora, a cidade é vendida e dividida por lotes, disputada palmo a palmo, como um bolo repartido em fatias de

[135] Mesmo se referindo ao espaço urbano da metrópole paulista, sabemos que esse fenômeno não é circunscrito aos grandes centros, aglomerados urbanos. O número de empreendimentos desse tipo, tanto no Crato quanto no Cariri cearense, tem crescido vertiginosamente.

diferentes preços e sabores, sempre ao gosto do cliente que tem mais dinheiro.

O fato é que a condição urbana atual, seja nas grandes, médias ou até mesmo nas pequenas cidades, reflete a produção da cidade sob a égide do capital o que, consequentemente, ocasiona o sufocamento dos sujeitos. A intransigência da lógica mercantil ataca a vida na urbe. O ir e o vir, a locomoção, a cada vez mais pedante mobilidade urbana são problemas que se agravam, que travam, que podam as possibilidades de uma cidade, de uma vida coletiva minimamente harmoniosa. Os péssimos serviços urbanos - os quais só são possíveis mediante a arrecadação exploratória do Estado e a exploração criminosa (via juros e outros mecanismos) de setores da iniciativa privada (bancos e grandes empresas) -, agem mais para aprofundar uma evidente crise urbana do que tornar as cidades espaços de desfrute de uma vida que preze pelo coletivo.

Ao contrário, percebemos sujeitos cada vez mais individualizados, tomados pela lógica do privado, confinados em espaços cada vez mais segregados. Seja em momentos de consumo ou lazer (que sob a forma da sociabilidade vigente e hegemônica são facetas de uma mesma moeda) a experiência urbana se revela empobrecedora. A fragmentação sócio-espacial, a segregação e o crescente processo de autossegregação, que é a busca catastrófica pelo próprio enclausuramento, revelam os rumos de uma cidade cindida, contraditoriamente denunciando a lógica cruel sob a qual a vida urbana se transforma.

Mesmo ainda tida como uma cidade interiorana, ao sopé da imponente Chapada do Araripe[136], com uma população, em 2018, segundo estimativa do IBGE[137], de aproximadamente 131.372 habitantes, a cidade do Crato, também por essas características, acaba despertando o interesse cada vez maior do setor imobiliário. Segundo Armando Cavalcante, presidente do CRECI/CE, o CRAJUBAR "é um mercado altamente promissor, com ofertas de condomínios de casas, loteamentos e prédios, com o início de um processo de verticalização" (LINS, SILVA E SOUZA, 2017, p. 705).

A tendência a uma cada vez mais acentuada mercantilização dos espaços,

---

[136] "[...] a cidade de Crato tem chamado a atenção por grande movimento turístico dos que vem presenciar o clima agradável da cidade localizada no sopé da Chapada do Araripe. Este fato tem movimentado o setor imobiliário na própria cidade e no entorno da Região Metropolitana do Cariri a qual está inserida, em especial na área denominada CRAJUBAR, que abrange as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha (LINS, SILVA E SOUZA, 2017, p. 704).

[137] Instituo Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/crato/panorama. Acesso em 10 de fev. de 2019.

inclusive os espaços de lazer, revela a apropriação superficial do espaço como mero objeto.

É nítido que se fizéssemos uma rápida comparação entre indicadores, por exemplo, de 1950, contexto histórico no qual, como analisamos nesta pesquisa, a população cratense, especialmente a dos bairros periféricos, padecia de falta de água encanada, com os dias atuais constataríamos que nesse tocante houve melhoras. Mas não podemos deixar de ressaltar que, mesmo caminhando para cem anos depois, a cidade apresenta apenas "42.2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado[138]", ou seja, menos de cinquenta por cento.

Por mais que, sobretudo na década passada, houve um conjunto de programas sociais aplicados pelo Governo Fereral que mitigaram muitos problemas, contribuindo, inclusive, para uma sutil queda da desigualdade social, sabemos que o Brasil ainda é fundamentalmente um país marcadamente desigual, a ponto de, segundo dados recentes, o "Total de pobres no país cresce a 54,8 milhões em 2017[139]". Tais condições são o reflexo da selvageria com a qual um grupo (lê-se a burguesia, ou, como alguns preferem, a plutocracia, que vive do rentismo, da expropriação, da espoliação) reduzido de pessoas que sugam (expropriam) a riqueza dos que produzem. É sob essas mesmas políticas neoliberais que a cidade é administrada.

É sob a perspectiva do crescimento da verticalização, do crescente número de condomínios fechados, de loteamentos, etc., como vimos em um depoimento anterior, que a conurbação CRAJUBAR, dentre as quais destacamos a cidade do Crato, está sujeita contraditoriamente a se "desenvolver". Sem a intenção de culpabilizar o indivíduo, mas o modo operandi da sociedade moderna, ao decorrer dessa dissertação procuramos analisar, seja a partir dos livros Matozinho Vai à Guerra e A Delicada Trama do Labirinto, sem apartar a própria vida do autor, Zé Flávio, como demostramos a partir de uma atividade desenvolvida no *quarto capítulo*, bem como referências outras sobre a cidade do Crato, um processo de desenvolvimento (desigual e contraditório) que vem sendo proposto para a cidade há décadas.

---

[138] Instituo Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/crato/panorama. Acesso em 10 de fev. de 2019.

[139] VETTORAZZO, Lucas. **Total de pobres no país cresce a 54,8 milhões em 2017, afirma IBGE.** Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/12/extrema-pobreza-aumenta-no-pais-indica-ibge.shtml. Acesso em 10 de fev. de 2019.

Como podemos notar, essas estratégias aprofundam uma crise urbana que há muito utiliza o viés urbano e a cidade como válvula de escape para seus percalços. Retomando o pensamento de Harvey (2009), a partir do sociólogo Robert Park, será que, de fato, estamos condenados eternamente a viver nesse modelo de cidade? Na visão do geógrafo:

> Remendar com resultados é inútil. O que tudo isto faz, como Engels certa vez notou, é girar em falso: uma favela é varrida daqui apenas para reaparecer noutro lugar qualquer. Se nos opomos ao nosso estado corrente, então o único caminho radical adiante é confrontar os processos básicos que geram esse estado (HARVEY, 2009, p. 9).

Ainda estamos lentamente navegando para um entendimento ontológico das bases dessa crise estrutural do capital, mesmo ela nos açoitando durante na vida cotidiana. Se ainda não estamos livres, "A liberdade da cidade ainda está para ser encontrada" (HAVEY, 2009, p. 17); muito menos ainda temos o direito de verdadeiramente tê-la, apropriando-se da sua função social, política, cultural e até lúdica (LEFEBVRE, 2013). Talvez os sintomas para essa reapropriação, que só virá por meio de uma retomada de consciência, ou seja, quando entendermos como fomos feitos e refeitos, já tenha sido denunciado nas palavras de Lefebvre, quando este estudioso francês percebeu que:

> Esta sociedade, considerada globalmente, descobre que é lacunar. Entre os subsistemas e as estruturas consolidadas por diversos meios (coação, terror, persuasão ideológica) existem buracos, às vezes abismos. Esses vazios não provêm do acaso. São também os lugares do possível. Contém os elementos deste possível, elementos flutuantes ou dispersos, mas não a força capaz de os reunir. Mais ainda: as ações estruturantes e o poder do vazio social tendem a impedir a ação e a simples presença de semelhante força. As instancias do possível só podem ser realizadas no decorrer de uma metamorfose radical (LEFEBVRE, 2013. p. 115).

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Marcus. **Poemeto do Tecelão ou A Canção Tecida**. Recife. Publicado in: Diário de Pernambuco, 16 julho de 1967. p. 7-9. Disponível em: <www.soniavandijck.com/hermilo_poemas.htm>. Acesso em 23 de julho de 2016.

ALVES, Glória, da Anunciação. **A segregaçao socioespacial na metrópole paulista**. Geousp: espaço e tempo, v. 29, p. 32-42, 2011. Disponível em: www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74203/77846. Acessado em 24 de Agosto de 2017.

ALVES, Maria Daniele. **DESEJOS DE CIVILIZAÇÃO: REPRESENTAÇÕES LIBERAIS NO JORNAL O ARARIPE (1855-1864)**. / Maria Daniele Alves. – Fortaleza (CE), 2010. Dissertação (Mestrado), - Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Acadêmico em História e Culturas – MAHIS, Fortaleza CE, 2010. Orientação: Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa.

ANDRADE; Manuel Correia de. **Estado, Capital e Industrialização do Nordeste**. São Paulo: Zahar, 1981.

ASSIS, de Machado. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. III, 1994. (Crônicas).

Bakhtin, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2’ cd. — São Paulo Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

**_____. Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 2006. 201 p.

BARBOSA, Jorge. Luiz. A Província e o urbano na construção do Estado Nacional latinoamericano no século XIX: A invenção do rio de Janeiro como cidade capital. Scripta Nova (Barcelona), v. XVI, p. 1-1, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. **O Esplim de Paris: Pequenos Poemas em Prosa.** Tradução: Oleg Almeida. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.

BENJAMIN, Walter . **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Passagens.** Organização da edição brasileira por Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2009.

_____. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

_____. **Obras Escolhidas**. Vol. I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**_____. Obras escolhidas Vol.3 Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. Narrativa e resistência. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos.** – 3ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, v1 (2006) v2 (2009).

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, S. **O olhar do viajante (do etnólogo)**. In: NOVAES, A. (Org). São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 347-360.

CARLOS, Ana, Fani, Alessandri. **O lugar no/do mundo**. 1. ed. São Paulo-SP: Labur Edições/GESP, 2007. V. 1. 74p .

_____. **A condição espacial**. 1. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2011. v. 1. 160p .

_____. **A Geografia Urbana Como Disciplina: Uma Abordagem Possível.** Revista do Departamento de Geografia (USP), p. 92-111, 2012.

_____. **Espaço Urbano**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184 p.

_____. **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2015.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de; NETTO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 2000.

CASTRO, F. F. B.; MENEZES, K. W. S. **Problemáticas socioambientais decorrentes da Canalização do Rio Granjeiro em Crato-CE.** Revista de Geociências do Nordeste, v. 2, p. 1525-1531, 2016.

CLAVAL, Paul. tradução L. F.P. e M.C.A.P. **Geografia cultural**. Florianópolis: ed. da UFSC,1999.

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias Descarrilhadas: O Trem na Cidade do Crato.** Fortaleza, 2008. UFC. Dissertação de mestrado.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DAMIANI, Amélia, Luisa. As Contradições do Espaço: da Lógica (Formal) à (Lógica) Dialética, a Propósito do Espaço. In: CARLOS, A. F. A.; DAMIANI, A. L.; SEABRA, O. C. L. (Org.). O Espaço no Fim de Século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 2001, p. 48-61.

**_____. O Lugar, o mundo e o Cotidiano.** In: 6º Encuentro de Geógrafos de América Latina, Buenos Aires, 1997.

FERREIRA, José, Ribeiro. **O Tema do Labirinto na Poesia Portuguesa contemporânea.** Humanitas, 1996, p. 309-333.

FIGUEIREDO FILHO, José de. **O Folclore no Cariri. Fortaleza**: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

FILHO, Antônio Martins. **Memórias I – menoridade**. Fortaleza: Imprensa Universitária, Universidade Federal do Ceará, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREDERICO, Celso. **Cotidiano e Arte. Estudos Avançados.** Ano 14 n. 40, p. 299-308. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v14n40/v14n40a22.pdf. Acesso em 08/007/2016.

**_____. A arte em Marx: um estudo sobre os manuscritos econômico filosóficos.** Novos Rumos, 42: 3-24, (2004).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

**_____. Política e Educação**. São Paulo, 9 ed. 2014.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. **O Ceará.** 3. ed. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966, p. 182.

HARVEY. David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec. 1980.

_____. **A liberdade da cidade**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 26, p. 09 - 17, 2009.

_____. **O Enigma do Capital**: e as crises do capitalismo. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo, SP: Boitempo, 2011. 224p.

_____. **O espaço como palavra-chave.** GEOgraphia, v. 14, n. 28, p. 8-39. 2013.

_____**Paris, Capital da Modernidade.** São Paulo: Boitempo. 2015.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética Poesia.** Tradução: Álvaro Guimarães. Lisboa, Guimaráes Editores, 1980.

HOBSBAWN, Eric J. **Política**. 3. ed. Brasília: UnB, 1997.

IANNI, Otávio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1993.

JAMACARU, Abidoral. Crato. 2008. 1. CD. **Bárbara**. Faixa 10. Disponível em: http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/41670/. Acesso em: 9 janeiro de 2018.

KOSIK, Karel., **Dialética do Concreto** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976) tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2º edição.

KURZ, Robert. **O colapso da Modernização – Da Derrocaria do Socialismo de Caserna à crise da Economia Mundial**. Tradução: Karen Elsabe Barbosa. Rio de janeiro: Paz e Terra. 1992.

_____. **Poder Mundial e dinheiro mundial: crônicas do capitalismo em declínio**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro : Consequência Editora, 2015.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Editora Papirus, tradução de Maria Cecília França, 1988.

Lins, F.K.M.; Silva, A.F.G.; Souza, F.L.M. **O turismo como impulsionador do mercado imobiliário em Crato (CE): um estudo no setor de hotelaria.** Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.9, n.6, nov-2016/jan-2017, pp.684-712.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP e A editora, 1999.

_____. **A Revolução Urbana.** Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

_____. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno.** São Paulo, Ática, 1991.

_____. **Espaço e Política.** 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 190 p.

_____. **O Direito à Cidade.** São Paulo, Centauro, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **DE LO RURAL A LO URBANO.** Antología preparada por Mario Gaviria. Propiedad de esta edición (incluidos la traducción y el diseño de la cubierta): Edicions 62 sla., Provenza, Barcelona 8, 278 p.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo: EDUSP, 2003.

LESSA, Sérgio. **História e ontologia: a questão do trabalho.** Crítica Marxista. São Paulo: Editora Revan, n.20, 2005, p.70-89.

LUKÁCS, György. **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1971.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels.** Tradução: José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo; Expressão Popular, 2010, 29p.

_____. **Marx e Engels como historiadores da literatura.** Tradução: Nélio Scheider; revisão técnica José Paulo Neto; Ronaldo Vielme. – 1. Ed. – São Paulo : Boitempo, 2016.

MACHADO, Carlos. Roberto. **Momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação.** Ambiente e Educação. v. 13. Rio Grande, 2008. Disponível em: <http://repositorio.furg.br:8080/jspui/handle/1/1511> Acesso em: 14 out. 2016.

MARINHO, Samarone Carvalho. **Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica.** 2010, 335. p. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo.

MARTINS, José de Souza. **A ferrovia e a modernidade em São Paulo: a gestação do ser dividido.** Revista USP, São Paulo, n. 63, 2004, p. 6-15.

MARX, Karl E ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Martin Claret, 2014. (Coleção obra prima de cada autor; 44).

_____. **Manuscritos Economico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo : Boitempo, 2004.

_____. **Sobre literatura e arte**. São Paulo: Global, 1979.

MILLS, Charles, Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MOISÉS,, Massaud. **A criação literária.** 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco.** São Paulo: Boitempo, 2003.

PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, J. de. **Cidade do Crato**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile].

PETRONE, Pasquale. **Crato, "Capital" do Cariri**. São Paulo, 1955. Boletim Paulista de Geografia, n. 20, p. 31-55.

QUEIROZ, Ivan da Silva. REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI CEARENSE, A METRÓPOLE FORA DO EIXO (the Metropolitan Region of Cariri, the Metrepolis out of axis). **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 93-104, jan. 2015. ISSN 1984-2201. Available at: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1481>. Date accessed: 24 fev. 2018.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. **A nova condição urbana: espaços comerciais e de consumo na reestruturação da cidade – Juazeiro do Norte/CE e Ribeirão Preto/SP.** Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.

PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, João. **Cidade do Crato**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. [fac-símile].

PORTELLA, Eduardo. **Até onde a crônica é literatura.** Revista Brasileira, Rio de Janeiro, n. 78, ano III, Jan. a março 2014. Disponível em: <http://www. academia.org.br/sites/ default/files/publicacoes/ arquivos/revista-brasileira-78.pdf> Acesso em: 21 dez. 2016.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**; organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Pobreza urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1978.119p.

_____. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2007. P.176.

SANTOS NETO, Artur Bispo dos. **Estética e ética na perspectiva materialista**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013. 142 p.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia. **A produção capitalista da casa (e da cidade).** São Paulo, Alfa-Omega, 1982. P. 21-36.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever.** Tradução de Pedro Sussekind. 2. ed. Porto Alegre-RS: L&PM Pocket, 2013. 176 p.

_____ **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro. Contraponto, 2001.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **A História da Geografia no Brasil.** Revista Tamoios, v. 1, n. 1, 2005.

_____. **Aula de Geografia: e algumas crônicas.** [S.l: s.n.], 2008.

SOUSA, Raimunda Aurilia Ferreira de. **O lugar do crato no século xx: morfologia e funções urbanas da aglomeração em estudo.** Geosaberes, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 454 - 468, jul. 2015. ISSN 2178-0463. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/497>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. Ed. Contexto. 10 ª Edição, São Paulo, 2000.

TONET, Ivo. **Interdisciplinaridade, formação e emancipação humana**. Serviço Sociel & Sociedade, São Paulo, n. 116, p. 725-742, out./dez. 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística** In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, p. 8-19, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** São Paulo: Zahar Editores, 1979.

_____. **O Campo e a Cidade na história e na literatura.** Tradução: Paulo Henrique de Britto. São Paulo; Cia das Letras, 1989, 439p.

_____. **Recursos da Esperança: cultura, democracia, socialismo.** Editado por Robin Gable; introdução de Robin Blackburn; tradução Nair Fonseca; João Alexandre Peschanski. – 1. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2015

VASCONCELOS, J. M.; QUEIROZ, Z. F. . **FONTES PARA HISTÓRIA EDUCACIONAL DA CIDADE DO CRATO-CE.** In: VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas, 2009, Campinas - SP. Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas ?História, Sociedade e Educação no Brasil?, 2009.

VIEIRA, José Flávio Pinheiro. **A Delicada Trama do Labirinto.** Crato: Secul/Ce, 2013.

_____ **. Matozinho Vai à Guerra.** Crato: Expressão, 2007.

# APÊNDICES

# APÊNDICE A – Registros (rabiscos) ontológicos

Poderíamos dizer que essas histórias surgiram de um momento de inspiração, ou que habitam exclusivamente o mundo da pura fabulação. Entretanto, são reflexos da mesma realidade objetiva. Não importa o filtro através do qual desejamos observar, por mais que haja distinções quanto a forma e o conteúdo, “Se queremos estudar o reflexo na vida cotidiana, na ciência e na arte, interessando-nos por suas diferenças, temos de recordar sempre claramente que as três formas refletem a mesma realidade” (Lukács apud Neto, 2013, p. 19).

O conjunto de contos (registros), a seguir, não tem, a priori, a intenção de constituir um livro. É bom aclarar que esse não foi uma etapa da pesquisa planejada. A nossa concepção de pesquisa (aberta a novas possibilidades), explícita já nos elementos introitos do relatório de qualificação, reservava espaço para algo que porventura surgisse a posteriori. Entretanto, não podemos dizer que aqui jaz como corpo totalmente estranho ao trabalho.

Na dificuldade de classifica-lo, o identificamos como uma inflexão potencial no campo da experiência (teoria-prática) através da pesquisa científica, essa como forma de objetivação humana, portanto, aberta à experiências e, é claro, do contato com a Arte. Porquanto, não deixa de ser um registro ontológico que não tem a pura finalidade de provar, mas experimentar, exercitar formas que extrapolam a produção taxativa da realidade, seja sob a ótica do científico-geográfico, seja sob o viés artístico-literário. Certamente não é resultado estrito de esforços no âmbito da linguagem, mas das perscrutações e travessias teóricas que certamente poderia ter nos levado a outros caminhos.

Um ponto decisivo que ressaltamos é a experiência do Homem (geógrafo, escritor, ator, etc.) na cidade. Isso não foi apenas resultado do encontro a céu aberto com Zé Flávio na Praça da Sé, mas dos experimentos cotidianos na própria urbe ao longo dos anos de residência (estudo, trabalho, convivência, etc.) na cidade do Crato-CE. Se desde o início nos propomos a fazer uma leitura de livros com a pretensão de, a partir deles, analisar transformações sofridas pela cidade do Crato, esse objetivo acabou também nos contaminando no seu sentido oposto. Como diz Frederico (2013), na obra de arte, registro ontológico e forma de objetivação humana, podemos nos reconhecer nela.

# ENTRE VEREDAS E TRAMAS

## Ressaca

Acordara indisposto, a cabeça pesando uma tonelada. Durante o amargo café da manhã ouvia, cabisbaixo, os puxões de orelha da esposa:

- Eu te avisei... Não pode ver carne assada e cerveja. Pra acabar de lascar, ainda tomou cachaça por cima. – os meninos se continham para não rir.

Ele tentava engolir uma xícara de café sem açúcar. Fazia caras e bocas.

- Cuida! Os meninos já estão atrasados. E, não se esqueça que hoje à noite é o primeiro dia de novenas. – se levantou, arrastando a cadeira bruscamente. - Passe no mercadão e traga coentro, pimentão, batatinha inglesa, etc.

Escutava apenas ecos grossos e distorcidos. A cabeça pesava cem quilos. Foi ao quarto, trocou de roupas.

- Perdi a chave do carro! – disse, sem nenhuma vontade de encontrá-la.

- Se for aí te faço engolir! - gritou a mulher, que acabara de jogar uma pilha de roupas dentro da máquina de lavar.

Não fez como prometeu, mas a jogou bruscamente em cima do colchão, que mais parecia um trampolim, estava embaixo do travesseiro. Tirou o carro da garagem. O trânsito chato não é mais exclusivo das grandes cidades. Uma mão no volante e a outra massageando a cabeça. Cada buzinada reverberava como uma marretada no pé do ouvido. Não percebeu que uma das partes laterais da via estava em obras, o pneu caiu dentro de um buraco, por um tris não estourou, os meninos se assustaram. O incidente serviu para despertá-lo um pouco. Ainda não foi o suficiente. Parou sobre a faixa de pedestre na frente da escola. O mais velho esticou o pescoço e olhou através do vidro:

- O senhor disse que aqui não pode, papai!

- Hã!

Se deu conta. Seguiu alguns metros. O pneu dianteiro roçou a calçada. Como de hábito, os meninos beijaram-lhe o rosto, todos franziram o nariz, o álcool se dissipava. Tentar achar um lugar para estacionar lhe deixou ainda mais entediado. Antes de começar a preencher a lista de compras arrolada pela mulher, aproveitou para tomar um caldo de mocotó. O estômago resistiu, mas acabou aceitando. O resto da manhã parecia ser

tranquila até a mulher dizer que estava preparando um bacalhau para o almoço. Vomitou feito um filhote de urubu. Foi de propósito. Ela sabia que ele abominava bacalhau, aí resolveu desenterrar do congelador a banda de um peixe que havia sobrado da Semana Santa. Acabou almoçando um macarrão instantâneo. A tarde foi regada à água de coco. Se sentia melhor.

- Não se esqueça do compromisso. – disse a esposa, entrando no banheiro com duas horas de antecedência da missa.

- Ele apenas balançou a cabeça, em um gesto positivo, mas sem um pingo de ânimo.

Já se passava cinco minutos do horário de início da missa. Pela primeira vez, ao longo do dia, resolveu brincar:

- Parece que o padre também andou tomando umas.

- Não. Ele não faz o papel de certas pessoas. – rebateu ela, enquanto se abanava com um panfleto litúrgico.

Pressentiu o que poderia ser a formação de um grande tornado no estomago. A trepidação do carro parece que não lhe fez bem. Disfarçadamente, começou a fazer alguns movimentos concêntricos na barriga. Falou ao pé do ouvido da esposa que ia tomar um arzinho lá fora. Volta minutos depois. Diz que se sente mais aliviado, mas que melhor seria se fosse pra casa e voltasse pra busca-la após a celebração.

– É o jeito! Quem tem cachaceiro em casa tem que andar sozinha mesmo!

Saiu cabisbaixo, com uma mão dissimulada no estômago. Não contaria com uma surpresa: o carro estava travado no estacionamento. Chutou o pneu dianteiro. As mãos em concha à boca ensaiou, mas o grito raivoso estancou antes que refratasse no ar. Passou a mão na cabeça grisalha. A quem rogar? Voltar a ficar com a esposa? Avistou uma banquinha de bombom armada à esquina de uma rua estreita. Ao lado uma mulher fazia crepe. Aquele cheiro só não lhe soava tão enjoado quanto o do bacalhau. Olhou ao fundo da viela. As luzes esparsas davam ao logradouro um ar de mistério. Escutou um som ao fundo.

- É um barzinho? – perguntou, após baforar a fumaça gelada de um cigarro de menta, vício recente adquirido das bebedeiras com os amigos e cunhados.

- É só o que tem de cabeça abaixo aí. – respondeu o ambulante, que remexia as moedas dentro de uma bolsa preta que abraçava-lhe a cintura larga, a barriga derreada.

Os quase dez anos que mora na cidade ainda não foram suficientes para descortinar os seus becos e veredas. A ruazinha não lhe era estranha de tudo. Ligada à feira que tanto conhecia, ele já havia feito entrevistas e aplicado questionários a transeuntes nas adjacências. Já não era mais a mesma urbe que fora objeto de sua pesquisa de mestrado. Depois da pós-graduação os olhos se fixaram nas elaborações e correções de provas, nos planejamentos, nas reuniões pedagógicas, nos problemas extraclasse. A cidade - extraordinária obra humana, metamorfoseasse imperceptivelmente. Olhava-a apenas à luz do dia. A noite, em contrapartida, os movimentos são desobrigados de clareza, se mostram nas frestas, nos lumes, nas manchas dos faróis, no interstício que há entre um poste com luz e outro sem, exigências que o olhar robótico e assustado do cidadão moderno já não é mais capaz de perceber, de sentir.

Dobrou a esquina. Dava para escutar nitidamente o alto-falante da igreja: “Oremos”. Não havia clientes no ambiente. Arrastou uma cadeira. Detrás do balcão envolto em papel de propaganda de marca de cerveja famosa, uma mulher lavava copos em uma pia improvisada. Sacou o celular do bolso, buscou alguma rede de internet disponível. Ao apoiar os cotovelo sobre a mesinha percebeu que o móvel estava molhado. Migrou para outra. A mulher, distraída, ainda não o viu. A música tocava em volume moderado. Resolveu ir até o pé do balcão e, debruçado sobre o móvel, pediu uma cerveja:

- Geladinha. É pra curar uma ressaca. – era a primeira vez que adotara essa estratégia.

Maquinalmente a mulher deixou o serviço e foi até à geladeira marrom. Ela era gorda e branca. O shorte curto mostrava suas pernas irregulares e esburacadas. Os peitos fartos e desajeitados dentro da blusa colada ao corpo descomedido, o umbigo à mostra, parecia um couve-flor. Sacou do congelador uma garrafa recoberta em véu de gelo.

- Véu de noiva! É desse jeito que eu quero.

A mulher, sem balbuciar uma palavra, pôs a garrafa no isopor sobre o balcão, e arrancou do suporte de madeira, preso à parede descascada, um copo de vidro encardido, amarelecido.

- Tem banheiro aí?

- Só passar a cortina. É numa portinha no fim do corredor. – a voz fina contrastava com o corpo farto.

Por trás do pano enxovalhado, antes de chegar ao banheiro, uma porta dava acesso ao que parecia ser uma casa comum, cômodos semiescuros. Instintivamente ele deu uma espiadela. A luz da televisão refletia algumas pessoas conversando no sofá. Vozes femininas, risos, galhofas. Bruscamente recolheu a cabeça e seguiu, a passos apressados, até à portinha do banheiro sem especificação de sexo. Fez o serviço, abotoou a braguilha, puxou a cordinha da descarga, constatou que não poderia lavar aos mãos, virou-se e fechou a porta. A cabeça na cerveja. A dois passos de passar em frente à porta do que parecia ser uma casa uma menina pula na sua frente. As outras que estavam sentadas no sofá, assistindo à televisão, tricotavam burburinhos e risos. Ele tentou se esquivar, mas ela estendeu os dois braços finos e fixou as mãos nas duas paredes.

- Aqui não é só assim, não. Passou nesse beco tem que pagar.

- Com licença, menina. – pediu ele, com voz trêmula.

- Menina?! Só se for uma menina que faz outra! – exclamou a garota, as demais que estavam no sofá se esperneavam de tanto rir.

Um batom vermelho contornava os seus lábios finos, os seios de tão duros e pontiagudos pareciam querer furar a blusinha rala que lhes cobriam. Além do cós baixo, o shortinho deixava à mostra a popa de apetecíveis glúteos.

Ele suava pelas têmporas. Se viu, literalmente, num beco sem saída. A cabeça na cerveja, a única e a saideira. Ela pegou-lhe pelo braço e arrastou-lhe até o sofá. As outras já haviam se dispersado.

- O que é isso, menina?

- Já disse que não sou menina, sou mulher.

A mão pequena e macia já enfiada por dentro da camisa de botões entreaberta acariciava os pelos tingidos do peito. A outra mão, subitamente, abocanhou as partes de baixo do homem, que deu uma upa, contraindo o abdômen. Por trás da escassez de sexo na rotina de 20 anos de casamento tem sempre a chama velada do desejo proibido. Ela escanchada sobre ele, no sofá. Os âncoras se alternavam dando uma notícia sobre um escândalo de corrupção, falavam à toa. Os últimos resquícios de resistência se arrefeceram quando seu

cinto fora bruscamente desafivelado e uma boca pequena e quente começara a massagear e umedecer o seu pênis já quase em ponto de bala. Não havia mais questionamentos. Apenas arriou a cabeça e estirou os dois braços sobre o encosto do sofá. A dupla de apresentadores se despediam, na sequência, surge o anúncio de uma telenovela. Ele não se deu conta, mas a farra já havia acabado. A boca aberta e o frêmito no corpo. Uma experiência nunca e jamais possível de ser realizada no âmago conjugal, um pecado mortal, um indecoro abominável.

Voltou ao balcão. A mulher atendia a dois homens. A camisa amarrotada, o cinto correndo por fora de dois passadores. O véu de gelo sobre a garrafa já havia se desmanchado, escorria água pelo fundo quebrado do suporte. Sedento, tirou o primeiro copo de um gole, os outros três não renderam, a garrafa foi tragada antes que o padre proferisse: "Tomai, todos, e bebei:..". Pestanejando e passando a mão na cabeça, perguntou:

- Quanto foi?

- Só cinquenta. A cerveja é cortesia.

O "Ide em paz e o Senhor vos acompanhe" já havia sido proclamado. Ele alargou os passos. Espalhou as mãos sobre a camisa amarrotada. Ao redor da igreja já fervilhava de gente. Pessoas se dispersando, uns de carro, outros de moto, a maioria a pé, enveredava pelas ruas principais e sumiam em becos iluminados por lâmpadas amarelas. A esposa lhe esperava escorada no carro. O alarme disparado.

- Onde estava, posso saber? Indagou ela, enquanto se abanava com o jornal litúrgico.

- Quando eu voltei o carro estava travado por outros dois, não tinha como sair. – se explicou.

- Eu sei. Eu vi. Não perguntei isso. Quero saber onde estava!

- Decidi caminhar um pouco, aproveitei e fui ver se tinha alguma farmácia aberta.

- Abre logo isso! – parecia ter se contentado com a história.

Ele dirigia. Ela, desconfiada, fitava-o com o rabo do olho.

- Que cheiro é esse?

- É o álcool saindo. – respondeu, sacudindo o colarinho da camisa.

- Não. Tem outro cheiro aí.

- É a reação do perfume com a dissipação do álcool. Está quente, abafado.

- Então ligue o ar ou abra o vidro do seu lado. – sugeriu a esposa.

Elevou quando passava bem em frente ao prédio dos Correios. De relance, viu uma turma de garotas fumando e conversando em uma esquina. Eis que uma o reconheceu, e gritou:

- Volte sempre!

- Alguém falou com você?

- Uma aluna me reconheceu.

- Isso é hora de menina estar na rua.

- Vamos comer uma pizza? – sugeriu ele, para se esquivar do assunto.

- Só se for de bacalhau!

O estomago resistiu, a curiosidade dela parecia insistir.

## Porta de Faculdade

Seu Otacílio e dona Antonina distribuem bom dia, boa tarde e boa noite das seis da manhã às vinte e uma e meia da noite. O radinho de pilha bodeja notícias e toca músicas de mal gosto. Em solo no qual Luiz Gonzaga chegou a fazer diversas apresentações; o mesmo onde Patativa do Assaré já recitou suas poesias, hoje é tomado pela música descartável, salvo aquelas manifestações que ainda resistem. Um paredão ligado a baixo volume, mas que dá para escutar, com nitidez, a obscenidade que o "cantor de forró" grita desafinadamente.

– Pense num povo duma música sem futuro! - constatou seu Otacílio.

– O pior é que as músicas esculhambam com as meninas e elas nem dizem nada, só arrastam a bunda no asfalto. No meu tempo não tinha terreiro pra isso, não! - criticou Antonina, a bacia suada cheia de bolo de caco, tapioca, uma garrafa de café e outra de chá, sobre uma mesinha coberta por uma toalha enxovalhada.

Motores ensurdecedores disputam uma pista apertada. De um lado e do outro da faixa de pedestre pernas inquietas parecem dançar um xaxado do caos cotidiano. Ônibus vomitam estudantes que, se pela manhã, parecem ainda não terem acordado de uma noite de sonhos intranquilos, quando à noite, constata-se que foram sugados pela cotidianidade do mundo moderno.

O velho Otacílio (camisa entreaberta, deixando à mostra metade da barriga gorda e os cabelos grisalhos do peito, a papada suada a sacolejar) acendeu um boró de fumo de rolo logo após tomar um cafezinho e descartar o copo dentro de um balde debaixo do carrinho de bombons.

– Ficou sabendo da nova, seu Otacílio? – perguntou dona Antonina, que acabara de atender uma estudante. A menina, visivelmente atrasada, saíra mordendo o bolo chapéu de couro, e assoprando o copo de chá. – Ouvi um zunzunzum por aí que tão querendo tirar os ambulantes aqui da frente.

– Deve ser boato, Nina, dever ser... Faz é tempo que essa história rola por aí. – disse o velho, após ajeitar o fumo com as duas pontas dos dedos indicadores e passar a língua ensopada no papelzinho fino. – Mais tarde toco fogo nesse. – arrematou, descrente.

Um rapaz, que acabara de acender um cigarro com o isqueiro preso a um elástico à banquinha de seu Otacílio, entreouviu a conversa e interceptou:

- Pior que não é, não, seu Otacílio. Semana passada esse assunto teve na pauta de uma reunião aí. Ficou decidido isso mesmo. Pode crê, ó! Vocês vão ser remanejados para outro lado ali. - apontou com o cigarro entre os dedos em v; tatuagens cobriam-lhe o corpo; um piercing atravessava-lhe o nariz, e argolas arrombavam-lhe as orelhas finas e brancas.

Viúvo há dez anos, seu Otacílio encontrou nesse ofício mais do que um passatempo. Fizera amizades com professores, alunos, funcionários em geral. Quem visitasse a sua banquinha não saía desamparado de uma boa história. Um narrador nato. Quando jovem, viajava, ao lado do seu pai, um comerciante de animais, pelos quatro cantos desse Sertãozão. Memória de elefante. Uns desconfiavam que ele inventava muita coisa. Sempre quando repetia uma história acrescia alguns ingredientes.

– A história vai sempre engordando. Às vezes, o sujeito sempre lembra ou esquece de alguma coisa, só não pode é fugir do miolo do causo. – explicou a um estudante do curso de Geografia, quando fazia-lhe perguntas sobre o massacre do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto.

Também já servira de fonte oral para graduandos e pós-graduandos dos cursos de História e Ciências Sociais.

- Quem diabo diria, hein?! Nunca nem passei por aquela porta ali, mas o povo daí já precisou de mim. Pelo visto sei de coisa que ainda ninguém botou no papel. Imagine se papai tivesse vivo, vixe! – lembrou, os olhos secos instantaneamente lacrimejaram.

Seu semblante deixava transparecer que estava procurando argumentos para continuar acreditando que era apenas mais um boato. Antonina logo percebeu a mudança repentina do amigo. Só ela para entender a sua angústia. Não era o medo de vender menos, de perder clientes. Aquele lugarzinho, ao pé do muro caiado, cheio de letreiros e cartazes, à sombra de um jambeiro, com vista para dentro da universidade, era mais sagrado a seu Otacílio do que a própria modesta casinha que usa praticamente só para dormir.

O turno matutino se encerra. Antonina, como de praxe, vai à casa almoçar e trazer a marmita do amigo. – Se preocupa não, homi de Deus! Vai ficar tudo na paz de nosso senhor.

Ciscou para lá e para cá o arroz e feijão, ornado com um ovo frito e rodelas de mortadela. Foi à garrafa de café ao pé da cadeira de couro. Tomou dois goles e atirou o resto no asfalto quente; descartou o copinho ao cesto aureolado de moscas. À tarde o movimento é minguado. – Calor do cão! – grita o flanelinha que vistora os carros dos professores e funcionários. Chega um cliente. Barba esmeradamente feita. Crachá ao peito. Sapatos pretos reluzentes; calça social slim; camisa de mangas compridas.

- O senhor é o famoso seu Otacílio?

- De famoso nesse mundo só Deus pai todo poderoso, meu filho!

- Verdade! Mas talvez por aqui o senhor ainda seja mais famoso. – antes de esperar qualquer reação do velho - que escavacava a unha do polegar esquerdo com o palito que outrora usara nos dentes - o rapaz riu demasiadamente.

- Ainda acho que fico atrás do Padre Cícero! - tentou emendar uma graça que lhe faltava!

- Tem um cafezinho quente aí, senhora?

- Trouxe de casa agorinha, meu filho!

A experiência dos dois ambulantes lia algo por detrás dos movimentos maquinalmente executados pelo jovem de tez alva e unhas polidas. Pressentiam que as piadas e o cafezinho eram apenas pretexto para um outro assunto.

- Meu nome é Pedro. Trabalho na parte administrativa da universidade. Talvez vocês já estejam sabendo que ocorrerá uma realocação dos ambulantes que vendem nessa parte aqui. – correu o dedo pela calçada. A outra mão, que parecia nunca ter segurado uma ferramenta mais robusta que uma caneta, se queimava com o copinho de café. – Boa sorte pra vocês!

Seu Otacílio contraiu os lábios fartos e roxos, franziu a testa e deu um longo e sufocante assopro. - É isso aí, meu amigo, fique capiongo não! - tentou consolá-lo Antonina. – É o jeito. Fazer o que, né?! – parecia conformado. Durante o resto da tarde tirou poucas palavras. O sol já se escondia por trás do prédio; a calçada encoberta pela sombra. Pouco a pouco o asfalto arrefecia. O resto de café na garrafa de seu Otacílio, também. Tirou apenas um gole raso. Ainda sobrara. Os alunos do turno noturno começavam a chegar.

- Acho que já me vou!

- Oxe! E o que foi, homi?! - perguntou Antonina, como se não soubesse o motivo. - Quer que eu mande chamar algum menino seu? – todos casados, os filhos de seu Otacílio não o visitava com frequência e nem lhe dava a atenção que merecia.

- Não. Vou empurrando devagarzinho aqui.

Guardou a mercadoria exposta na tampa-prateleira. As ruas já pululavam de gente. Estudantes chegavam de ônibus, de carro, de moto, de bicicleta, a pé. Seu Otacílio, pela primeira vez em dez anos, não devolvia todos os cumprimentos que recebia ao longo da sua caminhada trôpega. Os olhos no chão, o bucho roçando no carrinho. Aparelhos de som ligados, mil palavras de mal gosto por milésimo. Grito de pneus. Berros de gente. Seu Otacílio parecia já ter se cansado dessa vida. Café e asfalto arrefecidos. O radinho de pilha já não tocara mais.

## Unha de Gato e Carrapicho

- Cadê aquela cadela, cadê?! – perguntava, aos esturros, o velho Unha de Gato.

Jazia em um quartinho escuro, aos fundos de uma casinha de taipa. O chão de barro batido, as paredes da sala - apinhadas de imagens – formavam um mosaico sagrado, os quadros entrelaçados com rosários e fitas. Já as paredes da cozinha eram tingidas por uma grossa camada de pó de carvão e seguravam panelas encardidas dependuradas em pregos enferrujados. Aparentemente não apresentava perigo, mas certa feita, contam, quando a lua estava cheia, ele quase matou Carrapicho, o seu único irmão e pessoa responsável pelos seus cuidados.

Quando jovens, viviam de pega de boi. Era a dupla de vaqueiros mais afamada da região do Cariri cearense. Não tinham residência fixa, embora aqui acolá ficassem num casebre, deixado pelos seus pais, vítimas precoces da tuberculose. O único livro que liam era esse mundão sem esquadro e regra de ABNT. Andavam de fazenda em fazenda procurando serviço. As trocas e recompensas pelos trabalhos prestados (amansar burro bravo; pegar rezes para vacinar ou curar de alguma bicheira e, é claro, aquele serviço que os dois se notabilizaram: pegar gado bravo na caatinga fechada) só davam para o gasto com cachaça e mulheres.

Conheciam as varedas que entrecortam esse Sertão de pedras e lajedos como os riscos das palmas de suas mãos. Nunca se acovardaram com o tamanho da questão. Quanto maior e mais valente o boi, maior o ímpeto, o gosto de entrar na caatinga e pegar o bicho a unha. Não levavam desaforo para casa. Discutiam e já chegaram ao ponto de esfaquear um homem que se meteu a dizer que o seu cavalo era melhor do que o dos dois. Carrapicho deu-lhe uma gravata e Unha de Gato deixou o bucho do cabra parecendo uma tábua de pirulito.

Unha de gato sempre foi mais mulherengo. Não podia ver um rabo de saia. Mal tinha acabado de sair de um arranca rabo com uma mulher que já tinha três filhos órfãos de pai, que morrera de uma mordida de cascavel, e já estava enrolado com uma retirante que viera das bandas da Paraíba, dizendo estar a caminho do sítio Baixa Dantas, no Juazeiro do meu Padim. Unha de Gato a conheceu quando estava à procura de um boi que havia sumido de uma fazenda daquelas proximidades. Quirina estava apanhando lenha para

cozinhar o almoço. Parece que já no primeiro encontro os dois fizeram coito debaixo de um frondoso pé de juazeiro.

Carrapicho dava conselhos ao irmão:

- Homi, tu abre do olho com essa muié! Já não basta da outra encrenca que tu se livrou. E se essa praga tem algum macho por aí?! Acho que tu tá procurando sarna pra se coçar.

- Eu lá sou homem de ter medo de macho. O meu caso é com ela, cabra besta. Os outros é que se lasquem! – respondia, mais grosso do que casca de angico.

Unha de Gato e Carrapicho nunca chegaram a casar, mas boatos corriam que os dois já haviam engravidado algumas mulheres. Em um caso não muito distante, Unha de Gato fez bucho na filha de um homem de posses, lá na cidade de Barbalha. O pai exigiu casamento antes que a barriga da filha começasse a ganhar forma.

- Lá sou homi de me apregar em pé de muié. Além do mais o buraco já tava feito. Aquela dali dava mais do que porca da mão branca e areia em terra frouxa! – recusava veementemente. Foi enxotado do local com juras de morte.

A afoiteza continuou até um fatídico dia. Unha de Gato chegou em casa com a cara ensanguentada. Vinha arriado por cima da crina do cavalo, já embebida de sangue. Espoleta, um pangaré vermelho, estava acostumado a trazer o seu dono embriagado inúmeras vezes das farras, e sempre parava no terreiro da casa, debaixo de um pé de algaroba. Só que agora Unha de Gato estava inconsciente por outro motivo. Jorrava sangue de uma fenda aberta bem acima do seu olho esquerdo. Carrapicho estava à janela, chupando uma manga jasmim, quando viu aquele flácido homem quase rodando na sela. Não poderia imaginar que seria o seu irmão. Naquelas condições, pensou: - Só se ele estiver bêbado!

Uma fraca voz dizia:

- Foi aquela cadela, meu irmão, foi aquela cachorra magra, bem que você disse. - ainda burburinhou por mais alguns segundos.

Desesperado, Carrapicho arrastou o irmão para dentro de casa e o colocou na cama onde morrera os seus pais, e correu para chamar Zé Curador, o único sujeito nas redondezas que prestava, ao mesmo tempo, serviços médicos e veterinários. Com a delicadeza de um

marchante, Zé Carniçeiro, como era chamado por muitos, estancou o sangue e costurou a testa de Unha de Gato com uma agulha que servia a gente e a bicho bruto.

- Eu sabia que aquela rapariga ainda ia te botar num precipício. Mulher forasteira é um perigo. – dizia, andando para lá e para cá.

Desmaiado, Unha de Gato não escutava a bronca do irmão e nem sentia o peso de uma costura sem anestesia. – Já tratei de caso parecido. É difícil a pessoa escapar sem ficar meio ruim da cabeça. – sequela era palavra sofisticada para o doutor carniceiro e para o vocabulário daquele povo.

- Mulher que tenta matar homem só pra roubar alguns trocados já tá dizendo quem é. Isso num vai ficar assim! Agora eu entendi por que ela quis se arranchar por essas bandas. Só pra arranjar um trouxa, tomar o seu dinheiro e fugir - esbravejava Carrapicho.

No outro dia depois do acontecido, um homem encapuzado invade uma pequena lavoura e dispara um tiro de espingarda no peito de uma mulher, salpicando de sangue alguns alvos capuchos de algodão, uma mancha indelével para as pessoas que se espalharam pra tudo quanto é lado. Quem teria sido? Carrapicho? Quem era doido de se meter com a fama de valentia de gente assim. A essa altura o boato já correra feito rastírio de pólvora. Todos já sabiam porque aquela mulher morrera. Foi ela quem soltou uma mão de pilão na testa de Unha de Gato enquanto ele dormia à sombra de um juazeiro, lugar que os dois se encontravam desde a primeira vez que se viram.

Desse feito para cá Unha de Gato nunca foi mais o mesmo homem. Dores de cabeça lhe atormentavam diuturnamente. Esturrava feito touro acuado em manga de jurema, dentro de um quartinho anexado à cozinha, a única forma que Carrapicho encontrou para segurá-lo e impedir que o seu único irmão atentasse contra a sua própria vida, como já fez algumas vezes, a última delas com o punho da rede amarrado no caibro. A sorte foi que Carrapicho chegou a tempo.

- Aquela cadela, eu quero ir atrás daquela cadela traiçoeira! – era a única frase que repetia, aos berros.

Todos achavam aquela história meio sem pé nem cabeça. Aqueles que conheciam Quirina eram descrentes na versão espalhada aos quatro cantos por Carrapicho, de que a mulher que tinha um caso com o seu irmão pudesse ter feito tamanha crueldade, sobretudo para lhe roubar. Quirina tinha fama de mulher direita.

- Não apenas fez, como eu acho que tem macho por trás dessa história. Se eu pelo menos sonhasse com o vulto desse cabra, juro que achava esse desgraçado e bebia o seu sangue com pão de milho! – repetia onde estivesse, Carrapicho.

O segredo que Carrapicho não contava era o inadmissível para a reputação do irmão, da fama de ambos como vaqueiros. Homens destemidos que por onde passavam no mato deixavam rastro de gemido e desfeita. Naquele fatídico dia ambos haviam saído a mando de um fazendeiro da região. A tarefa era simples: recrutar um gado escoteiro que pastava numa roça que ficava a pouco mais de duas léguas de casa, entre dois serrotes. Com a experiência de décadas de trabalho, os dois já haviam recrutado o rebanho. O único contratempo que tiveram foi uma novilha arisca que, aqui acolá, ameaçava se apartar do rebanho. Iam conduzindo na metodologia de sempre: Carrapicho ia tangendo as rezes e Unha de Gato, à frente do gado, chamando. A mesma garrota que dera trabalho para se juntar ao rebanho passa, em disparada, em sua frente e salta uma cerca de sete fios enferrujados de arame, sem sequer tocá-los.

Diante do zangado Unha de Gato, aquilo era uma afronta. Afronta que ele gostava. Dizem que certa feita, depois de derrubar, colocar a careta e o chocalho em um boi de 15 arrobas, desfez todo o processo, só para em uma outra oportunidade topar com o bicho mais uma vez.

Esperou que carrapicho emparelhasse:

- Pode deixar. Vá tocando que daqui a pouco eu chego com essa catita pregada no peito de Espoleta.

- Mais se adiante. A bichinha parece que é andadeira. Tem olho de bicho matreiro, cuidado!

Enquanto o irmão dava conselhos, ele fazia o mesmo ritual antes de uma carreira: acendia um boró de fumo de rolo e o engolia em poucos minutos.

- Eu lá tô preocupado com aquilo. Só tô com medo de quebrar algum osso daquela bicha véa maga e o dono vim com desaforo! – dizia, com desprezo, entre uma pofada e outra do boró. – Só quero é ver como ela vai ficar de careta e chocalho. Mais doida do que cego em tiroteio!

Saiu desembestado. A estaladeira de pau e o voo de um bando de arribaçãs denunciava o furor do vaqueiro. A esgueira novilha embrenhou-se numa tira de jurema e marmeleiro. Pela experiência não demorava muito para achar as frestas na mata e descobrir o seu paradeiro.

Logo na primeira investida dava-se pra escutar o chão tremer. A ágil novilha fez finca-pé e conseguiu pular uma grota de quase três metros de largura. Espoleta refugou, Unha de Gato quase passou por cima do pescoço do cavalo. Na segunda tentativa não foi necessário muito esforço. Quando menos se esperou ele já estava enlaçado no pescoço fino da garrota. Bastou apenas um jeitinho para torcê-lo e desequilibrá-la. Caiu a caráter.

- Ora mais tá, sua cadela véa. – dizia com a cabeça enfiada entre o enorme par de orelha da bicha. - Tu lá tem tipo pra enfrentar vaqueiro como eu?

A máscara já devidamente colocada, o chocalho um pouco folgado ainda rodava no pescoço do animal; a nuvem de poeira no ar. Unha de Gato não esperava que com tamanha agilidade aquele aparente inofensivo bicho, já totalmente dominado pela sua força, quando sentisse o alívio das suas mãos fosse se levantar com tanta agilidade. Também não poderia imaginar que o chocalho pudesse rodar e pegar acima do seu olho esquerdo, muito menos ter o azar de dar um passo para trás e receber um coice certeiro sobre o primeiro golpe.

Ele fez concha com as mãos e levou ao rosto, que em segundos estava embebido de sangue. Cambaleou por alguns segundos até achar o estrivo de Espoleta, que com um cutucão de espora achou o caminho de casa e saiu em disparada.

Talvez a dor maior não tenha sido o coice ou as sucessivas pontadas na cabeça, que pareciam filetes do casco da novilha, amolado de tanto pisar no solo pedregoso, furar o seu crânio. Dor que o faria rolar no chão o resto da vida. Doído mesmo era aguentar o falatório do povo. A magofa nos bares, nos cabarés. Perder uma investida em um boi feito já não caía bem, agora imagine deixar escapolir uma novilha orelhuda.

- Como pode um cabra levar cambão de uma novilhota, rapaz. Ou o cavalo tava apiado ou o cabra é mole de correr água! – sussurrava uma voz ao ouvido direito de Unha de Gato.

- Derrubar boi de quinze arroubas é fácil, quero ver é nêgo colocar chocalho em bezerrinha catita e trazer ela empurrando com peito do cavalo. – outra voz o atormentava.

Não adianta só derrubar e amarrar. O jogo do mato só acaba quando o bicho está enchiqueirado ou no calabouço de um matadouro. E nesse jogo quem geralmente decide é a sorte. Quando o vaqueiro do Sertão tem a sorte de desviar-se de um pau e se livrar de uma estrepada, acaba plantando outra armadilha lá na frente.

O velho Unha de Gato sempre viveu feito bicho, mas agora ele pareceu de fato vestir uma máscara mimetizante. O seu quartinho é o seu curral. Pela sua vontade sairia dali e escaramuçava pela amplidão da depressão que o circundava. A porteira de ferro abre e fecha sob às ordens do seu irmão. Berrava, pisava sobre as suas próprias fezes feito um boi minutos antes do abate. Parecia chorar pelo leite derramado. Não podia escutar um barulho de um chocalho lá fora que aquilo parecia estar dentro da sua cabeça:

- Eu vou cortar as tuas orelhas e te esfolar todinha, sua cadela seca?! - esturrava.

Reza a lenda que até hoje uma mulher chamada Quirina enfeitiça os vaqueiros da região. Uma vez saindo com ela, eles sempre topam com uma novilha encapuzada e com um enorme chocalho, e acabam sempre encontrando pau, pedra e os coices que essa profissão está sujeita.

## Dia de finados

- Se apressem, daqui a pouquinho Zeca da Rural já tá saindo. – disse, ao netos, enquanto borrifava no sovaco um frasco de Alma de Flores, Dona Esmeraldina.

“Dina”, como era comumente chamada, resolvera ir ao sepulcro do marido no dia de finados. Ano passado não fora, pois ainda se recuperava de uma cirurgia de varizes, que quase lhe custou a perna esquerda. Ainda andava cachinando, com a ajuda de uma bengalinha. Há algum tempo estava tendo pesadelos com o falecido marido, concluiu: - “Isso é falta de reza, tá pouca”.

Nathalia, 07, e Ezequiel, 08, eram praticamente criados pela avó. São filhos de Irene, única mulher de um total de sete partos caseiros. Não teve sorte no casamento. Conheceu um homem que trabalhava na empresa responsável por instalar energia no sítio onde morava. Engravidou meses depois. Mal o primeiro largou o peito, já entrou na segunda gestação. O sujeito a deixou com o bucho no pé da goela. Também deixou as marcas do seu punho cerrado, sempre movido à álcool, no rosto da pobre moça, e os gritos e frases humilhantes que era obrigada a ouvir: - “esquenta logo essa comida, sua vagabunda!”

Depois que Irene passou a trabalhar na cidade, em casa de família, e só retornar à casa praticamente à boca da noite, no carro dos estudantes, Nathalia e Ezequiel passaram a ficar quase todo o tempo sob a tutela e os mimos da avó. Nem a morte do pai fez os filhos que moram em São Paulo voltarem definitivamente para ficar com a mãe. A presença dos netos era o único conforto tanto para a dor da perda do marido como para a distância dos filhos, que não tinham data certa para visitar o Sertão:

- Não tem o mal que não traga o bem. - frisava Dina. – A minha sorte são esses meninos correndo pra lá e pra cá, tapando o vazio e a solidão dessa casa velha. Avó é bicho besta, eles fazem o que querem. Eu queria ver os meus filhos fazerem isso quando eram pequenos. – sempre dizia a quem a visitasse.

Disputavam uma caixa de fósforos e uma caixa de velas:

- Eu vou levar as velas, seu bicho besta!

- Não! Ó, vovó, diz a essa bicha véa que eu é quem vou levar as velas, diz!

- Os dois tão brigando até no dia de acender uma vela pro avô! Pra acabar com a besteira nenhum vai levar nada. Dê cá isso daí! Vocês já são crescidos. Não podem mais brigar

por besteira, têm que ter união. A mãe de vocês se lasca de trabalhar e eu faço um esforço danado pra não faltar nada pra vocês! – parecia que pela primeira vez Dina havia enquadrado os netos em um tom de voz acima do normal. - Quando a gente chegar na rua eu compro uma caixa de vela e de fósforo pra cada um. – ao final, sempre deixava se levar pelos caprichos do netos. – "Mamãe... mamãe... eu já disse pra desacostumar esses meninos". – dizia Irene.

Cinco léguas separavam o Sítio Oitizeiro da pequena cidade de pouco mais de trinta mil habitantes. O cemitério ficava parecendo um formigueiro de gente no dia de finados. Carros, carroças, bicicletas e gente pagando promessa chegavam a pé para prestar homenagem a parentes e amigos.

Novembro havia chegado com muito calor, vento e, à tardinha do seu primeiro dia, alguns grossos pingos d`água para baixar a poeira. Os mais experientes diziam que o inverno ia ser bom. Senhores seguravam o chapéu e senhoras as bordas dos vestidos.

As pessoas se espremiam para entrar pelo estreito portão: "- como pode um negócio ser tão mal planejado desse jeito, parece até um rebanho de gado no gequi". – disse um senhor de chapéu, cara enrugada e bigode passando da extremidade das bochechas. - "Parece até que todo mundo deixou pra vim na mesma hora". – observou uma senhora corcunda com um lenço amarrado na cabeça, aos mãos enrugadas segurando uma caixa de vela e uma caixa de fósforo no raso bolso de seu vestido de chita.

A pequena cidade dos pés juntos era rodeada por um muro de quase dois metros. Foi uma reivindicação dos familiares dos mortos porque estava acontecendo roubos de objetos, a exemplo das cruzes de bronze e das molduras que continham fotografias.

- Meus Deus! – se espantou Dona Dina, arriada por cima da bengala, as duas crianças servia-lhe como apoio no outro braço, com o deszelo no qual se encontrava o cemitério. – Na última vez que vim aqui não estava desse jeito. A sujeira aumentou. O povo não tem respeito nem pela última morada do cristão aqui na terra!

O mato cobria algumas catacumbas a ponto de ficarem inidentificáveis. Algumas mostravam zelo porque havia um tratamento particular, uma pessoa era paga para fazer a limpeza. O vento assoviava nas cruzes. Chamas tremulavam. Apagavam-se. Velas eram acesas próximas umas das outras e, em um instante, se transformavam em uma cortina de labaredas. Escorriam cachoeiras de parafina sobre os decadentes sepulcros. A sujeira do

local e os acessos estreitos dificultavam o fluxo de pessoas. Além do já natural calor de outubro o fogo das velas aumentava a temperatura ambiente. Como se não bastasse ainda era possível sentir um mal cheiro oriundo de alguma cova que não fora bem tapada.

Dina e os dois meninos, com muita dificuldade, conseguiram chegar ao túmulo desejado. Como prometera, comprou uma caixa de vela e outra de fósforo para cada criança.

- Não saiam daqui, fiquem abaixados ao redor das velas para o vento não apagar que eu volto já. Vou só do outro lado daquela – apontando com o dedo - catacumba ali acender uma vela na cova de uma família amiga. Não vão pra perto daquelas chamas ali. – advertiu os netos, apontando com o queixo para enormes labaredas.

Bastou a avó dar as costas para os dois começarem a arengar. Ezequiel, sorrateiramente, tirou uma rama de carrapicho e o pregou nas costas de Nathalia. Ela correu, aos gritos, em direção a avó. Para se livrar da bronca, o menino resolveu atear fogo na bola de carrapicho e outras ervas daninhas que ficavam ao lado da cova do avô. Os talos e ramas secos rapidamente foram envolvidos pelo fogo que era impulsionado pelo vento. Algumas faíscas e talos secos foram lançados sobre outros recantos forrados pela vegetação rasteira e seca.

Dina olhou por detrás de uma alta sepultura e calculou que aquelas chamas eram bem próximas do jazigo de Afonso, morto enquanto amansava uma burra, que jogou sua cabeça contra um enorme bloco de granito. Correu cambaleante. No caminho foi interceptada por um bloco de tijolos que despencou de uma velha catacumba, impedindo a sua passagem. Dina, que segurava o braço de Nathalia, aos gritos, refugou e deu um giro trezentos e sessentas graus. O suor escorria pela testa, salgava-lhe os olhos. Deu meia volta e tentou achar outro atalho. Só encontrava um mundo de fogo ao seu redor. Via-se envolvida em uma grande coivara.

O pesadelo que lhe atormentava há meses parecia se materializar. A vista escureceu e começou a ver vultos, animais desembestados: bestas, burras... saltando sobre os sepulcros e chamas, quebrando cruzes e atravessando o muro do cemitério como bichos invisíveis. Abriu os olhos e via através das chamas pessoas correndo e gritando: “Valei-me, meu Padim Ciço!”; “- Será o dia do juízo final, meu Deus”.

A barra do vestido de Dina foi tomada por uma rabo de fogo. Nathalia desgarrou do seu braço e correu desesperadamente.

Dizem que Ezequiel e Nathalia, ilesos, foram vistos sendo deixados do lado de fora do cemitério, perto do carro de Zeca da Rural, pelo um homem de chapelão que cobria-lhe quase toda a face, montado em um cavalo de cor vermelha, que depois saiu em disparada em meio à fumaça.

Consumida totalmente pelo fogo, Dina foi cair justamente sobre a cova do falecido marido, onde hoje os seus restos mortais também jazem.

**Notícia no bar**

- Cês viram? Eles apertaram a mão!

- Oxe! Tu é doido, é? Aqui dali é que nem gato e cachorro, rapaz!

- Num viram o jornal de ontem, não?!

- Pra que? Jornal só serve pra mentir! Os caba diz uma coisa hoje, amanhã já tão mostrando outra.

- Acho que tu fez foi se confundir, num foi?

- Nã!

- Tu tava lá? Viu quando os dois se encostaram? Aquele povo só fede a poiva, doido!

- Tu acha que a imagem vai mentir? Ninguém é cego, não minino!

- Lai vai! Raimunda de Tico Amaro num é cega e num mente que o cu num sente! Vai hômi, desencosta o bucho desse baicão e traz mais uma ficha aí.

- A derradeira!

Estava nos comerciais, o telejornal já ia entrar na última parte. Ele pegou o controle e apontou em direção a televisão sobre a desbotada geladeira branca. Diminui o volume.

- Tranca logo esse troço ou liga o som, véi do buchão!

- Nã! Ainda vai passar só os golaço da Liga.

- Pois traga logo mais uma ficha, que essa daqui eu dei foi lambreta nesse troxinha.

- Só mais essa, já tô enjuado de batido de bola.

- E ainda que vê bola na televisão. Bota a saideira aí.

- Na televisão eu num escuto batido de bola. Limão acabou!

- Tem nada, não, tira-gosto é mão nos beiço. A muié tá preparando um sarabuio em casa.

Hoje à tardezinha a rua estava agitada. Não era copa do mundo, mas a disputa entre Messi e Cristiano Ronaldo gerava um reboliço danado no Beco da Poeira. O nome continua sendo esse, mesmo na plaquinha da esquina e na conta de energia e água informar que se trata da rua Vereador Laureano Bittencourt. “Saímos da poeira e entramos no cu de um

desconhecido", dizem os moradores. Também dizem que o tal homenageado roubava mais do que Pé de Pato, a diferença é que esse, ao menos uma vez por mês, vê o sol nascer quadrado. A boca do povo não tem esquadro. Nesse dia o argentino levou a melhor. Fez dois, tirou a camisa e estirou na cara da torcida arquirrival. – "Se fosse aqui no Brasil os caba tinha enfoicado aquele anãozinho!" Bião perdeu a bicicleta velha que tinha pra Tonhão. – "Êita baxim enjuado do cão!", lamentou. Depois do jogo desmancharam a bicicleta em cachaça e saíram abraçados e trôpegos.

Após os gols o noticiário abre uma brecha pra novas informações sobre a guerra. A guerra que enfia a bala na cabeça de cada um de nós sem que percebamos. A guerra que ninguém vê, que apunhala a humanidade cotidianamente, feito uma adaga invisível que entra bem molinho nas costas do povo, faca em canjica e tronco de bananeira.

- Pense nuns caba malvado.

- Quem?

- Esses aí que vive em pé de guerra, que mata gente inocente todo dia.

- Oxe! Como é que tu sabe que são eles?

- Todo dia num passa aí, caba teimoso!

- Do cano de quem parte o tiro? Eu só vejo é gente ensanguentada correndo prum lado e pro outro, bomba aqui e tiro acolá, prédio se espatifando, cidadezinha só o pó.

- Mais lá tem o caba que é mais ruim do que tudim.

- Quem?

- Né o tal de bacharálálálá sei lá... baixa da égua!

- Tu já viu ele com uma espingarda na mão?

- Tu acha que esse povo usa essas arminha assim, é? É só tanque, canhão e bomba.

- Pois é. Vai saber quem é que manda apertar o gatilho, vai! Traz logo outra ficha aí. Hoje eu tô envenenado!

- A derradeira, hein? Tô avisando! Já tô desligando até a televisão.

Antes do boa noite final, porque desgraça nesse mundo é a única coisa que é de graça e nunca falta, ainda cabe uma, noticia a âncora:

“- Um dia após o aperto de mão histórico, bastou um teste com arma nuclear para que o estado de tensão entre os dois países voltasse a ficar a flor da pele”.

- Bem que eu disse que jornal é bicho que mente, véi do buchão! Fecha a conta e passa a régua aí.

- Tem jeito, não! Apertaram só uma mão, a outra ficou roçando o gatilho.

## Um Joseiro de espinhos

Honorina, Anselmo e uma enfieira de filhos arribaram do Inhamuns em um pau-de-arara rumo ao Cariri. Sem-terra e sem-teto, vítimas constantes das humilhações, das estadias em troca de serviços, das responsabilizações, das acusações injustas dos patrões. A última delas quase custou a vida de Anselmo, isso depois que um garrote foi encontrado desossado em meio à caatinga, prática comum durante as severas estiagens da década de 1930 e diante do desamparo governamental.

- Se a comida tá pouca, seu nêgo desgraçado, tivesse me pedido. Não precisava matar meu gado, urubu carniceiro! - humilhação presenciada pela esposa e os cinco meninos.

O dia mal havia amanhecido, recolheram apenas algumas aves no terreiro e levaram para a feira de Parambu, onde venderam abaixo preço. Nasceram e se criaram no Cococi. Mesmo Anselmo não estando de total acordo com a arribação, Honorina já decidira o que já vinham discutindo há algum tempo. Ele ainda relutava:

- Muié do céu, cê teimosa. Si num dé certo? Pensa nas cria! – o mais velho acabara de completar treze anos, os outros vinham sequencialmente em ordem decrescente.

- Vira essa boca pra lá, homi. Já batemo tudo quanto é morada de favor. O que foi que arranjemo inté hoje, hein? Só huminhação, né?

Além dos farrapos que trajavam e algumas mudas de roupas em uma trouxa, reservava-se entre Honorina e Anselmo um saco cheio de imagens sagradas, a maioria delas do Padre Cícero, a quem Honorina tinha profunda devoção, pretendia conhecer pessoalmente e pedir acolhida no Caldeirão do beato Zé Lourenço.

- Meu Padim vai negar não, sô devota de coração. – dizia, confiante, ao marido.

A notícia de que Padre Cícero acolhia flagelados enviando-os a uma fazenda denominada Caldeirão, na cidade do Crato, já se espalhara por todo o Nordeste. A comunidade não parava de crescer. Capitaneada pelo beato José Lourenço, esse designado pelo Padre Cícero, o grupo vivia de atividades primárias e tudo era igualitariamente dividido entre os próprios membros. Em meio a um cenário de miséria, o povoado despontava como um lugar de fartura. Não demorou muito para os latifundiários e o próprio Governo Federal taxar a comunidade de comunista e a qualquer custo tentar varrê-la do mapa.

Os ventos secos e quentes do Sertão também conduziam Honorina ao Joazeiro para pagar uma promessa que fez enquanto todos os meninos gemiam doentes de sarampo.

– Graças a meu padim, tudim amiorô! – os olhos lacrimejavam.

À noite sairia um caminhão da praça de Parambu com alguns romeiros em destino à meca sertaneja, prática essa comum desde o fatídico 1º de março de 1889, quando se espalhou a notícia de que a hóstia benzida pelas mãos do Padre Cícero e posta à boca da beata Maria de Araújo converteu-se em sangue. A partir desse dia Joazeiro nunca mais foi o mesmo.

- Valei-me, meu Padim Ciço, potretor dos mais humilde, livrador do precipíço, meu Padim Santo quirido... – ladainhavam, debaixo da lona tremulante de um caminhão que cortava um vento quente e seco, velhinhas de rostos engelhados e panos envoltos na cabeça.

Os meninos dormiam um sono profundo, menos o menino mais novo, que desde os primeiros quilômetros já apresentara ânsia de vômito. Honorina o confortava ao colo, esfregava a mão em movimentos concêntricos em sua magra barriga. De instante, em instante colocava a sua cabeça por entre as grades laterais que seguravam a estrutura da coberta do caminhão. Para piorar a situação, um ramo de moita açoitou o seu rosto, causando-lhe um leve arranhão. Sorte sua foi que antes do choque o chofer havia atenuado a velocidade quando avistou, à luz turva do veículo, uma tropa de jumentos.

- Dê esse chazinho a ele, muié. – ofereceu uma romeira, segurando uma garrava de vidro cheia de um líquido verde, tapada com um sabugo. – É tiro e queda, pode confiá, daqui uns instantinho ele agarra no sono! – assegurou a mulher, nos olhos muitas promessas a pagar.

Honorina titubeou. Correu a mão no rosário dependurado no pescoço e entregou nas mãos de “meu Padim”.

- É feito de que?

- É só garrafada de aigumas eivinha do mato. Só! - em alguns minutos a criança dormia feito o silêncio daquela paisagem brancacenta.

Anselmo apenas cochilava. Quando sentia a ponta do queijo encostando ao peito parecia acordar de um pesadelo. O ofício de vaqueiro que exerceu a vida inteira não lhe dava

brechas para muito tempo de descanso. O vaqueiro é a única profissão que vive sempre de plantão, não tem feriado e dia santo, faça chuva ou sol. É como uma mãe preocupada com as suas crias. Anselmo adormecia mas era acordado aos entojos dos patrões que a vida inteira lhe chicoteou.

– Tu tá dormindo mais do que gato de hotel, nêgo!

– Apressa essa munheca senão o leite vai coalhar, murrinha!

Depois de uma parada prevista em Campos Sales, onde seria apanhado uma turma de romeiros, e também se aproveitaria para esticar as pernas e fazer algumas necessidades fisiológicas, depois dali aqueles pés rachados como o massapê só pisariam, ao amanhecer do dia, no destino final. Anselmo já se mostrava mais otimista, passava a mão na cabeça dos meninos, desenhava na mente uma vida nova, fitava Honorina por baixo.

- Muié tinhosa. – abriu um tímido sorriso, a boca faltava-lhe alguns dentes, os poucos que tinham eram estragados.

- Num vejo a hora de chêgá no Joazeiro e rezá bem munto, pidir a benção a meu Padim i as dispois a gente i trabaiá e vivê im paiz no Carderão do biato, né Selmo? – aqui acolá ela o chamava assim, apenas ela.

A viagem foi dura, as trepidações, a poeira. Todo o esforço valera apena. Todo o cansado desapareceu quando já se podia abarcar com os olhos a cidade. O mesmo ritual de sempre se repediu: “Viva a Padim Ciço”, as mesmas vozes abafadas debaixo da lona respondiam, “viva, viva”, gritavam ao mesmo tempo que batiam palmas empoeiradas. A energia da cidade parecia contaminar qualquer pessoa, até a alma mais encabulada. Joazeiro não estava com cara de quem havia dormido. Amanheceu com um sol vigoroso iluminando o relevo tabular da Chapada do Araripe. Desceram para se juntarem a um número considerável de transeuntes agitados. Os meninos se retraíram aos pés de Anselmo:

– Caima! Nunca viram desse tanto de gente, né?, os bichim! - Anselmo tentou consolá-los, ao mesmo tempo que também deixava transparecer um rosto de assombro.

Em um átimo, saiu uma mulher trajada de preto de uma viela, correndo com as mãos na cabeça e gritando: - Isso num pode ter acontecido, meu Deus! Não demorou muito para surgir outra voz desesperada: - Valei-me, Nossa Senhora, o que será di nóis agora?! A

cidade parecia um formigueiro humano após o primeiro borrifo de veneno. Olhos abatidos, rostos desolados.

- Aiguma coisa tá errada, Selmo.

Algo realmente estava errado, talvez nunca Honorina havia abreviado o nome do marido duas vezes tão próximas. Seria um presságio? Começou a sentir um calafrio. Todo o ímpeto, todas as conjecturas, os sonhos de ver os filhos crescidos e fortes, a certeza de uma vida austera mas sem humilhação, o sonho de conhecer e pedir a benção a "meu Padim" foi bagunçada por uma frase desesperadamente proferida e repetida, pela boca de um homem montado em um cavalo que passou de rédea frouxa:

- Meu Padim morreu, meu Padim morreu!

Honorina, inerte, via apenas vultos, almas aflitas que passavam diante de suas retinas fatigadas. Aquele chão que pisara com tanto afinco parecia ter desabado em milésimos. Desprendeu o menino mais novo que estava escanchado na sua cintura, colocou as duas mãos na cabeça e caiu de joelhos. As lágrimas abriam veios em seu rosto sujo. Um choro interno, a boca trêmula. Parecia se confessar ali mesmo. Parecia estar adquirindo forças para se levantar e seguir numa procissão sem volta.

## O menino operário

- Aqui é assim: quem não trabalhar, não come! Tá na bíblia, já ouvi até o padre Runião dizer também. Situação feia era a minha na idade de vocês. Sofria, na roça, o dia todo, não livrava nem data sagrada. Comi couro de mala velha assado. O avô e a avô de vocês ainda sofreram mais do que eu. Morreram cedo, mas deixaram os catorze filhos criados, caminhando com as próprias pernas! - palavras ditas em meio a mãozadas na mesa, os pratos e colheres tremeram, a panela de feijão ainda transbordou.

– Eu vi um gaiatinho reclamando que o feijão aí tava cheio de gurguio. Não sabe o que é passar fome, sabe nada, rapaz! - respirou fundo, era falador, não admitia que ninguém o interrompesse.

Marieta, como de praxe, serviu primeiro a ele, o marido, Severo. O esbravejo o deixou ofegante. Em seguida, abasteceu o prato do mais velho. Essa era a ordem. Os que já trabalhavam, ajudavam o pai nas construções, eram sempre os primeiros e os que mais comiam. Mariinha, única filha e caçula, ficava sempre ao colo de Marieta. A menina jogava as mãozinhas no intento de agarrar a concha de feijão. A família se espremia ao redor de uma mesa adequada para suportar apenas quatro cadeiras. Severo ficava sozinho em um dos lados.

- Tu tem cuidado pra não queimar essa menina! Bote ela chão, num já começou a se arrastar, num já tá se segurando nas coisas?! Solte que ela se agarra no pé da cadeira.

-A bichinha tá cheia de pataca vermelha. Tem um formigueiro bem no pé do feixe de lenha, ali - apontava o dedo para o canto do fogão. - Já tomou de conta da casa todinha. Botei água quente no buraco, mas não teve jeito.

Dos seis filhos homens, os três mais velhos ajudavam nas despesas. A casinha insalubre fora construída em uma área de risco, no bairro Seminário/Vila Alta, era a materialização cruel do esforço, do sonho realizado. Não havia banheiro. As necessidades eram feitas em penicos que eram desabastecidos barranco abaixo e logo depois emborcados nas cabeças das varas de marmeleiro que cercavam o pequeno quintal. As paredes do primeiro cômodo suportavam imagens sagradas e, à noite, eram entrelaçadas por seis tipoias. No outro vão dormiam João e Marieta, e por cima da magra cama do casal, diagonalmente, estendia-se a rede da pequena Mariinha.

Dois candeeiros alumiavam o jantar. Severo não admitia que na hora do almoço e da janta faltasse alguém à mesa.

– Jesus cristo deixou a lição na Santa Ceia. Já ouvi o padre Rubião dizer isso na missa.

Ai de quem ousasse se levantar antes dele. Jogou a colher; levou o prato à boca; chupou até a última gota do caldo de feijão; pegou uma rodilha encardida e esfregou horizontalmente nos lábios; apoiou as duas mãos sobre a mesa e se levantou. A sua sombra se agigantou à luz do candeeiro, metáfora perfeita para o seu autoritarismo.

- Joaquim, amanhã eu vou levar você pra trabalhar lá na construção do prédio do doutor Tancredo. Digo a ele que só precisa lhe dar um agrado. Se ele não quiser dá também não tem nada. Já tá bom de você começar a ajudar a eu e os seus irmãos. Serviço lá é o que não falta: você pode carregar tijolo, água, já dá até pra peneirar areia. Ele tá até querendo pintar umas telhas, coisa que viu pras bandas da capital. É só pegar as bicha e mergulhar num balde de tinta e colocar pra secar.

- Agora que o menino fez treze, Severo, ainda mais ele não pode nem ver poeira. – protestou Marieta.

- Mas ele já tem boca pra reclamar da comida. Eu, na idade dele, já fazia coisa de um caba feito. Pra escola ele não vai. Isso é perda de tempo. Tão vendo essa casinha velha aqui? Ela foi feita foi sentando tijolo em cima tijolo, não foi com cara enfiada em livro, não! Estudar só dá pra quem já é rico. Num tem o doutor Tancredo? O pai dele era doutor famoso aqui na região. Filho de peixinho, peixinho é.

A imprensa, os intelectuais, a classe política conclamavam mudanças para a cidade. Os jornais locais propalavam uma Crato moderna, airosa, progressista. A “Princesa do Cariri” ficava cada vez mais elegante. As marcas de uma arquitetura colonial, esses ranços de um período arcaico, estavam sendo paulatinamente substituídos pelas novas técnicas, linhas e traços modernos. O estilo Arte décor já dominava as sacadas de prédios públicos e privados, a exemplo do edifício do doutor Tancredo, que foi planejado por um engenheiro de Fortaleza, o mesmo que se opôs a presença de um adolescente na obra.

- Pode deixar sob a minha responsabilidade. O menino vai ficar longe de serviço perigoso. – resistiu o doutor Tancredo, que garantiu a Severo recompensar o jovem.

Entre um mergulho e outro no balde de tinta, Joaquim entreouviu uma conversa do engenheiro com um operário:

- Esse pozinho aqui é para matar aquele formigueiro que tá atanazando vocês. Só é semear no local ou colocar por onde elas fizeram o caminhozinho. É tiro e queda!

- Valei-me, meu Padim! Um pozinho desse, como é que pode?! Nem cheiro tem... Vôte! – se espantou o operário. – Isso é “pogresso” da capital, né dôtô?

Naquela noite o jovem operário já foi dormir tossindo.

- Eu disse, Severo, o menino tem alergia a poeira, daqui a pouco vai colocar sangue pelo nariz. – lamentou Marieta.

Se segurando às paredes, ensaiando os primeiros passos, Mariinha foi atraída pelo pó cor-de-rosa, cuidadosamente distribuído, sob as instruções do engenheiro, pelo seu jovem irmão operário. Começou a tossir. Marieta preparava o café no velho fogão de lenha; os penicos já haviam sido desabastecidos e estavam emborcados.

- Se levanta, cabinha mole, vai. - um dos irmãos chacoalhava a rede de Joaquim.

## O Beco do Fumo

Os seres do Beco do Fumo vivem ao rés do chão. Seres rastejantes, os pés disformes e rachados, aureolados de moscas-varejeiras.

- Vão trabalhar, rebanho de vagabundos!

Vagam, vagueiam vagarosos, lentos, arrastando tornozelos grossos. A barriga d`água, os olhos esbugalhados, mal dormidos, sem sangue. Alimentados pelo pinga-pinga de moedas. Não falta quem dê-lhes migalhas. Uma raizada, uma dose de Fubuia, um Rabo de Galo, ou até mesmo um pouquinho de tudo, junto e misturado: a famosa Farmacinha.

- Cachaça não mata ninguém, isso é besteira!

Bebem as sobras, cospem no chão encardido e esburacado. Adormecem na cama-calçada, ressonam no travesseiro-batente. A mãe puxa o braço do garotinho: - "Por aí, não!" Acordam com as unhas pintadas e sobrancelhas raspadas. Os outros riem, quem será o próximo dorminhoco?

- Bando de sem futuro!

Numa lona estirada no chão amontoa-se cacarecos: recarregar o isqueiro, trocar o pavio da lamparina, o punho da rede, comprar penico, o desentupidor de fogão, a panela de pressão da madame só chia se sair desse mesmo chão. Sábado é dia de encher o rabo. Outros enchem o rabo a semana inteira. Sábado passado foi o enterro de Zacarias. Uma lista aberta corre por aí. Aqui acolá um desce o Canal da Taboqueira. Isso só serve de alimento pra novas piadinhas. Mera justificativa pra beberem ainda mais. Choram, recordam dos companheiros de guerra:

- As cachaça do nêgo véi num ofendia ninguém!

O cortejo seguia lentamente. A música brega tocando. "Era a cara dele"; "Só tinha a boca pra achar graça", e "E pra beber", completa outro, resultando em risos e mais cambaleios. Saca do bolso do calção frouxo um repositório e tira mais um gole comprido, a garrafinha passeia por bocas descascadas e desdentadas. "Pra calibrar os neivos!"

- Quem será o próximo?!

A resenha recomeça. Beliscam um recipiente de margarina cheio de farofa e torresmo. Outros roem infindáveis caroços de seriguelas com sal. A novidade é que o Magão foi

deixar a feira de uma senhora do outro lado da pista. Garantiu cinco pau e o resto da tarde de cachaça.

- Quem será o próximo?!

## O pecado de Mateus

- Eu já falei pra você brincar longe dessa porteira, rapazinho! - dizia com uma mão na cintura, uma perna adiantada e tremulante, e a outra mão destacando o dedo indicador em direção a Mateus. – Essa já é a segunda vez que isso acontece nessa semana, Bernadina! – brigou Mauricélia com a criada. - Sorte a sua é que o senhor Reinaldo ainda não viu!

Apesar dos enormes pés de eucalipto na frente do casarão alpendrado as quatro águas adormecer o ambiente com um perfume inconfundível, e do melaço da caldeira adoçar uma paisagem que transpirava sal, a família Amaro saboreava o medo. O histórico positivo nas batalhas, nas jorras de sangue que lavavam os lajedos, nunca conseguiu velar as perdas. Indiscutivelmente, a mais dolorida delas foi a morte de Manoel, filho caçula. Balbuciou as últimas palavras na sombra do rosto do pai, o velho Reinaldo Amaro, que desde o fatídico dia nunca mais teve a mesma saúde. Para piorar, ainda sob o luto do filho, um enfarto colocou um ponto final em 40 anos de casamento. Também não existiu um dia sequer que a senhora Berenice Amaro não sofresse a dor da morte do filho.

Além de Reinaldo Amaro Filho, o primogênito, restavam Margarida e Beatriz, que antes de atingirem a maioridade foram enviadas a um convento no Recife. Os 20 anos de matrimônio entre Reinaldo Filho e Jaqueline não foram suficientes para gerar uma criança. Não foi por falta de tentativas. Dr. Teodósio, o médico da família, afirmou categoricamente que o problema era genético. Reinaldo já tentara com outras mulheres antes do casamento assim como nas relações extraconjugais. Depois do nascimento de Matheus, Fernando e Mauricélia já haviam realizado outras tentativas sem sucesso. Em sinal de honra e respeito à família, Mauricélia fez promessa para nunca mais se casar, cuidar de Matheus até o dia da sua morte, e de nunca se distanciar do sogro, com quem sempre teve uma relação como entre pai e filha.

- Meu netinho macho, você é a cara do seu pai.

- Eu nunca vi ele, vovô. Todos os dias o senhor diz que ele está vindo. Cadê?

- Ele está vindo, meu filho. Daqui pra boquinha da noite ele chega. Ontem eu sonhei com ele, mais uma vez. Estava montado em Corisco. - nem o cavalo escapara da carnificina, tomou um tiro de espingarda calibre 12 - mesma arma que provavelmente alvejou Fernando.

Em que o Velho Arnaldo tanto pensava? Na terra seca sugando o sangue do próprio filho? A vastidão que abarcava suas posses ainda daria para sorver todo o sangue de bicho e gente daquelas terras ainda pouco povoadas. No futuro da família?

- Tudo isso um dia vai ser seu, meu filho. Você me promete uma coisa?

- O que é, vovô?

- Não entregue essas terras a pessoas de outro nome senão o nosso! - dizia, esparramado na espreguiçadeira, assentada ao piso de madeira do alpendre. - Tá me entendendo? - sacolejou o menino pelo braço.

- Sim, vovô. – respondeu, cabisbaixo.

- Somos e sempre seremos os herdeiros legítimos dessa terra. O patriarca Fernão Amaro, por direito, nos deixou tudo isso. Temos que honrar o nome dessa família.

Apesar das faculdades mentais já deterioradas, era capaz de identificar cada palmo de terra e outras posses que tinha. Uma notícia entreouvida na Vila do Brejo por um dos seus capatazes, deixou o Velho Reinaldo ainda mais apoquentado: o assunto se tratava da comunidade de Canudos, na Bahia. Organização coletiva liderada por Antônio Conselheiro. Como medida de precaução, rapidamente foi ordenado que jagunços fortemente armados se reservassem em um raio de 5 quilômetros da casa grande.

- Sei que essa corja tá distante, mas não custa nada ficar de olho bem aberto. Trabalhar que é bom esse povo não quer, mas tomar o que é meu, nem aqui nem na caixa bozó! – esbravejava, picotando fumo de rolo, os suspensórios frouxos e as cuspidas pelo canto da boca, as nódoas de nicotina no chão.

Matheus crescia, não apenas adquiria traços físicos, a cabeça se agitava, passava a desenhar uma vida que não aquela circunscrita a porteiras e arames farpados. Recebera educação em casa. O incumbido era o jovem padre Geraldo, filho de um amigo da família, recém ordenado no Recife e que já estava reservando algumas celebrações com o experiente padre (buscar o nome do primeiro padre de Brejo Santo). Órfão de pai aos 02 anos e já prestes a completar 15, Matheus já lia e escrevia com habilidade espantosos. Ficava impressionado quando o professor, clérigo e amigo, único estranho do casarão com quem tinha contato, falava sobre a sua ida à Itália e Portugal.

Raramente ia à Vila do Brejo dos Santos. O padre Geraldo tentava amolecer a cabeça do Velho.

- Senhor Reinaldo, é importante para o menino Matheus conhecer novas pessoas, sair um pouco de casa. Deixe-me levá-lo à missa pelo menos uma vez ao mês.

- Ainda é menino. Não sabe se defender. – resmungou.

- Mas não estamos indo para uma guerra. Vamos à casa de Deus. Lá ele está seguro. Caso o senhor achar necessário, poderá mandar até alguns homens conosco.

- Eu sei! Gente minha sempre anda protegia pelas mãos de Deus, mas parece que ele às vezes deixa pro homem aqui na terra resolver as situações na base do chumbo. – fez uma longa pausa, reavaliou. – Matheus está crescendo. Mas leve ele acompanhado da mãe, também – cedeu, depois de muito esforço.

Cada vez que ultrapassava a grande porteira, que abria em duas bandas, em feitio a duas grandes asas que se estendiam para uma vastidão de depressão sertaneja, Matheus parecia estilhaçar algemas e correntes. Mesmo distante da prisão domiciliar que vivia, ainda se sentia intimidado com a presença de homens a cavalo, de um lado e outro da charrete, portando espingardas a tiracolo e revólveres. Do terreiro do casarão até à entrada do pacato vilarejo, o que se podia abarcar com os olhos era da família Amaro. Trouxe lembranças e recado do padre:

- Disse que estava à sua espera pelo menos na missa do final do ano, vovô.

- Ele está à espera é dos meus arremates nos leilões e do dízimo. - depois da perda do filho e da mulher, o Velho se mostrara cada vez mais cético.

Sempre ia à missa ao lado de Berenice e Fernando. Nos últimos 15 anos havia se deslocado à cidade raríssimas vezes, algumas delas para se ajoelhar diante do altar e perguntar porque Deus fez isso com ele. Cada vez mais vivia confinado detrás da enorme porteira. A única coisa que ultrapassava esse rústico portal de madeira eram os seus olhos já não tão apurados, que fitavam ainda com um sutil ar de orgulho as terras e as dolorosas lembranças: o último olhar turvo, o suspiro ofegante, as palavras derradeiras do filho:

- Cuida de Mauricélia, pai. Ontem eu sonhei que era menino, cabra macho. Vai ser o herdeiro disso tudo.

Matheus parecia estar caminhando em direção oposta aos anseios do avô e do pai. A amizade com o padre Geraldo e as idas periódicas à igreja estavam o influenciando a ponto de um dia dizer a mãe que quando crescesse gostaria de ser padre. – Não diga isso nem de brincadeira, muito menos a seu avô.

Não largava a bíblia que ganhara do clérigo amigo às vésperas do seu aniversário de 15 anos. Seu evangelho predileto era o mesmo que tinha o seu nome. - Mateus é um bonito nome – acataram a sugestão da avó Berenice. Já sabia quase de cor o primeiro capítulo do livro. Tinha o hábito de ler em voz alta: "1 Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. 2 Abraão gerou a Isaque; e Isaque gerou a Jacó; e Jacó gerou a Judá e a seus irmãos; 3 E Judá gerou, de Tamar, a Perez e a Zerá; e Perez gerou a Esrom; e Esrom gerou a Arão;".

Todas as tardes, quando os jagunços já passavam com os cavalos encabrestados e desareados e o fogo da caldeira apagava-se, ele punha uma cadeira debaixo dos pés de eucalipto, que nesse horário perfumavam ainda mais o ambiente, e se punha a ler a escritura sagrada. Ao ler a genealogia de Jesus se perguntava cada vez mais sobre a sua própria história, sobre seus ancestrais. A essa altura já sabia que o pai havia falecido quando estava prestes a nascer. Mas ainda escondiam-lhe o histórico de carnificina o qual a família Amaro já fora protagonista. Continuava: "23 Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, Que traduzido é: Deus conosco. 24 E José, despertando do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher; 25 E não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus".

Mateus estava prestes a iniciar a leitura do capítulo três quando escutou alguns disparos, levantou a cabeça de supetão. Seguiu, em voz alta: "1 E, naqueles dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia, [...]". O velho estava à mesa, jantava sedo. Mauricélia ensaboava-se em uma banheira de madeira, enquanto Bernadina esperava as primeiras borbulhas de uma panela de angu. Um dos homens da fazenda aconselhou Mateus: - É melhor o senhorzinho entrar! - estava compenetrado, subiu ainda mais a voz. Alguns homens da fazenda galopearam rumo ao local dos disparos. Ao claro do crepúsculo percebia-se ao longe uma enorme nuvem de poeira se aproximando do casarão junto a um estampido carregado, o chão parecia se rachar. Os primeiros homens que se

destacaram foram engolidos, sem dificuldades, por uma tropa que a léguas parecia não deixar pedra sobre pedra.

Os tiros se aproximavam, já estalavam nos frechais da casa. O Velho Reinaldo estancou no ar uma colher de arroz com caldo de galinha, chupou o bigode para tirar o excesso de gordura, e apoiou os dois braços sobre a mesa para se levantar. Mauricélia já estava enrolada em uma toalha. Bernardina acompanhava a borbulhante panela de angu ficar no ponto, que com galinha de capoeira formava o prato predileto da Senhora Célia. A doce voz do menino ecoava no terreiro, as folhas dos pés de eucalipto se agitavam: “2 E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus [...]”.

Enquanto se valia do apoio da bengala para chegar ao alpendre, O Velho escuta o barulho de estilhaços de madeira; Mauricélia já trocara de roupa; Bernadinha acabara de colocar sobre a mesa a panela de angu ainda borbulhante e fumacenta. Já pisando à soleira da porta da frente, o velho vê folhas espalhadas por todos os lados. Dar mais alguns passos para se apoiar na meia parede que circunda o alpendre, olha em direção à porteira que se encontra apenas em uma banda, vê um vulto de um flácido corpo sendo arrastado envolto em uma corda por um homem a cavalo. O Velho soltou a bengala, tremelicava e suava, sentou-se na meia parede e escorou-se na pilastra. O vento pregou uma página no seu peito: “3 Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, Endireitai as suas veredas”.

- Uma voz angustiante de mãe passa sufocada pela porta da sala: - Matheus, meu filho, cadê você?!

## Romaria

- Será que esse ano tem muita gente?

- Não tenha dúvida. Todo ano fervilha, parece que só aumenta.

- Você já foi quantas vezes mesmo?

- Mulher, desde que o Carlos conseguiu uma bolsa em Cambridge. Mas motivos não me faltariam. São muitas graças! E você, está animada para a primeira?

- Muito! Não esqueço da última frase que você me disse prestes a eu entrar na sala de cirurgia: - "Que meu Padim te proteja".

- Você é mulher forte, guerreira, consegue ter senso de humor até nos momentos mais adversos. Pensa que esqueci da brincadeirinha: "- Mas será que o Padre Cícero lá do Juazeiro vai interceder por mim aqui nos Estados Unidos?"

- Risos. Mas fiquei tensa. Até o momento da anestesia geral não pensei em outra coisa senão em fazer uma promessa caso desse tudo certo.

- Onde o Santo Milagreiro botar a mão, como costumava dizer mãinha Mariqueza, não tem causa perdida!

- Imagina a Dona Mariqueza vendo nós irmos para a "terrinha" dela, hein? Seja onde ela estiver agora está rezando por nós. Era uma pessoa iluminada.

- Eu e a minha família que o diga. Mamãe sempre lembrava do dia que ela chegou na porta lá de casa pedindo emprego. Dentro de uma malinha de madeira trazia uma estatuazinha de gesso.

- É verdade que a tua mãe resistiu por muito tempo?

- É. Tu conheceu bem mamãe. Mulher de formação católica, dogmática. Padre Cícero sempre teve uma relação conturbada com a igreja, até já foi excomungado.

- Mas como o coração dela amoleceu?

- Querida, para o poder do meu Padim não tem coração de pedra que não amoleça. Mamãe e papai sempre relatava o momento mais difícil da vida deles: uma crise financeira sem precedentes. Os agiotas batiam à porta lá de casa diuturnamente.

- E como conseguiram sair dessa?

- É aí onde entra o poder do Santo Milagreiro. Mamãe viu Mariqueza ajoelhada em frente à imagem do Padre Cícero. Disse que deu uma vontade incontrolável de se devotar aquele que tanto ela criticava. Pediu prosperidade aos negócios de papai, que no outro dia iria fazer um investimento. Era tudo ou nada. Vendeu joias da família e rapou o pouco que restava na popança. Inacreditavelmente, as ações que papai comprou de uma empresa média triplicaram o valor em uma semana.

- Que história abençoada, amiga!

- Sempre quando conto eu me emociono.

- O Carlos não quis vir com você esse ano?

- Não. Vai viajar a Dubai depois de amanhã. Ele ficou mais tranquilo quando falei que viria com você.

- Estamos nos planos de ir, mas só se esse voo sair hoje, né? E ainda dizem que voo de primeira classe não atrasa, aff. Garanto que em um pau de arara já havíamos chegado!

- Risos. Você e o seu sendo de humor, hein? Parece que depois da retirada do tumor na cabeça você ficou ainda mais bem humorada.

- Agora, falando sério: ainda vemos esse tipo de transporte por lá?

- Já está proibido faz um tempinho, mas não acho difícil nos deparamos com algum. Lá vemos cada coisa engraçada. Interior já é uma festa, menina, imagina no Nordeste!

- Amanhã mesmo já vamos visitar alguns pontos, ok. A igreja nossa senhora do..., onde o padre Cícero está enterrado, depois vamos passear pelo centro. Só depois de amanhã iremos ao Horto. Das outras vezes que venho esse dia é o mais cheio. Hoje também poderemos ir ao shopping.

- Você nem me disse que aqui tinha um!

- Tem. Passou até por uma modernização.

- Lá se vende aquelas coisas engraçadas, como nas feiras? Queria comprar e levar de presente para umas amigas. Risos.

- Acho que é possível comprar alguns produtos regionais, mas no geral as lojas vendem produtos que são vendidos em lojas convencionais.

- E, depois? Vamos aproveitar mais?!

- Só se você pagar o UBER.

- Risos. Depois eu e que sou a engraçadinha?!

## Choro

Em meio ao coral formado por galos de cantos feitos e frangos que arriscavam seus primeiros gritos desafinados, um choro irrompeu uma manhã de dezembro. Parecia que não havia tido noite. Mais longo nessa época do ano, o dia anterior havia se despedido com uma leve cortina d´água, encerrada com a formação de um enorme arco colorido que parecia, forçosamente, despejar tinta sobre a insípida vegetação. O trovão estrondava no nascente, à boquinha da noite o relâmpago cortava ao sul. Verônica Soares - cabelos grisalhos, vestidos longos e sempre pretos - tresvariava dentro de uma rede armada no alpendre.

- Tem relâmpago, Vitória?

- Tem, sim, senhora. – respondeu a nora.

- É pra qual lado?

- Sul, dona Verônica.

- Quem já se viu um tempo desse relampejar pra essas bandas, égua! Eu fiquei cega mas a tua mulher ficou foi doida, Vitorino, meu filho!

O velho Silvino Silva, vaqueiro desde criança da fazenda Mucunã, tentava ordenhar uma vaca recém parida. O cabo da doze polegadas saia da cintura através de um buraco na camisa listrada e de mangas compridas. O bezerro, amarrado a uma das patas da mãe, dava solavancos e pisoteava para lá e para cá, o rabo balançava feito uma bandeirinha em sinal de rendição.

- Ôa, ôa... Tem jeito não, minino. Têcêra cria di Traira, a bicha é traçuêira. Se dexá, pisa o sujeito sem dó nem piedade! - falava sozinho, enquanto apertava o arreador.

Em vez de bater, como todas as manhãs, à porta da casa grande dos Soares para deixar o leite de consumo e, em seguida, ir à cidade vender o excedente, o homem trazia nas mãos um caçuá forrado com um pedaço de colchão, ensopado de mijo, e recoberto por uma tira de pano encardido.

- Tava dentro do cocho da baia dos cavalos, sinhô!

- E eu com isso?

- Será que não é pra testar nossa bondade? – avaliou Vitória.

- É coisa do demo. – praguejou a velha.

- É um menino macho, sinhô.

- E daí? Ainda mais nem tenho essa cor. – Vitória balançou a cabeça em gesto de desaprovo ao comentário do marido, ao mesmo tempo em que fitava Silvino e a criança.

- Valei-me, meu padim! É filhote de urubu?! Por isso que ontem sonhei com coisa ruim.

- Vitorino, homem de Deus, é só uma criança. – suplicou a esposa.

Vitória já havia tomado a sexta das mãos de Silvino. Já se imaginava embalando e mimando aquela criança desnutrida e toda encaroçada pelas picadas de inseto. O único barulho constante naquele casarão desolador rodeado de pés de jatobazeiro e enormes canafístulas, era os resmungos e implicâncias de dona Verônica com Vitória, além dos gritos que a velha dava nos moradores.

- Tá abilolada?! Dos outros... só dinheiro! – brigava com a nora.

Depois de estudar no Seminário do Crato, César, o primogênito, residia em Fortaleza, onde se bacharelava em Direito há pouco mais de um semestre. Já nos primeiros dias na capital enviou um missiva à família:

Papai, mamãe, vovó e Amelinha,

Estou bem. Diria até que a cada dia melhor. É óbvio que sofro pela distância, pela saudade. Nos primeiros dias chorei feito uma criança, mas nada melhor que o tempo. Por aqui tudo é muito diferente. É como o padre Bento nos dizia. Os costumes e hábitos destoam em muitos aspectos em relação aos do interior. As pessoas andam bem trajadas e com ar de felicidade. Os carros desfilam elegantemente pelas ruas calçadas. É uma pena que ainda persistam pessoas trafegando em carroças puxadas a burros e jericos. Canso a vista de ver praças verdinhas, casas e prédios luxuosos. Os cafés, à tardezinha, ficam recheados de boa gente. Não se aceitam flagelados como nos estabelecimentos daí. Fui a um casamento de um irmão de um colega de turma. Nunca vi algo tão impecável. Uma festa à francesa. Lembra que o padre Bento falava da Belle Époque? Por aqui já fiz muitos amigos, me sinto à vontade. Todos eles são dos cursos de Medicina, Engenharia e a maioria do curso de Direito. Ainda sofro alguma rejeição por ter adquirido hábitos do interior, mas nada que me impeça de ser uma pessoa sociável. Enquanto ao dinheiro, papai, deveria ter lhe escutado. Esse lugar é uma perdição, para gastar só basta ter. Não

se preocupem, caso falte-me alguma coisa, alguns amigos já me asseguraram empréstimo a juros baixos. No mais, “Tenho muito que escrever a vocês, mas não é meu propósito fazê-lo com papel e tinta. Em vez disso, espero visitá-los e falar com vocês face a face, para que a nossa alegria seja completa” (2 João 1:12).

- Vitorino, homem do céu, deixa pelo menos eu cuidar dele por uns dias. Vai que o pai e a mãe aparecem...

- Êta!, mulher renitente! Tá bom... tá bom...

- Já vi que o meu filho ou perdeu o juízo ou perdeu o pulso firme. Largue de ser besta. Agora vai fazer tudo o que a mulher quiser?!

- Lembre-se do que o Dr. Maurício falou, mamãe... esse mau humor lhe faz muito mal.

Verônica Soares saiu, sacolejando as mãos ao vento, foi se deitar na rede encardida, diuturnamente armada no alpendre. Em contrapartida, Vitória tinha a manhã mais feliz depois da viagem do filho. O que mais lhe angustiava era a solidão. Seu maior medo era um dia morrer e não ter ninguém para acender uma vela na palma da sua mão. A angústia de saber que Amélia, sua única filha e confidente, está pretendida ao filho do delegado Afonso Correia, jovem prestes a se formar em Medicina, no Recife, e que pretende instalar consultório no Crato, lhe consumia a alegria pouco a pouco.

- Já estou imaginando quando você se casar, minha filha. Espero que não compartilhes desse mesmo pão amassado pelo diabo. – dizia, enquanto fazia uma trança nos seus longos e loiros fios, sentadas ao alpendre, defronte ao vazio habitado por morros recheados de seixos.

Meses se passavam e a criança outrora encontrada em condições subumanas a cada dia era mimada e mais amada por Vitória e Amélia, que já a considerava como um irmãozinho. Vitorino, mesmo sem demostrar o amor de um pai, no fundo nutria um certo apego pelo menino. Nem o gesto do engatinhar, o momento desafiante das primeiras passadas, a emoção dos primeiros balbucios amolecia o coração de Verônica Soares.

- Cala essa boca, filho de chocadeira!

- Prefiro morrer antes ao ver esse daí crescer e me chamar de avó!

O desprezo de Verônica Soares e a exígua atenção de Vitorino, eram preenchidos pelo afeto e cuidados do velho Silvino. Não ficava um dia, sempre com a permissão da senhora Vitória, sem levar o garoto para ver os pássaros e os bezerros encabrestados. Com a criança envolvida cuidadosamente em mãos rudes, o velho apontava coisas, dizia-lhe nome de bichos, falava um monólogo cujas palavras ele jamais poderia saber. O apego em demasia pela criança começou a despertar em Verônica Soares, cuja aparência decrépita disfarçava uma audição de jararaca e olhos de carcará, desconfianças:

- Besteira com esse moleque. – resmungava a velha, observando Silvino Silva escanchar o menino no lombo de um bezerrinho amarrado.

- Deixa, minha mãe. É justo. Foi ele quem encontrou o menino. - redargui Vitorino.

O ápice da desconfiança foi atingido quando, certa feita, Verônica Soares ouviu e viu: – "Com esses olhos que a terra há de comer!", Silvino Silva apanhar a criança nos braços, sorrir olhando nos seus olhos miúdos e dizer: - Vamô passiá, meu netin?

- Quem já foi essa família! – bradou, com voz rouca e trêmula.

- É modo de dizer, vovó. – tentou acalmá-la Amélia.

- Prometo que isso não se repetirá, mamãe. Terei uma conversa séria com Silvino.

- Só espero que não seja arrogante, Vitorino. - ressaltou a esposa.

Se Vitória já tinha um grande apreço pelo velho Silvino Silva e toda a sua família, que antes mesmo do seu casamento com Vitorino já prestava serviços na fazenda em troca de moradia e recompensas, depois que o velho numa fatídica manhã apareceu com um relegado bebê dentro de um balaio, a mulher outrora de semblante opaco começou a metamorfoseasse tal qual a desbotada paisagem do sertão depois das primeiras chuvas.

- Eu posso falar com ele. – insistia Vitória.

- Não! Isso é conversa pra homem! - encerrou Vitorino.

Poucas vezes a casinha onde mora Silvino Silva e Rita Assis, parceira de casamento já tardio, por isso a fertilidade para apenas três filhas, recebeu a visita de Vitorino Soares.

- Bom dia, d. Rita! Seu Silvino tá aí?

- Não! – respondeu a mulher, sem devolver a saudação.

- Foi pra onde?

- Pros cafundó dos judas! – nem olhava para Vitorino, apenas batia com o machado cada vez mais forte, lascava a lenha para o almoço.

- Se apoquente não, d Rita. Vou cuidar do menino como se fosse...

- E tu acha que é de quem? Filho do pai da mata, seu desconjurado?

- Eu disse a Mariana que não ia deixar faltar...

- Faltar o que, seu tinhoso?! Pensei que você ia dizer que não ia faltar pai, igualzinho a conversa fiada que tu enrolou Catarina e Selma. Ainda bem que as duas arranjaram marido besta!

**Morro**

- É gente do governo, papai.

- Tão fazendo pergunta ao povo, é?

- Não. Só ficam andando pra lá e pra cá. Olham dentro de uma maquininha e anotam sei lá o que. Parece que o governo vai construir uma linha de trem que vai passar bem por aqui.

- Lai vai, minino! Onde diabo se viu passar linha de trem num lugar encalombado como esse?!

- Tõinha de Chico Matulão disse que pegou no rádio, papai, e ainda confirmou com um dos caba fardado.

- Tu ainda acredita naquela fubana, Mundico, naquela poica da mão branca?!

Do alto de seus quase 80, o velho Antenor ainda resistia naquele pé de serra, junto ao único filho que ainda não se casara e não se debandara pra cidade, e a companheira de toda uma vida, cinco anos amenos que ele. A notícia corria pelas rádios. Os gestores municipais se pronunciavam, orgulhosos, exaltando a conquista e ressaltando os benefícios da obra. Não se falava em outra coisa: o assunto pululava feito rastilho de pólvora na boca do povo:

- Até que enfim uma coisa pra fazer zoada nesse lugar mudo!

- Num disseram que trem já é coisa do passado?

- Vixe! Tem que tomar cuidado nos meninos!

- Agora os urubus vão comer carne de bicho atropelado!

Ante as notícias oficiais e o estardalhaço das pessoas, Antenor ainda mantinha uma dose de descrença: "- Num xerém de pedra desse?!" - adelgaçava os lábios e sacudia a cabeça, ao mesmo tempo que deixava transparecer uma ar de preocupação. Cada dia mais arredio, Mundico temia lhe contar o que já comentavam outros moradores: "- Num tenho coragem não, mamãe, fala a senhora". Em mais de meio século de aliança Benedita nunca se deparara com uma situação tão espinhosa para tratar com o marido, ela hesitou: "- Tu tem mais jeito pra falar desses assunto, hômi, diz tu, vai! De uma os dois já tinham certeza: era melhor ele saber por boca de casa.

- Num é pra se preocupar, não, papai, o governo vai indenizar.

- Só se for infernizar! O governo tá cortando até as aposentadoria! - ironizou.

– Deus vai ajudar e nós nem vai precisar sair daqui. – Benedita tentava - ao passo que também não conseguia dissimular a angústia que lhe corroía - algumas palavras de conforto.

- Tô nem um pingo preocupado! Ainda bem que daqui pra lá já tô é morto! – levou o prato à boca e chupou o resto de caldo de costela, foi dormir a sesta na rede armada aos galhos de um pé de manga, no terreiro.

Ainda cabisbaixo, mas aparentemente mais conformado, o velho espiava os "cabra do governo" pisoteando o carrascão, espantando os preás e fazendo as juritis levantarem voo. Não seria preciso arribar da casa, a linha férrea passaria a quase um quilometro da rede espichada à sombra do copioso fronde da mangueira. Receberia indenização apenas em troca de uma fatia do Serrote das Guaribas. Arrefeceu depois de muitas tentativas por parte dos filhos:

- Nós lavemo foi a burra, papai! – dizia, entusiasmado, Mundico. – Um pedaço véi de terra daquele por um bolo de dinheiro!

- Com esse dinheiro, painho, o senhor pode até mandar cavar um poço aqui. – tentava convencê-lo Isadora, a primogênita, que costumeiramente vinha passar o domingo no sítio com o esposo e os filhos.

Já começavam a lamber o pé do morro. Antenor, incrédulo, apenas espiava as máquinas com garras enormes, batendo naquele aparentemente intransponível bloco de rocha. "– Eu sei... Foi ali, né, meu véi, onde teu pai foi enterrado, num foi?" – lamentava Benedita. Acabariam as caminhadas pelas veredas, ao menos uma vez ao mês, e o ritual todos os anos, no dia de finados. Cada explosão estremecia seu coração, gradativamente consumido por bombardeiros impiedosos, como o da volante que colocara um ponto final na rebeldia de cangaceiros de outrora. O ouvido colado ao rádio, que informava sistematicamente os horários das explosões. A rede ao vento. Uma última vela ainda seria acesa em homenagem a seu pai e outras almas insurgentes. Hoje, pai e filho escutam o apito grosso se embrenhando mata a dentro, passando espremido pela enorme fenda entre duas paredes de pedra.

- Aquele bicho carrega o que dentro da barriga, papai? – pergunta o menino.

- Sei lá, meu filho. – responde Mundico. - Deve ser gente e mercadoria. – acrescenta.

- O que é mercadoria, pai?

- Hoje em dia é a merminha coisa que gente!

## Tempestade

Os primeiros pingos atingiam o chão feito flechas, escavacando e levantando a poeira do terreiro. Marilene, debaixo de trovões, relâmpagos e um vento que agitava ferozmente as copas de um frondoso pé de juazeiro que dava sombra à porta da cozinha, tentava recolher para dentro de casa uma galinha cercada de pintinhos atarantados.

– Galinha que tira no mato é uma besta fera, é valente que nem cascavel buchuda! – resmungava a moça velha, as pernas entrecortadas de varizes.

As telhas pareciam não comportar a água. Os cacos de barro dos bichos dispostos ao tronco do pé de Pereiro transbordavam. Marilene bate o ferrolho. A galinha ensaia um voo sobre a meia porta da cozinha. Um punhado de xerém de pão de milho umedecido acalma a ave, que cacareja e cisca para lá e para cá, em um gesto convidativo aos filhotes, agora contidos.

- Torce o pescoço dessa desgraçada, muié! – gritou, do quarto, Augusta Ferreira, que remexia a boca banguela e amolengava as contas de um rosário na cabeça de dedos finos e enrugados.

– Calma, mamãe... A senhora já se amorrinhou hoje demais.

- E, você sabe por que!

- Não sei de nada... Deixe de conversa. Já vou tirar a papa do fogo.

Não era pelo estampido intimidador dos trovões ou os fachos de luz dos relâmpagos que penetravam pelas brechas das telhas e os buracos das paredes do casebre de taipa. Não se passara um dia sequer dos últimos quarentas anos que Augusta Ferreira não amargasse a dor da perda. O marido e os dois filhos cultivavam a terra de baixio depois da terceira chuva de janeiro quando foram alvejados por homens encapuzados, montados em cavalos, que não pouparam seus revólveres calibre 38. Os corpos ainda foram arrastados e descartados às águas barrentas e intermitentes do Riacho dos Porcos. Boiaram até esbarrarem em um tronco de ingazeira, que caíra e servia de ponte a bicho e gente.

- Ainda bem que eu já tinha tu, minha filha.

- Ô, minha mãe. Mude de assunto. – disse Marilene, que já espalhava a papa em um prato de porcelana com as costas de uma colher de pau.

- Vou morrer e sei que foram aqueles desgraçados!

- Mamãe...

- Tu num sabe é de nada!

- Nem quero saber. – rebateu Marilene, querendo por um ponto final. - Só sei de uma coisa nessa vida: vou morrer aqui, no meio desse carrasco!

O vento parecia cochichar nas frestas entre o telhado e a parede. A quantidade de goteira era superior ao número de cuias, panelas e caçarolas encarvoadas, espalhadas pelo chão de terra batida. Marilene soabriu a janelinha do quarto já roída pelos cupins. Não se podia mais ver a terra. Passava um rio ao pé da casa, lambendo as paredes, imperceptivelmente subtraindo-as, carregando o terreiro da sua infância, onde ela brincava com os preás e estourava lagartas. Ante um facho de luz que subitamente rachou o céu, foi obrigada a bater a janela. A chama da lamparina tremeluziu.

- Até as unhas daquele povo tava penhorada no banco, minha filha. Eles sabiam que se comprassem o Baixio, terra boa, na beira do riacho, iam pra frente. Os Berduelga são...

- Já disse pra minha mãe não falar nesse nome amaldiçoado dentro dessa casa!

- Eles vinham aqui quase toda semana. Tentavam negociar, trocar... seu pai se recusava. Não sei onde teu pai tava com a cabeça quando cedeu uma parte da terra pra eles plantar.

- Mas isso já não era um desejo deles desde os tempos do meu bisavô? – Marilene mostrou-se curiosa.

- Mas seu bisa e seu avô não foram bestas como o seu pai foi. Não foi por falta de conselho.

A terra da família Berduelga era dez vezes maior do que a da família Ferreira. Mas a fertilidade não era a mesma. A terra de baixio era cobiçada por muitos. Valdovino Berduelga não escondia a inveja: - “Como pode um pedaço de terra tão bom nas mãos de um povo miserável como esse?!” A inveja era maior porque o que dividia a sua propriedade da dos Ferreiras era apenas uma mal feita cerca de arame. “– Tão perto, meu pai. Não tem condição. Como pode Deus dá a quem não tem visão de futuro.” – lamentava Agenor Berduelga, filho mais velho. “– Se o senhor botasse as mãos numa terra dessa, o

negócio ia pra frente.” – alimentava ainda mais o ódio e a inveja Antônio Berduelga, genro do velho Valdovino, casado com a sua filha caçula.

O plano de dizimar com os Ferreiras gestava-se no subconsciente de cada membro da família Berduelga há anos. A cada geração o germe do rancor, do ódio, da inveja cresciam vertiginosamente. Depois de décadas arrendando a terra, chegara a hora de tomá-la de vez. Em conluio com membros corruptos do judiciário, inclusive o dono do cartório da cidade, Valdovino tramou tudo cirurgicamente. Por umas três vezes o senhor Anastácio Ferreira recebeu a visita de um homem que se dizia trabalhar para o governo, vindo da capital para regularizar a posse das propriedades rurais da região. Com pouca leitura, tinha dificuldade de compreender a papelada atravessada de termos jurídicos que o homem trazia para o camponês assinar. Não sabia que se tratava de um documento que conferia a posse da terra, após a sua morte, sem nenhum direito à família, aos arrendatários.

- Tive medo de passar fome com você. Não podia trabalhar. Acabei vendendo a eles a parte que o seu pai todo ano plantava. Aí depois veio o golpe final: o mesmo sujeito engravatado, que se dizia trabalhar pro governo, aparece aqui dizendo que o seu pai tinha assinado um tal de testamento. Seu pai era besta mesmo, mas não pra tanto.

- Por isso eles mataram papai e meus irmãos antes. – constatou Marilene, desenroscando o rosário dos dedos da mãe, que já rapava as beiradas do fumacento prato, apoiado ao peito.

A chuva não cessava. Parecia que cada gota d`´agua chupada pelo sol em todos os verões estavam sendo devolvidas com juros e correção monetária. As goteiras aumentavam, os recipientes eram insuficientes. A galinha e os pintos se espantaram na cozinha. “– Só pode ser cobra, cuidado!” – se preocupou Augusta Ferreira, entregando o prato vazio. Uma jararaca envolvia um pintinho já sem vida. A galinha partia sem medo pra cima do réptil. Aproveitando o aperreio da víbora com as investidas da ave, Marilene apanhou um pau de lenha detrás da porta e a acertou repetidas vezes.

Além dos vazamentos, o vento açoitava água pra dentro de casa. Os caibros e ripas de pau-d’arco e a linha de aroeira que dava sustentação à cumeeira não tinham mais a mesma resistência de meio século atrás, quando Anastácio Ferreira extraiu à foice e machado da

mata do Baixio, hoje completamente tomada por plantações de coco e banana da família Berduelga.

– Chegue pra cá, minha filha, traga o rosário.

Marilene pegou a cadeira de couro e sentou ao pé da cama da mãe. Começaram a rezar. Os trovões pareciam cada vez mais próximos, os relâmpagos cada vez mais faiscantes, o vento gritava cada vez mais perto. O Riacho dos Porcos engordara da noite para o dia, não dava passagem nem na ponte principal. Até os sapos silenciaram-se. De algumas cercas só podia-se ver a ponta das estacas. No alto do lajedo um corpo de barro e madeira veio ao chão, corpo que veio do chão. Varas de marmeleiro perfurando o barro vermelho, uma fratura exposta em almas angustiadas. Sobre a madeira molhada e infestada de cupins uma galinha com um único pintinho se deleitam.

## Terra de ninguém

Diego olhava, curioso. A partida era de cinco. Um jogador em apuros, os perus rodeavam, davam pitaco, gritavam. Era a vez dele. Pela disposição das bolas no pano verde o jogo estava praticamente liquidado. Diego se levantou do pé do balcão com tanto ímpeto que quase derrubou o tamborete de madeira: - Vou mais cinquenta no rapaz do "Estado Islâmico". Alguns riram, outros não hesitaram em arremessar e bater forte com a mão sobre a oncinha. O jogador estranhou. Ele fitava Diego, como se o conhecesse de algum lugar. Descansou o taco no chão forrado de piolas de cigarro e ilhado de poças de cuspe. Apanhou do suporte preso à parede descascada um cubo de giz já agastado, esfregava-o cautelosamente na cabeça do taco. Só lhe restava uma jogada perfeita: quatro disparos, quatro encaçapadas, de modo que metendo a primeira a bola branca tinha que ficar afeição para encaçapar a outra, e assim por diante.

O adversário, descrente em um revés, esperava um simples vacilo para empurrar as suas duas bolas que precisavam apenas de um sopro. - Vai, "Chassi-de-Borboleta", faz como naquele tempo! Só uma pessoa o chamava assim, apenas ele dentre todos os colegas de 3º B. Naquele tempo era um tempo chamado Saudade, tempo de escola, de matar aula para jogar sinuca no bar de Tonhão Lataria. Uma injeção de nitroglicerina acessou suas veias. – E, pode deixar que eu pago as fichas, a cajuína e o pão doce. Era uma atrás da outra. Chega estralava, o bolão rodopiava, ficava cara a cara com a próxima vítima, pêi!, pá!, tuf!, tá! Ocasião nada melhor para um reencontro.

- Dez anos, Chassi-de-Borboleta.... Tu já era varapau, magão e branquelo assim, mas esse barceiro de barba...

- E essa tua barriga aí!

- Pois é, tô comendo amarrado.

- Enricou, foi? Apostando dinheiro assim. Tá fazendo o que da vida?

- Que nada! Só trabalhando numa dessas firmas aí. Tem um tio meu engenheiro lá dentro, aí o coroa descolou um trampo. E, tu?

- Paradão, pô! Passei só no barzinho aqui pra comprar um cigarro, aí tentei ariscar dez conto que tinha na sinuca.

- Tá tomando o que?

- Nada, não, de boas, ó!

- Que nada, rapá!, bota uma aí pro magão aqui!

- Nã, nã, nã, de boas, de boas!

- Então bora dá um rolê aí!

- Depois. Tenho que ir ali daqui apouco.

- Vou te deixa lá de carro, rapá, fique gelo!

- Precisa não!

- Oxe! Conversar um pouquinho, macho! Esse tempo todinho, rapá!

Os pneus sibilando no asfalto quente da Santa Teresinha e o som estrondando no porta-malas. – "Vamos pra onde?" – perguntou Diego. – "Sei lá!" – respondeu o velho colega. Não podiam cometer mais as travessuras de outrora: colocar sapo dentro da gaveta do birô da professora; cuspir dentro do bebedouro; colar chiclete no cabelo das meninas e no assento das cadeiras, e, é claro, soltar bomba no banheiro, a grande especialidade de ambos. Era tudo passado, mas nada melhor do que recorrer a este velho amigo para aguçar a imaginação. Falaram sobre os namoricos do Ensino Médio, das garotas bonitas e feias, dos planos que faziam.

- Fala de tu aí, macho, trabalhando com que? Só enfiando bufa em cordão, é?

- Negócio tá duro pra emprego, cara.

- Pois é!, se num tiver uma pêxada o negócio fica complicado.

- Verdade.

Cortaram a BR 116. Se viram na aglomeração de jovens estudantes que haviam acabado de sair da escola, namoravam e batiam papo na praça principal. Teceram comentários do tipo: "tempo bom era o nosso", "as coisas mudaram muito", "o povo hoje tá muito diferente". Pararam no sinal. Esperavam o Departamento Municipal de Trânsito recolher duas motocicletas que se chocaram, os motoqueiros pareciam ter sofrido apenas leves arranhões.

- Quem já foi essa cidade! Tu nasceu aqui, Chassi?

- Eu num sou dali, macho, do Valão! Agora tu é da Aldeota, né?

- Tu ainda tem aquela história de dizer que de um lado da BR existe uma cidade e do outro lado tem outra diferente? - Diego riu que a cara enfiou no volante.

- Não. Era só coisa de moleque. Hoje, na real, acho que tem mais de duas cidades. Aquela cidade de brincar de bila de buraco, de soltar pião em chão de barro e areia, de andar de jumento, acho que não volta nunca mais!

O agente fez sinal com a mão, a fila de carros e motos seguia vagarosamente.

- Tá indo pra onde?

- Procurar um barzinho aí. Ainda puxa uma palhinha?

- Tô dando um tempo.

- Oxe! Virou pastor, foi?

- Nã.

- Tem uma galerinha da firma lá que tá doidinha pra conseguir um fornecedor de pó. Tem a manha de descolar não?!

- Tô por fora, ó!

- Se liga aí, rapá, agente descola uma porcentagem da hora.

- De boas, cara, tô meio complicado aí, ó!

- Fique gelo, macho, confia no taco não, é?!

- Complicado! Da uma encostadinha aí. Já tô atrasadão, ó!

Desceu na pracinha do ginásio poliesportivo. Subiu a calçada, dobrou a esquina. Algumas lâmpadas amarelecidas, aureoladas de besouros, refletiam no asfalto. Calculou se dava para sugar inteiro um cigarro até o destino final. Apressou o passo. Não queria, justo a exatos trinta dias de semifechado, atravessar atrasado pela primeira vez o portão da cidade solitária. O guardinha deixava contemplar a lua opalescente no pátio, enquanto pensava na filha. Já o sol, era sempre uma incógnita.

Pois é, bicho!, depois que essas firmas chegaram aí o aluguel ficou nas nuvens.

## A cidade das sombras

Sob os traços sinuosos de uma arquitetura moderna murmuram escombros da história de uma vilinha forjada a braços rudes e pobres. O netinho pergunta ao avô, os dois na calçada da parte externa do shopping:

- Quem é mais alto, vovô: a chapada ou um prédio daquele? – uma mãozinha na testa improvisava a aba de um boné, a outra destacava o dedo vacilante em direção ao enorme bloco de concreto.

Um questionamento inconcebível para a infância do senhor de cabelos grisalhos cobrindo as têmporas: isso não é coisa da época da sua Joaseiro. Olhou contra o sol abrasador. A alguns metros já estavam erigindo outro edifício: homens dependurados por cabos de aço, baldes içados, máquinas barulhentas.

- Sei não!

Pernas cruzadas no banquinho de madeira, encostado na cerca de barras de aço com pontas em formato de lança. A calçada apinhada de gente, corpos deslizando, calcanhares acuados, pés coagidos, sacolas se abalroando.

- Aquilo dali é um monte de gavetinha, vô? – voltou a sinalizar com o dedo.

- São as portinhas, meu filho. Do jeito que uma casa tem.

- Mas lá em cima pode ser uma casa. Lá tem chão?

- Tem. Em cada portinha daquela mora gente.

- Ah! Em cada gavetinha daquela...

- É!

- Como é que sobe até lá?

- Tem um negócio... um bicho que parece um carrinho que sobe até o derradeiro lá, ó, tá vendo? – tentava mostrar o último andar.

Aquela cidade chamada Infância fora sombra que já se esvaecera. Em outros tempos, bem ali naquele entroncamento de edifícios, o chão ficava amarelinho. Os juazeiros de outrora, com suas densas e verdes copas, davam esteio a gente e bicho. Sombras que se pulverizaram, soterradas pelas sombras dos arranha-céus da urbe hodierna. Toda cidade

é uma sombra que ganha novos contornos ao raiar de cada manhã. Sombras que ressurgem com outros fantasmas de uma cidade que morre e renasce incessantemente. Era ali o reduto dos jumentos e da molecada. Depois de ajudar o avô na funilaria, o menino ia encher os bolsos. Tinha o hábito de ignorar os frutos do chão. Preferia equilibrar-se sobre o jegue e tentar agarrar e sacudir um galho carregado.

- Vô, quem é mais alto: a chapada ou um avião daquele?

- Só quem saber dizer essas coisas é o nosso Padim, meu filho. – respondeu, enquanto se envergava para atender ao pedido de um cliente: um picolé de cajá.

- Vovô, a estauta de Padim Ciço é maior do que tudim, né?!

- É. Até do que a de Nossa senhora, ali do Crato!

**Uma semana sem aula**

Jorrava sangue da sua bocarra. Pedia, entre uma e outra golfada, que não o deixasse morrer ali. Aquela, certamente, não era a sua condição habitual. Ele sempre estava por cima. Sua voz encatarroada reinava naquela casa. Com uma mão na caixa da forra da porta e a outra na cintura, Carolina o espiava acotovelado no sanitário. Parou os olhos em suas mãos cabeludas e tremelicantes, mãos que tantas vezes foi de encontro ao rosto de sua mãe. Parecia que seu corpo havia decidido expelir todo o sangue. “Vai, Carol”, balbuciava. Safadão tocava em volume máximo na casa da vizinha. “Chama a Kombi de Chico Antão”, implorava, a voz falhando. A menina continuava ali, estanque, comtemplando o padrasto se esvaindo em sangue. Ele quis cair. Ela o ajudou a ficar de joelhos, os cotovelos assentados na borda do vaso. Ele tentou se levantar. Ela pressionou suas duas mãos em seus ombros largos, os cotovelos assentados na borda do vaso. A mãe só voltava do trabalho às 12:00h. O que ganhava como doméstica ele gastava farrando. Costumava chegar em casa só de madrugada, tentando derrubar a porta e dando murro nas paredes. Ontem à noite bebeu todas e perdeu o resto do dinheiro no baralho e no dominó. Chegou, como de praxe, estapeando a porta e socando as paredes, além de bater com a testa no espelho do banheiro. “Chama, minina”. Ela puxou a cordinha da descarga. Quanto dele já tinha ido embora por ali?, calculava. Tentou agarrar na aba do seu vestidinho. Vestidinho acima dos joelhinhos. Ela deu um safanão na sua mão cabeluda, amarela e tremelicante, que tantas vezes, longe dos olhos de sua mãe, se escondia debaixo do seu vestidinho, de suas sainhas. “Vai chamar a Kombi, rapariguina!” Da última vez Chico Antão tirou por cima. O médico fez mil e uma recomendações. Disse que ainda não era a úlcera que havia estourado, mas arrolou uma lista de coisas que não poderia ser mais ingerida pelo paciente. Cachaça e caldo apimentado eram o seu café da manhã. Cachaça e caldo apimentado disfarçado de sangue tingia a água das tubulações de esgotos da cidade. “Putinha, vai”. Ela foi ao quarto e sacou da gaveta do guarda-roupa o batom vermelho da mãe e, de frente ao espelho rachado do banheiro, deslizou em sua boquinha carnuda. Continuava ali, olhando pra ele. O batom reluzente em sua boquinha bem desenhada, o vestidinho acima do joelho, os peitinhos pontiagudos em feitio a dois faróis acesos. “Vai, quenguinha, vai”. Ela saiu. Passou o ferrolho externo na porta do banheiro, pegou a vassoura escorada detrás da porta da cozinha, ligou o aparelho de som para disputar com a vizinha e foi varrer a calçada da casa, na Rua Vereador Lourenço Gomes,

enquanto espiava a Kombi branca do velho Chico Antão, estacionada debaixo do pé de jambeiro. Sua mãe só voltava daqui a uma três horas.

**Um convite**

Ele chegou atrasado. Não bateu à porta, achou que nem adiantava chamar. Silêncio total. Tinha gente, muita gente. Gente de carne e osso. O último havia chegado de manhazinha, ainda fresco.

Alguns, nem com tanta carne, nem com tanto osso, é verdade. Observou, meticulosamente, cada rosto parado, fotografado. Alguns sorriam. Outros, em contrapartida, pousavam sério. Uns, velhos; outros, novos. Alguns abrigados em casas bonitas; outros, em casebres e caibro e ripa. Alguns grafados com nomes grandes; outros, apenas com nome e sobrenome; uns, com jardins regados; outros, com flores murchas; uns, recebiam correspondências afetuosas; outros, no entanto, pareciam não ter amigos que sequer sabiam escrever. Alguns recebiam visitas periodicamente, rastros em seus ornados terreiros denunciavam; outros, porém, conclamavam por uma curta ladainha.

Ele era forasteiro em uma cidade de mistérios. Não conhecia nada, não tinha nenhuma referência. Pensou em seguir à direita, mas viu construções mais engenhosas à esquerda. Por um momento se perguntou porque havia ido. Veio a convite de um amigo. Cheguou atrasado. O chamado foi estranho, aceitar foi ainda mais, pensou consigo. Pelo que sabia não tinha nenhum parente de sangue por lá. Será? Todo muno é família, é de carne, de osso e de sangue. Pediu informação a um homem. Pelo visto ele estava trabalhando em alguma construção. Faltava-lhe alguns dentes; a colher de pedreiro na mão direita; régua e prumo na esquerda; catombos de argamassa em seu braços finos e cabeludos:

- Tem gente ali. Chegaram tá com uns cinco minutos. Só tenha cuidado pra não pisar em algum buraco por aí. Depois daquela chuva de antes de ontem o pé tá entrando no chão feito faca em queijo de manteiga. – advertiu o homem, que parecia conhecer bem o local.

Andou como se estivesse em um campo minado. Contraditoriamente, aqui, todos tem o cuidado de não fazer barulho, de não fazer movimentos bruscos. Ninguém fala, reclama, pede silêncio. Mas a cidade não está morta, não deixou de existir. Se a urbe é feita no cotidiano pelos seus habitantes, esta é o exemplo vivo disso. Entre as lembranças que ficam guardadas nos recônditos da nossa memória e os mistérios das profundezas do subsolo, transitam histórias e sentimentos que não podem ser comensurados por meio de fatos visíveis, palpáveis. Há uma retroalimentação incessante entre o passado e presente.

Viu uma senhora passando com algumas rosas frescas, que ainda carregavam em suas finas raízes resquícios de terra, expressão viva do amor que transcende a carne e o osso.

Do outro lado do muro, à beira de uma estrada, vê um monte de terra escura. Terra fértil, terra fresca. Lembrou das aulas de catecismo: “do pó viestes, para ele voltará”. Só imaginava que o processo era um pouco mais delicado, como a própria frase é escrita. Por isso devemos sempre desconfiar da poesia nos/dos textos, a da vida é sempre mais crua, de carne e de osso. Andou mais alguns passos. Viu um moleque se arriscando sobre uma meia parede. Lembrou do conselho do homem com o braço cheio de argamassa. Avistou uma meia dúzia de pessoas. O amigo que o convidou estava lá. O amigo de seu amigo está prestes a partir de uma vez por todas. Na verdade, ele já partiu. Uma voz, soluçando, chama o menino:

- Vem, Joãozinho, vem ver seu pai pela última vez.

Silvério despencou de cima de um andaime. Mais um operário para essa cidade que não para de crescer.

## Doido é doido

Entre o velho Cruzeiro encrustado em meio a um xerém de seixos e a acanhada pracinha da capela, a única do vilarejo, Zito dá dezenas de viagens debaixo de um sol impiedosamente abrasador. Passos curtos e lépidos. A bíblia oxidada e desfolhada debaixo do sovaco é companhia diuturna, bem como um bornal encardido a tiracolo. Os meninos lhe apoquentam, atiram-lhe pedras. É o artista da vila, o único que não tem medo de palco, que grita ao vazio dos quatro cantos desse lugarejo insípido onde o vento faz a curva. Um Salmo na praça, um versículo no Cruzeiro. “Doido véi”, “alezado”, “abirobado”. Tresvariar por aí, andarilhar sobre os seixos e sob uma quentura de rachar a moleira, talvez seja a melhor forma de espantar o silêncio e a solidão. Botar a mão no rosto e olhar contra um céu de sol impetuoso e nuvens esgarçadas é uma forma de esquecer um pouco do chão duro que se pisa, da terra sofrida, dos murmúrios de almas-vivas esmolambadas que perambulam por esses vastos e secos campos. Um dos poucos que sabiam ler nesse mundo onde a palavra é luxo, Zito mais do que simplesmente lia, ele interpretava o mundo e a bíblia à sua maneira. Teimava com o padre Barnabé que o nome de Padre Cícero constava na sagrada escritura. “- Tá bom, homem de Deus, tá bom”, se dava por vencido o sacerdote. Das suas manias mais esdrúxulas falar com os animais era a mais conhecida. Não passava um dia ao pé da roça de Aderbaldo Mulungu para não dar bom dia ao jumento e enfiar a mão entre os arames farpados para acaricia-lo. Segundo ele fora aquele bicho que transportara o menino Jesus, aquele dali mesmo, seu amigo “Jigulino”. No seu bornal não faltava alimento: palha de milho, casca de feijão. Coçava a testa de cada bezerrinho amarrado do lado de fora do curral. “Solta esse aí, Zitim”, pedia o vaqueiro, “chega beber logo, chega”. Sacava o caneco de aseia de dentro do bornal e o esborrotava de leite quentinho e espumante. A caminho do Cruzeiro desenrolava um pedaço de bolo, quase sempre de milho, o seu predileto, e começava a comer. “- Pobre coitadinho!”. Desprezava os conselhos daqueles que o viam como um miserável penitente. “- O bichim! Tanta terra que o pai tem, meu “padim”. Desprezava ainda mais as posses do pai. Dizia querer apenas as das unhas, e a poeira que aspirava do redemoninho das doze. Nem a parte que lhe cabia no cemitério dizia querer. Ser jogado para os urubus se alimentarem, aqueles únicos animais que em vida não conseguia alimentar, era o seu único pedido pós-morte. Seus desejos eram incompatíveis com os demais. O povoado se preparava para o dia da sua emancipação, sua independência simbólica à categoria de Vila. Uma missa campal celebrada pelo bispo na praça Coronel

Antonino de Albuquerque prometia arrancar todos de seus humildes casebres de pau a pique, inclusive os doidos enjaulados, e espremê-los no centro do vilarejo, de fronte a capela. Zito não demonstrava empolgação ante os preparativos. Agitadas timidamente por um vento de setembro, as bandeirolas farfalhavam e já estava devidamente hasteadas a bandeira da Vila, do Estado, e do Sagrado Coração de Jesus. Zito, como de praxe, traçava o seu percurso várias vezes, como se nada de novo estivesse acontecendo ou prestes a ocorrer. Subia a calçada da igreja e sentava na lateral que dava para o nascente, à sombra de um pé de Mulungu. Antes de retornar ao Cruzeiro, descascava pacientemente uma laranja que acabara de retirar do seu embornal, mais cedo fora uma fatia de melancia. Os cuidados da mãe com o filho caçula não deixava faltar nada. Talvez se não fosse por ela Zito estivesse, como tantos outros, berrando dentro de um cubículo escuro, repisando e aspirando seus próprios excrementos, observando apenas o sol pelas réstias e o mundo através de uma grade de ferro instransponível. A Vila amanheceu em festa. Todas as autoridades presentes. O bispo vinha acompanhado do padre Barnabé, do Coronel Antonino de Albuquerque e representantes do legislativo. Zito ali, sentado do lado de fora, perto de uma das portas laterais. O coronel lhe aponta o dedo e diz que deveria ser o padre daquele lugar, que prestes a ir ao Recife começou a ficar tolo. Pensando ser mais um simples desvalido, o bispo pôs a se aproximar de Zito com a intenção de benzê-lo. Não percebeu uma despretensiosa casca de banana no seu caminho. Enquanto o bispo rolava escadaria abaixo, Zito dizia: “- Banana e bolo é que engana os tolos”. A partir daquele dia esse seria o seu lema. “- Banana e bolo é que engana os tolos”.

## O flanelinha Flanêur

É inquieto. Sentado sobre os calcanhares fica rufando os dedos em uma caixinha de fósforos, que ora é um tambor improvisado, ora um pandeiro, ou frequentemente um ganzá. Enquanto um cliente não se aproxima, acende mais um cigarro, o outro já está feito e enganchado na orelha. Conta os carros que passam na BR e se esforça para memorizar as placas. Embalado em passos curtos e céleres, canta e anda, rodeia o quarteirão, o seu território. O bigode amarelecido e o rosto sempre mal dormido não lhe tiram a impressão de um menino lépido. O calção frouxo e abaixo dos joelhos lhe deixam ainda mais baixinho. Se equilibra na ponta dos dedos para tirar um flor de uma árvore que pende o galho de dentro do quintal de uma casa de primeiro andar para a calçada da rua. Um rapaz alto e loiro que ia passando se antecipa. Ele balançou a cabeça coberta pelo goro encardido em sinal de agradecimento. Seguiu a caminhada, agora com um cigarro na orelha e a flor vermelha correndo entre os dedos. O único desvio da sua rota circular e habitual é atravessar a rua e entrar na biblioteca. Toma um cafezinho na recepção e depois vai à seção de Filosofia. O “Elogio da Loucura”, de Erasmo de Hoterdã, que ele já leu, releu e tresleu, foi mais uma vez escolhido. Bota-o debaixo do braço e volta à recepção. Antes da bibliotecária fazer o registro do empréstimo, é tempo para mais uma cafezinho. Hora de seguir caminhada até o ponto e vê se apareceu algum carro pra dá um trato. Enquanto isso ele se encosta na parede da clínica médica coroada com rolos de arame farpado e cerca elétrica, e começa lentamente a folhear o livro como quem estivesse procurando uma palavra específica. É capaz de dizer de cor várias passagens. Tenta compartilhar algumas delas com transeuntes que passam avexados. Quem iria dar ouvidos a um louco?! Um louco num mundo sempre sem tempo. Tanto tempo que os carros não param para tomar banho. Segue a rota, para de fronte a biblioteca e atravessa a rua. Vai, novamente, à parte de Filosofia. Dessa vez Focualt é o elegido. Não esqueceu de tomar o cafezinho. Completa a volta de trezentos e sessenta graus. Ali, ao pé do muro, com as costas grudadas à parede, continua lendo e balbuciando consigo. Em vão, tenta novamente abordar algumas pessoas que sequer olham atravessado, apenas seguem suas metas fugazes. Ninguém para, ninguém se cumprimenta, apenas buzinas falam. Até que enfim um carro preto se aproxima. Seria o primeiro cliente. Um homem de terno preto, gravata vermelha e barba bem feita se revela do outro lado do vidro fumê:

- Bom dia, senhor.

- Ôpa!

- O senhor poderia me informar onde fica a corretora de imóveis Universal?

- Não!

- Não sou dessa cidade, mas já vim a uma reunião nesse local. O problema é que agora meu GPS não está me localizando correamente.

- Pare e pense um pouquinho.

Depois seguiu. Mais um vez entrou na biblioteca municipal, bem em frente a corretora Universal.

## Jovenina

Jovenina ganha a vida catando alumínio e outras coisas reluzentes. Mas isso ainda é pouco, Jovenina complementa a vida, sem precisar de tabela pra lhe incadiar, contra o sol arrefecido das cinco. Durante o dia cata, durante a noite é apanhada à beira da BR 116. Apanha didia e denoite. Não tem segredo. Segredo é para quem passa nessa cidade de fluxos e transitoriedades. Alguns, de tanto passar, deixam nela pedaços da sua vida mal dormina e mal amada. Dela também levam amores de beira de pista e o cheiro do mormaço do capim gordura do Brejo, esse lugar no fim e no meio do mundo. Jovenina sabe quem costuma passar, quem costuma ficar por alguns minutos de prazer, às vezes nem só de prazer, de prazer e dor. Doendo ou não lá está ela no outro dia: didia no lixo, denoite no luxo. Quem te viu, quem te ver, hein Jovenina, banho de perfume, chapa no cabelo e salto alto. De cabeça baixa e envolta em um pano atado debaixo do queijo ela conta as novidades às colegas de trabalho. É que o moço da semana passada ainda não passou. Ficou atentada com o convite do barbudão da scannia preta para fugir dali e rodar por esse brasilzão. Se não fossem os três meninos e a mãe idosa, Jovenina tava dos cafundó pra dentro. Tinha feito como Paulão, que a deixou com o bucho no pé da goele da segunda cria e foi pra cata da laranja e nunca mais pisou os pés largos e rachados no barracão de madeira da Encosta Santa. A mão lhe questiona por que não se junta com o entregador de gás, que tanto lhe dá bola, ou por que se retorce toda para o peixeiro, que sempre pergunta por ela e até manda, de bom grado, piabas frescas. “Todo macho, no começo, é uma seda”. Lembrava de Paulão, os pés tão largos como as mãos, que sempre iam de encontro ao seu rosto. Quase mudava de ideia depois que conheceu Agenor, empregado da firma da Transposição. Aquele não parecia ser apenas mais um dentre os vinte e cinco homens já atendidos. Estava um mar de rosas até seu Isaias, o peixeiro, colocar “umas piabinhas de agrado para as crianças comerem fritas”. Tal gesto foi o big-bang para a manifestação nefasta do maléfico germe da discórdia, o ciúme. Já ali, naquela manhã de sábado, quando o agitado burburinho da feira ressoava sob o cheiro de peixe, gordura, frutas e legumes, rodou um filminho de terror na cabeça de Jovenina. Mais uma vez concluiu: “Todo macho, no começo, é uma seda”.

APÊNDICE B – poema sobre e escrito em São Paulo, na ocasião da qualificação. Experiência única e confrontante no transe da pesquisa.

**Sampa para iniciantes**

Por detrás da clara e fina brisa que te vejo,

Se esconde uma cortina invisível de lamúria,

Essa mesma que se apresenta na luxúria,

Dos teus risos tristonhos e falsos beijos.

Lá na Sé fui cortado pelos arpejos,

Que entoam dia, noite e madrugada,

Som cortante vem tangendo a boiada,

Nas tuas curvas sinuosas de desejos.

Se eu a quis sorvê-la em grandes beijos,

Me perdoe essa minha ingenuidade

Pobre aluno, vim de outra faculdade

Lá das ruas e águas do Lameiro

Metro a metro, palmo a palmo tu esquecestes,

Que não fostes erigida de milagres?

Hoje exclui, sob cruel falsidade,

Todos os braços, lombo e suor que te erguestes!

Das vozes que refrataram e olhares esquivos,

Parecem mais zumbis, pobres mortos vivos.

Nos ônibus que transportam gentis servis,

O teu céu é mais profano, ínfimas coisas vis.

Jurava que teus fios eram de ouro e pura prata,

Mas não passaram reluzentes da falsa lata.

Teus labirintos desvirginaram minhas veredas.

Disseram-me que era de pano bom, mas foi falsa seda.

No teu chão lúgubre vejo vidas dormindo.

Abaixo delas habita uma alcova sorrindo.

Um prenuncio que na Sé sempre é um hino.

De cânticos a um Deus que dizem estar vindo

Tu és tão amorosa, ó São Paulo

Que abraça até esmagar os teus filhos

E, depois, chora amargamente esse martírio

Na espera de mais um homicídio.

APÊNDICE C – Relato de experiência a partir de um acontecimento (real) que ocorreu em São Paulo, durante o processo de qualificação. Eis o reflexo do sujeito perdido nas tramas labirínticas da urbe moderna.

## AS DESVENTURAS DE UM GEÓGRAFO: DAS VEREDAS DO SERTÃO AOS LABIRINTOS DA URBE PAULISTA

Acho que nunca irei saber ao certo por que fui a São Paulo. Acho que já sei: apenas para perder uma mochila. Sei que nesse ínfimo objeto tinha muitos pedaços de mim: uma qualificação rabiscada pela banca; uma carteira de trabalho informando que desde os 12 anos entrei para o mundo da exploração; um celular que só ligava e recebia, comprado pela minha mãe, em doze suaves prestações; um notebook que até na senha de entrada continha a palavra geografia.

Reparando bem, foram muitos perdidos nessa que é o maior amontoado de suor e concreto da América Latina. Aliás, São Paulo em si já é uma perdição total. Ali ninguém se acha por completo. É caco de gente pra tudo quanto é lado. Pedir uma informação é dá bola quase sempre fora:

- Cara, por favor, onde fica...

- Desculpa, não sei, não conheço esse trecho.

Andei mais alguns passos e insisti:

- Moça, por favor, você poderia me informar onde fica...

- Pô, cara, não tô ligado, ó!

Se você que mora aqui não está, minha filha, imagine eu, pensei.

Mais adiante, vi uma turminha tomando cerveja gelada num frio do crabunco em um barzinho de esquina, dei o meu último tiro:

- E aí, rapaziada, com licença, vocês poderiam me informar onde fica...

- Nóz nou soumos di Brazil!

Ainda arrisquei um sorry. Sorri foi coisa nenhuma, pensei foi comigo: Vixe, Maria, tô lascado!

O rapaz, não conhece o trecho; a menina, não "tá ligada"; a turminha de galego acolá, parece que está mais perdida do que cego em tiroteio. São Paulo parece ter tudo, menos gente dela mesma. É tudo muito perto, muito amontoado, mas é tudo muito esparso, muito longe, sobretudo as pessoas. O povo anda com a cara enfiada no celular, o GPS é o horóscopo de cada dia, de cada esquina, de cada rua desencontrada. Será que o povo daqui já ouviu falar em mapa mental, hein? - questionei a um amigo. As placas parecem mais desinformar. "Perde-se na cidade moderna requer informação", já disse um profeta. Geógrafo também perde e pode se perder, me conformei. Mas lembrei que a vida também é feita tanto de perdidos, assim como de encontros, e esses podem surgir a partir dos desencontros. Nunca imaginei que os parênteses pudessem ser tão apropriados: (des)encontro. Eu sabia a latitude e a longitude exatas do local da perda, elas são as

mesmas, também, do fato do descobrimento. Curioso, não?! Mas isso não cabe como lição de História, o Brasil não foi perdido por aí como uma mochila, mas assaltado por uma corja que até hoje é flagrada com malas, cuecas e até mesmo, coincidentemente, mochilas de dinheiro. Poucos minutos depois de aterrissar em solo caririense, Juazeiro do Norte, um amigo me liga e me conta que ouviu uma menina dizer que viu um cara falando que havia achado uma mochila. As informações do objeto batiam direitinho. Se a minha mãe estivesse comigo, ela não hesitaria:

- Isso é coisa de meu Padim çiço, meu filho, tenha fé, vai dá tudo certo.

Àquela altura eu estava botando mais fé no amigo, mesmo, que além de amigo ainda por cima é geógrafo-cartógrafo. Se bem que se Padre Cícero fosse vivo eu não dispensária a sua ajuda. Bastaria um grito para São Paulo ficar apinhada de jagunço por todos os lados. As suas palavras obrariam milagre instantaneamente:

- Atenção, rapaziada – dizia o coronel de batinas. – Eu quero que Lua Cheia, Faca Cega, Canto de Cerca e Zé Guará, corram lá em busca do metrô Butantã. Aveloz, Coro de Cobra, Ventania, Rasga Mortalha e Guaxinim, atalhem até muriçoca na Avenida Paulista...

- Eu vou tentar conseguir o contato dele. – disse, em tom esperançoso, o referido amigo.

Não é que a profanice da geografia, da cartografia, deram certo. Viva a ciência!

- Ele falou que ia ligar pra você. Já passei o seu número. – respirei fundo.

- Tá bem, vou esperar.

Era o cobrador do ônibus. Essa, confesso, era a minha principal hipótese. Horas antes de chegar ao aeroporto, acabei pegando o primeiro ônibus equivocadamente. Percebi e desci logo na próxima parada, pela porta da frente mesmo. O motorista e o cobrador foram gentis. Quando dei fé estava sem a mochila. Havia duas possibilidades: a primeira, a mais remota, era a de tê-la esquecido no primeiro ponto, onde subi em destino errado; a segunda, mais plausível, era dela ter ficado dentro do ônibus, na companhia daqueles dois coroas simpáticos, o cobrador e o motorista. Ainda acabei voltando ao ponto inicial, mas não havia nenhum pé de pessoa, muito menos uma mochila surrada. Alguém deve estar se perguntando como um maluco é capaz de perder uma mochila assim. Explico: vinha com uma bolsa no ombro, abarrotada de livros, quase trinta, comprados em vários sebos da desvairada São Paulo. O peso foi um fator que influenciou. Porém, há outro ponto que, a meu ver, foi o fator determinante: como a bolsa estava cheia de livros, no ombro, encostada ao ouvido, penso que começou uma conversa entre os autores, uma celeuma de vozes burburinhavam no meu subconsciente. Acho que esse

papo transcendental se iniciou com Raymond Willians, que não resistiu e começou a questionar Guimarães Rosa sobre o Sertão e suas Veredas; Manoel de Barros e Manoel Fernandes; o primeiro, poeta; o segundo, poeta e geógrafo, falaram sobre as geografias e poesias, as sutilezas e coisas do pantanal mato-grossense e das brenhas do Sertão; Eça de Queiroz, Ronaldo Correia de Brito, Zé Flávio Vieira, João Ubaldo Ribeiro, faziam uma ladainha ensurdecedora. Xico Sá, para distrair, perguntava a cada um se o sujeito depois de morto ainda levava ponta.

- Alô.

- Opa!

- Você é o Valdir?

- Sim, José Valdir Estrela Dantas (e ainda falta oficializar o Figueiredo, herdado da mulher).

- Acho que você esqueceu a mochila em um banco do ônibus. Lembra quando você entrou, percebeu que tinha pegado a linha errada e acabou descendo pela porta da frente mesmo, já na próxima parada?

- Lembro, rapaz, pensei logo em parar lá na baixa da égua, num um lugar onde ninguém saberia me informar o caminho de volta.

Reparando bem, São Paulo é uma grande baixa da égua, é um grande cus de judas, é muita vereda. Vereda da Paulista, Vereda da Corifeu, Vereda da Augusta. Isso daria até um romance: Grande São Paulo: Veredas.

- (Risos). Vi que você é da Paraíba.

- É. Sou natural da Paraíba, mas moro em Brejo Santo, Cariri cearense, sul do estado, há dez anos.

- Cara, eu também nasci na Paraíba.

- Vixe, onde?

- São Bento. Você conhece?

- Não. Mas já ouvi falar. Eu nasci em São João do Rio do Peixe.

- Eu sei. Eu vi na sua carteira de trabalho.

-Você conhece?

- Nossa, demais! Tenho até família lá.

A partir daí passamos a tricotar geografias de uma cidade comum a nós dois. Contraditoriamente, nos unimos a lugares a partir de um desencontro: um homem que perdeu uma bolsa e o outro que a achou. Pensei: quantos (des)encontros e quantas

geografias existem das veredas do sertão paraibano às delicadas tramas do labirinto da urbe paulistana?! Talvez a nossa vida não se destoe muito mesmo. Talvez façamos parte daquela turma que Severino, Belchior e muitos outros já narraram. Eu e ele já tivemos que acordar só com o solavanco do busão, eu e ele já fomos medidos pelo bilhete único, eu e ele já migramos, já sonhamos.

- O mundo é tão pequeno, né?

- Pois é, rapaz. Agora vá dormir em paz, vá.

- Muito obrigado. Amanhã eu mando um colega ir buscar lá no mesmo ponto onde subi, beleza?

- Tranquilo. Só me diz como ele é, para eu poder identificá-lo.

- Ele é assim, como eu e tu.